

ANTONIO CABRAL

CAMILLO DE PERFIL

Traços e notas — Cartas e documentos inéditos

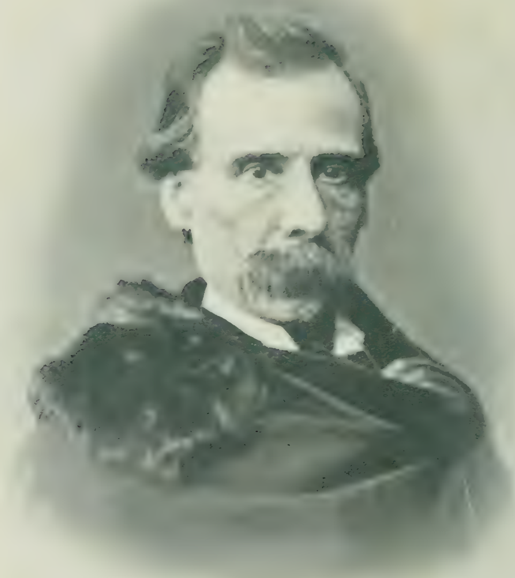


LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS-LISBOA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO

1914

CAMILLO DE PERFIL

Composto e impresso na Typographía JOSÉ BASTOS
Rua da Alegria, 100 — Lisboa



Camillo Castello Branco

ANTONIO CABRAL

CAMILLO
DE
PERFIL



Traços e notas — Cartas
e documentos inéditos



LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS-LISBOA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO
1914

Todos os exemplares devem ser rubricados pelo auctor.

A. Cabral.

A' memoria de meu pae,

Antonio Ferreira Cabral
Paes do Amaral,

que foi amigo de Camillo Castello-Branco

PREFACIO

A historia dos homens descommunaes deve começar a escrever-se á lampada do seu tumulo.

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.
O Cego de Landim.

Este livro é, por assim dizer, um livro de memorias, e por isso mesmo desbotado e pulverulento. A alguns leitores parecerá que o embaciam o bolor e o môfo; mas para outros, para os que o virem atravez da bruma doirada pelo sol poente da saudade, exalará aquelle aroma subtil e grato que se evola e se desprende das coisas antigas. O valor que porventura tenham estas paginas descoloridas não lh'o empresta quem as escreveu, porque ninguem pode esmolar o que não possue: concede-lh'o o alto assumpto que as illustra e ennobrece. São traços ligeiros, dados por mão imperita no retrato de Camillo; notas breves e inéditas, escriptas á margem da biographia de lagrimas e dôres do grande e malaventurado romancista.

Para bem se escrever ácerca do auctor in-

signe do *Amor de perdição*, seria necessario possuir a penna d'elle. Um impossivel. Essa inimitavel penna gloriosa ninguem a herdou: quebrou-a a morte no momento em que elle, cego e desalentado, farto de soffrer, nervosamente deu um remate de sangue ao seu inconcebivel martyrio. Conheço-me. Sei da minha desvalia o bastante para perceber que me vence e esmaga a elevação do meu thema. Quanto mais analyso a figura gigantesca de Camillo, menos a comprehendo. É que o genio — emanação de Deus — é incomprehensivel. Se escrevi este livro, que não tem pretenções a estudo de tão complexa individualidade, foi para não deixar difusa e perdida alguma luz que poderá servir para mais amplamente illuminar o torturado perfil do Mestre.

A biographia de Camillo está feita. É certo. Mas não está completa. Ha n'ella falhas que é necessario preencher, lacunas que é preciso cobrir, sombras espessas que é indispensavel aclarar. Estão traçadas as grandes linhas da vida affligida de dôres e angustiada de infortunios do escriptor ingente, cujo vulto colossal se altêa sobre o massiço e inabalavel pedestal de gloria da sua obra immensa. Mas falta avivar os contornos, esclarecer pontos escuros, desemmaranhar lances confusos. No drama que teve um desenlace de tragedia, ha scenas que se teem conservado obscuras. Desentenebrecer

algumas é o fim d'este livro sincero. Escrevendo-o, procurei apenas alumiar alguns recantos da via dolorosa percorrida por Camillo, argamassando pequeninas pedras no socalco do monumento que ao maior escriptor portuguez dos tempos modernos, braços mais musculosos, e mãos mais destras que as minhas, hão de um dia erigir.

É pouco — talvez insignificantes esquirolas, fragmentos, factos dispersos — o que eu trago para juntar ao muito que se tem escripto ácerca do primeiro romancista portuguez. São, porem, duvidas que venho elucidar, hesitações e incertezas que pretendo desfazer. Será inutil tudo o que vae ler-se? Não é. Para a Historia, ou ella seja a biographia d'um homem ou a narração da vida d'um povo, nada é futil, escusado ou superfluo. "Assignale-se cada acontecimento com uma pedra — dizia Michelet —: o mais insignificante de todos será talvez um dia importante material para a Historia.„

Tive de proceder, algumas vezes, a investigações difficeis — e aqui deixo o meu agradecimento aos que n'ellas tão amavelmente me auxiliaram — a trabalhosas buscas, a indagações arrepiadas de obstaculos e embaraços, principalmente por já não abundar o numero dos coevos de Camillo. Por bem remunerado me darei das minhas fadigas e canceiras se algum tanto houver concorrido para um conheci-

mento mais nitido, mais claro e mais perfeito da amargurada vida do nosso primeiro romancista.

*

* *

Habituei-me a admirar Camillo desde que comecei a saber ler a nossa lingua, que elle engalanou e enriqueceu generosamente, dando-lhe elegancia, viçor, frescura e graça, opulentando-a e cobrindo-a de esplendor e brilho, enfeitando-a com atavios e adornos que nenhum outro escriptor moderno antes d'elle lhe vestira. Mais e muito a minha admiração subiu e cresceu quando conheci depois o drama pungente da sua vida de soffrimento, escurentada pelo espantoso horror da cegueira cruel, fatal e irremediavel. Uma alma cheia de luz sepultada n'um abysmo de escuridão!

Elle é do meu tempo. Vi-o. E, comtudo, á minha imaginação afigura-se que ha longuissimos annos existiu, como se fôra um personagem de lenda... Tão grande elle é! Tão alto se ergue, pela dôr, pelo martyrio, aquelle gigante das letras, a quem o genio deu uma aureola coruscante de brilho!

Nem sequer teve, em creança, as alegrias infantis que nascem dos mimos, das caricias e dos meigos afagos de mãe. O pae, levaram-lh'o para o cemiterio quando os poucos annos mal

lhe deixavam comprehender e sentir a enormidade da sua desgraça. Herdeiro, por atavismo, de infelizes e degenerados, mas não de riquezas, empurraram-n'o, orphão e pobre, de Lisboa, onde nascera, para uma ignorada aldeia trazmontana, cercada de milharaes no verão, bloqueada de neves no inverno, ouvindo continuamente o Corgo encolerisado mugir-lhe e roncar-lhe aos pés. Um padre bondoso e caritativo — tal como o velho padre Larivière, que ensinou Victor Hugo a ler Tacito e Virgilio — foi ali seu mestre. Foi lá tambem, n'aquelles montes encrespados de fraguedos, para onde elle fugia com o rebanho que voluntariamente pastoreava, que o seu coração juvenil desabrochou e se expandiu á luz suave e branda dos seus primeiros amores...

Amores infantis, ephemeros, mal iniciados e logo esquecidos, extinctos e esvaecidos ao calor d'outros em que elle se enredou e prendeu, esposando — aos dezaseis annos! — uma linda camponeza que em curto periodo se finava, deixando-o viuvo, quasi sem saber que tinha sido casado, e pae d'uma creança que não tardou em seguir a mãe ao negrume da sepultura. É d'essa epoca afastada o começo da sua vida de bohemio. Estudante no Porto, os livros em breve o enfadaram. Abandonou-os para voltar á querida aldeia de Traz-os-Montes, onde o seu coração, sedento de affectos, se deixou

enlaçar de novo por uns anneis de missanga que lhe deu aquella triste Maria do Adro, morta pouco depois, mal cuidando, na derradeira hora, que a sua face arroxeada pela podridão elle tocaria, ao desenterral-a com mãos tremulas, como Camillo contou mais tarde, em paginas de suprema belleza, por onde perpassam fremitos d'horror como os que resaltam das scenas formidaveis das mais cruciantes tragedias de Shakspeare.

Outra vez estudante no Porto, depois em Coimbra, subjugado por novos amores em Villa Real, seguidos do rapto romanesco da mulher amada, o seu espirito de aventura levou-o, n'um periodo de revolução popular, a alistar-se, como ajudante d'ordens do chefe, na guerrilha miguelista commandada pelo general escocez Reinaldo Mac-Donell, trucidado sanguinariamente na encosta d'um cêrro de Traz-os-Montes, n'uma fria manhã de inverno e de neve. Como que a fazerem-lhe esquecer as horas de lucta e de perigo, surgiram, sem demora, os prazeres do seu viver no Porto, onde, depois de uma tentativa de suicidio, frustrada por dois amigos, os amores se succederam aos amores, perfumando-lhe os dias felizes de esturdia, que as travessuras, os theatros e as festas tornaram ruidosos e alegres.

Incendiou-se, emfim, n'uma noite de baile, a paixão dominadora de toda a sua vida. Conhe-

ceu Anna Placido. Amou-a perdidamente. Vendo-a casada, pouco depois, pretendeu votar-se ao sacerdocio. Inutil tentativa! Principiou n'esse tempo a sua odysseia de dôres e tambem a sua febril actividade de escriptor. Abriram-se-lhe, desde então, para sempre, as portas da celebridade e a gloria coroou-lhe de rosas a cabeça martyrisada. Sacudido nas garras da nevrose, ora fugia do Porto para Lisboa, regressando quasi logo ao Porto, onde o coração o levava; ora se escondia entre os arvoredos do Minho, ricos de folhagem e gorgeados de passarada; ora pensava em partir para o Rio de Janeiro, como adido diplomatico, desistindo immediatamente do seu intento. Incerto, allucinado, louco d'amor, era no Porto que elle mais se demorava, preso á fatalidade da sua má sina e attrahido pela luz dos olhos lindos da mulher adorada pelo seu coração de romantico impenitente. Essa creança, ligada a um homem adeantado em edade e rico de cabedaes, durante oito annos luctou contra o destino. Por fim, cedeu, e, ao cabo de tão longo periodo de torturas e sobresaltos, Camillo recebeu nos braços o anjo dos seus sonhos, cahido ao inferno dos seus tormentos. Ambos começaram desde logo a descer a escada da desventura, que em cada degrau lhes offerecia um novo e mais atroz supplicio. O primeiro, foi o processo crime que lhes moveu o velho marido ultrajado e escarnecido.

Presa Anna Augusta Placido, Camillo vagueou de terra em terra, fugindo aos horrores do carcere. São d'essa epoca agitada os innumeros telegrammas que elle trocou com a triste encarcerada e que, volvidos annos, amorosamente colligiu, e eu vi em S. Miguel de Seide, encadernados em livro que o romancista intitulou *Via dolorosa* e em cuja lombada fez gravar, a oiro, as letras *A. A.* e *C. C. B.* O primeiro telegramma da interessantissima collecção foi expedido de Braga, em 6 de julho de 1859; o ultimo, de Penafiel, e tem a data de 11 de setembro de 1860. No dia 1 d'outubro seguinte, o infeliz escriptor apresentava-se voluntariamente na cadeia da Relação do Porto.

Visitei o quarto onde elle esteve preso um anno e dezaseis dias, no horrendo edificio que, por vergonha nossa, ainda hoje existe de pé. Palpei aquellas paredes, que o viram penar e escrever o *Amor de perdição* e o *Romance d'um homem rico*—tido por elle como o melhor dos seus livros—, cujo manuscripto precioso as minhas mãos já commovidamente folhearam, tocando-lhe as paginas amarellecidas pelo tempo; encostei-me áquellas grades de ferro, a que, por certo, muitas vezes se cingiu a sua fronte angustiada e latejante, a escaldar de depressora febre. Como tudo aquillo é triste e soturno! Que ar pesado e nauseabundo ali se respira! Quem sabe, porem, quantas vezes, mais tarde,

o romancista eminente, restituido á liberdade tão ardentemente ambicionada, relembraria com saudade as horas do seu carcere, que deliciosas deveriam ser comparadas com as da doença e as da cegueira!

Absolvido pelo jury e livre da prisão, vagamundeou pelo paiz alem com a sua companheira de infortunio. Primeiro em Lisboa, depois em Seide, em seguida no Porto, mais tarde em Coimbra, onde o levou a educação literaria dos dois filhos, em toda a parte a desgraça e a enfermidade sempre cruamente lhe negaram treguas. Dos filhos do seu amor, o mais velho enlouqueceu, e a netinha, que o outro lhe dera, roubou-lh'a a morte implacavel e cruel. A este homem de coração, era assim, no coração, que a fatalidade o feria! A neurasthenia atroz, exacerbada pelo soffrer moral, nunca mais lhe deixou um momento de descanço, affligindo-o com todo o seu cortejo de phobias, obsessões, insomnias e dôres. Por ultimo, veio a cegueira. O que deveria ser aquelle horror! Que espasmos de agonia, que luctas, que inferno a rugir no intimo d'aquella alma! Que tempestades de pensamentos dentro d'aquelle grande cerebro! E os olhos a escurentarem-se-lhe, e na mão a penna inegualavel paralysada para sempre, immovel, inerte, e a ideia da morte a fixar-se e a dominal-o! Póde dizer-se que o excelso escriptor desde bem

cedo experimentou aquella horrivel tortura de que fala Virgilio na Eneida: — andar acorrentado ao proprio cadaver. *Tormenti genus!* Como Voltaire, que levou oitenta annos de vida a temer todas as doenças e a recear a morte, Camillo, enfermiço, cheio de achaques, mortificado, irremissivelmente cego, sentia de continuo a mão descarnada da morte pousada sobre o seu hombro. Via constantemente o espectro sinistro, era-lhe este companheiro de todos os instantes, e, por mais que tentasse evital-o e fugir-lhe, a sombra horrenda perseguia-o ferozmente, sem piedade nem descanço, até que elle, um dia, exhausto, aniquilado, vencido, entregou-se-lhe, matando-se!

Evadiu-se, pelo suicidio, ao seu immenso infortunio. A tragedia d'aquella vida fez que não fosse comedia a sua voluntaria morte.

*

* *

Que vida aquella, tão alanceada de dôres, tão fustigada de miserias, de tristezas e de angustias! E, comtudo, como elle a encheu bem, legando-nos uma obra colossal, que ha de ser sempre o seu padrão immorredouro, por mais estatuas de marmore ou de bronze que a posteridade lhe alevante! Tudo n'elle é grande: o talento, a paixão, o soffrimento, a desventura e

até — para que negal-o? — o desequilibrio doentio de verdadeiro homem de genio. Elle foi o maior, entre tantos escriptores do seu tempo, empunhando — e brandindo tambem ... — o indisputavel bastão de marechal dos neo-romanticos. Se o compararmos com os que se lhe seguiram — a aguia real em confronto com pardalejos! ... — a alma adoece-nos de saudade e de dó. Saudade d'elle, dó das tão engoiadas e pobresinhas letras patrias, sobre as quaes a sua morte correu um veu de tal espessura que ainda hoje a sombra d'este as ennoitece e enluta ... No ultimo quartel do seculo XIX, Camillo, na literatura portugueza, foi a montanha altissima. Alguns, á volta d'elle, foram collinas ... e o mais nem sequer se avantaja ao de leve na desolada planicie ... E agora? — Agora ...

"Nos paizes perdidos a coisa é assim„ — escreveu elle n'uma carta que dirigiu a Senna Freitas. — "Morreu ha poucos annos o Philarète Chasles que deixou um livro posthumo — a *Psychologia social*, onde vêm estes dizeres que parece entenderem-se comnosco: *Paiz que não tem litteratura está morto.*„

Estará morto o nosso pobre Portugal — a patria de Garrett, de Herculano, de Castilho, de Camillo, de Eça de Queiroz? ...

Obstinadamente aferrado ao seu paiz, a estes largos campos feracissimos e a estes valles

pitorescos, pontilhados de casitas brancas; a estes montes empinados, onde até as fragas asperrimas produzem tenras verduras; a estas fontes que murmuram e choram nas curvas dos caminhos; a estes jardins e pomares, onde as flôres rebrilham e os fructos purpurejam; a estas doces paisagens, esmaltadas de frescos e copados arvoredos; a estes loiros areaes da beira-mar, que as ondas acariciam mansamente e onde os poentes do sol que se despede com saudade são como bençãos de Deus a afagar a terra; a estes rios serpeantes, que ora rugem no acume da colera e rebramam no auge do furor, ora se espreguiçam, quasi dormentes, beijando varzeas e chans, abraçando extensas campinas, amplas e largas planuras; a estas onduladas collinas por cujas encostas as vinhas se enredam e a hera se enlaça aos velhos troncos; a este ceu teimosamente azul, que, ou se doire e alague de sol, ou se illumine em noites de lua cheia, ou se arqueie lucilante de estrellas, é sempre o ceu do paraiso — preso a todas estas e a tantas outras bellezas nossas, Camillo jámais deixou pégada em terras estrangeiras, e, talvez por isso, a sua obra é portuguezissima, sem resaibos de literatura extranha ou livores de internacionalismo. E' bem portugueza, e de lei, nos typos inconfundiveis, nos tão bem estudados costumes, na brilhantissima descripção dos scenarios, no caracter dos seus personagens, no

encadeamento dos acontecimentos, no tracejar dos retratos, e principalmente no estylo, nas maravilhas e na opulencia d'aquelle estylo unico, na limpidez e vernaculidade impeccavel da phrase, no tornear original e novo das locuções, na alteza e sublimidade do seu modo de dizer, na exuberancia e justeza dos vocabulos, no "rythmo lusitano da forma„, para me servir de palavras suas.

Um povo a quem é dada a fortuna de possuir um escriptor de tal envergadura, não póde enfermar de inveja ás outras nações. Tenho visto, vezes sem conta, comparar Camillo a Balzac, e eu mesmo, escrevendo ácerca d'elle, essa comparação já fiz tambem. Será exacto o confronto? Não sei. Pendo a crer que d'elle só tira vantagens o genial polygrapho portuguez, que, alem de romancista fecundissimo, foi dramaturgo, comediographo, poeta, historiador, jornalista, critico, polemista, e em tudo, e sempre, notabilissimo.

Ha quem accuse a obra de Camillo de desconnexa e desordenada. Sim. E' elle todo a retratar-se n'ella. Mas reparem os peguinhentos que elle fazia livros para ganhar a vida e o necessario sustento de cada dia. Não escrevia por passatempo ou folgança, para preencher horas estiradas de homem endinheirado. Como havia de ser pautada, regular, sem resaltos, sem deficiencias sem exageros, a obra que assim foi

feita? Como queriam que fosse methodica e sem arrepios a extensissima obra d'um homem desegual, doente, genialmente desequilibrado? Mas assim irregular, sem ordem, sem delineamento, sem plano, é que a sua obra é grande! Encontram-se repetições nos seus romances, caracteres já analysados em livros anteriores? Talvez. E que admira? Escreveu muito, escreveu sempre, levou a vida a escrever. Não podia deixar de repisar, desde que, pintor fiel dos costumes do seu tempo, não tinha deante de si grande variedade de figuras. Estudando com cuidado a degenerada sociedade da sua epoca, descendente legitima e directa d'aquella outra sociedade do seculo XVIII, illetrada e chôcha, em que havia gente que alugava macacos para que estes se encarregassem de catar as cabelleiras dos que não tinham vagar ou paciencia para se espiolharem, photographou-a tal qual ella era, com nitidez e clareza.

Comtudo, que typos admiraveis, naturaes, perfeitos, o seu cerebro portentoso idealisou! Emquanto em Portugal houver quem leia, ha de existir quem reconheça e testemunhe que são desenhadas com exactidão suprema, arrancadas á natureza, creações como o Calisto Eloy, da *Queda d'um anjo*, ou o José Fistula, do *Euzebio Macario*. E os abbades repolhudos dos seus romances? E os egressos mazorraes, as donzellinhas amorudas, os morgados chi-

bantes, os espertos doutores de aldeia, as meigas velhinhas a fiar á lareira, os brazileiros ricaços e caricatos? E as figuras tragicas, de loucos ou de criminosos, que elle disseca, anatomisa e estuda em tantas paginas admiraveis dos seus romances? E aquelles maguados e doces perfis femininos, crispados pelo soffrimento, que elle esboça com traços magistraes, de tanta arte e de tão suave encanto?

Fez chorar. Fez rir. Isto está dito e redito. Mas porque não ha de repetir-se ainda se realça e sobresae como aresta viva e a mais saliente do grande edificio que é a sua obra vastissima? Ninguem, como elle, fez tilintar os guizos prateados da Farça. Ninguem, como elle, soube fazer correr as lagrimas sentidas da Dôr. Risos que elle proprio riu, lagrimas que o seu coração chorou! Quando os soluços o sacudiam e as lagrimas, descendo-lhe pelo rosto escalavrado, desde os seis annos, pela variola impiedosa, o suffocavam, vingava-se despedindo raios sarcasticos, esgrimindo as farpas da satira ou fazendo sibilar o latego da ironia. Ironia como a de Swift, como a de Sterne, como a de Mark Twain, ou ainda como a de Hoffmann, como a de Courteline, como a de Rabelais? — Não! Ironia e graça puramente portuguezas, luzitanissimas, sem reflexos de humorismo alheio e tambem sem o ranço da velha chalaça obsoleta, desusada desde que passaram

de moda a caixa do rapé e a calamistrada peruca.

Grande artista da palavra escripta, sempre novo, sempre original, perfeito sempre, assignalando tudo o que produzia com a marca inconfundivel da sua personalidade, foi elle o exacto, o lidimo chronista d'este povo romantico e folião, bondoso e estroina, incoherente, ousado, generoso, que se commove quando vê desgraças, para logo rir se presenceia uma truanice, que delira ao zangarrear do fado na guitarra soluçante, e despe, se fôr preciso, a camisa para cobrir as carnes friorentas d'um mendigo esfarrapado e macilento. Por isso os livros de Camillo hão de ser lidos e relidos entretanto que houver quem fale e entenda a formosa lingua portugueza.

Não sei se poderei contar na minha vida publica alguns dias de victoria. Talvez não. Se os tivesse, todas essas ephemeras e apagadas gloriolas trocaria de boamente pela authentica e perduravel gloria de ter sido o auctor de um só, que fosse, dos livros de Camillo. Porque esse meu livro viveria sempre, emquanto que a minha obra de jornalista e de politico...

Nem eu mesmo já d'ella me lembro...

Lisboa, janeiro de 1914.

CAPITULO I

Camillo guerrilheiro

Seria Camillo Castello-Branco, na sua turbulenta e buliçosa mocidade, um miguelista militante e combatente?

Ter-se-hia alistado «na legião formidavelmente estupida do general escocez Reinaldo Macdonell»?

Victima das suas vesanias, joguete das suas phobias, voluvel e inconstante, pensando em ser padre e arrependendo-se, tentando ser medico e abandonando o seu intento, cuidaria, algum tempo, em seguir a carreira politica, desertando-a, enjoado e aborrecido?

E' o que vamos ver nas desataviadas paginas que seguem.

I

A Maria da Fonte

A revolução popular do Minho, conhecida vulgarmente pelo nome de *Maria da Fonte,* póde dizer-se que rebentou em 19 de março de 1846. Foi n'esse dia que um grupo de viragos armadas de chuços e fouces roçadouras, para impedir que um cadaver de mulher fosse examinado pela Junta de Saude, violentamente lhe deu sepultura na egreja da freguezia de Santo André de Frades, concelho da Povoa de La-

nhoso (1). São, em geral, conhecidos os tempestuosos acontecimentos d'essa epoca agitada e violenta, para que seja preciso mais que recordal-os de fugida.

A 24 d'aquelle mez, repetiu-se motim identico na freguezia de Fonte Arcada e depois na de Gallegos, do mesmo concelho de Lanhoso. Por contagio, a epidemia de tumultos passou ao concelho de Vieira e alastrou por aquelles valles pitorescos, por aquelles montes golpeados de corregos e sulcados de torrentes, por aquellas serranias asperrimas, em cujas quebradas verdejantes se repercutiam os gritos sediciosos do mulherigo revoltado e o som estridente dos sinos tocando angustiadamente a rebate.

Nas portas da cadeia da Povoa de Lanhoso, tomada d'assalto, entalharam-se afiados gumes de machados, brandidos por vigorosos pulsos femininos, e pelos rombos hiantes sahiram em triumpho as mulheres audaciosas que a auctoridade administrativa tinha encarcerado, accusando-as de revolta contra as leis do reino.

As classes populares, de animo esquentado e enfurecido, não permittiam inhumações na terra fria dos cemiterios. Queriam-n'as sómente no chão benzido das egrejas, sagrado por mão sagrada, aquecido pela luz viva dos lampadarios, que alumiavam, dia e noite, o Santo Sacramento e os pés chagados do Christo. Tambem não toleravam mais impostos, ou decimas pesadas e duras alcavalas. D'ahi, os ataques ás repartições publicas e a queima dos papeis

(1) Padre Casimiro José Vieira: *Apontamentos para a historia da revolução do Minho em 1846*, pag. 2, nota.

ali archivados, que revoluteavam, denegridos pelo fumo, a desfazerem-se em cinza, por sobre as labaredas que afogueavam peitos e rostos de mulheres e homens amotinados.

Pozeram-se em marcha forças militares, com ordem terminante de suffocar os motins. Baldado intento! O povo, brandindo varapaus e machados, com as mulheres á frente, animosas e decididas, escoava-se por algares e barrocaes, refugiava-se nos alcantis penhascosos, trepava ás cristas das serras, palmilhando gargantas de desfiladeiros, e de lá, escondido por detraz das fragas, alcandorado na corôa dos cabeços, despejava as caçadeiras sobre a tropa e de novo fugia a alapardar-se nas escarpas e luras de montes mais distantes.

A 15 d'abril de 1846, os tumultos attingiram o acume da violencia e tornaram-se esbravejante revolução. Não cessava o toque a rebate nos brancos campanarios minhotos. Os archivos publicos abrazavam-se e ardiam, queimados pelas linguas de fogo que a rebeldia popular acendia. As portas das cadeias não resistiam ás machadadas vigorosas vibradas por braços herculeos. E os soldados, tolhidos de pavor, recuavam ante as mulheres destemidas e os homens insubmissos e façanhosos, cujo ousio chegou a ponto de marcharem em columna sobre Braga, atacando de surpreza, n'uma feroz arremettida, o quartel do regimento de infantaria numero 8! Rechaçados, não desanimaram. Por entre vivas á religião e á Rainha, morras aos Cabraes e ás leis novas, a revolução alastrou pelas doces veigas do Minho, atapetadas de relva macia, salpicadas de escuros pinhaes e verdes carvalheiras rumorejantes, galgou os picos e eminencias

das cordilheiras de Traz-os-Montes, apoderou-se impetuosamente de todo o Norte do paiz.

A Maria da Fonte, de pistolas á cinta, commandava as hostes femininas, arrojadas e impavidas (1). Aquellas temulentas *amazonas de tamancos,* se tivessem vivido nos afastados e nebulosos tempos da Fabula maravilhosa, teriam, como as amazonas da

---

(1) Existiu, na verdade, uma heroina de lume na venta, que desse inicio á revolução do Minho de 1846, e se chamasse Maria da Fonte, ou este nome é antes um symbolo das reivindicações do povo, creação mythica do esquentado imaginar das gentes d'aquelles tempos de rebellião e de lucta?

Camillo Castello-Branco, no seu livro *Maria da Fonte,* expõe a sua opinião sobre a existencia da virago revolucionaria. O grande escriptor é de parecer que a Maria da Fonte existiu. Escreve elle, a paginas 65:

«Mas da personalidade da Maria da Fonte não ha que duvidar, visto que o seu nome estava inscripto na cabeceira do rol das processadas por arrombamento da cadeia.»

Apresenta-nos Camillo, na obra referida, varias Marias da Fonte: — Maria Angelina, de Simães, tida pelo padre Casimiro como a verdadeira; Maria da Fonte do Vido, indicada ao eminente romancista, como sendo a authentica, por José Joaquim de Ferreira de Mello e Andrade; Anna Maria Esteves, apontada por Francisco Gomes de Amorim nas *Memorias biographicas* de Garrett, volume III, paginas 167 e seguintes, como a legitima Maria da Fonte; outra, veridica, na opinião de Pinho Leal, o auctor do *Portugal antigo e moderno;* etc. D'estas, Camillo tem como certa e genuina Maria da Fonte, a rapariga que em creancinha foi exposta junto da fonte do Vido, no logar do Barreiro, da freguezia de Fonte Arcada, concelho de Povoa de Lanhoso. A' engeitada foi dado, por esse motivo, na pia baptismal, o nome de Maria da Fonte.

Estas informações recebeu-as o solitario de S. Miguel de

Asia, queimado, sem hesitar, o seio direito, para melhor ajustar o arco e despedir com mais força a aguda seta vingadora e mortifera.

De serra em serra, do valle ao monte, começou de estrondear o hymno da revolução, especie de *Marselheza*... atenuada, que o maestro Frondoni compoz e cujas notas vibrantes punham fremitos d'en-

---

Seide, em exposição manuscripta, de José Joaquim de Ferreira de Mello e Andrade, senhor da casa da Agra, na Povoa de Lanhoso, que falleceu em novembro de 1881, com mais de oitenta annos d'edade.

A contrapor ao asserto do escriptor insigne, ha uma nota interessantissima que se lê a paginas 512 e seguintes do volume I de *O Minho pittoresco,* de José Augusto Vieira. Diz-se ali que o distincto jornalista sr. Azevedo Coutinho publicou em varios numeros do jornal da Povoa de Lanhoso, *A Maria da Fonte,* esclarecimentos valiosos sobre a revolução de 1846, baseados em informações do sr. Martins de Oliveira, d'aquelle concelho, testemunha coeva dos acontecimentos. O sr. Azevedo Coutinho chega ás conclusões seguintes: a heroina do movimento popular foi Maria Angelina, de Simães, a quem chamavam Maria *da Fonte* por ser natural da freguezia de *Fonte* Arcada; mas quem deu o nome á revolução foi uma estalajadeira da Povoa de Lanhoso, de nome Maria Luiza Balaio, á qual, por habitar proximo d'uma fonte, chamaram familiarmente *Maria da Fonte,* e cuja hospedaria era o ponto de reunião dos revoltosos.

Sobre a opinião manifestada por Camillo Castello-Branco, escreve o sr. Azevedo Coutinho:

«O que sobre este assumpto, e a proposito da Maria da «Fonte do Vido, logar do Barreiro, freguezia de Font'Arcada, «narra o fallecido sr. José Joaquim de Ferreira de Mello e An«drade nos apontamentos ministrados ao illustre escriptor o «sr. Camillo Castello Branco, e por este transcriptos no seu «livro *Maria da Fonte,* é pura creação romantica; pois proce-

thusiasmo e quasi febres de loucura nas almas rudes e nos cerebros broncos d'aquelles povos alarmados e enfurecidos (1).

Eia, ávante, portuguezes!
Eia, ávante! Não temer!
Pela santa liberdade,
Pelejar até morrer!

«dendo a minuciosas informações e revendo os livros de assento de baptismo, conclui que tal entidade nunca existiu. «Ainda assim, querendo certificar-me positivamente da veracidade dos factos, dirigi-me ao sr. dr. Balthazar Aprigio de Ferreira de Mello e Andrade, filho do sr. Ferreira de Mello, acima citado, e confirmou-me a não existencia da Maria da Fonte do Vido; pois que, como os alludidos apontamentos eram destinados a romance e não a historia, imaginára seu «fallecido pae aquelle episodio romantico.»

Oliveira Martins, no *Portugal contemporaneo,* hesita entre a existencia da heroina da revolução e o nome d'ella tornado symbolo dos protestos populares.

Veja-se o que é a Historia!... Como de tudo o que fica exposto se conclue que ella é, por vezes, deficiente, e outras vezes enganadora e falsa! Factos tão recentes como são os que constituiram a revolução da Maria da Fonte, não estão, alguns, sufficientemente esclarecidos! Não se sabe ainda, ao certo, se existiu realmente uma rapariga chamada Maria da Fonte, que se tivesse arvorado em commandante das mulheres revoltadas da Povoa de Lanhoso, ou se esse nome representa apenas um mytho, chimerico e enigmatico como são todas as fabulas! Oh! A Historia!...

(1) Angelo Frondoni, natural de Parma (Italia), veio para Lisboa em 1839, chamado pelo conde de Farrobo. O financeiro opulento queria que um maestro de valor lhe dirigisse os saraus das Laranjeiras e as operas de S. Carlos. Indicaram-lhe em Milão, para esse fim, dois artistas, novos ainda: Verdi e Frondoni. Verdi tinha feito, n'aquelle anno, um fiasco

O padre Casimiro José Vieira, o Brigadeiro Defensor das Cinco Chagas, era o Godofredo de Bulhões aguerrido e ao mesmo tempo o Pedro Eremita facundo d'aquella cruzada santa contra o ministerio despotico em que o duque da Terceira occupava a presidencia e os dois irmãos Costa Cabral tinham tido a preponderancia. Todo o Norte — quasi todo o paiz — se incendiava em ardencias de guerra sem quartel contra o governo da Rainha. E com tal impeto o vivo incendio lavrou, e proporções tão pavorosas assumiu, que a 20 de maio de 1846 o gabinete cahia, amaldiçoado, fugindo a 26 para Hespanha, a bordo do paquete inglez *Pachá*, os Cabraes execrados e malditos, com tantas culpas nefandas a pesarem-lhes sobre o arcabouço beirão de fortes luctadores, que até o povo, em versos de pé quebrado, lhes attribuia a responsabilidade terrivel de os pardaes lesivos e damninhos devastarem as searas ferácissimas!...

E os revolucionarios, triumphantes, entoavam sem

---

tremendo com uma das suas primeiras operas — *Un giorno di regno*: Farrobo decidiu-se, pois, por Frondoni, que veio para Lisboa, d'onde nunca mais sahiu e onde morreu a 4 de junho de 1891.

Verdi foi o homem de genio que o mundo inteiro ainda hoje admira. Frondoni, apesar de ter valor, compoz apenas varias operetas — entre as quaes *O rouxinol das salas* e *As tres rocas de cristal* — e o hymno da Maria da Fonte... cuja primeira phrase é copiada textualmente d'uma symphonia de Verdi, segundo informação que me deu um illustre critico musical de Lisboa.

O que é o acaso!... Se o conde de Farrobo tem trazido Verdi em vez de Frondoni...

descontinuar, por aquellas risonhas e pitorescas chapadas do Minho, a rubra e ardente canção da revolta:

Viva a Maria da Fonte,
Com as pistolas na mão,
Para matar os Cabraes,
Que são falsos á nação!

O duque de Palmella tomou, a seguir, conta do governo, para o deixar em breves mezes, a 6 d'outubro d'aquelle mesmo anno, quando o golpe d'Estado d'esse dia, que foi talvez com justiça alcunhado de emboscada palaciana, o fez entregar a administração publica ao valente marechal Saldanha. Para o Porto partiu o duque da Terceira, com incumbencia de garrotar os *patuléas*, mas ali, ao saber-se que o ministerio fôra obrigado violentamente a demittir-se, a cidade, á voz prestigiosa de José Passos, presidente da camara, sublevou-se, formando-se a celebre Junta do Porto, que logo organisou em todo o Norte a resistencia ao governo de Lisboa, exercendo o poder e o mando em nome da Nação e da Rainha.

Mal chegou á cidade invicta, com o seu estado-maior, o duque da Terceira foi preso. Deu-lhe voz de prisão um fulano Navarro, da Foz. Muitas vezes ouvi contar a meu pae que n'esse momento o duque, tranquillamente, perguntára:

— Preso á ordem de quem?...

— A' ordem d'este bacamarte!... — respondeu Navarro, batendo rijamente com a mão no trabuco que sobraçava.

E o duque, encostado ao braço de José Passos, que

o protegia a custo, servindo-lhe de resguardo e broquel ás iras populares, lá foi em direcção ao velho castello da Foz, onde ficou encarcerado.

Entretanto, o governo de Saldanha pedia a intervenção estrangeira. Os gabinetes de Hespanha, França e Inglaterra eram solicitados pelo de Portugal a virem sustentar o throno mal seguro de D. Maria II, ameaçado pela revolução bravia e pelos miguelistas dedicados, que, prevalecendo-se do movimento popular, se preparavam para proclamar D. Miguel rei de Portugal e dos Algarves. A Hespanha, accedendo a instancias tão vivas, pôz logo um exercito em marcha para a fronteira do Minho e Traz-os-Montes.

N'esta ultima provincia, o barão do Casal era o commandante-chefe das tropas fieis á Rainha. Tentou approximar-se do Porto, para estrangular a Junta e dominar a revolta que alastrava. Impossivel! Desceu das escarpas alpinas de Traz-os-Montes aos campos verdejantes de Vallongo, na esperança d'um golpe decisivo, mas viu fugir-lhe a enganadora visão e foi obrigado a retirar, indo-lhe no encalço, em perseguição acirrada, a divisão commandada pelo então visconde de Sá da Bandeira, composta de dois regimentos de infantaria — o 3 e o 15 —, da guarda municipal, do primeiro batalhão dos artistas da cidade, dos batalhões de Baião e da Vista Alegre e de uma força de artilharia 3 (1).

Casal, acossado pelas forças da Junta do Porto,

(1) Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos: *O prato d'arroz doce*, vol. I, pag. 215 (edição da *Collecção selecta*).

recolheu pressuroso á sua coutada de Chaves. Sá da Bandeira esbarrou nas muralhas da velha praça fronteiriça, e, para chamar o seu adversario a combate, retirou sobre Valpassos, onde, a 16 de novembro de 1846, por uma tarde pallida de fins d'outomno, o nobre mutilado de 1832 viu passarem-se para o inimigo, dando vivas á Carta e á Rainha, os dois regimentos de infantaria da sua divisão. Desequilibradas assim as forças em meio da refrega, Sá da Bandeira recuou, vencido. Veio embarcar ao Pinhão os destroços da sua gente, e de animo abatido, mas não quebrado, desceu, pelo Douro, até ao Porto.

Entretanto, o barão do Casal, victorioso, reentrára triumphalmente em Chaves.

II

O MOVIMENTO MIGUELISTA

Aproveitando-se do referver tumultuoso em que fremia e cachoava todo o Norte do paiz, os apaixonados e fieis partidarios de D. Miguel desfraldaram ao vento tempestuoso da revolução a bandeira branca tradicional e tentaram um supremo esforço a favor da restauração do velho throno do seu rei.

Para se pôr á testa das forças miguelistas, Antonio Ribeiro Saraiva, representante de D. Miguel em Londres, enviou a Portugal o general escocez Reinaldo

Mac-Donell (1). Era este um velho militar que servira no exercito hespanhol, ao tempo da guerra peninsular, e estivera em Portugal em 1833, vindo substituir o marechal conde de Bourmont no commando supremo do exercito realista, vendo, por sua vez, a pouco trecho, o seu logar tomado pelo habil e valente general Povoas (2).

Mac-Donell — a quem alguns escriptores, e entre elles Camillo, chamam, por vezes, *Macdonald*, por confusão, de certo, com Alexandre Macdonald, duque de Tarento, marechal de Napoleão — era um velho de setenta annos (3), "rijo e bello de sua pessoa, de estatura elevada, grosso sem ser gordo nem pesado. Cabellos brancos, um pouco calvo, cara rapada, com umas pequenas suiças alvas de neve a destacarem-se do apresuntado da face" (4).

Como estivera ao serviço de Hespanha, falava hespanhol perfeitamente e era amante apaixonadissimo do vinho fino portuguez, perfumado, scintillante, da côr do ouro, não desdenhando a aguardente, o *cognac*, a genebra e quejandas bebidas de guerra. Todos os escriptores, que a elle se referem, são concordes n'esta informação.

Mac-Donell chegou ao Porto, por mar, em 6 de

---

(1) Camillo Castello-Branco: *Maria da Fonte*, 1.ª edição, pag. 187. (Carta dirigida por Pinho Leal ao auctor.)

(2) Oliveira Martins: *Portugal contemporaneo*, 1.ª edição, vol. I, pags. 369 e 374.

(3) Camillo Castello-Branco: *A brazileira de Prazins*, pag. 274.

(4) Camillo Castello-Branco: *Maria da Fonte*, edição citada, pag. 253. (Carta dirigida por Manoel Negrão ao auctor.)

agosto de 1846 e partiu immediatamente, pelo Douro, para a quinta de Linhares, em Castello de Paiva, pertencente a Custodio Monteiro de Magalhães, levando na sua companhia um respeitavel fornecimento de vinhos e licores (1). Ali se demorou para mais de tres mezes, n'uma suave quietação de espirito e deliciosa tranquillidade de corpo, que não se coadunavam em demasia com a investidura, que recebera, de caudilho da insurreição miguelista.

Espalhara-se pouco antes o rumor de que elle viajava incognito em Portugal, espreitando a occasião de se pôr em campo, á testa d'uma revolução realista; mas ninguem em tal queria acreditar (2).

No dia 12 de novembro, á frente d'uma guerrilha de cêrca de quinhentos homens, mal equipados e peor armados, o general escocez marchou, emfim, em direcção a Sinfães, onde lhe foi dado conhecimento de que o visconde de Sá da Bandeira fôra destroçado em Valpassos. Na Regoa, os partidarios do rei proscripto, ao receberem noticia d'esse desastre soffrido pelas forças da Junta, insurgiram-se e desarmaram alguns soldados da divisão *patuléa* que vogava, Douro abaixo, em direcção ao Porto.

Installado com a sua gente em Boaças, soube Mac-Donell que na outra margem do Douro estavam em armas o batalhão de voluntarios realistas de Bem-Viver "e — escreve Pinho Leal, que militava na hoste miguelista — o chamado batalhão de Bayão

(1) Camillo Castello-Branco: *Maria da Fonte*, pags. 189 e 193. (Carta de Pinho Leal já citada.)

(2) D. João d'Azevedo: *Os dous dias d'outubro*, pag. 47.

composto de 200 estafermos da pelle de seiscentos diabos commandados pelo coronel Medeiros, convencionado d'Evora-Monte.„

Em boa conta eram tidos os meus patricios pelo conspicuo auctor do *Portugal antigo e moderno!* . . .

Da uma para as duas horas da tarde de 18 de novembro, desciam o Douro, em barcos, os restos da divisão de Sá da Bandeira. Os guerrilheiros de Mac-Donell, postados, por ordem d'este, em Porto-Manso, no concelho de Baião, e em Porto-Antigo, no de Sinfães, dispararam valorosamente as pobres espingardas enferrujadas sobre os vencidos de Valpassos, com o fim de lhes colher e apresar as boas armas que levavam. Não o conseguiram, por seu mal, e, outros Ahasverus da lenda, lá foram, caminhos alem, dormir ao concelho do Marco de Canavezes. Seguindo d'ali para Guimarães, encontraram em Villa Meã um comboio de carros carregados de sapatos – Pinho Leal informa que eram dois mil pares – mandados fazer em Villa Real para os soldados de Sá da Bandeira. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, o romancista illustre, que a esse tempo era governador civil *patuléa* na capital de Traz-os-Montes, d'onde vinha caminho do Porto, acompanhado pelo general França, diz que outro remedio não teve senão abandonar o calçado aos guerrilheiros de Mac-Donell (1).

Depois de bem protegidos os pés maguados contra as asperezas do trilho, a tropa fandanga do cabecilha

(1) A. A. Teixeira de Vasconcellos: *O prato d'arroz doce*, vol. I, pag. 247.

miguelista marchou intrepida no caminho de Guimarães, onde entrou de tropel a 25 de novembro, seguindo depois para Braga, que alcançou a 28, na força de dois mil e quinhentos homens, aos quaes se juntaram mais de dois mil das guerrilhas do padre Casimiro, do abbade de Priscos e do padre Manoel das Agras, formando-se, em 1 de dezembro, um batalhão de infantaria de linha, tendo por alferes rapazes de boas familias (1).

Cêrca de um mez, Mac-Donell dominou no velho burgo dos arcebispos como logar-tenente de D. Miguel. Mas nem mourejou na organisação da resistencia, nem soube defender a cidade e tomar as medidas necessarias para o triumpho da causa legitimista. Inactivo e indolente, como nos mezes de lazer que passou na quinta de Ligares, o borrachão escocez levou os dias e as noites a beberricar. E foi sempre assim, durante o periodo em que commandou em Portugal o desastrado movimento miguelista.

No seu procedimento dubio, irresoluto e vacillante, uns quizeram ver a marca d'um imbecil, outros pensaram lobrigar suspeitos laivos de traição. Em todos os lances em que se reclamava energia, decisão e clareza, Mac-Donell sempre se mostrou fraco, indeciso e hesitante. Não ha, a tal respeito, opiniões divergentes. Evitando, em todos os ensejos, bater-se com as tropas do governo, atacando as forças liberaes da Junta do Porto, como succedeu em Porto-Manso, os proprios partidarios o accusaram de con-

(1) Camillo Castello-Branco: *Maria da Fonte*, pags. 214 e 215. (Carta de Pinho Leal já citada.)

nivente com os cabralistas, assegurando, quasi todos, que mais parecia um agente dos governos estrangeiros do que enviado seguro e firme de D. Miguel I. Commandando a insurreição miguelista, agitando o Norte do paiz em nome do principe exilado — diziam ainda alguns legitimistas — provocava a intervenção das potencias, solicitada, como vimos, pelo governo de Saldanha.

Na opinião de todos os historiadores d'aquella epoca tão agitada de convulsões, a acção de Mac-Donell foi sempre ambigua e incerta, desde que veio de Inglaterra, em agosto de 1846, até que a morte violenta que lhe deram na tapada do Ervedeiro, em janeiro de 1847, pôz um ponto final sanguinolento na sua triste e malfadada odysseia.

Abro um parenthesis para dizer que o meu parecer diverge, em muito, das opiniões que ahi deixo esboçadas. Atrevo-me a discordar e permitto-me dissentir, a este proposito, da sabia opinião de Camillo Castello-Branco, Oliveira Martins, Teixeira de Vasconcellos, D. João d'Azevedo, Pinho Leal, talvez outros ainda.

Mac-Donell não era um imbecil. Em 10 d'outubro de 1833, sendo commandante-chefe do exercito de D. Miguel, que sitiava Lisboa, e vendo-se atacado em vigorosa arremettida por Saldanha, o general escocez, habilmente, fez "a sua honrosa e sabia retirada para Santarem" (1).

Um parvoeirão incompetente não teria intelligen-

---

(1) Oliveira Martins: *Portugal contemporaneo*, vol. I, pag. 369.

cia, viveza e tacto para proceder com tanto acerto. Mas ha mais: prevendo então o que depois veio a succeder, Mac-Donell pretendia que a guerra civil terminasse pela mediação das potencias (1). Viu bem. Apesar d'isso, não foi aceito o seu discreto alvitre, levando-o essa recusa a demittir-se do seu alto posto. Seria um imbecil quem taes mostras deu de tino e de prudencia?

Traidor, tambem não creio que fosse. Ribeiro Saraiva, sempre fidelissimo servidor de D. Miguel, não teria enviado a Portugal um homem que atraiçoasse vilmente a sua causa. Os partidarios do general escocez classificaram-n'o, em 1846, de refalsado, desleal e refece. Porquê? — Porque não tendo sido coroada de exito a tentativa miguelista d'essa epoca, buscou-se uma explicação, digo mesmo uma desculpa, para a derrota, para o fracasso, para o termo funesto da temeraria empreza. E qual outra mais crivel e mais apropriada do que essa de appellidar de traidor o commandante do movimento mallogrado? Para um resultado infeliz, qualquer que elle seja, sempre se procurou uma escusa. E' de todos os tempos...

A meu ver, Mac-Donell, transformado, em 1846, em triste general de aventuras, velho, cançado, gasto, com o cerebro embotado pelos vapores do alcool, cuidou apenas de levar vida folgada, comendo e bebendo á tripa fôrra, sem organisar e dirigir como devia as forças miguelistas sob as suas ordens. Aventureiro alcoolisado, de annos já pesados,

(1) Oliveira Martins: *Portugal contemporaneo,* pag. 374.

tornára-se improprio e incapaz para a lucta. Foi, por isso, de escantilhão, e de desastre em desastre, cahir no lance final, em que lhe deram cruel e barbara morte.

Traidor, o velho general? — Não! Deixem que eu desfolhe sobre a sua memoria estas doces palavras de piedade... Está fechado o parenthesis.

Indolente e preguiçoso, levando em Braga vida de sybarita, Mac-Donell deixou que o barão do Casal, ancioso por aniquilar a Junta do Porto e a revolução liberal que os *patuléas* fomentavam, de novo se acercasse da cidade da Virgem, no claro intento de lhe transpor os muros. Frustrado esse plano, porque encontrou firmes nos seus postos de defeza os soldados de Sá da Bandeira, Casal segunda vez retirou, mas d'esta feita não quiz regressar ao seu ninho de aguia, encravado nos espinhaços das serranias trazmontanas, sem deixar atraz das tropas que guiava um fundo rasto de sangue. Atacou Braga a 20 de dezembro (1), entrou na cidade de viva força e fechou o anno de 1846 com a chacina dos miguelistas que ali se acoitavam e que o general Mac-Donell, abeberado em vinho, não pôde levar á victoria.

Portas a dentro do velho burgo catholico, a matança foi deshumana e feroz. Nas ruas e praças, onde os urros estrugiam e os moribundos estrebuchavam, como que se abrira uma leoneira de feras

---

(1) Officio do barão do Casal, datado de 21 de dezembro de 1846, publicado no *Diario do Governo* de 4 de janeiro de 1847.

enraivecidas, que iam tingir de sangue, em corpos palpitantes de vida, as garras afiadas e os aguçados colmilhos. A soldadesca de Casal, a ulular enfurecida, espostejava, á espadeirada, os populares, e espetava nas bayonetas, contra as paredes das casas, os desgraçados que clamavam misericordia! (1)

Braga transformou-se n'um açougue immenso, alagado de sangue, em que o barão do Casal — ennevoando de sombras a sua carreira militar — foi o terrivel magarefe!... Elle proprio informa, talvez atenuando o horror do massacre, que ficaram feridos e morreram 320 homens, todos com armas na mão (2). Foi carne humana de mais, arremessada ás boccas escancaradas das sepulturas!...

Mac-Donell escapou á carnificina, fugindo. De Braga, perseguido pela cavallaria inimiga, foi dar comsigo a Geraz, na Povoa de Lanhoso, e d'ali, pela Senhora do Porto d'Ave, refugiou-se, com o seu estado-maior, em Guimarães, emquanto o barão do Casal marchava sobre Valença. Poucos dias depois, chegava do Sul a noticia da derrota das tropas liberaes em Torres Vedras.

Foi curta a demora do general escocez no berço da monarchia portugueza, onde teve por quartel o palacete do visconde da Azenha. Receando um ataque dos janizaros de Casal, Mac-Donell retirou, cêrca da uma hora da noite de 27 de dezembro, com a sua desmantelada gente a tremer de frio, pela estrada que

---

(1) Padre Casimiro José Vieira: *Apontamentos para a historia da revolução do Minho em 1846*, pag. 122.

(2) Officio citado do barão do Casal.

segue pela Lixa em direcção a Amarante. Restava-lhe apenas — mal o sonhava elle então!... — um mez e dias para viver.

III

Camillo na guerrilha

Foi em Amarante que, ido de Villa Real, Camillo Castello-Branco se juntou á esfarrapada hoste do general Mac-Donell. Adeante se verão as poderosas razões em que firmo e assento esta minha affirmação.

Quando a revolução da Maria da Fonte explodiu, Camillo estudava em Coimbra. Elle o diz no *Cancioneiro alegre* — paginas 338 da 1.ª edição — fazendo a critica das poesias de Donnas Boto, a quem n'estes termos se refere:

"Conheci-o em Coimbra em 1846 quando a mi-
"nha batina esfrangalhada abria as suas trinta boccas
"para admirar e engulir o latim de um padre que
"não sei se era Simões."

Já na encantadora cidade do Mondego o futuro romancista frequentára as aulas no anno anterior, como consta de paginas 83 do IX volume das *Noites de insomnia,* onde o Mestre informa que resi-

dia "em um casebre da Couraça dos Apostolos, em Coimbra, no anno 1845„. Tinha ido para lá, do Porto, onde no mesmo anno de 45 foi estudante da Academia (1).

Fechadas as aulas a 11 de maio de 1846, por causa da revolução em que ardia todo o paiz (2), Camillo partiu para Villa Real, como elle proprio noticía ao abrir o capitulo XIII das *Memorias do carcere*, onde escreve:

"Sahi de Coimbra para Villa Real, quando as au-
"las se fecharam por motivo da revolução popular
"de 1846.„

Vieira de Castro, na biographia do eminente escriptor, assevera que elle partiu para Villa Real no mesmo dia em que o batalhão academico sahiu para a Figueira. Foi, portanto, a 13 de maio de 1846, segundo o testemunho de Joaquim Martins de Carvalho, que, a paginas 186 do seu valioso livro *Apontamentos para a historia contemporanea*, refere que n'aquelle dia sahiram de Coimbra para Montemór-

---

(1) Camillo Castello-Branco: *A filha do Doutor Negro*, prefacio.

(2) No *Diario do Governo*, de 14 de maio de 1846, lê-se o que segue:

«O governador civil de Coimbra, em data de 11, assegura
«que o districto a seu cargo permanece em socego, mas que
«por medida de precaução, de accordo com as repectivas au-
«ctoridades, julgou conveniente fechar a Universidade, fi-
«cando os actos adiados para quando se annunciarem no
«Diario do Governo.»

o-Velho e Figueira da Foz alguns estudantes e populares (1).

Caminho de Villa Real, á sahida de Penafiel — refere Camillo no mencionado capitulo das *Memorias do carcere* — seguindo de companhia com outro estudante, encontraram, os dois, na quebrada d'um cêrro, a guerrilha realista commandada pelo tenente Milhundres. Quiz este que os dois academicos escrevessem proclamações ao povo, a favor da causa de D. Miguel. Instigado, porem, pelo seu companheiro, Camillo foi de galopada até Amarante, escapulindo-se ao guerrilheiro miguelista, que ficou esperando, sem chegar a vel-os, os manifestos inflammados que imperiosamente encommendára.

Chegado a Villa Real, Camillo Castello-Branco, assentou praça nos arraiaes legitimistas. E' elle que nol-o conta, rindo, a paginas 17 e seguintes da *Maria da Fonte*. Quem declamava "de pé, sobre o bal-

---

(1) O sr. Alberto Pimentel, a paginas 124 do seu livro *O romance do romancista*, onde reune tantos pormenores valiosos sobre a tempestuosa vida de Camillo, contesta a informação de Vieira de Castro, dizendo que o Mestre não podia ter sahido de Coimbra em maio de 1846, antes de lá chegar em outubro, indo do Porto, onde estivera preso por ter raptado, em Villa Real, Patricia Emilia do Carmo.

É que o sr. Alberto Pimentel não fez reparo em que no anno lectivo de 1845 a 1846 já Camillo estudava em Coimbra, para onde não foi em outubro de 1846, ao sahir das cadeias da Relação, mas sim para Villa Real, como o illustre escriptor informa, com absoluta exactidão, a paginas 128 do seu interessante livro *Os amores de Camillo*. É, pois, verdadeira a affirmação que Vieira de Castro faz a paginas 103 do seu livro biographico *Camillo Castello-Branco (Noticia da sua vida e obras)*.

cão do Zé-da-Sola„, as proclamações do padre Casimiro, o adail dos revoltosos do Minho, era elle; e por aquellas casas brazonadas, onde "havia senhoras realistas, filhas de capitães-mores, de desembargadores, de brigadeiros e morgados em decomposição„, era elle tambem que lia as peças de literatura guerreira do *Defensor das Cinco Chagas*.

Não se limitou, porem, Camillo, n'aquella tão linda capital de Traz-os-Montes, emmoldurada em frescos arvoredos, cercada de bellezas, ataviada com todos os encantamentos da natureza, a fazer cerrada e ruidosa propaganda miguelista. Tambem o coração lhe deu rebates de paixões extinctas, reacendendo o fogo que em breve ia arder em chammas intensissimas.

D'essa fogueira d'amor, resultou o rapto d'uma formosa menina, que luzia todas as esplendorosas graças da mocidade. Com ella fugiu Camillo para o Porto, em principios d'outubro de 1846, sendo ali preso, e dando entrada nas cadeias da Relação, por ordem de um seu tio afim, que por aquella fórma violenta queria arrancar o sobrinho aos braços da doce amada (1). Chamava-se ella Patricia Emilia do Carmo e deu ao romancista uma filha que ainda hoje vive no Porto (2).

Em carta dirigida ao Visconde de Ouguella (3),

(1) Camillo Castello-Branco: *Memorias do carcere*, capitulo I; *Maria da Fonte*, pags. 262 e seguintes.

(2) Alberto Pimentel: *Os amores de Camillo*, parte I, capitulo V.

(3) Publicada em 1895 no n.º 3 da *Revista portugueza*.

Camillo, referindo-se a essa sua filha e a Patricia Emilia, escreve:

"A mãe foi uma idealidade com o *quantum satis* "de materia. Por causa d'ella não me formei, e fui "ser ajudante de ordens de Mac-Donald. Ainda não "viste biographia mais atrapalhada . . .»

Camillo foi, com effeito, ser ajudante d'ordens de Mac-Donell. Ao sahir da Relação do Porto, em 23 d'outubro de 1846 (1), regressou a Villa Real, com Patricia Emilia, e por lá se demorou durante aquellas semanas agitadas de revolução, sempre bandeado com os miguelistas, talvez para agradar áquelle tio analphabeto, ferrenho partidario de D. Miguel, de que fala a paginas 19 da *Maria da Fonte* e cujo nome — João Pinto da Cunha — revela a paginas 265 do mesmo livro, quando divulga que foi esse tio que o fez prender, no Porto, em seguida ao rapto de que foi romanesco heroe.

Em Villa Real, Camillo, tinha noticias do desenrolar dos acontecimentos. A derrota de Sá da Bandeira, em Valpassos, a 16 de novembro; a entrada de Mac-Donell em Braga, a 28 d'esse mez; a matança de realistas que na vetusta capital do Minho fizeram as tropas do barão do Casal, a 20 de dezembro; a fuga do general escocez para Guimarães e d'ali para Amarante, com o seu desmantelado estado-maior — tudo o futuro romancista ia sabendo, ao mesmo tempo que o sangue lhe estuava e refervia

(1) Alberto Pimentel: *O romance do romancista*, pag. 95.

nas veias e o espirito aventureiro lhe pedia que se arremessasse ao meio da refrega, onde não minguariam transes arriscados e situações dramaticas de perigo certo.

Quando em Villa Real constou que o pouquissimo que restava da esfarrapada guerrilha de Mac-Donell dera entrada em Amarante, Camillo não se conteve: *afivellou esporas de cavalleiro* e elle ahi veio, Marão abaixo, alistar-se na rota legião miguelista. Affirma-o elle proprio a paginas 12 da *Maria da Fonte,* onde relata uma palestra demorada que em 1878 teve, na sua casa de S. Miguel de Seide, com o illustre conego e vernaculissimo escriptor Senna Freitas:

"Disse-lhe que eu tinha sido miguelista e afivellára "esporas de cavalleiro (umas esporas de correia, de 12 "vintens, por signal) na legião formidavelmente es-"tupida do general escocez Reinaldo Macdonell".

Foi em Amarante que o novo guerrilheiro se reuniu ao estado-maior do caudilho realista. A prova d'esta minha affirmação está escripta pelo proprio Camillo a paginas 246 da *Maria da Fonte.* Referindo-se á fuga de Mac-Donell para Guimarães, onde então se encontrava o logar-tenente de D. Miguel, padre dr. Candido Rodrigues Alvares de Figueiredo e Lima, escreve o Mestre:

"O dr. Candido ia no quartel-general de Macdo-"nell. Tive o dissabor de conhecer em Amarante, "onde o escocez se demorou vinte e trez dias, n'uma "bebedeira permanente depois da derrota de Braga,

"aquelle logar-tenente. Vi-o de cazaca de briche cos-"sada, com uma gola em rôsca muito oleosa, e nas "lapelas um alto relêvo de pingos de caldos gordos "e matises de um oiro fosco de simonte. Cobria tudo "isto com um capote azul de cabeçoens. Calçava sa-"pato de fivela e polainas de saragoça abotoadas até "aos quadris. Trazia chapeu embicado de castor sem "penacho com umas badanas moveis que fechavam "para cima como a concha de um mechilhão enor-"me. Cavalgava, quando entrou em Villa Real, um "garrano já jubilado, que parava n'umas scismas "quando o doutor lhe batia com ambas as pernas a "um tempo na barriga insensivel. O cavalleiro, da "cinta para cima, estava turgido, orgasmatico, n'uma "tezura tetanica. Era o emblema personificado do "partido este logar-tenente que passeava com um "serio desassombro de idiota a sua desgraça carna-"valesca pelas provincias, representando D. Miguel 1.º "Elle tinha dinheiro, ainda assim, porque deu 96$000 "réis ao padre Casimiro."

"Nunca pude saber como elle conseguiu safar-se "ao ultimo baque da guerrilha de Macdonell. Sei "que morreu placidamente em terras de Basto pre-"sidindo a uma Junta miguelista.

"É natural que abandonasse o Macdonell quando "o Vinhaes e o Lapa se approximavam de Villa "Real."

As palavras que ahi ficam trasladadas são claras e concludentes. Se Camillo teve *o dissabor de conhecer em Amarante* o dr. Candido de Figueiredo e Lima, que, desde Guimarães, *ia no quartel-general do Mac-Donell,* é porque foi na linda villa que o

Tamega beija, murmurando-lhe docemente aos pés de sultana suaves endeixas d'amor, que o novel combatente se encorporou no escalavrado troço do general miguelista. Acompanhou a guerrilha até Villa Real, e ali observou que o padre Figueiredo cavalgava *um garrano já jubilado,* que parava, scismando, ao sentir na barriga insensivel o bater das pernas do logar-tenente do rei proscripto.

Não ha, pois, que duvidar. Camillo juntou-se em Amarante á guerrilha de Mac-Donell. Foi depois ajudante d'ordens do general escocez. Affirma-o elle; sempre o ouvi dizer a meu pae, que muito se deu com o romancista, no Porto, poucos annos dobados sobre os acontecimentos que venho referindo; assegura-o Vieira de Castro na biographia do escriptor insigne; garante-o Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, que em 1846 era governador civil do districto de Villa Real, nomeado pela Junta do Porto, sendo testemunha presencial dos successos d'aquella epoca e merecendo, portanto, todo o credito o que escreve a paginas 107 do segundo tomo — edição da "Collecção selecta„ — do seu interessante romance historico *O prato d'arroz doce,* tantas vezes citado por Oliveira Martins no *Portugal contemporaneo.* Um dos personagens do romance, referindo-se a outro, de nome Alvaro Pereira, realista convicto, diz á que fôra noiva d'este:

" — Não admira. Estavam noivos. O que me es-
"panta é saber que foi ajudante do general Mac
"Donnell. Que o Negrão e o Camillo Castello Branco
"não conhecessem aquella raposa, entende-se, porque
"são rapazes, mas Alvaro Pereira, mais velho do que

"elles e entendido nas malicias d'este mundo! Triste
"coisa! Parece incrivel!

" – Não sei quem me disse que esse Camillo tinha
"muito talento, e escrevia bem.

" – Se elle quizer, respondeu Simão espantado da
"frieza de D. Anna e da facilidade com que mudava
"de assumpto, ha de ser um dos melhores escriptores
"portuguezes e o melhor romancista. Esse escapou?

" – Escapou, sim. Deus queira que lhe dê para fa-
"zer romances bonitos."

A. A. Teixeira de Vasconcellos põe estes dizeres na bocca dos personagens do seu romance, cuja acção se desenvolve no periodo que decorre desde a formação da Junta do Porto até á convenção de Gramido. N'esse livro, que tanto esclarece os acontecimentos d'aquella epoca agitada da nossa vida nacional, Camillo Castello-Branco e o meu querido amigo e parente Manoel Nicolau Osorio Pereira Negrão, são dados como ajudantes de Mac-Donell. E ambos o foram, como o proprio Manoel Negrão tantas vezes me repetiu.

Pinho Leal, que militava, como vimos, na hoste do general escocez, dá noticia do seu *estado-maior:* Victorino José da Silva Tavares, *quartel-mestre-general,* José Maria d'Abreu, seu ajudante d'ordens, o morgado de Pé de Moura – Manoel Ferreira dos Santos – e o major Antonio Luiz Moreira (1). Não figura ahi o nome de Camillo. Nem podia figurar.

(1) Camillo Castello-Branco: *Maria da Fonte,* pag. 210. (Carta de Pinho Leal já citada.)

O romancista, antes da chegada de Mac-Donell a Amarante, não vinha na mesnada realista: estava em Villa Real. E tanto que, para dar conta, nos seus livros *Maria da Fonte* e *A brazileira de Prazins*, dos factos anteriores ao seu alistamento na legião miguelista, pediu a Pinho Leal que d'elles lhe fizesse o relatorio que n'aquelles dois livros publicou.

O estado-maior de Mac-Donell nem era regularmente organisado, nem se compunha sómente das pessoas atraz indicadas por Pinho Leal. A prova, este mesmo a dá, escrevendo adeante:

"A Braga foi dar tambem o Antonio Carlos de "Castro, do Côvo, que foi feito ajudante de ordens "de Macdonell." (1)

Nada significa, pois, o silencio que o auctor do *Portugal antigo e moderno* faz em volta do nome de Camillo, ao dizer qual era o estado-maior do escocez. Tambem elle não cita Manoel Negrão entre os ajudantes do cabecilha realista, e foi-o, como o foi o malaventurado João Ferreira Ribeiro Pinto Rangel Dias de Sampaio, que morreu valentemente, nobremente, ao lado de Mac-Donell, como por meudo se verá algumas paginas mais alem.

Enfileirado no estado-maior de Mac-Donell, que se demorou em Amarante vinte e tres dias, Camillo transmontou com elle o Marão e chegou a Villa Real a 20 de janeiro de 1847, compondo-se então a guer-

(1) Camillo Castello-Branco: *Maria da Fonte*, pag. 215. (Carta de Pinho Leal já citada.)

rilha de duzentos e oitenta homens armados, mais de cem officiaes e alguma gente desarmada (1). D. João d'Azevedo, no seu curioso livro *Os dous dias d'outubro*, dá Mac-Donell em Villa Real antes de 19 de janeiro, visto que affirma peremptoriamente que na noite de 19 para 20, constando ao general que o visconde de Vinhaes marchava da Regoa *(sic)* em sua perseguição, retirou para Villa Pouca d'Aguiar. E' equivoco do illustre escriptor, cujas informações não se podem aceitar sem uma certa reserva.

Mac-Donell demorou-se oito dias em Villa Real, com a gente que o seguia. A sua retirada da linda villa trazmontana, onde se tinha entrincheirado, foi á meia noite de 28 de janeiro, quando teve conhecimento da approximação das tropas da Rainha, vindas de Chaves, sob o commando do visconde de Vinhaes, e idas da Regoa, sob as ordens do coronel Lapa (2).

Camillo Castello-Branco, armado com uma pistola que levava presa a uma corda traçada a tiracollo, acompanhou Mac-Donell até cêrca de Villa Pouca d'Aguiar, onde não chegou a dar entrada. O futuro auctor do *Esqueleto*, vendo a causa de D. Miguel perdida, retirou — dizem-m'o informações do seu sobrinho e meu amigo sr. conselheiro Antonio de Azevedo Castello-Branco — para Villarinho da Samardã, onde chegou noite alta, refugiando-se ali, na ve-

---

(1) Officio do governador civil de Villa Real, José Cabral Teixeira de Moraes, datado de 31 de janeiro de 1847, publicado no *Diario do Governo* de 9 de fevereiro d'esse anno.

(2) Idem.

lha e ridente aldeia da sua infancia, encravada entre serras, para evitar, no seu homizio, qualquer violencia ou sevicia das tropas do visconde de Vinhaes, que, a seguir á morte de Mac-Donell, occuparam Villa Real, onde Camillo voltou passado algum tempo (1).

No entretanto, em Villa Pouca d'Aguiar, onde Vinhaes, sahido de Villa Real ás 9 horas da manhã de 29 de janeiro, chegára ás 3 da tarde d'esse mesmo dia, a guerrilha realista era atacada, havendo nutrido tiroteio em que foram mortos doze homens e dois officiaes de Mac-Donell (2). Este, acossado como um lobo, sem tentar uma energica resistencia, com o que muito desgostou os seus, seguiu com o roto estado-maior e a sua desmantelada gente para Cabanas e Pensalves, caminho de Ribeira de Pena (3).

Para onde ia o general escocez? Para onde caminhava o desnorteado aventureiro, o triste cavalleiro andante do miguelismo a agonisar? – Dirigia-se para o Minho? Ia para a fronteira? Avançava para Hespanha, onde estaria a salvação, se lá chegasse a internar-se?

Nem elle sabia!... Ia ao acaso, á fortuna, ao Deus dará... Ia para a morte!

---

(1) Vieira de Castro: *Camillo Castello-Branco (Noticia da sua vida e obras)*, pag. 104.

(2) Officio do Visconde de Vinhaes, datado de Villa Pouca d'Aguiar, a 29 de janeiro de 1847, publicado no *Diario do Governo* de 6 de fevereiro d'esse anno.

(3) D. João d'Azevedo: *Os dous dias d'outubro,* pags. 56 e 57.

IV

A MORTE DE MAC-DONELL

Sim! Mac-Donell ia para a morte.

Quando os restos esfarrapados da sua guerrilha debandaram pelas serras, ao estrondear dos tiros, o escocez, com alguns fieis, dirigiu-se, como já fica dito, para Ribeira de Pena.

"Ahi por Sabroso — conta Manoel Negrão na carta "que escreveu a Camillo e este publicou na *Maria da* "*Fonte* — deparou-se-nos uma casa nobre bastante es-"paçosa onde nos acolhemos, os do quartel-gene-"ral."

Era a casa de D. Antonia Vicencia Ferreira Montalvão, em Pensalves, onde os guerrilheiros chegaram pelas oito horas da noite, sendo apresentados á dona da casa, que lhes fez servir ceia abundante, pelo Dr. Paulo Canavarro, da Freixeda. Ainda hoje talvez existam n'essa casa, segundo communicação interessantissima que devo a um obsequioso parente d'aquella senhora, uma gravata e um barrete que Mac-Donell lá deixou, na precipitação da partida. E não seria só a pressa que o fez abandonar aquelles objectos . . . Seriam tambem os fumos da aguardente

que em abundancia prelibou durante a noite, como refere Manoel Negrão, e pela manhã, ao almoço, segundo rezam as minhas informações. Que o general era um bebedo maior de marca, está provado a plena evidencia.

No dia seguinte, 30 de janeiro, pela neve que al-



Casa de Pensalves
(A cruz indica a janella do quarto onde dormiu o general Mac-Donell)

vejava, cobrindo montes, caminhos e corregos, a pobre caravana em desordem marchou em direcção á ponte de Cavez, emquanto que Mac-Donell, guiado pelos cabos de policia José Fernandes Parada e José Manoel da Costa, intimados por sua ordem para esse fim, mui mansa e socegadamente voltava á rectaguarda, em direcção a Villa Pouca d'Aguiar, com o fim – diz-se – de rehaver os valores, a caixa militar,

que na vespera ali abandonára! Acompanhavam-n'o os ajudantes d'ordens Antonio de Castro (Côvo), José Maria d'Abreu, Aguiar Carneiro, Ferraz, o meu parente e querido amigo Manoel Negrão e João Ferreira Rangel, o *escrivão-fidalgo,* irmão do poeta Francisco Ribeiro Pinto Rangel, que compoz e publicou, n'esse mesmo anno de 1847, um poema intitulado *D. Sebastião.*

D'aquelle irmão do poeta escreve Camillo Castello-Branco, a paginas 58 do volume II das *Noites de insomnia,* o seguinte:

"As pessoas do tempo de D. Miguel conheceram-o, "vivendo faustamente. Chamavam-lhe *escrivão-fidal-"go,* porque era escrivão e tratava-se á lei da nobreza. "Este homem conheci eu chefe de estado maior do "general realista Macdonell. Morreu briosamente, "em uma madrugada de janeiro de 1847, ao lado do "general, desfechando um par de pistolas de peder-"neira, cuja escorva a neve d'aquella noite humede-"cera."

Em vão tentaram os ajudantes d'ordens dissuadir o velho escocez da temeraria empreza de reëntrar em Villa Pouca d'Aguiar, occupada desde o dia antecedente pelas forças do visconde de Vinhaes. Teimou. Insistiram, os que o acompanhavam, nos conselhos ditados pela prudencia. Mac-Donell não lhes quiz dar ouvidos. Em vista do que, uns após outros, os ajudantes foram abandonando o louco perdido que assim se obstinava em caminhar cegamente para a morte! Alem dos guias, ficaram apenas com o general, Ferreira Rangel e Manoel Negrão. Desceram

todos, adeante de Rebordochão, ao caminho velho de Villa Pouca e seguiram n'essa direcção até alturas de Villameã.

De repente, n'uma dobra de terreno, a distancia de menos de tiro de pistola, surgem as avançadas do visconde de Vinhaes, que, prevenido de que Mac-Donell se dirigia para Ribeira de Pena, enviou a bater terreno um pequeno destacamento de cavallaria 7 e outro de caçadores 3, commandado, aquelle, pelo alferes — e não sargento, como diz Manoel Negrão na sua carta publicada na *Maria da Fonte* — José Antonio Lima Carmona, que a esse tempo contava trinta e um annos de edade. O destacamento de caçadores era commandado por um sargento, de appellido Silva, cuja pitoresca e *torta* alcunha não posso escrever aqui...

Manoel Negrão, avistando os soldados de Vinhaes, previne o general de que se acham cara a cara com o inimigo, estando as vedetas quasi a tocar-lhes. Em vez de retirar, Mac-Donell, acompanhado por Negrão e Ferreira Rangel, torce á direita, para o caminho do monte d'Alem do Rio, sobe pelo ribeiro de Rabo de Boi (1) e entra na pequena tapada do Ervedeiro, que ainda hoje existe na encosta do monte, a meia distancia entre Villa Pouca e as Pedras Salgadas, e que eu visitei quando percorri e observei demoradamente todos aquelles sitios tornados historicos, por terem sido o palco do covarde assassinio d'um homem que se rendia como prisioneiro de guerra.

---

(1) E não Rabo de Lobo, como escreve D. João d'Azevedo no seu livro *Os dous dias d'outubro*.

Ali, junto d'um medronheiro ou ervedeiro que então ensombrava o acanhado recinto (1), o general pôz pé em terra e desafivelou a espada, embrulhando-a no talim, como que prompto para a entregar a quem



Tapada do Ervedeiro, onde Mac-Donell e Ferreira Rangel foram assassinados

o aprisionasse, e, dizendo "que ia dar um passo que deveria salvar a causa d'El-Rei„, esperou que os soldados de Vinhaes se approximassem. Ao lado d'elle, firme, resoluto, decidido a tudo, Ferreira Rangel

(1) Foi esta arvore que deu o nome á tapada. Hoje ha ali dois medronheiros, filhos, de certo, do que foi testemunha da morte de Mac-Donell. Esses medronheiros avistam-se distinctamente da linha ferrea, no percurso de Villa Pouca d'Aguiar ás Pedras Salgadas.

aguardava o desenlace de tão desesperado lance. Manoel Negrão, consummado cavalleiro, despedido imperiosamente por Mac-Donell, metteu o seu cavallo, o "Rabicha„, direito á parede da tapada, que galgou d'um salto, partindo a galope, por entre a fuzilaria da soldadesca sitiante.

Entretanto, o piquete da cavallaria do visconde de Vinhaes envolvia Mac-Donell e Ferreira Rangel. O escocez pretende entregar a sua espada ao alferes Carmona, mas este abre-lhe a cabeça com uma vigorosa cutilada, clamando o general que não o matassem "porque era Mac-Donell„. Inutil e tardia exclamação! O velho militar ainda desfechou sobre os assassinos uma pistola e já não pôde desfechar a segunda, varado pelas costas pelo tal Silva que pelo *torto* sobrenome não perca... Em seguida, bestialmente, os selvagens enfurecidos trucidaram o moribundo, mutilaram-n'o, crivaram-n'o de golpes, na presença dos dois cabos de policia, mudos de espanto e transidos de pavôr. A dois passos, Ferreira Rangel, não podendo defender-se da malta que lhe fazia cêrco apertado, cahia morto, valorosamente, ao lado do seu general.

Depois seguiu-se o saque. Mac-Donell foi despojado do relogio, do cordão d'ouro e de basta somma de dinheiro em peças, que levava cosidas no fôrro do colete. Até do capote e do vestuario o despiram, assim como ao infeliz Ferreira Rangel (1)! O illustre jornalista Manoel Maria Rodri-

(1) A. A. Teixeira de Vasconcellos: *O prato d'arroz doce*, edição citada, tomo II, pags. 178 e 183.

gues, em correspondencia das Pedras Salgadas para *O Commercio do Porto,* datada de 25 d'agosto de 1884 e publicada no dia 27 d'esse mez, narrando a visita que fez aos logares onde o general morreu, escreve:

"O relogio e o capote que Mackdonalt *(sic)* tra-
"zia n'aquelle dia fatal, possue-os hoje um indivi-
"duo de Chaves.»

Era o Carmona, pelo que, na carta publicada no anno seguinte na *Maria da Fonte,* de Camillo, revelou Manoel Negrão, que assevera e affirma que elle *ficou arranjadinho* com o que tirou ao general (1). Ou seria o Silva—o... *torto?* Em Bragança, onde Carmona morreu, tinha este—rezam as minhas informações—um selim razo, trivial, e uma luneta, que elle dizia terem pertencido a Mac-Donell. O Silva, murmuram as más linguas que montou estabelecimento, em Chaves, com o dinheiro do desventurado escocez. Até os cabos de policia Parada e Costa, que tinham servido de guias aos guerrilheiros, levaram alguns objectos! Espolio de guerra... (2)

---

(1) Camillo Castello-Branco: *Maria da Fonte,* edição citada, pag. 259.

(2) Todas as informações são conformes e todas as testemunhas contestes: Mac-Donell foi assassinado dentro da pequena tapada do Ervedeiro, ou dos Ervedeiros. A opinião de quem queira dar o attentado covarde como praticado mais acima, n'uma pequena explanada já sobranceira ao Ribeiro do Muro, junto d'uma fraga que ali existe, não me parece

Em roupas brancas, retalhado de feridas, coberto de sangue, o cadaver de Mac-Donell – o brilhante general que em 1833 fôra commandante-chefe do exercito miguelista – atravessado sobre um cavallo, ao lado do de Ferreira Rangel, foi conduzido até ao sitio onde a estrada velha de Villa Pouca d'Aguiar encruzilha com o caminho de Villameã. Ahi, os miseros despojos dos dois guerrilheiros realistas foram collocados sobre um carro de bois, que tinha ido, quasi á força, de Rebordochão, sendo levados para

---

que possa fundamentar-se em base segura. O depoimento de qualquer camponio illetrado, que diga ter visto o triste acontecimento de longe ou de perto, não póde prevalecer ou ter algum valor ao lado do que escreveu Manoel Negrão, testemunha illustrada, presencial da tragedia e de boa e fiel memoria. Leia-se, a paginas 256, 257 e 258 da *Maria da Fonte*, de Camillo, primeira edição, o que aquelle meu patricio refere sem duvidas nem hesitações:

«Um pouco adiante demos logo de cara com as tropas. «O general soltou um só *god damn!* Metteu o cavallo á di- «reita por um como portal de uma tapada; eu e Rangel «mettemos apoz elle.»

E mais adeante:

«Os inimigos entraram pela quebrada da parede.» E ainda: —«Por entre dois tropas, larguei direito á parede que elle «(o seu cavallo, o *Rabicha*) transpoz d'um salto; os cães «apontaram-me dois tiros; mas aquella parede era-lhes uma «barreira insuperavel.»

Depois d'isto, não póde haver duvidas. A tradição local é verdadeira: Mac-Donell e o seu ajudante foram mortos dentro da pequena tapada do Ervedeiro.

esta aldeia, onde, depois de caridosamente cobertos por mãos piedosas com um lençol, ficaram, sobre o carro, talvez toda a noite, debaixo d'um arco de pedra que liga duas casas da povoação e ainda hoje existe.

No dia seguinte, lá foram os dois cadaveres para



CAPELLA DE SANTO AMARO, EM SABROSO,
ONDE FORAM SEPULTADOS MAC-DONELL E FERREIRA RANGEL

Sabroso, onde já estavam alguns officiaes do estado-maior do visconde de Vinhaes, sendo collocados no lado norte do adro da capella de Santo Amaro, que se ergue a meio do povoado e onde se faziam os en-

terramentos. O mulherio, em chôro e gritos, á vista dos defuntos mutilados, apostemados e listrados de sangue, lastimava e carpia os dois infelizes, o que valeu maus tratos da tropa a algumas das aldeãs mais condoídas.

Faltava decidir se os dois rebeldes deviam ou não ser sepultados em terra sagrada. Discutiu-se acaloradamente, até que o vigario da freguezia, chamado para resolver, aconselhou que se desse aos mortos sepultura benzida. Foram então abertas, dentro da capella, duas covas, uma a seguir á outra, sendo os cadaveres enterrados depois de rezadas as orações da Egreja e de lhes haverem sido prestadas as honras funebres militares. Como o general Mac-Donell era alto e grosso, e, morto havia dois dias, tinha os braços hirtos e retesados, foi necessario que o coveiro lhe saltasse sobre a arca do peito e com os pés calçados de solidos tamancos recalcasse o cadaver até este se amoldar á sua ultima jazida. Os braços, depois de rangerem com a violencia dos empuxões, cederam, por fim, e o desventurado general pôde ser então coberto de terra. Ferreira Rangel, como era magro, não offereceu tamanha resistencia ao ser descido ao coval. Esta informação foi-me dada por uma testemunha presencial do enterramento: um mendigo que então era rapazito e hoje conta perto de oitenta annos de edade.

Mac-Donell lá repousa para sempre na pobre ermida de Santo Amaro, em Sabroso. A sua campa é a segunda, ao lado esquerdo, quando se entra pela porta travessa. A terceira, no sentido longitudinal, é a do seu fiel e dedicado ajudante d'ordens João Ferreira Rangel, o *escrivão-fidalgo*, que o não quiz

abandonar em vida nem d'elle se separou na morte e lhe faz eterna companhia no frio chão de descanço da humilde capella trazmontana... (1)

*

* *

Com a morte de Reinaldo Mac-Donell, o movimento miguelista findou. Os que acompanhavam o general escocez foram reunir-se á guerrilha, em Ribeira de Pena, e esta seguiu de lá para Guimarães, onde se juntou ás tropas do brigadeiro Bernardino Coelho Soares de Moura, que já tinha adherido á *patuléa.*

No Porto, a Junta ainda luctou algum tempo, em nome da Nação e da Rainha. Lucta que era o estertor, o doloroso estrebuchar de pavida agonia... Ameaçada a cidade pelas tropas de Saldanha; vencido Sá da Bandeira na acção do Alto do Vizo; aprisionada a divisão do conde das Antas pelos inglezes da esquadra que bloqueava a barra do Douro; invadida a fronteira do Minho e de Traz-os-Montes pelas

---

(1) Sobre a morte de Mac-Donell leia-se o officio do governador civil de Villa Real, José Cabral Teixeira de Moraes, datado de 31 de janeiro, e o do visconde de Vinhaes, com data de 1 de fevereiro, publicados no *Diario do Governo* de 5 e 10 de fevereiro de 1847.

O general visconde de Vinhaes, ao ter conhecimento da covardia com que Mac-Donell foi assassinado, quando se entregava como prisioneiro, indignou-se, bramiu de colera: affirma-o ainda hoje um seu proximo parente. Que mais podia elle fazer, se já lhe não era possivel dar vida ao desgraçado!...

tropas hespanholas do general D. Manoel de la Concha, que depois foi marquez del Duero — á Junta só restava ceder. Cedeu.

A 3 de junho de 1847, o Porto era occupado pela divisão hespanhola e a Foz investida pelos marinheiros inglezes. Em fins d'esse mez, Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, o escriptor illustre, era incumbido pela Junta de redigir um projecto de convenio, que a 30 foi assignado pelo marquez de Loulé e general Cesar de Vasconcellos, depois conde de Torres Novas, pela Junta do Porto, general Concha, pela Hespanha, e coronel Wilde, pela Inglaterra. A assignatura da convenção realisou-se em Gramido, aquella ridente povoação que se remira na curva graciosa e pitoresca do Douro, pouco acima da ponte Maria Pia. Estava terminada, emfim, a guerra civil e com ella findos estavam os sobresaltos, os desassocegos, os sustos, as inquietações e a agitação tremenda em que o paiz, debatendo-se e luctando, vivera durante um largo periodo.

Ao tempo em que foi assignada a convenção de Gramido, Camillo Castello-Branco, o guerrilheiro miguelista, que fôra ajudante d'ordens do general Mac-Donell, recebendo as honras de cavalleiro de S. Miguel da Ala, era — segundo me diz, em carta, seu sobrinho e meu antigo collega, sr. conselheiro Antonio de Azevedo Castello-Branco — era . . . amanuense do governo civil de Villa Real!

CAPITULO II

Camillo na mocidade

O CÃO DO ROMANCISTA.
UM TIRO HISTORICO

Camillo Castello-Branco e meu pae tinham a mesma edade. Conviveram muito, no Porto, quando os vinte e dois annos lhes florejavam a vida e povoavam a alma de illusões e de sonhos. Foram amigos.

Dava gosto ouvir meu pae quando se punha a falar do romancista preclaro e a contar episodios interessantes em que o auctor do *Retrato de Ricardina* figurára como protogonista. Não houve mocidade mais cortada de aventuras e mais entrançada de peripecias. O proprio Camillo, escrevendo ao visconde de Ouguella, seu amigo de infancia, affirmava, referindo-se á sua vida: "Ainda não viste biographia mais atrapalhada . . .„

Na epoca já tão afastada a que me refiro, tinha o escriptor eminente a sua habitação na hospedaria da *Aguia d'Ouro,* que elle, na *Bohemia do espirito,* denomina "a matriarcha das estalagens portuenses„,

accrescentando, com saudade dolorida, ao referir-se a essa velha poisada de viandantes:

"Ainda conserva, com o cheiro das suas inaltera-
"veis costellêtas seculares, uns aromas primaveris da
"minha juventude.„

O seu quarto era o ponto de reunião dos rapazes elegantes e dos literatos da capital do Norte e dos concelhos circumvizinhos. Ali se encontrava meu pae, quasi diariamente, com Manoel Negrão, José Augusto Pinto de Magalhães, José Correia de Mello, Antonio Girão e muitos outros seus patricios e seus amigos.

No pobre quarto desguarnecido, alem do leito de nogueira, da meia-commoda de vinhatico e da poída mesa de pau santo, havia apenas tres velhas cadeiras, que não podiam dar fôfo assento a tantos visitantes. D'ahi resultava que a cama se volvia em amplo sofá e o bahú de coiro amarello, em que o romancista guardava as roupas do seu uso, servia de poltrona um pouco dura, mas com largueza e espaço bastantes para dois ou tres cavaqueadores.

Camillo sentava-se ás cavalleiras n'uma das tres cadeiras de cerdeira, collocando-se ás avessas, com o peito voltado para o espaldar, ao qual recostava os braços encruzados. Depois começava a conversa. Quem fazia uso quasi constante da palavra, com aquella graça tão espontanea, tão natural, tão sua, era o Mestre: a meu pae e aos outros ouvintes mal lhes sobrava o tempo para apertar as ilhargas nos raros intervallos do esfuziar das gargalhadas vibrantes e ruidosas. Foi, por certo, com o pensamento

posto n'estes seus amigos, e nos tempos da juventude alegre e descuidada, que, no capitulo com que fecha o seu livro *O cancioneiro alegre*, Camillo escreveu, referindo-se a si proprio:

— "No cerebro d'este sujeito nunca phosphoreou "pyrilampo de poesia bem medida. Não perpetrou "grandes delictos de romantismo impresso, porque "foi de uma roda de homens praticos, scepticos, des-"conhecidos da lua, mais amigos do theatro que das "florestas rumorosas, e mais dados ao ponche quei-"mado do que ao remugir das vagas e ás brisas fa-"gueiras do mar, do qual principalmente apreciavam "as ostras na *Aguia d'Ouro.*"

Contava meu pae — e eu já uma vez referi este caso authentico nas columnas d'um jornal que ahi tive, *O Liberal,* que soffreu dois assaltos e foi destruido... em nome da liberdade e do respeito pela propriedade alheia — que o grande escriptor, o homem *picado de genio e das bexigas,* como lhe chamou Guilherme d'Azevedo, muito affeiçoado aos cães, como Raphael Bordallo Pinheiro era affeiçoado aos gatos, possuia, a esse tempo, um nedio e anafado *terra-nova,* com o qual andava entretido n'uma experiencia interessante. Consistia ella em ver se um cão, tratado com fingida indifferença pelo dono, a este dedicaria, a despeito de um quasi desdem, fiel e cega amizade.

Para levar a cabo o seu estudo, Camillo não pôz nome ao cão, nunca o acarinhou com affecto ou lhe afagou ao de leve o pêllo macio e a cabeça intelligente; jámais lhe chegou á bocca um pedaço de pão

duro ou sequer o dessedentou com umas gotas de agua crystalina. Havia quem se occupasse do nobre animal e o fizesse andar gordo e luzidio, vigiando que nada lhe faltasse, mas o estylista brilhantissimo, comquanto muito estimasse o felpudo *terra-nova,* manifestava-lhe sempre extremo desinteresse.



CAMILLO NA MOCIDADE

Apesar d'isso, o cão era doido por Camillo: dormia atravessado á porta do seu quarto, acompanhava-o constantemente pelas ruas da cidade, e quando, a seguir a qualquer necessaria e passageira separação, tornava a ver o escriptor, tudo era saudal-o com latidos d'alegria e pular-lhe ao peito, com o fito de

lamber-lhe o rosto. Camillo sacudia-o de si duramente e com apparentes mostras de enfado, mas, satisfeito e envaidecido, fazia notar a meu pae e aos outros amigos a affeição que o cão lhe tinha, embora a não justificasse a frieza do tratamento que lhe dava.

Uma noite, o Mestre, depois de envergar a sua casaca, fechou cuidadosamente o cão no seu quarto e dirigiu-se, com os seus amigos, para o theatro de S. João, onde não ia por gostar de musica (1), mas

---

(1) O conego Senna Freitas, a paginas 50 e 51 do seu interessante e vernaculissimo livro *Perfil de Camillo Castello Branco,* refere que, estando com Camillo na Povoa de Varzim, no verão de 1876, combinou com elle irem, os dois, ouvir o notavel violoncellista Giuseppe Casella, que dava um concerto no salão do então chamado *Hotel d'Italia.* Foram e ficaram um ao pé do outro. Casella foi extraordinario, admiravel, prodigioso. O sr. Senna Freitas não tirava os olhos de Camillo.

«E elle mudo e impassivel. Até que afinal resolvi-me a in-«terrogal-o.

—«Então que lhe parece? Simplesmente magnifico, hein?

—«Eu, meu amigo—disse Camillo com um sangue-frio «britannico forrado de tedio comprimido—não gosto de mu-«sica.

—«Possivel!? Um espirito culto como o seu—respondi-lhe «—um romancista que tem percorrido com mão segurissima «todo o teclado das paixões humanas, da mais violenta á «mais dôce, não gostar de musica, a mais adequada traduc-«ção dos sentimentos humanos!

—«Pois é como lhe digo—retrucou; —faço só uma exce-«pção.

—«Qual?

—«Dou o beiço pelo... fado, gemidinho na guitarra.»

porque o lá chamava, talvez, uma d'aquellas pugnas homericas, em que elle, entre pateadas estrondeantes e applausos ruidosos, terçava armas pela cantora Belloni, contra os que eram paladinos enraivecidos da linda e esbelta Dabedeille; ou onde se entretinha a fazer horas para, findo o espectaculo, avançar para a Ribeira, com os seus companheiros de esturdia, todos armados de rijos varapaus, e ali recrearem-se a desafiar os lapuzes e a provocar os gallegos.

O *terra-nova,* saudoso do dono, pôde evadir-se quasi logo, não sei por que artes, do aposento que lhe servia de prisão; e como a distancia que separava a hospedaria da *Aguia d'Ouro* do theatro de S. João era curtissima – bastava atravessar em diagonal a praça da Batalha – e a passagem de Camillo fôra recente, o animal, fariscando e seguindo-lhe o rasto, foi dar á porta da platéa do lyrico, onde, em qualquer opera do repertorio, já o tenor, d'olhos em alvo, barregava afflictivamente, secundado pelos guinchos estridulosos da cantarina que lhe dava a deixa.

A porta da platéa fechára-se havia instantes. O cão, impaciente, não pôde entrar, mas como se abrisse n'esse momento uma frisa, que ia ser occupada por uma familia retardataria, o *terra-nova* tomou-a d'assalto, apoiou as mãos possantes no rebordo do camarote, mediu com os olhos os espectadores que o encaravam estupefactos, e, divisando o romancista, que, com os seus amigos, escutava attento a execução da partitura, saltou d'um pulo á platéa e foi deitar-se tranquillamente aos pés do dono, que affectou não dar por elle, nem ligar-lhe a mais leve importancia.

Quantas vezes ouvi contar a meu pae, que n'essa

noite se sentava n'um *fauteuil* do S. João, ao lado de Camillo, que este, tocando-lhe de leve no braço, lhe dissera, entre lisonjeado e enternecido pela proeza do seu *terra-nova:*

— Vês como o cão é meu amigo, apesar do nenhum amor com que o trato?...

E foi talvez por assim comprehender quanto os cães eram dignos de estima e os homens merecedores de repulsa, que o critico formidavel mais tarde escreveu no capitulo II das *Memorias do carcere* estas palavras dolorosas e amarissimas a que não se póde negar razão:

" ... eu tenho este grande aleijão de me affeiçoar "a aves e cães, e a toda a bicharia e a todas as feras, "comtanto que ellas sejam irracionaes. Eu faço esta "distincção em caracteres que diversificam dos da his- "toria natural. O facto exquisito de quatro pés ou "quatro mãos, com dois ou duas no ar, é distincção "que repugna á minha zoologia, e não faço obra por "ella, nem mediante ella escolho os meus amigos.

"Um dos meus amigos escolhidos era este cão, que "eu tenho aos pés. Todas as manhãs entrava elle na "cadeia, quando se abriam as portas, e saía esponta- "neamente ao toque da sineta. Nunca lá quiz per- "noitar. Era o instincto do seu pulmão, que o levava "a respirar de noite o ar puro, e a voltar no dia se- "guinte, quando a atmosphera circulava nos corre- "dores infectos da cadeia."

Pena foi que o auctor de tantos livros valiosos não tivesse escripto a *Historia dos cães*, como o academico François de Moncrif, historiographo de França

no tempo de Luiz XV, escreveu a *Historia dos gatos*. Se Camillo tem tracejado essa obra, ter-nos-hia com certeza legado um dos seus livros mais interessantes.

*

* *

Outro lance da irrequieta mocidade do Mestre, que muitas vezes ouvi referir a meu pae, foi aquelle do tiro de pistola que elle, em plena rua de Santo Antonio, no Porto, desfechou ao peito de Antonio de Sales de Sousa Guedes.

O caso foi assim: Em 1852, duas das mais importantes e consideradas familias do Porto travaram-se em rija demanda. A familia Constantino de Sousa Guedes e a familia Bulhão pleiteavam interesses que cada uma d'ellas, por seu lado, considerava legitimos. A baroneza do Bulhão, que pertencia á familia Constantino, intentou contra seu marido acção de separação de pessoa e bens, dando como fundamento injurias e maus tratos recebidos. O litigio assumiu proporções de vergonhoso e desfaçado escandalo, depois que escorreu das folhas veladas do processo judicial para as columnas publicas dos jornaes portuenses.

Camillo tomou partido pelo barão do Bulhão contra a baroneza e contra a familia Constantino, e, em artigos de inexcedivel truculencia, escriptos no *Nacional* e transcriptos no *Braz Tisana,* depois reunidos em livro a que deu o titulo *Revelações,* desancou violentissimamente, como elle o sabia fazer, os adversarios do seu amigo. Um d'esses, Antonio de Sales de Sousa Guedes, encontrando-se com o romancista

na rua de Santo Antonio, no dia 4 de dezembro de 1842 — um sabbado — dirigiu-se-lhe em attitude ameaçadora e agressiva, chegando a feril-o na cabeça. Camillo não se demorou em hesitações: puxou acto continuo de uma pistola e disparou-lh'a logo em pleno peito. A bala não pôde fazer no alvo estragos de maior, não só porque a arma era de pouca força, mas porque um farto casaco de pelles resguardava o corpo de Antonio de Sales de Sousa Guedes. O romancista imaginoso, quando depois referia aos seus amigos o deploravel incidente, affirmava e garantia que a bala da sua pistola não tinha penetrado nas carnes do seu contendor porque Antonio de Sales, cautelosamente, sob a roupa, abroquelava e protegia o peito com um solido colete de lata!...

O Nacional, em 6 de dezembro de 1852, noticiava assim o acontecimento, pela penna e com a assignatura do seu director Gonçalves Basto:

"No sabbado, pelas quatro horas da tarde, pouco "mais ou menos, foi o snr. Camillo Castello-Branco "abordado, na rua de Santo Antonio, por um indi-"viduo que não conhecia, o qual, depois de lhe per-"guntar o nome, descarregou-lhe um golpe na cabeça "com um martello d'um chicote, que lhe fez reben-"tar logo uma corrente de sangue! O aggredido pôde "ainda, atordoado, tirar do bolso uma pistola e des-"carregal-a sobre o aggressor. A bala deu-lhe no "peito, e se não fôra uma jaqueta e colete de pelles, "bem forradas, que impediram que ella varasse, tal-"vez o que pretendeu ser um assassino, estivesse "hoje na eternidade!

"Se o braço que descarregou o golpe na cabeça do

"snr. Camillo fôra mais robusto, aquelle snr. seria
"hoje um cadaver.

"O snr. governador civil testemunhou o drama; "foi elle que deu voz de presos aos snrs. Guedes, "que depois foram conduzidos para o Carmo, donde, "por ordem da mesma authoridade, foram soltos ás "10 horas da noute!„

O Jornal do povo referia o caso, pouco mais ou menos, nos mesmos termos, acrescentando apenas que á frente de Camillo sahiram, de dentro d'uma casa, Miguel Guedes e seu irmão Antonio de Sales de Sousa Guedes. Aqui tenho eu copia da carta que este, em 8 de dezembro d'aquelle anno, dirigiu ao *Nacional,* que a publicou a 10, narrando o incidente, que, por afortunado acaso, não deu sangue que chegasse a tingir de vermelho as revoltas aguas do Douro. Eis a carta, em que o Mestre é rudemente tratado:

"Sr. redactor do Nacional. — Tenho a exigir de V. "a publicação da seguinte declaração.

"Sr. redactor. — O acontecimento de sabbado foi "desfigurado nos jornaes, e nomeadamente no seu, "e por isso não devo deixal-o passar assim.

"Devo principiar por dizer que o objecto da minha "vinda ao Porto foi receber do ex.mo sr. barão do "Bulhão o saldo da minha conta ou pelo menos se-"gurança da divida. Tendo ido á loja do sr. Marian-"no, na rua de St.o Antonio, onde poucos minutos "me demorei, subia a rua, quando a pequena dis-"tancia de mim vejo um individuo tirar d'uma pis-"tola e apontar-m'a: mal conhecia o sr. Camillo

"Castello Branco, mas pelo facto de apontar-me uma "pistola, o reconheci, sabendo que elle na vespera, "passando a grande distancia de meu irmão Cons-"tantino Maximo, na Batalha, tirara para elle duas "pistolas a provocal-o.

"Vendo apontar uma pistola contra mim, e não "tendo com que defender-me, corri sobre elle a des-"armal-o com um cabo do chicote que eu trazia todo "de madeira; mas o sr. Camillo, dando um passo á "rectaguarda, disparou contra mim um tiro; perse-"gui-o, dando-lhe na cabeça com o cabo do chicote, "ferindo-o levemente; e como elle corresse muito "deixei-o e entrei numa loja a examinar o estrago do "tiro.

"A pontaria foi feita ao coração, desempenhando "assim o seu *mandato:* como eu trouxesse um casaco "de pelles, a bala, rompendo-o, não pôde penetrar "no peito, fazendo apenas uma forte contusão.

"Meu irmão Miguel Guedes, que vinha de casa do "sr. Moré, de comprar um pouco de papel que tra-"zia na mão, e se dirigia para casa, ouviu o tiro, e "vendo o assassino fugir com uma pistola na mão, "correu a segural-o, mas foi detido por alguem que "lhe deu a voz de preso para que o sr. Camillo po-"desse melhor fugir, como fugiu, levando comsigo "as pistolas.

"Tudo isto foi na presença do ex.mo sr. governa-"dor civil conde da Ponte, que por acaso passava por "alli, e que attestará a verdade do que deixo referido.

"Depois soube que na Aguia Douro *(sic)* havia "alguem annunciado horas antes que o sr. Camillo "hia esperar armado á praça de D. Pedro algum dos "meus manos, que alli costumavam hir passear; e o

"assassinato estava tão bem combinado e protegido
"por *alguem,* que dando ordem o ex.mo governador
"civil para ser immediatamente preso em flagrante o
"sr. Camillo, foi desobedecido e a sua fuga foi pro-
"tegida.

"No quartel do Carmo não tardou em comparecer
"o ex.mo sr. conde da Ponte, o seu secretario geral e
"o sr. Pires administrador do bairro; deo ordem para
"que fossemos ambos para casa debaixo de fiança
"até ulteriores averiguações.

"Na segunda feira de manhã o sr. Camillo obteve
"fiança comparecendo na policia correcional; o que
"tem sido extranhado porque se entendia que na ten-
"tativa de assassinato premeditado, com um tiro de
"bala disparado no peito á queima-roupa, não era
"caso de fiança.

"Devo accrescentar duas palavras ácerca do creado
"de meu irmão. E' falso que elle estivesse na occasião
"do conflicto: passado tempo, e voltando elle com a
"furagem d'um pequeno engenho do uzo de seu amo
"de picar tabaco de rollo, que fôra amular a um bar-
"beiro em frente do chafariz da Batalha, e estando
"muita gente na rua foi ver o que era, é falso que
"levasse faca na mão e menos que o sr. governador
"civil lh'a mandasse guardar. Dois dias depois foi
"preso porque assim era do plano combinado com
"alguem para melhor disfarçar o crime que se preme-
"ditava. E' falso que o dito creado estivesse preso em
"Chaves. Foi camarada do ex.mo sr. conde do Casal,
"e tambem do chefe de estado maior da divisão de
"Tras-os-Montes, o ex.mo sr. Serpa Pinto, d'onde
"veio para o serviço de meu irmão; tendo 18 annos
"de praça teve baixa por lhe pertencer. O ex.mo

"sr. general Ferreira (que?) o perguntou foi offi-"cialmente para Chaves, e na volta do correio tudo "isto será esclarecido e confundida a malvadez de "pessoas que urdiram este trama.

"Esta narração, que é veridica, comprovará a ini-"quidade das calumnias que se publicaram, e declaro "que não entrarei em ulteriores polemicas, calo im-"portantes particularidades que revelam o autor do "*mandato*.

"Porto 8 de Dezembro de 1852.

«*Antonio de Sales de Sousa Guedes.*»

Eis o que Antonio de Sales disse de sua justiça. Camillo Castello-Branco, a este respeito, apenas allegou em favor da sua o que consta da carta que segue, publicada no *Nacional* de 11 de dezembro:

"*Sr. redactor.* – As minhas lamentaveis contendas "com os snrs. Guedes não carecem do auxilio de V. "para serem publicas. Prometto poupal-o ao traba-"lho de falar de mim.

"Respondendo ao artigo que hontem li na sua fo-"lha, assignado pelo sr. Antonio Sales, reporto-me "ao meu depoimento, dado na policia criminal. In-"curso na lei, estou sugeito á deliberação d'um juiz. "Amo, quanto devo, a opinião publica; mas entendo "que não tenho necessidade de seduzil-a.

"11 de Dezembro de 1852.

«*Camillo Castello Branco.*»

Não sei qual foi o depoimento de Camillo na policia criminal do Porto. As investigações ali feitas nenhum resultado produziram, pois que dos processos de 1852 nada, infelizmente, existe. O que póde afoitamente affirmar-se é que, se a pistola de que o notabilissimo escriptor fez uso não fosse ordinaria e a bala não encontrasse, a embaraçar-lhe a trajectoria, um grosso casaco forrado de pelles, lá se ia de prompto para melhor vida Antonio de Sales de Sousa Guedes!...

*

* *

Camillo — dizia meu pae — physicamente, era fraco, mas o que lhe faltava em força sobejava-lhe em energia e coragem. Se os musculos e a pobreza das carnes não o ajudavam nas contendas e rixas em que tantas vezes se envolveu, a alma dava-lhe alentos para agredir e intrepidez para se defender. Já o affirmou Carlyle: "O mais valente é aquelle que tem menos medo." O romancista era valoroso e atrevido.

Na sua mocidade, foi elle o terror dos burguezes do Porto: ridiculisava-os em escriptos que eram lidos por entre gargalhadas estrondosas; espicaçava-os com as puas da sua critica mordente e acerada; fustigava-os impiedosamente, crivando-os de ironias aladas, de motejos flageladores, que os faziam estorcer de raiva, bramir de furor e espumar de colera. D'ahi, as sementes de inimizades que germinaram odios e rancores furibundos contra o censor implacavel, que varias vezes foi victima de agressões e de investidas. Era odiado, mas não temia os seus inimigos.

Recordo-me bem de meu pae me contar que o glorioso escriptor, quando presentia ou notava que alguem se lhe dirigia com intentos pouco pacificos, atalhava resolutamente o passo do adversario, e quem dava o primeiro murro ou a primeira bengalada era elle. Depois, em geral, não levava a melhor na briga, por vezes cruenta, cujas peripecias mais tarde contava alegremente aos seus amigos, não occultando noticia da pancadaria que o contundira, mas jactando-se de ter sido elle quem fôra o primeiro a dar.

— Se eu tivesse a força d'aquelle gallego!... — dizia um dia Camillo a meu pae, indicando-lhe um possante cidadão da Galliza, vergado ao peso não sei de que volumoso carrego.

E com pesar de não ter o vigor e a musculatura do espaduado gallego, ia preparando os pulsos franzinos para mais murraça e as costas de magrizela para nova tareia.

Mal imaginava elle então que, depois de ser victima de tanta injustiça, de tanta injuria e de tanta selvajaria, em vida, nem depois de morto seria poupado e lhe collocariam na casa onde nasceu, ali no largo do Carmo, uma pobre e feia lapide em que erradamente se indica e aponta como dia do seu nascimento aquelle em que foi levado á pia baptismal (1).

---

(1) Camillo nasceu em Lisboa, no predio que defronta com a egreja do *Santo Condestabre,* no dia 16 de março de 1825, e foi baptisado na egreja dos Martyres em 14 d'abril do mesmo anno.

Deve-se ao snr. Alberto Pimentel a publicação, no seu livro *O romance do romancista*, da certidão de edade do glorioso escriptor, que estava convencido de que nascera em

E depois de notado e verberado o erro grosseiro, n'elle teimosamente se persiste!

Infeliz Camillo!...

1826, como se vê pelas legendas que acompanham os seus retratos, na primeira edição do romance *Um homem de brios* e no drama *Espinhos e flores,* e como provam os seguintes periodos d'uma carta por elle dirigida, em 3 de setembro de 1886, ao conego Senna Freitas, por este inserta a paginas 148 e 149 do seu *Perfil de Camillo Castello Branco:*

«Não tenho 64 annos, como V. Ex.ª diz. Nasci em 16 de «março de 1826. Fui baptisado na egreja dos Martyres em Lis«boa.»

Foi o snr. Alberto Pimentel que o despersuadiu da convicção em que estava. Dil-o este illustre escriptor, a paginas 56 de *Os amores de Camillo:*

«Camillo erra muitas vezes as datas referentes á sua bio«graphia, porque julgava ter nascido em 1826. Fui eu que lhe «mostrei em Lisboa a certidão de idade, pela qual se conven«ceu de que nascera em 1825.»

A lapide do largo do Carmo informa falsamente que n'aquella casa nasceu, *a 14 d'abril de 1825,* o romancista Camillo Castello-Branco. A 14 d'abril foi elle baptisado, estando a completar um mez de existencia.

E' de pasmar que em pleno seculo xx, na capital d'um paiz da Europa, se commetta um erro de tal monta, que, se não merecesse viva censura só porque é erro, deveria receber castigo, e ser promptamente emendado, porque póde vir a suscitar duvidas, em futuro remoto, sobre a data do nascimento do nosso mais fecundo romancista. Alem d'isso, a lapide é mesquinha, despida de belleza e de arte, e foi collocada de fórma que não sobresae nem tem relevo. A esthetica nada encontra ali que aproveitar...

Camillo, quando a cidade de Guimarães ainda não tinha

alevantado á memoria de Affonso Henriques a bella estatua, cinzelada por Soares dos Reis, que hoje se admira em uma das praças da linda terra que foi berço da monarchia portugueza, dedicou uma das suas novellas do Minho — *A viuva do enforcado* — á memoria do nosso primeiro rei, e, na dedicatoria, entre outros periodos severos de censura á cidade ingrata, escreveu:

«Se eu fosse rico, ou sequer pedreiro, quem fazia o mo-
«numento d'Affonso era eu.»

Ah! não ser eu rico!... Se o fosse, ou ao menos alvenel, quem cinzelava, já não digo o monumento, que se não ergueu ainda, á memoria de Camillo, mas a lapide... sem erros, commemorativa do seu nascimento, era eu. Já isto escrevi e de novo o affirmo, afogueado de vergonha e dôr pela ingratidão da patria para com um dos seus filhos mais illustres!

CAPITULO III

Os duellos de Camillo

> Não denotavam sombra de torvação os combatentes.
>
> CAMILLO CASTELLO-BRANCO.
> *A doida do Candal* (Cap. XVIII).

DUELLO A RIR.—DUELLO A VALER

Entre tantas romanescas aventuras que acidentaram a vida irrequieta e agitada de Camillo Castello-Branco, um episodio houve que hoje é quasi desconhecido, para não dizer absolutamente ignorado, mesmo d'aquelles que mais fervoroso culto votam ao genio do grande escriptor. Refiro-me a um duello de que lhe resultou uma vigorosa espadeirada.

Que eu saiba, Camillo, que por toda a sua obra vastissima tantas notas minuciosas de autobiographia espargiu, só uma vez, e de fugida, se refere a esse lance da sua mocidade. *Et pour cause*...

O auctor da *Doida do Candal,* romance escripto a seguir ao duello em que Anthero de Quental, nos arredores do Porto, em 1865, feriu n'um pulso o sr. Ramalho Ortigão, por causa da polemica literaria denominada *A questão Coimbrã*—nem n'esse livro,

onde de um combate singular escorre uma sangoeira de fazer pavôr, põe a mais leve allusão á pendencia em que foi ferido. A unica referencia feita por Camillo a este quasi dramatico incidente lê-se, como adeante se verá, no setimo volume das *Noites de insomnia,* sob o titulo *Que saudade!*..., quando o romancista escreve sobre o duello simulado em que o seu adversario foi A. de Freitas Barros, que eu ainda conheci em Coimbra, desempenhando as funcções de secretario da administração do concelho.

N'este momento releio eu copia da noticia que d'esse entrudesco successo deu o *Periodico dos pobres*, no seu numero de 10 de maio de 1845. Todo o Porto riu com a picaresca scena de arremedilho, em tudo digna da musa faceta de D. João da Soledade Moraes, que por vezes acobertava, em literatura, a sua personalidade ecclesiastica sob o gordurento pseudonymo de Manoel Mendes Enxundia.

Eis o caso. Eram muito frequentes, por aquella epoca, na capital do Norte, os duellos entre gentes do tom. Por motivos d'uma futilidade quasi infantil, cruzavam-se e faiscavam ferros, ou trocavam-se e zuniam balas. Era de mais!... Camillo, então alumno da Escola Medica, ajustou com Freitas Barros, estudante da Escola Polytechnica, uma farça que encarvoiçasse de ridiculo os desafios, quasi semanaes, e os combatentes, algum tanto quixotescos.

Por uma inventada causa de ciumes, decidiram os dois bater-se em duello... de morte, á pistola, no campo da Torre da Marca. As condições eram apertadas, segundo affirmavam os novelleiros, que logo se encarregaram de espalhar a tetrica noticia por todas as ruas e congostas da cidade invicta. As horas

do encontro seriam as 4 da tarde d'esse dia 5 de maio de 1845.

Ocioso é dizer que todas as vias do Porto, com desembocadura na Torre da Marca, ali desaguaram torrentes de curiosos, que ardiam em ancias de espreitar o cruento e assanhado recontro.

A' hora aprazada, chegam os dois combatentes. Como?... Vae Camillo relatar a risonha entremezada, n'aquella sua prosa que não tem outra que se lhe assemelhe ou sequer de longe se lhe compare. Escreve elle, no volume das *Noites de insomnia*, que atraz citei:

"Eu vestia casaca preta de abas em triangulo isos-
"celes com a gola em promontorio, convexa, redonda
"e algum tanto sebacea. Na lapela esfarpellada alve-
"java uma camelia, symbolisando tenção amorosa á
"mingoa da charpa dos Amadis e Lancelotes, meus
"heroicos antecessores. Os collarinhos de papel al-
"maço embeiçavam com os arcos amarellos dos ocu-
"los. A gravata era britannicamente branca e absor-
"via-me o queixo de baixo na circumspecta gravidade
"dos desembargadores d'aquelle tempo. Recordo-me
"das luvas que eram de lã verde com um ante-braço
"que lhes dava uns longes de manoplas. Em uma das
"botas duvidosamente marialvas luzia o espigão de
"uma espora sem roseta. O chapéo de castor, derri-
"bado por gebadas *ad hoc,* desformára-se nas fórmas
"caprichosas de barretina de lanceiro. Se bem me
"lembro, o meu adversario Freitas Barros vestia o
"mesmo uniforme, tirante o chapéo que era de bicos,
"em arco, de alterosas badanas, um pouco desengon-
"çadas pelo attrito de meio seculo.»

Estava escripto que n'aquella tarde memoranda o sangue não correria pela encosta brava que em escarpa vae morrer ao Douro. O mais candido e simples dos dois regedores assistentes ao imminente conflicto, que ameaçava desandar em *tragedia,* prendeu os duellistas e, em meio de soldados, levou-os á presença do administrador do bairro, que se chamava fulano Mendanha e não pôde suster-se que não casquinasse um frouxo de riso quando viu, n'aquelle preparo, apparecerem-lhe os dois endemoninhados estudantes.

Camillo, a quem o administrador "interrompia com espirros de riso assás funestos aos golfos da eloquencia de quem quer que seja„, discursou, fustigando o duello e preconisando o ridiculo como sendo o castigo mais efficaz para a punição de tal delicto. Mendanha não resistiu aos esguichos rhetoricos do futuro auctor do *Euzebio Macario:* deu-lhe liberdade, bem como ao fingido antagonista, e os dois lá foram, de folgança, papar uma boa e saborosa merenda a uma locanda da Praça Nova.

Por muitos dias, as gargalhadas esfuziaram pelas ruas e pelos largos do Porto, sempre que entrava em conversa ou vinha á baila aquella scena de pura *farça de folgar,* como tantas de Gil Vicente.

*

* *

Voltemos agora a pagina e da comedia passemos ao drama...

O solitario de S. Miguel de Seide, no volume já

mencionado das *Noites de insomnia,* ao rematar a noticia do duello simulado de que acabo de ser canhestro e desageitado chronista, escreve:

"Eu não me considerei então ridiculo a despeito "da hilaridade das multidões. Ridiculo me vi eu dez "annos depois, quando sahia de um duello com uma "cutilada; e, olhando para ella, me acudia á memoria "o meu discurso ao administrador Mendanha.

. . . .

"Mas... que saudades!...»

Sempre que eu lia estes periodos sybilinos, adubados com tantas reticencias, quedava-me a pensar nos encapotados dizeres do Mestre, e tudo era perguntar a mim proprio que duello teria sido este, a valer e com sangue derramado. Não sabia responder á interrogação fremente que deante da minha curiosidade se alevantava. Por vezes tinha eu ouvido contar a meu pae, que muito convivera no Porto com o romancista emerito e d'elle fôra companheiro e amigo — como escrevi no anterior capitulo d'este livro — que, por questões particulares, sempre que o romancista se encontrava, fosse onde fosse, com um *dandy* portuense d'esses tempos longinquos, Ricardo Browne, com quem aliás mantivera relações cordeaes, a pancadaria era certa. Vagamente ouvira eu falar n'um duello, entre os dois, mas alem d'isto nada mais sabia. E afadigava-me em conjecturas.

Hoje, porém, depois de ponderadas investigações a que me dei, já posso levantar ao de leve a dobra do veu que encobre este occulto incidente da ardente e turbulenta mocidade de Camillo. A esse in-

cidente fez elle referencia, dando-me assim ensejo a que, sem merecer reparos, d'elle trace, em escorço, a exacta noticia. Todas as pessoas que figuraram no drama estão mortas: é, pois, historia que faço, e para a historia não ha rebuços nem podem existir segredos.

D. Maria da Felicidade do Couto Browne — que nasceu em 10 de janeiro de 1800 e morreu no Porto a 8 ou 9 de novembro de 1861 — casada com o negociante de vinhos da capital do Norte, Manoel de Clamouse Browne, dava-se de perto com as musas, poetando com facilidade. Escreveu varios livros de poesias, entre os quaes um, intitulado *Soror Dolores*, sendo erro — como vi na *Revista peninsular* e no *Diccionario* de Innocencio Francisco da Silva — dizer-se que aquelle titulo do livro foi apenas pseudonymo de que a poetisa usou (1). Possuidora de avultada fortuna, rica tambem de talento, vivendo no Porto n'uma epoca brilhante, em que as letras tinham

---

(1) A paginas 83 do seu livro *Notas bibliographicas dos Villarinhos de S. Romão e dos Clamowse Browne*, Julio Ferreira Girão, neto de D. Maria da Felicidade do Couto Browne, escreve, em nota, que não lhe consta que sua avó usasse o pseudonymo de *Soror Dolores*.

Soror Dolores — assegura Julio Girão — é apenas o titulo «d'um livro de poesias impresso em 1850 no Porto e não pseudonymo».

E' equivoco. Aquelle titulo do livro tambem foi pseudonymo da poetisa. Na *Miscellanea poetica* — Porto — 1851 — numeros 2, 4 e 20, lêem-se poesias com a assignatura de *Soror Dolores*, vendo-se pelo respectivo indice que a sua auctora era D. Maria da Felicidade do Couto Browne.

esmerados cultores da envergadura de Camillo Castello-Branco, Arnaldo Gama, Soares de Passos, Coelho Louzada, Ricardo Guimarães, Faustino Xavier de Novaes, deu-se ella com fervor á poesia e abriu nos seus salões, engalanados com opulencia e com arte, uma especie de cenaculo literario em que refulgiram os astros de maior grandeza da intellectualidade portuense. D. Maria da Felicidade dava o exemplo, compondo e publicando versos, quer em livro, quer na *Miscellanea poetica,* semanario que em 1851 se imprimia no Porto e foi collaborado por tantos poetas dos dois sexos, alguns de valor e renome.

Ao numero 10 d'esse semanario, com data de 6 de março de 1851, vou arrancar algumas estrophes, que, apesar de não terem a assignatura de D. Maria da Felicidade do Couto Browne, pelo indice respectivo se verifica e reconhece que são producção sua. Eil-as:

Silencio!

Esse ecco que se ouvia
Gemer na melancolia,
Dolorosa inspiração,
Para sempre emmudeceu;
Que a mágoa, que voz lhe deu,
Fechou-se no coração!

Dias d'amor, e ventura,
Dos evos á sepultura
Nunca mais irá chorar
Em saudosa melodia,
Como o cysne n'agonia,
Quando a vida vae deixar.

. . . .

O vate da primavera,
Mago abril, que em tudo gera
Encantadora harmonia,
Já nem brando som lhe extrai;
Fugitivo como um ai,
De lembranças d'algum dia.

. . . .

Dôce luz, sentimental,
Que em redoma de crystal,
Entre os véos da noite escura
O anjo d'amor accende,
Não lhe inspira, nem desprende
Um suspiro de ternura.

Era o ecco de saudade
De sonhada f'licidade...
Que sonhada só podia
Em mortal peito caber...
Emmudeceu-a o dever,
O dever... a tyrannia!

Eis o que sei e ao leitor posso dizer de D. Maria da Felicidade do Couto Browne.

Junto d'essa senhora de intelligencia viva, de espirito romantico e imaginação exaltada, houve, ao que parece, assiduidades de Camillo Castello-Branco. Dedicou-lhe elle a primeira edição do seu drama *O marquez de Torres Novas*, publicado no Porto em 1849, e no jornal *O Nacional*, de 19 de maio d'esse mesmo anno, escreveu, em folhetim, uma poesia intitulada *Carlos Alberto* (No album da Ex.ma Snr.a D. Maria Felicidade de Couto Browne). Não sei se, em seguida, Camillo compoz versos e depois pronunciou phrases que ás pessoas mais chegadas á illustre escriptora não agradaram. Não sei.

Como quer que fosse, todos estes factos deram

azo a commentarios e foram sabidos pelo filho d'aquella senhora, Ricardo Browne, moço de refinada elegancia, alto, de farto bigode e pequenas suissas, sempre apurado e correctissimo no trajar, sempre bem posto a guiar com distincção o seu *tilbury*. Se, em vez de Ricardo, elle se chamasse Petronio, e, a esse tempo, houvesse no Porto um Tacito, este com certeza o denominaria, como fez ao que foi victima da ferocidade estupida de Nero — "o arbitro das elegancias". Quem dava a nota do esmero, do bom tom, da gentileza, era elle, como era ainda elle o modelo dos janotas e dos *dandys* portuenses. E assim se conservou até morrer, d'um aneurisma, na Foz do Douro.

Em volta do seu nome quasi se formára uma atmosphera de lenda. Era musico e poeta, dispondo d'um verdadeiro temperamento de artista. Na pavorosa noite de 29 de março de 1852, acompanhado pelo dr. Antonio Ribeiro da Costa e Almeida, afrontára, dentro d'um barquito, o mar embravecido, tentando salvar os naufragos do vapor *Porto* — temeridade que lhe valera o habito da Torre e Espada. Muito dado a viagens, percorreu a Europa, foi ao Egypto, esteve na Turquia, visitou os Logares Santos, e até havia quem dissesse — exagero, por certo — que, em 1854, attrahido pelo fragor da guerra da Crimea, se alistára na brigada de lord Cardigan (1)

---

(1) No *Diario de Noticias* de 19 de setembro de 1913, na sua interessante secção *Ha quarenta annos*, lê-se a seguinte curiosa informação:

«CONSORCIO. — No *Globe* lê-se: — Hontem (quinta feira), «ás 11 1/2 da manhã, em French Chapel, King-streets, Por-

e tomára parte, contra os Russos, na celebre carga de cavallaria de Balaklava, ordenada por lord Raglan (1). As festas com que, a cada passo, deslumbrava os seus convidados, pompeando sumptuosidades na linda casa que habitava em Villa Nova de

---

«tman-Square, solemnisou-se o casamento de Antonio Ma-«nuel, conde de Lencastre, enviado extraordinario de sua «magestade el-rei de Portugal e sobrinho de s. ex.ª o mare-«chal duque de Saldanha, com Adeline Louise Marie, con-«dessa de Cardigan, filha do fallecido mr. Spencer e de lady «Louise d'Horsey, e viuva do tenente general conde de Car-«digan, fallecido em 28 de março de 1868. A apresentação da «noiva foi feita por seu irmão coronel de Horsey, dos gra-«nadeiros da guarda, e por seu tio o almirante Roses, que «assistiu á cerimonia. O conde de Lencastre era acompa-«nhado por seus tios o duque e duqueza de Saldanha. Ter-«minada a cerimonia foi servido um almoço no palacio da «condessa, em Portman-Square. O conde e a condessa larga-«rão no comboio das 3 para Deen-park, Northamptonshire.»

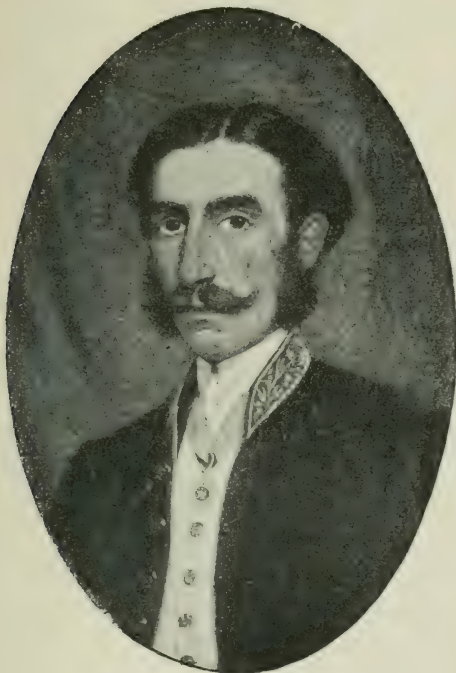
(1) Julio Girão, sobrinho de Ricardo Browne, a paginas 93 do livro que já citei — *Notas bibliographicas dos Villarinhos de S. Romão e dos Clamowse Browne*, escreve, com referencia a seu tio Ricardo:

«Volta á Turquia, onde andava accesa a guerra provocada «pela questão das chaves do Santo Sepulchro; assiste á cele-«bre carga de Balaklava em que se cobriu de gloria lord «Cardigan, e encontra-se com o irmão, que não resistira a «deixar os prazeres de Stamboul para seguir o seu antigo «regimento aos perigos da campanha.»

Parece, pois, que seu irmão, Manoel Browne, que fôra *patuléa* militante e depois ministro de Portugal em Constantinopla, carregou os Russos, com o seu antigo regimento, em Balaklava, e Ricardo Browne assistiu a esse brilhante e temerario feito d'armas, sem n'elle intervir.

Gaya, deixaram, por muito tempo, entre a boa sociedade do Norte, fama de luxo e de bom gosto.

Era, no Porto, uma figura de brilho e de relevo.



RICARDO BROWNE

No coração pundonoroso de Ricardo Browne referveram coleras e espumaram iras contra o escriptor ousado e ruidoso, pesadelo do burguez portuense, que se atrevêra a pôr sua mãe em foco. D'ahi, as repetidas scenas de bordoada em que os dois en-

carniçadamente se envolviam. Uma d'ellas — se nitidamente recordo o que narrava meu pae — teve nomeada. Foi n'um café: talvez no *Guichard* ou no *Aguia d'Ouro,* onde Camillo, abancado a uma pequena mesa, tranquillamente conversava. Ricardo Browne entrou, e, sem mais avisos, despediu sobre o seu inimigo tão basto chuveiro de bengaladas e murros, a que este respondia com afoiteza e coragem, que a mesa tombou e a grita e o reboliço attingiram verdadeiras proporções de escandalo.

Não podia prolongar-se uma situação assim tensa e violenta. Um dia do anno de 1855 — pelo que assevera o Mestre no trecho de que fiz traslado — os dois irreconciliaveis adversarios bateram-se em duello. Realisou-se este na Afurada, aquella tão pitoresca e risonha praia do concelho de Villa Nova de Gaya, onde alvejam as casitas alegres dos pescadores, docemente embaladas pelo inquieto marulhar das aguas do rio Douro.

Camillo não conhecia o jogo da espada, que foi a arma escolhida. Ricardo Browne, talvez pela consciencia que tinha da sua superioridade, amolgou de encontro a uma pedra a ponta do seu ferro, e o duello foi mais uma briga de grossa e rija pancada do que um floretear de laminas, elegante e airoso, em esgrima regular. Por fim, o eximio prosador foi attingido em uma perna com uma cutilada. Não deve ter sido golpe de grande monta, porque o ferido exclamou logo, corajosamente:

— Isto cura-se depressa, e depois quero bater-me outra vez.

— Eu, por mim, declaro-me satisfeito — replicou

Ricardo Browne. — O combate não póde repetir-se porque vou viajar pelo estrangeiro.

E foi.

Camillo, pelo que escreveu nas *Noites de insomnia,* viu-se então ridiculo, e, olhando para a catanada da perna, rememorou com saudade o seu discurso ao administrador Mendanha, dez annos antes, quando um duello menos sangrento o pôz na presença d'aquelle a quem mais tarde alcunhou de *jovialissimo* magistrado.

*

* *

Quem apadrinhou, no desafio, os dois valorosos contendores?

No dia 1 de junho de 1913, publicou *O Leme,* quinzenario fundado pelo visconde de S. Miguel de Seide e depois redigido por seu filho, sr. Nuno Placido Castello-Branco, um interessante numero especial, commemorativo da morte do genial escriptor, que em egual dia do anno de 1890 pôz termo ao seu padecer sem treguas. Lê-se ahi um pequeno artigo, assignado pelo sr. Sebastião de Carvalho, em que vem transcripta uma referencia de D. Anna Placido a um *duello fatal* de Camillo. E' esta:

"Que pensarás neste momento? Offerecer-se-ha
"á tua memoria alguma vez uma lembrança minha?
"Neste momento passa uma sege pela rua e eu sem
"a vêr oiço-a rodar e involuntariamente me acodes
"ao espirito. Recordei-me d'aquelle dia em que aqui
"passaste n'uma com o R. G. e o F. S. — lembras-te?

"Então tinhas tu desejos de me vêr... Foi na vés-
"pera do dia em que correu o *boato* d'aquelle fatal
"*duello* que tantas angustias me causou...„

Mais nada.

O sr. Sebastião de Carvalho, por equivoco, affirma que D. Anna Placido quiz alludir ao duello simulado, que esteve a ponto de transformar o largo da Torre Marca n'um profundo oceano de sangue...

Não póde ser. Esse episodio data de 1845, quando Camillo ainda era estudante. N'essa epoca, a que depois foi esposa do romancista insigne mal entrava na puberdade. Só volvidos alguns annos veio a conhecer e a amar o auctor do *Santo da montanha*. A annotação que transcrevi, visa, sem a menor duvida, o duello de Camillo Castello-Branco com Ricardo Browne. Este, sim, podia causar a D. Anna Placido sustos, apprehensões, receios, e ser-lhe motivo de afflicções e angustias. O outro não, que esse foi estreme travessura de estudantes endiabrados.

Reveste-se, porém, de valor a apostilla de D. Anna Placido. Aponta ella, assignaladas por mysteriosas iniciaes, duas pessoas que acompanhavam Camillo na vespera do duello em que este foi ferido. Eram, certamente, as testemunhas do Mestre. Quanto á primeira, R. G., cuido não avoejar por longe da verdade, affirmando que seria Ricardo Guimarães, o escriptor illustre que depois foi visconde de Benalcanfôr, e era amigo intimo do grande romancista e seu companheiro d'hotel no anno em que se effe-

ctuou o recontro, como se lê a pagina 75 do volume VIII das *Noites de insomnia,* onde Camillo, apreciando um livro do notavel folhetinista, escreve:

"Era meu companheiro de hotel (que hotel, ó Ri-"cardo!) em 1855„.

A outra testemunha — se o era — indicada pelas iniciaes F. S., seria Francisco Martins Sarmento, o archeologo eminente, que explorou com tanto proveito para a sciencia e desproveito para si a Citania de Briteiros? Hesito na affirmativa, tanto mais que elle era geralmente conhecido por Francisco Martins e não por Francisco Sarmento. Seria Freitas Soares — Bento de Freitas Soares —, de Villa do Conde, antigo governador civil do Porto e deputado, politico regenerador de preponderancia e amigo dedicado de Camillo? — E' possivel, mas nenhuma prova tenho que me corte todas as duvidas.

Antonio Girão, poeta, bohemio, intimo amigo e companheiro de Camillo em rapaziadas e esturdias, que com elle e com o folhetinista Evaristo Basto e o visconde de Benalcanfôr, ia, em dias certos, por aquelle tempo, jantar no Reimão, "na taberna de um maneta que levou d'este mundo o segredo da boa pescada com cebolas„ — como se lê no *Cancioneiro alegre* — tambem poderia ter sido uma das testemunhas do romancista. Foi?...

Dos padrinhos de Ricardo Browne nada sei. N'aquelles tempos remotos, os duellos travavam-se á capucha, sem barulho, sem espalhafato, sem annuncios prévios nas gazetas, e depois sem actas publicadas, que aos posteros dessem noticia de todas as

phases do prelio e de todos os figurantes na tragicomedia.

Melhor era assim...

Percorri os jornaes portuenses de 1855: *O Nacional*, o *Braz Tisana*, o *Periodico dos pobres*, o *Ecco popular*, o *Jornal do povo*: em nenhum d'elles encontrei sombras de referencia a este duello celebre. Interroguei o meu amigo sr. Bazilio Castel-Branco, que me fôra indicado como tendo sido um dos padrinhos do afamado janota portuense. Respondeu que me tinham dado uma informação inexacta: estava no Porto, quando se travou o duello, mas nem foi padrinho do seu amigo Ricardo Browne, nem se recordava já, tão longe ia esse episodio e tão falho de memoria se via na algidez dos seus oitenta annos, d'aquelles que, como testemunhas, n'elle intervieram. A mesma resposta me deu o illustre escriptor, sr. Ramalho Ortigão. Tive de desistir, a meu grande pesar, de mais indagações.

Pois, senhores, não houve na emmaranhada vida do maior romancista portuguez revez que não lh'a atribulasse! Até um duello, com sangue rubro a espadanar!...

CAPITULO IV

Um amigo de Camillo

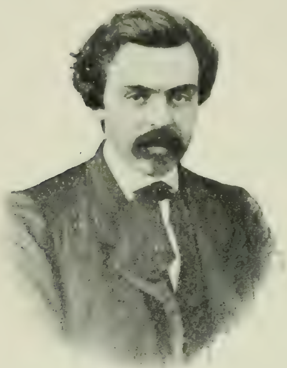
Manoel Negrão

No grupo não muito numeroso de amigos que acompanharam Camillo Castello-Branco nos agitados dias da sua irrequieta e ardente mocidade, um havia que se destacava pela gentileza do porte, pela afabilidade de maneiras, pela firmeza de caracter, pelo aprumo, distincção e lhaneza de verdadeiro fidalgo. Era o meu saudoso amigo Manoel Nicolau Osorio Pereira Negrão.

De estatura meã, testa alta, olhos rasgados, em que havia sempre uma encantadora expressão de suavidade e de meiguice, foi elle um gentilissimo rapaz, de rijo pulso e dura perna de vigoroso e excellente cavalleiro. Physicamente, era isto. Moralmente, quem o conheceu sabe dizer que possuia uma alma nobre e leal, que se distinguia pelo brio, pela franqueza, pela generosidade, e que era amigo como só o sabem ser os que são dotados d'um elevado e primoroso espirito d'*élite*.

De intelligencia viva, de illustração pouco vulgar,

conversador eximio, scintillante de graça, era agradabilissimo ouvil-o discretear sobre qualquer assumpto de que a sua attenção se enamorasse. Dispondo de um grande poder de synthese, falava em phrases curtas, entrecortadas, resumidas, não sendo exagero dizer-se que cada uma d'ellas valia por um discurso de largo folego.



Manoel Negrão
(Aos 30 annos)

Muito surdo. Elle proprio me contou que contrahira a surdez, que tão impertinente lhe era, no tempo da sua mocidade aventurosa, quando voluntariamente occupou o seu posto nas hostes guerrilheiras do general miguelista Reinaldo Mac-Donell, e teve de dormir ao relento, no Marão, por uma noite de feio inverno, coberto apenas com o seu amplo capote de cavalleiro: de madrugada, enregelado, acordou com o ouvido direito atafulhado de neve. D'ahi lhe resultou a surdez arreliadora que o atormentou toda a vida. O que elle passou n'aquellas fragosas serranias de Traz-os-Montes, n'esses dias de continuas luctas, vivendo sempre em sobresalto, dormindo debaixo de orvalhadas frigidissimas, vendo a morte surgir-lhe de cada recanto! . . .

Ninguem como elle montava e reprimia um cavallo fogoso e rebellão. Aprumado na sélla, airoso e elegante, deixava que o animal se expandisse em curvetas arriscadas e galões perigosos, para se dar ao prazer e á vaidade de o subjugar e conter. Possuiu Manoel Negrão uma égua, côr de sôpa de leite, nervosa, fina, cheia de fogo e de braveza, sobre a qual elle teimava em passar á borda de precipicios medonhos, que os ha de fazer pavôr n'aquellas empinadas ladeiras de Riba-Douro. Pois quando alguma pessoa amiga lhe reprovava a imprudencia inutil e o arrojo escusado, quando alguem carinhosamente lhe ralhava por assim se aventurar pela aresta de despenhadeiros e barrancos, o meu amigo e parente respondia, sereno e imperturbavel:

– Deixa!... A égua não quer cahir. Por isso tambem não caio.

E lá ia, despreoccupado e alegre, indifferente ao perigo, sem pensar um só instante na possibilidade de resvalar por aquelles alcantis pedregosos, no fundo dos quaes, se lá cahisse, quasi certo era encontrar a morte.

Nunca receou violencias de intemperies nem ardencias de sol esbrazeado. Seguindo aquelle preceito escripto algures por Michelet: "De todas as flôres, a que mais necessita de sol é a flôr humana„, Manoel Negrão precisava de sol, adorava o sol, dava-se bem com elle, como bem se dava com a natureza, que muito amava e nada temia.

Bondoso, lhano, sincero, modesto, extremoso pela familia, sendo estimado deveras por todos os que de perto o conheciam, Manoel Negrão era o typo do lidimo fidalgo *sans peur et sans reproche.* E fidalgo

era, na verdade, e da mais illustre linhagem. Seu pae foi o desembargador Antonio Xavier Osorio Pereira Negrão e sua mãe a senhora D. Maria Lina de Sousa Lobato, filha do segundo visconde de Magé, que desempenhou as funcções de Guarda-Roupa d'El-Rei D. João VI, e era senhor de S. João de Rei e alcaide-mór de Castello de Vide. Foi seu avô paterno o desembargador do Paço e chanceller-mór do reino Manoel Nicolau Esteves Negrão, que, com Antonio Diniz da Cruz e Silva, o auctor do *Hyssope,* fundou em 1756 a Arcadia Ulyssiponense, onde teve o cognome de *Almeno Sincero.*

Manoel Negrão tinha por este seu antepassado aquella veneração e aquelle respeito que bem merecia uma tão nobre figura de sabio. Quando d'elle falava, era sempre com ternura, sempre com o acatamento e a reverencia de quem muito o considerava; mas não sem que se lhe notassem por vezes nas palavras affectuosas uns laivos de fundo desgosto, cujo motivo Manoel Negrão, baixando a voz, revelava:

— Familiar do Santo Officio!...

E nunca perdoou ao avô, a quem tanto e tão da alma queria, a pecha de ter servido a Inquisição (1).

---

(1) Em 1808, uma deputação portugueza foi a Bayonna, onde então estava Napoleão I, que a recebeu. Essa deputação expediu, de lá, em 27 d'abril d'esse anno, uma carta ou proclamação aos portuguezes.

O general Junot, que então occupava Lisboa, ordenou que na Junta dos tres Estados se reunissem os deputados de todas as ordens civis, para expressarem o voto geral da nação,

*

* *

Recordo-me bem!

Quinze dias antes da sua morte, Manoel Negrão transpoz, a cavallo, debaixo d'um sol de escaldar, os seis ou sete kilometros que separam a sua casa-solar do Mosteirô d'aquella onde eu nasci. Quem sabe se, presentindo o seu desapparecimento, não pôde resistir ao doce impulso de se ir despedir dos meus e de mim...

Foi. Conversámos muito. Não se calcula o prazer espiritual que dava a encantadora convivencia de Manoel Negrão. Estou a vêl-o e a ouvil-o contar-me, n'esse dia — o ultimo em que o abracei — como travára conhecimento, na sua mocidade, com Camillo Castello Branco, no Porto, no café da *Aguia d'Ouro*, então um dos centros de maledicencia e de reunião dos literatos e rapazes elegantes da capital do Norte. Camillo, feiissimo, picado das bexigas, de bigode hirsuto, trajando d'uma fórma extravagante e original — casaca azul com botões amarellos, chapeu de aba direita, com o peito cruzado de cordões e fitas de seda, uns para a luneta, outras para o relogio, e um annel sempre a reluzir no dedo indicador da mão direita — conversava com a viveza e a graça que

em consequencia do que a deputação havia communicado n'aquella sua carta. Para esta conferencia secreta foram nomeados pela ordem da magistratura: o desembargador Manoel Nicolau Esteves Negrão, chanceller-mór do reino, e Lucas Seabra da Silva. (Vid. Doc. n.º 8, appenso ao romance *A casa dos fantasmas*, de L. A. Rebello da Silva.)

em tantos dos seus livros se denunciam. O Mestre cheirava rapé, e era seu habito poisar a caixa das pitadas sobre a mesa a que se apoiava, e brincar com a tabaqueira, imprimindo-lhe constantemente, com os dedos, um forte impulso de rotação. Em volta do romancista, esfuziavam as gargalhadas. As despezas da cavaqueira quem as fazia era elle.

— Encantador!...— rematou Manoel Negrão, n'aquella sua voz arrastada, em que n'esse momento havia tons de dolorida saudade pelo amigo tão tragicamente morto.

Depois, referiu-me varios episodios alegres da sua vida de rapaz, em que figurou o primoroso estylista, o desventurado solitario de S. Miguel de Seide; contou-me que este, durante alguns annos, teve cavallo seu, em que usava passear pelas ruas do Porto; falou-me da grande estima em que o auctor de *O bem e o mal* tinha os cães, sendo frequente vel-o seguido por um anafado e luzidio *terra-nova;* e concluiu:

— Se eu vivesse de perto com Camillo, nos ultimos annos da sua vida, elle não se teria suicidado.

Para se ver como Negrão estimava Camillo Castello-Branco, reproduzo aqui, copiando-a do numero 25 do quinzenario *O Leme,* que foi redigido pelo sr. Nuno Placido Castello-Branco, neto do distinctissimo romancista, a carta que segue:

"Meu Camillo

"Hontem, dia de Pascoa, recebi a tua estimadis-"sima carta. Foi ella a minha Festa, vinha-me de ti, "era uma carta tua. Tu estás por tal modo ligado ás

"vicissitudes da minha vida de rapaz, que não ha "hora em que eu não te encontre nas minhas re-"cordações, nas minhas saudades, no meu coração. "Obrigado por ella.

"Eu continúo na posse da minha bestial saude! "Quem me dera repartil-a comtigo!... E repartia, "crê que repartia; assim os fados nos approximas-"sem, que tu havias viver um pouco á minha moda, "isto é, conservar e reparar!

"Ora pois, vai pela medicina, mas sem exagêros!

"Eu estou muito occupado com estas labutações "de vessadas e outros serviços urgentes; logo que "possa ahi salto, que eu ardo no desejo de vos tor-"nar a vêr. Venha pois o teu desejado livro, é mais "uma coisa a fallar-me de ti.

"O teu bello retrato tenho-o eu pendurado na "parede nua do meu quarto fronteira á cama, "que já a minha velha criada perguntou que san-"tinho seria aquelle que tanto da minha devoção "era.

"A' Ex.ma D. Anna e ao Jorge o meu respeitoso e "entranhado affecto.

"A ti abraça-te de todo o peito o teu

«*Manoel Negrão.*

"Mosteirô, 6, 4, 85.

"Não quererás lagrimas d'aqui?„

Uma vez, Manoel Negrão, em companhia d'outro meu patricio, o infeliz José Augusto Pinto de Magalhães -- cuja vida foi uma cadeia de dôres -- livrára Camillo Castello-Branco da morte. Foi em 1847, na occasião em que o eminente escriptor, por desespe-

ros amorosos, pretendera buscar no suicidio o remedio para os seus infortunios. Manoel Negrão e José Augusto seguiam, em uma madrugada de julho, do Porto para as suas casas de Mosteirô e do Lodeiro, no concelho de Baião. A' hora da partida, subiram á morada de Camillo. Encontram-n'o escrevendo a poesia que se intitula *A harpa do sceptico*: ao lado, vinte grãos de morphina destinavam-se a dar a morte ao fecundo romancista. Os meus dois patricios salvaram-n'o. Devem-lhes as letras patrias este inolvidavel serviço.

Camillo, amigo intimo de José Augusto Pinto de Magalhães, algumas vezes se refugiou em casa d'este — a casa do Lodeiro, em Santa Cruz do Douro, a que largamente me refiro no capitulo seguinte d'este livro. Contava Manoel Negrão que o glorioso escriptor se encerrava, por vezes, na capella da casa, e ali se entretinha, acompanhando-se n'um pequeno orgão, a cantar, sósinho, o cantochão, que elle dizia ter-lhe ensinado, em Villarinho da Samardã, o padre Antonio d'Azevedo, tio e padrinho do meu bom amigo e antigo collega, sr. conselheiro Antonio d'Azevedo Castello-Branco (1).

A dar fé ao que da sua voz escreveu Camillo, não deveria ser para agradar o cantochão por elle garganteado na capella do Lodeiro:

"A minha corda vocal nunca pôde graduar-se. In-
"classificavel. Cantando a escala, quando chegava ao

---

(1) Camillo Castello-Branco: *Memorias do carcere*, vol. II, cap. XXX.

"*si,* esganitava-me n'uma engasgação. A minha voz "não se parecia çom a voz de ninguem. Uma larynge "que veio intempestiva para modular as melopeas "incognitas da musica do futuro, balbuciada, ha "pouco tempo, por Wagner„ (1).

Assim seria. Mas que Manoel Negrão o ouviu requebrar a voz, trinando as notas seraphicas e mysticas do cantochão, é facto que não póde soffrer duvidas.

*

* *

Em alguns dos seus livros tem Camillo Castello-Branco palavras de sentido affecto, dirigidas ao seu amigo Manoel Negrão. A elle se refere em varias paginas de *No Bom Jesus do Monte,* e mais demoradamente no final do capitulo XII do primeiro volume das *Memorias do carcere,* onde o brilhantissimo prosador relembra, com inexcedivel sentimento, as horas que passou em doce e triste colloquio com o seu amigo, quando este o foi visitar á cadeia da Relação, no Porto.

Na *Maria da Fonte,* Camillo dedica a Manoel Negrão os seguintes periodos, repassados de enternecimento e de saudade:

"Manoel Nicoláo Osorio Pereira Negrão, filho "do desembargador Pereira Negrão e neto do ce-"lebre e erudito chanceller-mór do reino, Manoel

---

(1) Camillo Castello-Branco: *Serões de S. Miguel de Seide,* vol. III, pags. 67 e 68.

"Nicoláo Esteves Negrão, co-fundador da Arcadia "Ulyssoponense, retirou ha vinte e cinco annos do "Porto para a sua casa solar de Mosteirô, na margem direita do Douro. Entre os rapazes mais pre-"sados, mais cavalheirosamente briosos em que o "Porto primava n'esse tempo, Manoel Negrão era "modelo dos mais selectos. Acercando-se de raros "amigos, eu fui um dos mais honrados com a sua "estima e confiança desde 1847. Separados pela "distancia das leguas e dos annos, quando rara-"mente nos encontramos, sentimos remoçarem-se "por momentos aquelles dois rapazes nada ro-"manticos, em pleno romantismo, que endureciam "o corpo em passeios a cavallo de desoito leguas, "até Coimbra; e elle, se lhe pruíam saudades, "mettia de esporas e ia ali a baixo até Lisboa, visitar "sua avó, a snr.ª viscondessa de Magé, ou os seus "primos, os Teixeiras, da Pampulha. Eram assim "os duros Marialvas antes do sybaritismo da mala-"posta e da estupida celeridade da via ferrea. E, nos "intervalos d'essa gymnastica restaurante, amollen-"tavamos a alma, recitando com muita ternura as "poesias lacrymaveis dos menestreis nossos con-"temporaneos, quasi todos da rua das Flores. A's "vezes apeavamos dos nossos fouveiros á porta das "tavernas d'onde vaporavam chanfanas predilectas, "e digeriamos com as estrophes da *Lyra poetica* as "colladas rescendentes de colorão. Eu vim d'ahi, de "colica em colica intestinal, até esta ruina gastrica "que sou hoje.

"Manoel Negrão está forte, muito surdo como "em rapaz, donoso cavalleiro como sempre, e sobre "tudo rejuvenescido pelas delicias de avô, as deli-

"cias da familia que lhe foram, toda a vida, as su-"premas.

"Elle ainda não tinha deseseis annos quando cin-"giu uma espada, e se alistou sob a bandeira treda "do general escocez. Levaram-n'o para ali as tradi-"çoens, o appellido heraldico, a raça? Não: elle nunca "me disse os nomes de seus avós, nem se julgava "obrigado a dar o sangue por uns preconceitos muito "alheios da sua indole. Manoel Negrão seguira o es-"tandarte dos realistas para experimentar a impres-"são dos perigos extraordinarios.

"Se Macdonell morresse como um bravo no campo "da batalha, o meu querido amigo teria morrido ao "seu lado."

A seguir, reproduz o insigne romancista uma carta que recebeu de Manoel Negrão, datada de janeiro de 1885, na qual o meu parente e querido amigo lhe narra o lance final do episodio historico em que figurou a guerrilha commandada pelo general escocez Reinaldo Mac-Donell. Em estylo sobrio, elegante, muito d'elle, Manoel Negrão conta como o caudilho miguelista, seu commandante, acossado pelas tropas fieis ao governo da Rainha D. Maria II, foi, por fim, cruelmente assassinado.

Negrão, corrido a tiro, como referi no capitulo I, deveu a vida ao seu sangue-frio de experimentado cavalleiro e á rapidez com que o cavallo que montava, o *Rabicha*, galgou d'um salto uma parede, que ficou sendo invencivel obstaculo para os soldados ferozes que o perseguiam. Foi um transe arriscado, que o amigo de Camillo relata primorosamente na interessante carta que dirigiu ao Mestre.

*

* *

Nos tempos da mocidade, quando a vida lhe sorria e o amor lhe conturbava a alma, enchendo-lhe o coração de poesia e povoando-lhe o cerebro de sonhos, Manoel Negrão versejou a occultas, como refere Camillo nas *Memorias do carcere.*

Agora releio eu uns doces versos, que aqui tenho, por elle feitos e dedicados á sua esposa. Não resisto ao prazer de com elles adornar uma pagina d'este livro. São inéditos.

Adoração

> Pela magestade e belleza das creaturas se poderá visivelmente chegar ao conhecimento do Creador d'ellas.
>
> *Livro da Sabedoria.*

Se tu fosses a palma do martyrio,
Que desde o berço amargurou meus dias;
Se tu, porção de Deus, por Deus mandada,
Viesses trazer vida ás cinzas frias:

Ai! crê! eu bemdissera os meus desgôstos,
E abençoára a dor que teve em ti
Um premio, embora tardo, um grande premio,
Maior do que as angustias que eu soffri.

Não te mereço, não, irmã dos anjos,
Não tenho para dar-te um coração,
Sacrario puro onde acolher teus votos,
Talvez teus prantos... já não tenho, não.

Não te mereço, que me rojo ha muito
No trilho das paixões e impuro estou;
Na terra deves ter o amor de um anjo,
Mas eu na terra para ti que sou?

Um enigma talvez, ou talvez nada,
Um homem de inspirar mais dó que amor,
Uma fronte abatida aonde pésa,
A maldição perpetua do Senhor.

Serei, serei maldito, mas não impio,
Que eu busco desde a infancia o amor dos Ceus,
E ainda agora, ao ver-te, acurvo o joelho,
E adoro-te... e adorar-te é crer em Deus.

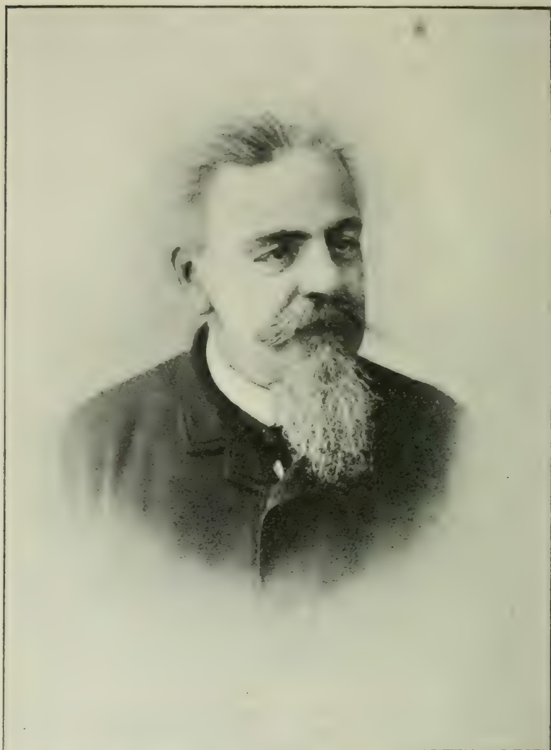
*

*   *

Nos ultimos annos da sua vida, Manoel Negrão dedicou-se a recreação mais pratica do que é a de tratar com as musas. Um verdadeiro vicio o absorveu, uma paixão enraizada e irresistivel o dominou: a archeologia. Sem dar tento em incommodos nem temer fadigas e trabalhos, como o caçador enthusiasta que de madrugada abandona o calor do leito para ir, por montes e valles, em perseguição enraivecida de coelhos e perdizes, elle lá ia em demanda de objectos antigos: machados de pedra, placas medievaes, inscripções latinas, cacos de vasos archaicos.

Muito dado a velharias – e tanto que um dos rarissimos exemplares da primeira edição das obras completas de Gil Vicente, impressas em 1562, possuia-o elle, segundo informa o sr. conde de Sabugosa nas palavras com que precede a publicação do *Auto da Festa* – dava gosto vê-lo, já ligeiramente

curvado pelos annos, galgar, no inverno, outeiros atoalhados de neve, ou percorrer, no verão, ravinas



Manoel Negrão
(Aos 60 annos)

e barrocas alagadas de sol, acompanhado por um creado carregado de ferramentas, destinadas a excavações, e ir em descobrimento d'um castro romano

ou em exploração d'um dolmen celtico. Chegado ao logar destinado ás suas investigações, mandava cavar e revolver a terra, sulcar os monticulos, extrahir dos buracos os pedregulhos; curvava-se sobre as covas, a rebuscar, a pesquisar, a colher fragmentos de barro ou restos de vetustos utensilios caseiros, e por bem pago se dava de tão afanosas canceiras quando encontrava uma acha de silex ou a aza d'uma amphora, uma velha medalha, restos de faiança, um osso carcomido, um emblema funerario, qualquer objecto paleolithico ou prehistorico.

Com tudo o que achou e com os exemplares que adquiriu por compra ou dadiva, formou na sua casa de Mosteirô um pequeno museu archeologico de valor, que era o seu orgulho. Esse museu ainda hoje ali existe, religiosamente conservado pelo seu neto, sr. Luiz Negrão. H lá de tudo: armas, pedras sepulchraes, moedas portuguezas e romanas, cabeças mutiladas, vasos e urnas, monumentos epigraphicos – entre os quaes sobresae uma ara consagrada a Jupiter, descoberta na propria quinta de Mosteirô – uma grande quantidade de machados de pedra e variadissimos objectos prehistoricos. Para esse museu concorreram Camillo e D. Anna Placido, presenteando o seu amigo de tantos annos com algumas raridades interessantes. Entre estas, avulta uma caixa de rapé, relativamente moderna – com um *segredo* na parte interna da tampa – que o romancista enviou a Manoel Negrão, com um cartão de visita em que escreveu o seguinte:

"O teu velho Camillo manda-te uma tabaqueira
"de bronze tão velha como elle, e m.s um abraço.

"Com alguma rhetorica poderás convencer os teus "visinhos de q. esta caixa é da edade do Bronze„ (1).

O objecto de mais valia da collecção é um pequeno bronze romano, de certo um *ex-voto,* que Manoel Negrão guardava cuidadosamente, almofadado em algodão em rama. É originalissimo. Martins Sarmento, o illustre archeologo que fez a exploração da Citania de Briteiros, quiz obter esse bronze precioso para o seu museu de Guimarães. Qual! . . . Negrão recusou-o teimosamente, a ponto de Martins Sarmento, penalisado, dizer sacudidamente, ao amigo que lh'o mostrou, que nem queria sequer tornar a vel-o!

Manoel Negrão pedia com empenho, com verdadeira ancia, a todos os amigos, que lhe dessem, para a sua colecção, qualquer peça rara ou antiga que achassem. Como, porém, o erudito professor e meu bom amigo, dr. José Leite de Vasconcellos, abalisado director do Museu Ethnologico, por aquelles sitios do Douro, onde tem parentes, andava tambem á cata de exemplares archeologicos, Manoel Negrão recommendava:

— Não dê nada ao José Leite! Tem a mania de levar tudo para o museu de Lisboa! . . .

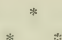
O dr. Leite de Vasconcellos, por seu lado, dizia:

— Se conseguir qualquer coisa valiosa, não a dê ao Manoel Negrão! . . . Elle guarda tudo em casa, e aquillo vem a perder-se no futuro.

E para o publico perdido era — e perdido está —,

(1) Inédito.

porque Manoel Negrão, cioso, até ao extremo, do seu pequeno museu, só a raros amigos mostrava as preciosidades que á força de trabalho e de paciencia tinha podido accumular. Elle e o dr. José Leite de Vasconcellos, apesar de amigos, eram officiaes do mesmo officio . . . archeologico. D'ahi, o ardor com que se *guerreavam* . . .



Por uma tarde de setembro — vae fazer dezaseis annos e parece que foi hontem! . . . — Manoel Negrão finou-se repentinamente na sua casa de Mosteirô. Morreu não sei de que doença cardiaca, elle que sempre no peito sentiu pulsar um leal e nobre coração, dentro do qual só tiveram abrigo sentimentos bons e generosos.

Morreu onde devia morrer, no seu vetusto solar de Mosteirô, a que elle tanto queria. Scenario bem ajustado á morte d'um portuguez de lei. O edificio, escondido entre arvoredos, assenta sobre uma collina aprumada, ao fundo da qual o Douro referve, espumeja e cachôa, estrangulado entre rochas. Em frente, a encosta abrupta d'alem do rio, eriçada de fraguedos, fecha repentinamente o limitado horisonte que se avista das janellas da casa. Os pinheiros ennegrecem o terreno bravio e hostil, que vae subindo, subindo, até se denticular, lá muito acima, no dorso da serrania que se esbate e recorta no azul. Paisagem aspera e rude, mesmo quando o sol a doira, triste e quasi selvatica se o inverno a entenebrece.

A casa de Mosteirô foi um dia, ha muitos annos,

atacada por uma quadrilha de ladrões, das que então infestavam e enchiam de pavôr aquella região pitoresca. A familia de Manoel Negrão, a seguir ao assalto, sahiu de lá, por algum tempo, mas elle veio morrer ali, dentro das paredes do seu velho solar, junto dos seus queridos achados archeologicos.



A CASA DE MANOEL NEGRÃO, EM MOSTEIRÔ

"Esperae que um homem cesse de viver para affirmar que foi feliz„ — reza a sabedoria grega. De Manoel Negrão, do dedicado amigo de Camillo Castello-Branco, n'aquelles tempos de lucta brava em que o grande escriptor era o terror dos pacatos burguezes do Porto, se poderia afoitamente dizer que foi um homem feliz se . . .

Se lhe não houvesse morrido um filho varão — o unico que teve. Se a esposa querida não tivesse partido tão cedo d'este mundo. Se . . .

CAPITULO V

Uma casa triste

TRISTE ROMANCE!...

Bem longe de Lisboa, nas pitorescas margens do Douro, n'aquellas tão lindas terras da região onde eu nasci, escondida n'uma dobra de terreno, cercada de arvoredos e verduras, cae hoje lamentavelmente em ruinas uma casa que outr'ora foi theatro d'um drama commovedor.

No pendor d'aquellas escarpas que veem morrer ao rio e que são ainda as convulsionadas ondulações dos ultimos contrafortes do Marão, essa casa triste, envolvida n'uma doce atmosphera de poesia e de mysterio, ergue-se, sombria, escalavrada, a esboroar-se em destroços, a aluir-se, n'uma derrocada que infelizmente não virá longe.

Debruçada sobre campos verdejantes, que em taboleiros e socalcos se escalonam pelas ridentes encostas recortadas de corregos e sulcadas de ribeiros, aquella romantica morada, de paredes esfumadas e ennegrecidas, abandonada, perdida ali, n'aquelle recanto de provincia, em tudo denuncia que sobre ella

passou um halito de desgraça e que a desventura e a morte afugentaram de lá, para todo o sempre, os moradores...

Pois antes que essa casa completamente desabe, aqui lhe venho deixar a photographia, e tambem relembrar o doloroso romance dos seus ultimos habitantes. Foram elles José Augusto Pinto de Magalhães e sua mulher Fanny Owen.

*
* *

A casa chama-se a Casa do Lodeiro. Está situada na freguezia de Santa Cruz do Douro, no concelho de Baião. E' uma casa de quinta, sem estylo, de um só andar, com capella, datando do seculo XVIII a construcção da parte nobre do edificio. Um largo terreiro murado precede a velha habitação de architectura indecisa. Lá dentro, duas salas, dois ou tres quartos e a casa de jantar, são os principaes aposentos em que ella se divide.

Eis o scenario. Esbocemos agora o drama.

Para as pinceladas do escorço, recorramos a um livro de Camillo Castello-Branco, o romancista insigne, que foi amigo intimo, companheiro e confidente de José Augusto Pinto de Magalhães, o desventurado proprietario da casa do Lodeiro. Esse livro, todos o conhecem: tem por titulo *No Bom Jesus do Monte* (1). N'essas paginas deliciosas, que a

---

(1) Em outro livro seu, *Duas horas de leitura,* narra Camillo as primeiras scenas do drama de que José Augusto Pinto de Magalhães foi infortunado protogonista.

mão do Mestre escreveu como só elle sabia escrever, narra Camillo, sob a rubrica "1854„, o romance pungente que foi a vida angustiada e breve de José Augusto e de sua esposa Fanny Owen, filha do coronel de "hussards„ do exercito britannico, Hugo Owen, natural de Denbigh, no principado de Galles,



Casa do Lodeiro
(Frente, lado norte)

ao serviço de Portugal desde a guerra peninsular, e irmã do barão da Torre de Pero Palha, que eu ainda muito bem conheci e com quem algumas vezes falei.

"José Augusto — diz-nos o eminente romancista — "era um moço de temperamento funesto para si, e "funesto para as pessoas que, mais ou menos, se "alliassem com sua alma, por liames de amor, ou "ainda de simples estima. Ha indoles assim fa-

"dadas: o segredo d'isto pertence á sciencia dos "anjos, e póde ser tambem que á sciencia dos de- "monios.»

Dizem pessoas da minha terra, que ainda o conheceram, que elle era um rapaz alto, magro, tristonho, mesmo sombrio, de indole impetuosa e arrebatada, algum tanto picado das bexigas. Usava longa cabelleira romantica e bigode. Sempre primorosamente vestido. Era poeta – mediocre poeta – e cultivava as letras. De nobre estirpe, pois contava na sua varonia – que procedia dos senhores donatarios de Ponte da Barca – fidalgos de illustre linhagem, filho unico de pae com largos haveres, e vivendo na abastança que lhe permittiam os seus meios de fortuna, levava a vida folgada e ociosa dos morgados de provincia d'aquella epoca.

Ahi por 1850 ou 1851, o provinciano de Santa Cruz do Douro, como Camillo o denomina, enamorou-se d'uma das filhas do coronel Owen, ou antes, de ambas, pois nem elle proprio saberia dizer se era Maria se era Fanny que amava! Era Fanny, depois de ter amado Maria. Vê-se e sabe-se pelo que elle deixou escripto n'um album que foi seu e depois da sua morte pertenceu a Camillo Castello-Branco, existindo ainda hoje em S. Miguel de Seide, onde o folheei, como refiro no capitulo seguinte. Ali exarou José Augusto estas palavras, datadas de 24 de junho de 1853:

"Ha tres dias que me sinto doente. Creio não será "longa a minha existencia. As grandes dores são o "assassino da intelligencia. Os meus soffrimentos

"ninguem os adivinhou. Ainda bem!... eu não qui-
"zera inspirar compaixão ao maior dos meus amigos.
"Ha um não sei que de sublime neste soffrer silen-
"cioso do coração!... Amei uma *mulher.* Tenho pe-
"sar de ter gasto com ella uns poucos de mezes, mas
"não me arrependo. Para amar *um anjo* era forçoso
"amar primeiro essa *mulher.* E eu amei-a?... Oh!
"eu creio que não. Queria-me iludir!»

Viviam as duas irmãs, com sua mãe, em Villar do Paraiso, no concelho de Villa Nova de Gaya. José Augusto frequentou-lhes a casa com assiduidade. A qual das duas se dirigiam as suas palavras de paixão? Na apparencia, Maria era a preferida, mas a que elle amava era Fanny! Era esta uma formosa rapariga, bondosa e meiga, alta, de olhos verdes como a Joanninha de Garrett. «Mulher linda do Paraizo» — lhe chama Camillo Castello-Branco.

Uma noite — em 11 de julho de 1853 — (1) a horas mortas, José Augusto, a cavallo, unido ao muro do jardim do Paraiso, recebia nos braços Fanny Owen. Era seu intento leval-a d'ali ao rio, onde um barco os esperava para os conduzir, Douro acima, á casa do Lodeiro. O cavallo, porém, assustado com o ru-

(1) No album que foi de José Augusto Pinto de Magalhães, e hoje está em S. Miguel de Seide, escreveu aquelle o seguinte:

«No dia *11 de julho* viste-me aqui (Villar do Paraiso) e fi-
«zeste um *sacrificio* deixando o teu berço! Quizeste-me am-
«parar n'aquelle desfalecimento moral a que a dor me tinha
«levado! Foi então que eu fui feliz a primeira vez na minha
«vida... Ha quanto tempo nós nos amavamos!...»

morejar dos vestidos de Fanny, que cavalgava á garupa, "arremessou-se em trancos e gallões – escreve Camillo – por um declive pedregoso e intransitavel.„ O meu patricio largou Fanny, para lhe evitar queda mais grave, e, não podendo dominar o impeto do animal, foi cahir de borco nas pedras do caminho.

Por ali andaram toda a noite, os dois, perdidos por entre pinhaes, e era já dia claro quando foram guiados até ao barco de vela que no Douro, debalde, longas horas os aguardára. Fanny levava o vestido esfarrapado e os sapatos a desfazerem-se, tão rude tinha sido o caminhar sobre pedras e por entre asperrimos silvedos! A 13 de julho chegavam á casa do Lodeiro (1).

Dias depois do rapto, começou de correr no Porto que um hespanhol, o sr. Fuentes, recebera cartas de Fanny Owen, ao tempo em que José Augusto a cortejava. Em uma d'ellas – Camillo diz serem cartas como de irmã para irmão – Fanny queixava-se de não "encontrar coração que a comprehendesse„. Essas cartas foram parar ás mãos de José Augusto: imagine-se a surpreza, a dolorosa impressão, o sulco de horrores que documentos de tal natureza rasgariam n'aquelle caracter extranho e singular, n'aquella alma impressionavel e doente!...

Tinha elle, porém, a honra por timbre: raptára Fanny; o seu dever era casar com ella. Casou. Rea-

---

(1) No album acima citado, com a data de 13 d'agosto de 1854 – já depois de morta Fanny Owen –, José Augusto escreveu:

«Faz hoje 13 mezes que nós chegamos ao Lodeiro!»

lizou-se a cerimonia a 5 de setembro de 1853, pelas seis horas da tarde, na egreja de Santo Ildefonso, no Porto, perante o abbade José de Sousa Alves Guimarães. Os noivos estavam ausentes. Fanny Owen foi representada por José Corrêa de Mello da Silveira, da casa da Sueima, em Villar de Andorinho, concelho de Villa Nova de Gaya, e José Augusto Pinto de Magalhães tinha como procurador o dr. Joaquim Marcellino de Mattos, advogado no Porto, e não Antonio de Mello de Santo Ovidio, como, por errada informação, assevera Camillo, no seu livro *No Bom Jesus do Monte* (1).

Abriu-se, desde então, para aquelles dois desgraçados, um negro inferno de tormentos! Do cerebro de José Augusto não podia apartar-se a lembrança de que a mulher que jurava amal-o, escrevia, ao mesmo tempo, a outro homem, dizendo que não encontrára coração que a comprehendesse.

Na casa do Lodeiro, que era o carcere d'aquelles dois prisioneiros da desventura, a vida d'ambos devia ser uma tortura continuada. E foi. José Augusto, na sua convivencia com Fanny, ora lhe mostrava fingida ou apparente indifferença, ora se revelava ciumento até ao exagero. Se umas vezes se desvelava em cuidados e attenções, outras vezes mal lhe dirigia a palavra. Não cohabitavam no mesmo quarto, nunca a corôa virginal de flôres de laranjeira da esposa foi

---

(1) Aqui tenho presente a certidão de casamento de José Augusto Pinto de Magalhães com D. Francisca Owen, extrahida do livro de casamentos de 1842 a 1859, da freguezia de Santo Ildefonso, onde se lê, a folhas 185, verso, e seguintes, o respectivo assento.

desfolhada pelo marido, jámais sorriam, e houve quem dissesse que um dia José Augusto, n'um impeto de colera, n'um repelão do seu genio irascivel e violentissimo, tocára Fanny com a ponta do pé!

Camillo Castello-Branco affirma que tal boato foi pregão de calumnia. Seria?... Manoel Negrão algumas vezes me asseverou que o grande romancista, ao escrever a vida infeliz de José Augusto, procurou occultar a verdade, defendendo-o e cobrindo-o. Não sei... Que elle tratava desegualmente a esposa, uns dias com aspereza, outros com desestima, amando-a, comtudo, sempre, afigura-se-me indubitavel.

Assim viveram onze mezes menos dois dias. Volvidos elles, pelas 11 horas da manhã de 3 de agosto de 1854, Fanny Owen, não podendo resistir áquelle martyrio, morria, em Villar do Paraiso, tuberculosa (1). O marido mandou embalsamar o cadaver e guardou-lhe o coração em um vaso d'alcool, que lá está na capella da triste casa do Lodeiro. Quantas vezes tenho visto o coração, hoje quasi desfeito, da pobre Fanny!

Camillo refere que ao ter noticia de que o medico do Porto, dr. Joaquim José Ferreira, seu amigo, era o encarregado de embalsamar o cadaver de Fanny

(1) No livro dos obitos de 1850 a 1859, da freguezia de Villar do Paraiso, concelho de Villa Nova de Gaya, lê-se, a paginas 21, o registo seguinte:

«Francisca Owen Pinto de Magalhães, de 24 annos de «edade, mulher de José Augusto Pinto de Magalhães, falleceu, com todos os sacramentos e indulgencias, a 3 de agosto «de 1854.»

Owen, se lhe dirigira, segredando-lhe duas palavras, ás quaes o illustre clinico retorquiu: – "E' crivel!..." Dias depois, o glorioso escriptor procurou-o, interrogando-o com anciosa curiosidade.

– "Virgem, como se nunca sahisse do regaço de sua mãe!" – disse-lhe o dr. Ferreira.

Mal cuidaria então o Mestre que os seus restos iriam, mais tarde, dormir o somno eterno quasi lado a lado dos de Fanny, no cemiterio da Lapa, no Porto, onde jazem, ainda hoje, sem a devida consagração nacional! (1)



Urna e frasco que contem o coração de Fanny Owen

Um mez depois do fallecimento da esposa, José Augusto, doente, partiu para Lisboa, hospedando se n'um hotel da travessa de Estevão Galhardo (2). Ao fim d'uma semana, ou pouco mais, no dia 29 de setembro de 1854 – justamente dois mezes menos quatro dias, contados hora por hora, depois do dia em que Fanny morrera – o provinciano de Santa Cruz do

(1) Dos registos do cemiterio da Lapa, que examinei minuciosamente, nada consta ácerca da entrada do cadaver de Fanny Owen. Fui, porém, particularmente informado de que os restos mortaes da infeliz, encerrados em caixão com tampa de crystal, repousam ali, no jazigo de D. Rita Victoria Duarte Guimarães, viuva de Manoel José Duarte Guimarães,

(2) Hoje rua de Serpa Pinto, na parte comprehendida entre o Chiado e o largo da Abegoaria.

Douro, o outr'ora garboso rapaz da roda doirada dos salões do Porto, finava-se, alanceado de dôres, rejeitando remedios e proferindo, nos intervallos do delirio, o nome adorado da esposa! Foi dado á sepultura no cemiterio dos Prazeres (1).

Eis, em resumo, o drama authentico e verdadeiro que toda a gente da minha terra conhece, apesar de sobre elle se terem dobado cêrca de sessenta annos.

---

(1) Camillo affirma, no seu livro *No Bom Jesus do Monte,* que José Augusto foi sepultado no cemiterio do Alto de S. João. E' lapso. A certidão d'obito, que possuo, garante que a folhas 224 do livro numero 10 dos assentos de obito da freguezia do Sacramento, do segundo Bairro, se encontra um assento do theor seguinte:

No dia 29 de setembro de 1854, n'esta freguezia do Santissimo Sacramento de Lisboa, falleceu pelas doze horas da noute com todos os Sacramentos dos Enfermos, José Augusto Pinto de Magalhães, natural do concelho de Baião, de vinte e seis annos de edade, viuvo de D. Francisca Owen, proprietario, morador na travessa de Estevão Galhardo, numero tres, segundo andar. Foi sepultado no cemiterio dos Prazeres. Do que fiz este assento aos trinta do dito mez e anno e o assignei. O P.e coadjuctor — Joaquim Paes Tavares.

Não me contentei com isto. Fui ao cemiterio dos Prazeres; percorri o livro dos assentos dos enterramentos do anno de 1854, e lá encontrei o que segue:

Sacramento. José Augusto Pinto de Magalhães, de Baião, viuvo, proprietario, falleceu na travessa de Estevão Galhardo, de gastro-enterite, ás 12 da noite do dia 29 de setembro de 1854. Foi sepultado ás $5 \frac{1}{4}$ da tarde de 30, no

*

* *

Depois da morte de Fanny Owen e de José Augusto Pinto de Magalhães, a casa do Lodeiro nunca mais foi habitada. Vivem nas dependencias da vetusta habitação os caseiros do meu amigo dr. Casimiro Augusto Pinto de Magalhães, primo co-irmão do infortunado José Augusto e actual proprietario da casa e da quinta.

«jazigo numero 763, sendo transferido, em 26 de janeiro de «1909, para o jazigo numero 5175, reunidas as chapas 810 e «12:076 por ordem de serviço numero 79 da 2.ª Repartiçã «de 18 de janeiro de 1909.»

Fui á rua 47 do cemiterio e verifiquei que o jazigo numero 5175 tem sobre a porta os seguintes dizeres: *Jazigo de D. Antonia Affonso do Carmo e seus queridos filhos.* Dentro, ha apenas tres caixões: o da prateleira superior é forrado de preto, com galões amarellos. Tem aspecto antigo. Será esta a urna que encerra os restos de José Augusto? Não pude ver os numeros das chapas.

Camillo, no seu livro *No Bom Jesus do Monte,* assevera que José Augusto Pinto de Magalhães morreu de febre cerebral. Do livro de assentos do cemiterio dos Prazeres consta, porem, que elle falleceu de gastro-enterite. Vem a proposito transcrever aqui o seguinte periodo que o agudo ironista escreveu no *Romance d'um homem rico:*

«Ha muito tempo que não mato ninguem senão de molestia; quando muito, para aformosear a morte com um nome bemquisto dos poetas, e dos leitores sentimentaes, tenho «denominado thisica pulmonar, ou congestão cerebral, o que «em boa pathologia se denomina hydropesia ou inflammação «intestinal.

Lá estão, ao abandono, a alcova virginal da pobre Fanny e a saleta onde ella bordava e lia. Lá está o quarto de José Augusto e a casa de jantar onde, n'um silencio aterrador, os dois enguliam, por entre lagrimas, as suas refeições. Ao lado do edificio, ainda existem vestigios do jardim onde Fanny Owen cultivava as suas queridas flôres.

Na capella da casa, poisada sobre o altar de talha lavrada, onde os tons de oiro velho quasi de todo se apagam, lá está a pequena urna de pau preto, forrada de veludo carmezim, dentro da qual, sobre uma peanha doirada, repousa a amphora d'alcool em que o coração de Fanny se dilue. Quando pela primeira vez o vi – já lá vão tantos annos! – ainda o musculo que tanto soffreu se distinguia, nitido e quasi perfeito. Actualmente, do coração d'aquella desditosa rapariga restam apenas uns fragmentos de arterias e uma papa avermelhada, uma especie de massa encarnada, que se desfaz e desagrega no alcool.

Contava Manoel Negrão que da ultima vez que fôra ao Lodeiro, vira, com magua infinita, a amphora tombada, quasi sem alcool, e o coração de Fanny Owen, mirrado, resequido, poisado ao abandono sobre o altar. Deve ter sido esse lamentavel incidente que originou o rapido desapparecer da viscera infeliz, d'antes suspensa e mergulhada no alcool, e hoje a desgastar-se no reduzido liquido córado. Nem ao menos teve a serena paz do tumulo o alanceado coração da pobre Fanny!

N'aquella casa, em que hoje parece que se respira um vago ambiente de sonho e um doce perfume de saudade, houve outr'ora alegria, felicidade e ruido. N'aquellas salas, os pares entrelaçavam-se nas danças

e sorriam nos jogos e nos folguedos. Foi isto no tempo em que José Augusto, rapaz despreoccupado, sem cuidados, cavalgava por aquellas ladeiras de Riba-Douro com a galhardia e o primor d'um verdadeiro discipulo de Marialva. Ali esteve — creio que por mais de uma vez — Camillo Castello-Branco, amigo intimo d'aquelle que, poucos annos volvidos, seria o algoz de si proprio e da desventurada rapariga com quem se uniu.

Na casa do Lodeiro escreveu Camillo paginas que depois deu á publicidade. No seu livro *Noites de Lamego,* podem ler os curiosos um artigo interessante do Mestre, intitulado "O tio egresso e o sobrinho bacharel„. E' datado de Santa Cruz do Douro, em 1849.

Dois annos antes, no Porto, quizera Camillo suicidar-se, por desgostos d'amor, tomando grãos de morphina. Quem então o salvou da morte como referi no anterior capitulo, foram José Augusto Pinto de Magalhães e Manoel Negrão. Eram amigos antes: mais a amizade os ligou depois.

*

* *

Até que ponto Camillo interferiu no triste romance de que José Augusto e Fanny Owen foram os principaes personagens; qual foi a sua intervenção directa n'esse pungente episodio d'amor, de que elle mais tarde se fez chronista, vê-se, folheando o seu livro *No Bom Jesus do Monte,* onde o fecundo romancista escreve:

"Um leitor pergunta-me quem eram Fanny Owen "e José Augusto Pinto de Magalhães.

"Outro, lendo estes nomes, recorda um caso in-"fausto, mas negro, negro todo elle da negridão do "mysterio, sellado por duas sepulturas, uma no ce-"miterio da Lapa, no Porto, outra no Alto de S. João, "*(sic)* em Lisboa.

"A' pergunta do primeiro responderei nas paginas "que ahi vem, escriptas com a verdade de uma con-"sciencia aberta diante dos homens e diante de "Deus.

"A's duvidas dos bons, e ás calumnias dos maus "que decifraram horrores no silencio das "duas "sepulturas, a esses esclarece agora o homem que "mais viveu na intimidade das duas almas.

"E' tempo: são passados nove annos.

"Se pezasse uma infamia, ou ainda um grande "desatino, na lapide d'essas cinzas, calar-me-ia á se-"melhança do mundo que a esqueceu, depois que a "inventou.

"O meu nome serviu á calumnia, quando se re-"queria um terceiro personagem para o romance ar-"chitectado com sangue e lôdo.

"Eu deixei passar a detracção senhoril, e o vozear "da gentalha ajoujada á carroça, esmagadora de mais "generosos peitos, e mais sagrado jus que o meu á "estima dos detrahidores.

"Agora é tempo.

"Poderia differir para mais tarde, se eu contasse "com a vida. Obedeço ao presagio que m'a está aba-"lisando por pouco e para pouco. Da região escura "vem bater-me na fronte uma aragem fria. Temo que "se faça inverno e noite álgida em minha alma. Es-

"tes derradeiros calores de espirito devo-os á divida
"de coração e de honra."

Depois, em varias paginas do livro, em periodos claros, uns, e outros mais discretos, Camillo repulsa a insinuação de ter cortejado Fanny Owen; desfaz a mentira, largamente espalhada, de que fôra elle o "fautor, conselheiro e auxiliador" do rapto de Fanny; e revela que as cartas por esta escriptas ao hespanhol, sr. Fuentes, foi elle quem a este as pediu, "para rebater a calumnia", tendo-as passado depois para as mãos do dr. Marcellino de Mattos, que, na melhor das intenções, as entregou a José Augusto, de quem era advogado. D'ahi seguiu-se a catastrophe. José Augusto – ciumento como um Othello, segundo me dizem os que o conheceram – não pôde soffrer a rudeza d'aquelle golpe, e, na sua phrase, "deu a Fanny o braço de irmão e caminhou com ella em direitura á morte"...

No periodico literario *A Semana*, Camillo, dando noticia da sua tentativa de suicidio, em 1847, e da poesia *A harpa do sceptico*, que escreveu n'essa hora de loucura, refere-se a um dos amigos que então o arrancaram á morte – José Augusto Pinto de Magalhães – nos seguintes termos:

"Já lestes *Manon de l'Escaut?* Sabeis como era
"*Tilberge?* Assim era esse homem... que perdi.
"Eu fui-lhe um ingrato sem infamias!..."

Eu fui-lhe um ingrato sem infamias!... A phrase, parecendo mysteriosa, é clara e transparente para quem tiver lido os periodos elucidativos de *No Bom*

Jesus do Monte e tambem as ultimas paginas do capitulo VII da biographia de Camillo Castello-Branco, escripta por Vieira de Castro.

Deixemos em paz os mortos.

*

* *

Causa uma tristeza infinita ir hoje á casa do Lodeiro. Que desolação! Que desamparo! O tempo cravou ali, por toda a parte, a garra destruidora. Um lanço do telhado aluido abre-se ás inclemencias e ás bravezas dos temporaes. Quando o sol se ergue detraz dos montes, ou morre no poente ensanguentado de purpura, illumina e doira, n'uma apotheose de gloria, a cruz de granito, já mutilada, que se alevanta sobre a capella da nobre moradia. Ressuma de todas aquellas pedras a suave melancolia que se evola das ruinas a que a hera se enlaça e prende...

Tenho a suspeita de que, em breve, a superstição popular ha de revestir o pesado edificio de lendas aterradoras, e quem sabe se o verá povoado de torvos espectros, de duendes e de fantasmas. Estou em affirmar que já ha de haver quem tenha dito que, por horas adeantadas de noite velha, as sombras de José Augusto e de Fanny Owen veem percorrer aquellas salas desertas, visitar os logares onde tantas dôres curtiram e trocar de novo ali meigas promessas de amor...

É pitoresca e bella, no seu abandono, e n'aquelle isolamento, a triste casa do Lodeiro. Tem o encanto e a seducção dos muros antigos e dos tectos carcomidos, sob os quaes latejaram corações que muito

soffreram. Da casa onde eu nasci até lá, são tres quartos de hora, escassos, de caminho. Ás vezes, ali vou, de passeio, observar aquellas paredes escurentadas, que, se tivessem voz, tantos gemidos de angustia poderiam reproduzir! Outras vezes, quando no alto da encosta me vou de longada por entre os pinhaes, páro, e assim me quedo, por largo tempo, de olhos fitos no casarão, que lá se divisa a distancia, no fundo do valle pujante de relva.

E que magua sinto, que aperto de coração, ao ver que se vae cada vez mais e mais arruinando e perdendo a sombria vivenda onde se desenrolou um tão cruciante drama de amor!

Ali muito amaram e soffreram dois infelizes que a morte bem cedo levou. E é por isso que eu, sempre que encaro as paredes esburacadas da casa do Lodeiro, em volta das quaes os morcegos esvoaçam, recordo sentidamente aquella phrase de Miguel Angelo: — "Os espectaculos de amor e de morte são os unicos que approximam a terra do ceu" (1).

---

(1) Já depois de escripto este capitulo, foram mandados fazer grandes reparos na casa do Lodeiro, pelo seu actual proprietario, sr. dr. Casimiro de Magalhães, evitando-se assim — e ainda bem! — a completa ruina do interessante e curioso edificio.

CAPITULO VI

Dois inéditos de Camillo

Os escriptos d'um auctor illustre pertencem, em primeiro logar, á patria que o viu nascer.

Sendo assim, tudo que seja furtar á publicidade escriptos inéditos de Camillo Castello-Branco, é, em meu sentir, um crime imperdoavel. As producções da sua penna gloriosa são, todas ellas, d'altissima valia, por mais que remontem aos primeiros annos em que o cinzelador de tantas joias literarias iniciou a carreira das letras, onde tão justo renome conquistou, n'um batalhar incessante, aureolando para sempre de luz a sua colossal figura de escriptor. Se outro valor essas producções não tivessem, serviriam, ao menos, para assignalar os progressos e para marcar as *étapes* da marcha triumphal do romancista eminente, que soube dar á lingua portugueza tanto lustre e tanto brilho.

Sendo este o meu parecer, que se me afigura seguro e incontestavel, mal me sentiria eu se, tendo ao meu alcance dois inéditos do Mestre, os não trouxesse a publico.

Lêem-se elles, escriptos pela propria mão de Camillo, n'um album que pertenceu a um dos seus

mais intimos amigos, o infeliz José Augusto Pinto de Magalhães, da casa do Lodeiro, em Santa Cruz do Douro, cuja vida — dada em escorço no capitulo antecedente — foi uma longa cadeia de tormentos. As tristes estações d'aquelle calvario tiveram pormenorisada historia, como já fica dito, em um dos livros mais interessantes do romancista insigne: *No Bom Jesus do Monte.*

Esse grande desgraçado, espirito romantico, cerebro de louco, alma tresvariada, coração enfermo,



Casa do Lodeiro
(Lados nascente e sul)

— "descendente de epilepticos e doudos, com um aspecto sympathico, byroniano, admirado pelos tolos", como asseverou Camillo em nota escripta á margem de paginas a que adeante me referirei — tinha um album em que depunha os seus pensamentos reconditos, e escrevia os seus versos maguados,

e chorava as suas desditas, e carpia as suas tristezas. A esse livro doloroso, todo manuscripto, deu José Augusto o titulo — *Paginas intimas*. E' d'elle que eu extráio os dois inéditos de Camillo que adeante vão fielmente transcriptos.

Tem uma historia este album do infortunado marido da desventurada Fanny Owen, a triste esposa que morreu virgem como o era na hora em que nasceu e cujo coração amargurado lá está na capella do Lodeiro, a acabar de desfazer-se na amphora d'alcool em que José Augusto o depositou. Esse album, quando o meu infeliz patricio morreu — dois mezes, menos quatro dias, depois da sua companheira na desgraça — foi parar ás mãos de umas senhoras suas proximas parentes. Foram ellas que, mais tarde, o cederam a minha mãe, que religiosamente o conservou toda a vida e o deixou, entre os seus livros mais queridos, na casa onde eu nasci. Lá existe ainda.

Logo nas primeiras paginas, e sem que antes haja quaesquer outras escriptas, a não ser aquella folha em que se lê o titulo do livro, depara-se-nos a seguinte prosa inédita de Camillo, que serve ao album como que de introducção ou prefacio:

"*O meu livro intimo.* — Sabes quanta poesia de "coração encerra este titulo?

"Se tens, no teu passado, um espaço, onde tua "alma possa voar, lembra-te da infancia. Não podes? "Então, amigo, perdeste o teu thesouro d'intimos sen- "timentos, perdeste-o na voragem da sociedade — não "o acharás n'este abysmo insondavel — não o acharás, "e o teu livro será um pobre artificio, uma fria com- "posição — um descorado reflexo de luz espiritual!

"Que te dá este mundo para o sentir de poeta? Se "tua alma é uma harpa virgem, sonhaste já a mão "que lhe desferisse o primeiro hymno? Sonhaste... "ha muito tempo... na infancia.

"Vistel-a, á tarde, no rumorejar dos teus pinhaes, "no ciciar sonoroso das tuas fontes, no limpido va- "poroso do teu ceo, no ermo melancolico da tua "terra. E depois – encontraste-a – a mão da virgem – "sob o colmado da familia honesta, ou aqui nos sal- "loens dourados de perfumada corrupção? Não a "viste. Conheces, pois, que o mundo é atroz para o "homem que anceia no coração a vida dos espiritos "celestes?

"Se podesses forçar a alma a dar-te quadros d'in- "fancia; se revocasses do tumulo da esperança essas "imagens que já mais sonharás na terra; se a crença "do Crucificado te embalasse a alma sobre este viver "de atroz materialidade... então, José Augusto, o teu "livro *intimo* seria a grinalda dos teus affectos, o "cantico perduravel da tua *intima* poesia, o hossana "inspirado pelas maravilhas incognitas de Deus. "Assim... que será? Uma gélida chronologia d'illu- "soens tuas; um frio sorriso ás mentiras da socieda- "de; ou... quantas vezes... uma blasphemia de de- "sesperado no desalento de um porvir...

"Quando tiveres quarenta annos, abre o Album " – lê esta pagina, e dirás – "Se vivesses, Camillo "Castello-Branco, dir-te-hia: – *propheta inspirado "pela desgraça! – escreveste a verdade!*

"Lisboa, 17 de julho de 1850.„

Pela data, vê-se que o auctor de *Onde está a felicidade?* traçou estes periodos no album de José Au-

gusto Pinto de Magalhães, justamente no anno em que escreveu, em Lisboa — "num cubiculo da rua do Ouro„, como elle depois referiu — o seu primeiro romance, *O Anathema*. Presumo que José Augusto tivesse vindo da sua e minha terra á capital, e aqui pedisse ao Mestre que lhe abrisse o livro intimo com a sua prosa ainda então hesitante e indecisa, bem afastada, n'essa epoca, da perfeição suprema que attingiu nos ultimos romances do inimitavel estylista: *A Brazileira de Prazins* e *Vulcões de lama.*

*

* *

No mesmo album — por todos os titulos interessantissimo — entre varias poesias de José Augusto Pinto de Magalhães, de Fanny Owen, Affonso de Castro, e outros, lê-se a seguinte poesia inédita de Camillo Castello-Branco, assignada tambem por Manoel Negrão, seu amigo intimo e tambem do proprietario do livro:

«Caro amigo, a poesia,
Neste dia d'ovação,
Não se escreve, nem recita...
Eu por mim tenho-a escripta
No livro do coração.

Lá os hymnos são eternos,
Lá já mais se esvaeceu
Este tão formoso dia
Em que um anjo de poesia
D'entre os anjos cá desceu.

22 de maio de 1852.

Camillo C. Branco
Mel. Negrão.»

Esta poesia, infelizmente, não tem, no album d'onde a transcrevo, indicação da localidade em que foi escripta. Seria no Porto, onde Camillo residia em 1852? Seria em Villar do Paraiso, no concelho de Villa Nova de Gaya, onde elle viveu alguns mezes, por essa epoca, "n'uma casinha voltada ao mar, na visinhança de José Augusto„, que para ali tinha transferido a sua habitação, com o intento de estar mais perto da casa de Fanny Owen, como tudo isto se lê nas paginas de *No Bom Jesus do Monte?*

Seria esta poesia de Camillo composta no dia dos annos de José Augusto, que iria raptar a pobre Fanny alguns mezes depois? Seria Fanny o *anjo de poesia* a que o Mestre se refere na segunda quintilha? — Quer-me parecer que sim.

Aqui deixo aos admiradores do primeiro romancista portuguez duas producções suas, não publicadas até hoje. Não deveriam ficar para sempre ignorados estes dois inéditos de Camillo. Lendo-os, poder-se-ha melhor seguir o rasto brilhantissimo que a sua penna fulgente deixou na literatura portugueza, desde a epoca longinqua em que os escreveu, até aos ultimos annos da sua vida, tão torturados de dôres, tão affligidos de angustias, mas tambem tão nobremente assignalados pelos seus derradeiros livros, verdadeiros monumentos de prosa castiça, elegante, vernacula, pura — e inimitavel!

*

* *

Vem aqui a proposito referir que alem do album que se intitula *Paginas intimas*, a que atraz alludo, conheço outro — que a miude cito no capitulo ante-

rior — rubricado com a palavra *Remembar,* que tambem pertenceu a José Augusto Pinto de Magalhães e hoje existe em S. Miguel de Seide, onde o vi e examinei demoradamente, por amabilissima deferencia dos netos de Camillo Castello-Branco, aos quaes muito me apraz testemunhar n'estas paginas os meus mais calorosos agradecimentos. Pelas datas, seguimento e disposição das materias, reconhece-se e verifica-se que é continuação e complemento do outro, a que acima faço referencia. Este album, em fórma de carteira, de capa verde com frisos doirados, que passou para o poder do immortal romancista seis annos depois da morte do seu proprietario, "ficára com elle o sobrinho ou filho da dona do Hotel em que morreu José Augusto no ultimo abandono„, achando-se no mesmo Hotel o cunhado — Barão de Pero Palha — "que nem sequer se quiz prestar a dar providencias para o enterro„, como ao inclito escriptor referiu D. Eulalia Balsemão e elle informa em nota pelo seu punho traçada na primeira das duas folhas que precedem a escripta do infortunado dono do album.

Na folha seguinte, em nota por elle assignada e datada do Porto, em 13 de janeiro de 1865, Camillo garante que o album foi de José Augusto Pinto de Magalhães e que "as paginas, que se encontram na carteira do mesmo album, escreveu-as Fanny Owen„, que morreu em 3 de agosto de 1854, fallecendo José Augusto em Lisboa no principio de outubro do mesmo anno (1). "Algumas paginas deste Album —

(1) É equivoco de Camillo. Como se vê da certidão d'obito que inseri a paginas 104 d'este livro, José Augusto Pinto de Magalhães falleceu a 29 de setembro de 1854.

accrescenta o romancista—, como da leitura d'ellas se infere, foram escriptas sobre o cadaver de Fanny Owen, sua esposa„. A seguir, Camillo manda ver um livro seu, "intitulado *No senhor do Monte* (1), onde o problema destes dois desgraçados recebeu uma pequena luz„.

As paginas d'esse album são todas escriptas por José Augusto, revelando algumas um soffrimento intensissimo, principalmente as que conteem a expressão amargurada da saudade e da pungitiva dôr que lhe causou a morte da desventurada esposa. Na carteira do album, lá estão ainda algumas paginas escriptas por Fanny, de certo por ella ou pelo marido arrancadas a outro album que á pobre martyr houvesse pertencido.

Na folha que fecha o valioso manuscripto, Camillo escreveu e assignou uma derradeira apostilla em que assignala as palavras exaradas na pagina anterior como sendo as ultimas de José Augusto. E conclue assim:

" — No dia 9 de setembro sahiu para Lisboa, e hos-
"pedou-se na travessa do Estevão Galhardo, em uma
"hospedaria que já não existe (1865). Poucos dias de-
"pois falleceu de febre cerebral, e foi sepultado no
"*Alto de S. João*„ (2).

---

(1) Aliás, *No Bom Jesus do Monte.*

(2) É errada esta informação que deram ao romancista. A certidão d'obito transcripta a paginas 104 demonstra que José Augusto Pinto de Magalhães foi dado á sepultura no cemiterio dos Prazeres. Veja-se a nota da referida pagina 104.

Em algumas paginas d'este album doloroso, febrilmente escriptas depois da morte de Fanny, ha claros vestigios das lagrimas de José Augusto. Lagrimas de dôr, quem sabe se de remorso . . ., com certeza de infinita magua. Lagrimas que lavaram *faltas* e culpas a que 'elle tantas vezes allude em diversas laudas d'este secreto livro dos seus pensamentos occultos. Lagrimas em que lhe ia diluido o coração e lhe fugia a alma, a triste alma desventurosa, que não levou muitos dias a ir juntar-se á da esposa que lhe morrera.

Pobre José Augusto! Infeliz Fanny!

Romance plangente foi a vida dos dois! Romance verdadeiro, vivido entre agonias, e depois escripto em paginas admiraveis pela penna de Camillo molhada em pranto.

Poucas vezes um grande infortunio teve mais alta consagração.

CAPITULO VII

Cartas inéditas de Camillo

As cartas que illustram este capitulo são publicadas com expressa auctorisação dos netos de Camillo Castello-Branco.

Abro aqui o capitulo mais valioso do meu livro. Estou mesmo em dizer que seria o unico de valor, se o não precedesse outro, em que se lêem dois inéditos de Camillo, e outro se lhe não seguisse, contendo annotações tambem inéditas, do primoroso estylista.

Nas paginas d'oiro que seguem, é elle que escreve, é elle que pensa, é elle que vive.

Offuscado pela scintillante luz que irradia a sua prosa brilhantissima, refugio-me contente na minha sombra espessa e deixo ao leitor o prazer e a delicia de gozar o fulgor coruscante que ainda hoje relampagueia a penna do primeiro escriptor portuguez dos tempos modernos. Fulgor tão vivo, tão aceso ainda, que nem a morte conseguiu apagal-o! (1)

---

(1) Devo á amabilidade, tantas vezes delicadamente provada, do meu bom amigo sr. Pedro Wenceslau de Brito Aranha, illustre jornalista e conhecido escriptor, a ventura de

I

"Meu amigo presadissimo:

"Eu já estava de posse do cavalête em que V. Ex.ª deu tractos ao archeologo que A. Herculano inventou. A resposta que V. Ex.ª deu ao amigo sobre a continuação supplementar do excellente diccionario, tambem a tinha. Apesar de sequestrado do orbe das lettras, curo de estar ao *par do* movimento, verdadeiramente pardo quando procede de impulsos, obrigados ao sobrenome *Gallego* do ex-janizaro da alfandega. O que eu não tenho nem quero é a cataplasma de tal inxovêdo que o Luiz d'Alm.da devêra ter expurgado da cascalheira do jornal (1).

---

poder publicar aqui estas valiosas cartas inéditas, dirigidas por Camillo Castello-Branco a Innocencio Francisco da Silva. Offereceu-m'as elle espontaneamente, com aquella natural simplicidade que tanto o notabilisa e distingue.

A carta que vae inserta em ultimo logar, endereçada por Camillo ao seu editor Eduardo da Costa Santos, foi-me gentilmente dada pelo meu velho amigo e distincto funccionario sr. Affonso Henriques da Silva Moreira.

Em nome dos admiradores de Camillo — innumeravel legião, em cujas derradeiras filas occupo o ultimo logar — aqui deixo ao sr. Brito Aranha, erudito continuador do *Diccionario bibliographico* de Innocencio, e ao sr. Affonso Moreira os meus mais calorosos agradecimentos.

(1) As alfinetadas d'esta carta eram dirigidas a Augusto Soromenho, que foi professor do Curso Superior de Letras,

"Peço incarecidam.^{te} a V. Ex.ª que não olhe ao lado quando os lebreus lhe sahirem açulados por q.^{m} q.^{r} q. seja. Caminhe com a sobranceria legitima do fecundo e honrado e proveitosissimo trabalho. Dê a sua sombra aos couces e o seu tempo ao paiz.

"Terá V. Ex.ª a bond.^{e} de me dizer q.^{m} escreveu as *Memorias historicas do ministerio do pulpito* tantas vezes citadas pelo Fr.^{co} Freire de Carvalho no *Ensaio?*

"Penso em escrever um livro intitulado — "A oratoria sagrada em Portugal (Estudos)„ — e tracto de reunir o que possa subsidiar-me. Se V. Ex.ª, em hora m.^{to} vagar, quizer favorecer o meu trabalho, honra-me com a indicação dos escriptos concernentes a tal assumpto. Oradores possuo o maior e melhor numero d'elles tanto como exemplo de pureza como de corrupção. O que mais careço é

---

e, pelo que vi escripto por Innocencio Francisco da Silva, dizia ser descendente de Pero Galego, cujas façanhas se contem no *Anno Historico,* tomo I, pag. 382.»

Entre Soromenho e Innocencio acendeu-se rija polemica. Soromenho criticou as annotações que Innocencio inseriu na nova edição do *Elucidario,* de Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo. Innocencio replicou, atacando a sem-razão das censuras de Soromenho.

Os artigos de Soromenho foram publicados nos numeros de 26, 27 e 28 de julho de 1865, no *Jornal do Commercio,* de que era director Luiz d'Almeida e Albuquerque, lente, que foi, da Escola Polythecnica de Lisboa. Innocencio respondeu no mesmo jornal, em 1, 4, 9 d'agosto e 5 de setembro do mesmo anno.

Veja-se o additamento ao tomo II da nova edição do *Elucidario*, de Viterbo.

de indicaçoens historicas, divisoens de epocas e periodos com os quaes eu possa urdir mais amplamente os meus estudos. Perdôe as impertinencias do de V. Ex.[a]

Am.[o] e Cr.[o]
Camillo Cast.[o] Br.[co]„

II

"Meu Amigo

"Já que o encontro tão bom para me aturar peço a V. Ex.[a] que compre as *Memorias do pulpito* e as que possam arranjar-se na bibliotheca nacional. A remessa pode ser feita por via do Per.[a] ou Bertrand para a casa Moré do Porto. V. Ex.[a] me indicará a qt.[a] que devo remetter. Agradeço o extracto do Pedegache. Não tenho conhecimento algum do livro. Cada vez vou intendendo mais que nos meus 1.200 vol., quase todos bons, pouco ha do que preciso para ser menos asno do que era antes de ter livros. O governo, se bem se compenetrasse d'esta m.[a] ignorancia, tinha-me dado a encommenda de S. Thiago da Asneira.

"Ai! meu bom amigo e mestre! Pois V. Ex.[a] foi condecorado para se contentar do galardão! Olhe q. lh'o não fazem com esse intento. Vai n'isso a precisão que esta canalha sente de esbofetear com a venera a cara que tem de ser vista ao sol da posterid.[e] Estes bebados querem entrar pelo futuro dentro como o Miguel dos fios secos ao lado do cego. Que

outra coisa daria nome ao onzeneiro se elle não fosse tratante! Os biltres quando não podem reduzir-nos á penuria fazem-nos eguaes ao Biester e inferiores ao trolha condecorado. Minhas queridas arvores! cada vez lhes agradeço mais a sombra e o esquecim.^{to} suave com que me varrem da memoria o que por ahi vai. Basta de estopada?

"Pois sim: dê-me só tempo de me confessar cada vez mais grato e inutil am.^{o} de V. Ex.ª

11 de 8.^{bro} de 1866.

Camillo Cast.^{o} B.^{co}"

III

"Meu amigo

"Assim é q. é comprar livros! Estou admirado da barateza. Por cá nem pelo triplo se tiram. Muito agradecido. Aprovo a lembrança de virem á estação do caminho de ferro. Lá os mandarei buscar. Como vou mandar a importancia de outros ao livr.^{o} Campos, então remetto a quantia dos q. V. Ex.ª me remette. Os sermoens do Mendonça p.^{r} 1:500 rs. são baratos. Não m'os deixe fugir.

"Vou dar-lhe noticia d'uns preciosos manuscriptos (a meu ver) que estão aqui no Minho em poder de q.^{m} quer vendêl-os. Pertenceram aos cartorios de Tibaens e S. Thirso.

"1.º Um vol. com bom palmo transversal de lom-

bada. Diz no alto da pr.^{a} pag. — (lettra de D. Fr. Fr.^{co} de S. Luiz) "Descripção d'entre Douro e Minho, e mais Appontamt.^{os} de Fr. Gil de S. Bento„. Adjuncta á *Descripção* está a "Noticia verdadeira dos St.^{os} e mosteiros da ordem de S. Bento etc.^{a} por Fr. Antonio da Purificação„.

"(Como se ajunctariam os papeis destes dois assanhados contendores!)

"2.º — "Vida e morte do varão apostolico e grande servo de D. Fr. Ant.^{o} das Chagas, composta e repartida em cinco tratados pelo choronista mór do reino Fr. Raphael de Jesus, benedictino professo, em a reformada congregação etc.^{a} — No insigne mosteiro de S. Bento da saude da corte e cid.^{e} de Lx.^{a} Natural da regia e sempre leal villa de G.^{es}, Anno de 1683„. E' authographo. Está assignado, no fim, em 31 de março de 1684. E em mt.^{as} partes emendado e n'outras com claros por encher. Faltam-lhe alguns cadernos interiores. 68 pag. fol.

"Já vê V. Ex.ª que o Barbosa não se equivocou. Vej. Innocencio F. da S.^{a} art.^{o} *Raphael de Jesus.*

"3 — "Cartas historico-criticas escriptas a diversas pessoas p.^{r} Fr. Marceliano da Assenção, Monge de S. Bento na Congreg. de Port.„ 4.º 206 pag.

"4 — Catalogo chronologico e historico no qual se contem a noticia das insignes pessoas q. exerceram a occupação de Reitor do Collegio seminario de S. Pedro da cid.^{e} de Braga; E se referem as patrias em que nasceram, as sciencias que professaram, e os m.^{s} empregos q. occuparam, escripto p.^{a} q. no m.^{mo} collegio se conserve perpetuamt.^{e} a sua memoria, No anno de 1757.„ fol. — cento e tantas pag. Encad. em pergam.

"5 – Proposta q. se fez ao S.r D. João 4.o a favor da gente da Nação pelo p.e Ant.o Vieira.

"Carta que um am.o do p.e Vieira lhe escreveo no tempo q. os christãos novos contendiam com os ministros do S.to off.o.

"Cartas do Vieira em resposta á sobredita.

"Desengano catholico sobre o negocio da nação hebrea pelo m.mo p.e Vieira.

"Engano judaismo contra o desengano catholico.

"Resposta ao papel supra feito em defensa da gente da nação. – 4.o de 92 pag.

"6 – Defeza e retractação do p.e Vieira na Inquisição. – 4.o cento e tantas pag.

"7 – Discurso politico do p.e Ant.o Vieira, chamado vulgarm.te o *papel forte,* em q. responde ao parecer do procurador da fazenda real Pedro Foz Montr.o, p.r mandado do S.r D. João IV, sobre se havia de entregar ou não Pernambuco aos hollandezes, e como se havia de defender o reino da monarchia de Cast. e Holl. Fol. 122 pag. (Se André de Barros conhecesse o N.o 6, daria bons realces á biograf. do Vieira).

"8 – Memoria d'alguns factos mais notaveis succedidos neste reino depois da morte do Snr. D. Pedro 3.o. 22 pag. fol.

"9 – Cathalogo dos reis de Portugal e m.s alg.as curiosid.es – Do mosteiro de S. Thirso – (Caracteres do seculo XVI) fol. 140 pag. pouco m.s ou menos.

"10 – Diario da viagem q. fez a náo nossa Snr.a da Pied.e p.a o estado da India no anno de 1722 apontado por um criado do Ill.mo Sr. Primaz q. o conduzia.

"Diario da viagem que fez a náo N. Snr.ª da Ajuda p.ª o Rio de Janr.º em compª. da frota, sendo cap.am Braz Fran.co e contramestre Roque Ferr.ª levando nella o Ex.mo bispo de Angola. 1739 – fol. 124 pag.

"11 – Arvore de Barbozas e Abboins – fol. gr.

"12 – Outras genealogias.

"13 – Bibliotheca bracharense ou escriptorès e compositores de livros, assim impressos como manuscriptos, dos naturaes da cid.e de Braga – Appenso – "Liturgia bracharense„ fol. 42 pag.

"14 – Mostrador geral do archivo da mitra primaz Dirigido pelo oz.or geral Ignacio José Peixoto, anno de 1787 fol. 124 pag.

(Deve ser estimado para saber-se o que se perdeu no incendio do cartorio da mitra).

"15 – Memorial historico dos direitos da mitra – etc. fol.

"16 – Memorias p.ª a hist. da congregaç. benedict. fol.

"17 – Estatutos do Collegio da Ordem militar de S. Thiago da Esp. e S. Bento d'Aviz – Confirmados por D. Filippe 2.º N. Sr. 1615 – fol. 136 pag.

"18 – "Emprezas de S. Bento„ – E' a cont. dos 2 vol. de Fr. João dos Prazeres, visto q. elle escreve na pag. 5.ª "Demos fim ao 2.º tomo, descansando o principe dos patriarchas nas faldas do Monte e assim, etc.„ Contem tres emblemas a craião, á semelhança dos estampados nos 2 vol. public. São 72 pag. infol. Presumo q. Fr. João não escreveu mais, bem q. se haja dito que ficaram completos 2 vol. alem dos publicados. Estes cadernos dizem no alto: *4 cadernos*

do uzo do R.^{mo} Loreto. E começam na *Aguia* com a legenda Dictante natura feror.

"19 – Livro de Prespectiva (sic) e he tamb.^{m} de archetetura de André Poso, etc. Vertido pelo p.^{e} Fr.^{co} de S. José, etc. 1768 – fol. Tibaens.

"20 – Fr. Pedro Roberto – Exacta demonstração da propria ancianid.^{e} das regras de S. Bento, S. Basilio e S.^{to} Agost.^{o} – fol. 22 pag. – (lettra do seculo XVI).

"21 – Autobiographia del Hermano fr. José Benito – (Castelhano) 1723. fol.

"22 – Memorias p.^{a} a hist. da Congreg. de S. Bento. fol.

"23 – Cerimoniaes e outros papeis.

"24 – Fr. Luiz Caetano de S. José – Directorio de religiosos. 4.º 1782 – 4.º 90 pag.

"25 – Fr. Diogo de S. Gertrudes. – Incognitus per se cognitus – fol.

"26 – Um grosso folio (sem frontesp.) São Cartas do bispo do Pará Fr. João de S. Joseph. Pareceu-me importante historicam.^{te}.

"27 - Manuscripto de lettra que não decifro – fol.

"28 – Resposta a uma petição gravemt.^{e} calumniosa feita ao ex.^{mo} Nuncio contra o geral de S. Bento, etc. fol. 217 pag.

"Varios folhetos e fol.

"9 Grossos massos de papeis velhos q. não examinei.

"Aqui tem V. Ex.ª.

"Perguntei ao possuidor quanto queria por tudo isto. Disse-me que um particular lhe offerecera 50 libras. Desconfio que seja o tal particular o Visconde d'Azevedo. Ajunctou que se lhe dessem 300$. rs. os

venderia. Eu de mim, se podesse comprar preciosid.[es], como o visconde, daria mais. Diga-me agora o meu amigo: faria eu tolice?

Basta.

De V. Ex.[a]

V. N. de F.[am] m.[to] affectivo am.[o]

2 de 9[bro] de 1866 *C. C. Br.[co]*„

IV

"Meu amigo

"Hoje (16) recebi os livros. Repito que são magnificos exemplares e baratissimos. Se alguma vez o acaso lhe deparar os dois folios do Cenaculo sobre os estudos da Ordem 3.[a], não m'os deixe V. Ex.[a] escapar. E perdoe-me este abuso da sua prestadía benevolencia. De q[m] se hade valer um maniaco sertanejo cá deste Minho que já não tem outro prazer senão o de arranjar velhos silenciosos que lhe intervalem de luz os annos da prematura velhice!

"Creia na sentida gratidão com q. sou de

V. Ex.[a]

am.[o] m.[to] devotado

Camillo C. Br.[o]„

Novr.[o] de 1866.

"Os sermoens de Fr. Filippe da Luz e Diogo de Paiva são m.[to] raros?„

V

"Meu amigo

"Tenho lido a questão deploravel na *R. de Setembro.* Conheço o Freitas e lastimo que V. Ex.[a] acudisse pela sua dignidade partindo a offensa de tal ponto. Antes de eu ver a resp.[ta] de V. Ex.[a] sobre a immodesta queixa de não ser o homem incluido no Diccionario já eu sabia que o livro de *José Estevão* sahira depois. Sabia-o toda a gente a quem V. Ex.[a] quizera dar conta de sua exactidão n'aquelle trabalho. Que importava o injusto queixume do Freitas? Penalisa-me que V. Ex.[a] tenha sido perturbado na sua tranquillid.[e]; quanto ao triumpho, se o ha em taes questoens, deve o meu amigo estar contente de si. Chibatou-o rijam.[te] A carta q. antecede as duas publicadas juntam.[te] é comica e magnifica. Agradeço-lhe o honroso cabim.[to] que lá me deu (1).

---

(1) Refere-se esta carta á polemica travada entre Jacinto Augusto de Freitas Oliveira e Innocencio Francisco da Silva, na *Revolução de Setembro.*

Freitas Oliveira, escrevendo na *Semana Theatral* a critica do romance *Memorias dos vinte annos,* de Julio de Castilho (critica transcripta, em folhetim, na *Revolução de Setembro* de 14 de novembro de 1866), queixou-se de não ler o seu nome no *Diccionario bibliographico*, de Innocencio, não obstante ter já escripto um livro quando o illustre bibliophilo

"Peço-lhe o favor de me comprar, alem dos 2 vol. do Paiva (baratissimos são) os 2 do Filippe da Luz, que tambem são por bom preço. Que incommodos lhe dou, meu amigo!

"Desculpe-me V. Ex.ª tão incessantes estopadas, e veja de q. pode servir-lhe o

Seu am.º m.to obg.do e v.or

29 de 9bro de 1866.

Camillo C. Br.co"

VI

"Ex.mo Sr. e

Meu amigo

"Já recebi os livros bem resguardados e em optimo estado. Sem embargo de V. Ex.ª me não ter dito q. recebeu os 3$ e tantos rs., presumo q. não teria descaminho o vale, bem q. se me tenham descaminhado m.tas cartas d'aqui.

"Brevem.te vou dar á estampa as prosas e poesias

---

passou pela sua inicial. Innocencio respondeu na *Revolução de Setembro*, de 16 de novembro, que, tendo Freitas Oliveira publicado o seu livro *José Estevão, esboço historico*, em 1863, não podia indical-o no seu *Diccionario*, em 1859.

A discussão seguiu, agreste e viva, entre os dois, tendo Innocencio publicado a sua ultima carta em 11 de dezembro de 1866 e Freitas Oliveira no dia seguinte.

ineditas de Fernão Rodrigues Lopo Soropita, precedidas de uma biographia do homem. E' livro p.ª 270 paginas. Lá verá V. Ex.ª entre as poesias de Soropita uma que o visconde de Juromenha deu como inedita de Camoens, mas desgraçadam.te aleijada no traslado do Juromenha.

"Se as outras que elle referiu a Camoens forem d'elle tão verdadeiram.te como a Elegia XXXI, o visconde foi feliz e esperto no seu achado!

"A visão de Petrarcha com que nos enche o V vol. é a mais desastrada logração que ainda vi! Que ouvido e que criterio! O homem carecia d'um curso de hermeneutica antes de se abalançar a editar, com visos de illustrador e inventor, o Camoens. Dizem-me q. é boa pessoa o visconde. Creio sinceram.te p.ª lhe conceder alguma qualid.e excellente. Em coisas de lettras não chega com a barba á mediocridade.

"Soropita foi um magnifico poeta, e prosador mais limpido que os seus coetaneos. Obscurece-o aquelle gosto das methaphoras e alegorias de que andavam iscados os discipulos de Jorge Ferr.ª e os das Comedias de Sá de Miranda, e talvez de Fernão Cardoso, q. nunca vi, e só conheço do q. V. Ex.ª e M.el Severim dizem.

"Será coisa m.to difficil encontrar-se o sermão do S.ta Clara, arceb. de Evora, nas exequias do Pombal? Dos 100 exemplares que V. Ex.ª diz se publicaram de certo não conseguirei ser eu um dos 100 possuidores. Quando eu for a Lx.ª, V. Ex.ª m'o deixará ver.

"Ja tenho 119 vol. de sermoens. Tenho os melhores e os peores. Para mim o primeiro orador sa-

grado é o p.e Luiz da Natívid.e, e o melhor sermão que conheço em portuguez é o d'elle, em Guim.es, ao pelote de D. João 1.o

"Não o impaciento m.s

De V. Ex.a

m.to obrigado am.o e respeitador

20 de J.o 67.

Camillo Cast.o Br.o"

VII

"Meu amigo

"Estou de posse do precioso sermão. E' admiravel! Quem nos dera hoje assim um conceituoso e vernaculo orador!

"Vi a carta q. V. Ex.a escreveu ao Castilho, respeito dos versos castelhanos do Camoens. Agora creio com V. Ex.a que são d'elle. Verá no prefacio do *Soropita* qual a razão da m.a pergunta. Duvido que o Porto me dê editor para as prosas e versos do Soropita. Ainda assim vou procural-o. Se não houver q.m queira, vou-me estrear como editor, na certeza de perder duas duzias de libras — é o peor q. pode acontecer. N'outro paiz, este livro valia dinheiro grosso.

"Meu amigo, tenha sempre a sua boa paciencia em aturar massadores; mas fuja do Juromenha — Li hontem o 1.o canto do *Triumpho d'Amor*. Tem 160 linhas: *setenta* são erradas, visto q. o alarve teima em chamar aquillo poema. Não ha escandalo semelhante na historia das burlas! O pensam.to de V. Ex.a

é bom e urgentissimo, q.[to] a notar esta vilipendiosa ediç. de Camoens. Não esmoreça: peço-lh'o encarecidamente; senão, vou mandar vender a peso estes 5 vol. e não quero mais.

"Tenho andado involvido n'uma polemica em Braga (!) por causa do patriotismo de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. Agora acabo de escrever uma tosa no M.[el] de Faria e Sousa, questão appensa á do Arcebispo. Veja V. Ex.[a] como eu passo o tempo neste ermo! Ao q. eu cheguei, meu am.[o]! Se vou neste andar, saio d'aqui sabio com todos os symptomas de burro, ou peor ainda, de Juromenha (1).

"Mande-me V. Ex.[a] como ao seu

mais admirador, grato e am.[o]

28 de Janr.[o] 67.

Camillo C. Br.[o]"

VIII

"Meu amigo

"Mando o que basta para a menção dos escriptos de D. Anna Placido. Pede ella a V. Ex.[a] q. se esqueça

---

(1) Camillo, tanto n'esta carta como na anterior, é descaroavel, quando se refere ao visconde de Juromenha. Deve, porem, reconhecer-se que este illustre investigador commetteu bastos e imperdoaveis erros nos seus estudos relativos á vida e obras de Luiz de Camões. — Veja-se, a este respeito, o volume III das *Noites de insomnia*, pags. 16 e seguintes.

das suas insignificantes producçoens, e ao m.^{mo} tempo lhe agradece respeitosament.^{e} não a ter esquecido (1).

De V. Ex.ª

amº cordealissimo

3 de fevr.º 67.

Camillo C. Br.º"

IX

"Meu presado amigo

"Desejo q. V. Ex.ª, se tiver duas horas de vagar e pachôrra, leia o *Ms* q. lhe remetto, e ajuise d'elle

---

(1) Innocencio Francisco da Silva, no tomo VIII, pag. 67, do seu *Diccionario bibliographico,* refere-se d'est'arte a D. Anna Placido:

«D. Anna Augusta Placido, natural da cidade do Porto, e «nascida a 27 de setembro de 1833. Foram seus paes Antonio José Placido Braga, honrado commerciante da mesma cidade, e D. Anna Augusta Vieira.—No livro *Camillo Castello Branco, noticia da sua vida e obras por José Cardoso «Vieira de Castro,* cuja primeira edição (1861) é dedicada a «esta senhora, se encontram especies aproveitaveis para a sua «biographia.»

Indica depois Innocencio as obras que D. Anna Placido tinha publicado até áquella data, e eram: *Luz coada por fer-*

com a sua liza critica e desprendim.to de consideraçoens com Soropita, q. é morto, e com o annotador que morto é tambem no orgão da vaidade (1).

"Se V. Ex.a intender que o trabalho merece a publicação, dir-me-ha se Lisboa tem editor que o queira. O Porto figura-se-me q. o não tem. Cá estes mercadores de *Mss* não querem senão romances — coisa que se venda a todo o mundo, desde a fidalga occiosa até á creada grave.

"O Lopes da rua do Ouro gosta de publicar velharias; mas consta-me que as paga como ferros velhos. V. Ex.a não pense que eu o encarrego de solicitar tal negoceação. Antes de tudo cumpre saber se o livro dará interesse a q.m o publicar, dando 200$rs. pela propried.e; depois é que m.to agradecerei a V. Ex.a o obsequio de *simplesm.te* dizer ao Lopes ou a outro: "Você quer isto?" Se V. Ex.a achar ahi coisas de m.s e de menos queira riscar umas e dizer-me onde devo interpor outras.

---

ros, O mez de Maria da immaculada Conceição, traduzido do P. Gratry e sahiu anonymo, e *Aurora*, drama imitado de um romance de Méry. Alem d'isso, varios escriptos de litteratura amena, publicados no *Civilisador* e no *Futuro,* de que em 1862-1863 foi principal redactor Faustino Xavier de Novaes.

(1) Este manuscripto foi publicado em 1868 com o titulo *Poesias e prosas inéditas* — De Fernão Rodrigues Lobo Soropita. — Com uma prefacção e notas de Camillo Castello Branco — Porto: — Typographia Lusitana, 74, Rua de Bellomonte. Veja-se a *Bibliographia Camilliana*, do sr. Henrique Marques, pag. 135.

"Se o livro vier a lume, terei occasião de corrigir nas provas o que precisar emendado.

"Tenha m.ta tolerancia
com o
De V. Ex.a
obg.mo am.o
3 de Fevr.o de 67. *Camillo Cast.o Br.o*"

X

«Meu am.o e
Ex.mo Snr.

Porto 27 de 8br.o 72.

"Nos meus infortunios ainda não achei a consolação que a philosophia socratica nos manda colher dos infortunios alheios. Se V. Ex.a tem achado balsamos n'esta eschola, eu ainda lá os não achei para o meu reumathismo. Tenho experimentado varias especies d'elle. Ultimamente vou sendo flagellado por um q. os galenos chamam "nervoso", e eu, empyricam.te, chamo "dor sciatica". Se V. Ex.a conhece esta variante, não lhe invejo a sciencia pratica em pathologia. Seja como fôr, deploro que a infermid.e seja o contrapêzo com que a vontade do grande architecto desconta nas injustiças que vão cá em baixo cons-

truindo os architectos pequenos para empécerem ao talento laborioso. Não bastava o gêlo que nos atrophia a alma; vem tambem a doença q. nos imperra o movimento. Louvado seja por tudo o Altissimo na gloria dos seus sanctos, e dos patifes felizes neste mundo, Amen.

"Ao proposito de patifes occorre-me Theophilo e a pleyade de estrellas que saltaram á volta d'elle como vaga-lumes de uma alagôa miasmatica. De toda a podridão nascem cogumelos bravos. E todo o corpo que se desorganisa por effeito da cachexia apresenta na cutis umas nodoas symptomaticas da decomposição do sangue. Estes malandrins mosarabes são as manchas desta coisa chamada Portugal que morre litterariamente ao m.mo tempo q. politicamente agonisa. Q.do perdemos a independencia no fim do seculo XVI as lettras medravam galhardamt.e no Portugal de D. João III. Era isso, a meu ver, symptoma de resurgirmos, por que o vigor intellectual sobrevivia á derrota do pulso degenerado dos portuguezes. Hoje, porem, presinto que morreremos, a um tempo, covardes e estupidos. Theophilo chegou quando devia chegar. Ao latim barbaram.te intortilhado da edade-media damos como confronto este portuguez que nos querem ensinar.

"Nós, já agora, meu amigo, morreremos no acatamento de Luiz de Sousa, e no proposito de os mandar a elles para o inferno, onde os esperam as mães q. os pariram. Basta de estafa.

De V. Ex.a am.o obg.mo

C. Castello Br.o"

XI

"Meu presado am.º
e Ex.mo Sr.

"Está V. Ex.ª completamente restabelecido? Eu cá estou gemendo ao pé do fogão nestas dores nevralgicas que me parecem ser o prefacio da gota.

"Quando V. Ex.ª tiver occasião de encontrar o *Diccionario da maior parte dos termos homonymos e equivocos da lingua portugueza, etc.*, por Ant.º Maria do Couto (1842) faz-me o obsequio de o comprar? Encarreguei o Chardron de o haver da casa Bertrand, mas parece que o não achou lá. Pode ser que o galego do Pote das Almas o tenha. V. Ex.ª me obsequiará mandando compral-o.

De V. Ex.ª

am.º obg.º e cr.º

Porto, 9 de Dezbr.º 72.

Camillo Castello Br.º"

XII

"Meu presado am.º e Ex.mo Snr.

"Recebi hontem a carta de V. Ex.ª e hoje a copia da sentença. Muitissimo lh'a agradeço. E' documento

indispensavel p.ª o meu romance *O Regicida,* que estou escrevendo, na certeza de q. elle, o Dom.os Lt.e Pereira, era homem de grandes brios, como dos auctos melhor se verá (1).

"Creio ser bastante raro o opusculo de Fr. Fran.co Brandão, concernente ao m.mo cazo. Pude encontral-o na Bibliotheca publica: é o illustre frade quem menos fraudulentam.te conta o cazo. Os outros historiadores coevos (Ant.º de Sz.ª de Macedo e D. Fr.co M.el de Mello) são apenas uns declamadores hydropicos de rhetoricas.

"Se V. Ex.ª descobrir um dia o tal folheto do Brandão, e o não quizer p.r já o ter, queira comprar-m'o sem attender a preço. Muito livro preciza ter quem quer escrever alguma coisa, que não seja maravalhas e fancaria grossa! Eu, infelizmente, vivo em terra onde raro apparece um livro que tenha cunho velho com utilidade. Quando ahi vou, gasto o dinheiro nestas coisas q. lá são carissimas, e safome a hybernar entre ellas.

---

(1) Nas paginas 209 e seguintes do romance historico de Camillo, *O Regicida,* publicado em 1874 pela livraria editora Mattos Moreira e C.ª, lê-se a «Sentença que se proferiu contra Domingos Leite Pereira Escrivão da Correição do Civel da Côrte, por querer atreçoadamente matar a El-Rei o Senhor D. João o IV.»

Em nota de pagina 208 do alludido romance, ao apresentar aquella sentença, escreve Camillo:

«Ao meu erudito amigo, o sr. Innocencio Francisco da «Silva devo o favor do traslado, cuja orthographia se trans«creve fielmente.»

"Beijo-lhe as mãos p.^{r} tudo que lhe devo e heide dever.

De V. Ex.ª

am.^{o} e collega adm.^{r}

Porto 12 de 7.^{bro} 73.

Camillo Cast.^{o} Br.^{o}"

XIII

"Meu presado amigo

"O autographo que possuo é o da *2.ª carta,* por que principia: "Na introducção assima, etc." e é datada em Paris, 19 de nov.^{o} 1759. Estou que faz differença grande do original por ter o *M.^{s}* m.^{tas} paginas traçadas, e talvez as m.^{s} importantes por certas liberdades anti-religiosas. Não vi, é certo, as poesias impressas de Ant.^{o} Lobo de Carv.^{o}. Faz-me falta pelo menos o *testam.^{to}*, mais talvez do q. aos erdeiros do poeta.

"Folgo que V. Ex.ª me não achasse brutal nos pontapés dados nos gaiatos. Aquillo já destoa da m.^{a} indole de velho; todavia, estes biltres, se se convencem da nossa bond.^{e} esfolam-nos. Dizia lá o nosso bom Miranda:

Mister é fazer liança,
Se não, máos bichos nos comem.

"Estou á espera da *Actualidade.* Deve vir, provavelmt.^{e}, devassar a m.^{a} vida particular, visto q. nenhum outro despique resta ao miseravel S.^{a} Pinto.

"Os homens q. vieram d'ahi desafiar os de cá, a meu ver, sahiram tristemente irrisorios. A solução honrosa era outra, se realm.[te] se consideravam offendidos. Houve demasia de pundonor, e demasia de transigencia a final. Os de cá sahiram-se do apêrto com felicid.[e] de burros (1).

"Quando V. Ex.[a] fallar com o Rodrigues peço-lhe o obsequio de lhe dizer que, se ainda o tiver, me remetta um Balzac illustrado que eu lá vi ha 2 annos, e lhe marque o preço q. immediatamt.[e] remetterei. Desculpe V. Ex.[a] o incommodo q. lhe dá

o seu am.[o] e adm.[or] obg.[o]

Porto 17 M.[ço] 1874.

Camillo Cast.[o] Br.[co]"

---

(1) O numero 22 da *Actualidade,* do Porto, publicado em 28 de fevereiro de 1874, esclarece amplamente estes periodos obscuros da carta de Camillo. Sob o titulo *Pendencia jornalistica,* lê-se ali que terminou a pendencia d'honra suscitada pelos srs. Pedro Corrêa da Silva e Sebastião de Sousa Dantas Baracho, jornalistas de Lisboa, chegados tres dias antes ao Porto, e os srs. Urbano Loureiro e Silva Pinto, jornalistas portuenses. E, depois noticía:

«No mesmo dia enviaram aos snrs. Urbano Loureiro e «Silva Pinto duas testemunhas encarregadas de intimar aquel«les senhores a retirar tudo quanto no *Diario da Tarde* ha«viam escripto de injurioso contra elles, declarando ao mesmo «tempo que, pela sua parte, não retiravam coisa alguma do «que haviam escripto contra os dois jornalistas portuenses, «e propondo um duello a estes ultimos no caso de não accei«tarem a intimação.»

«Os snrs. Urbano Loureiro e Silva Pinto enviaram, por

XIV

"S. Miguel de Seide 3 de Junho de 1874.

"Fui tão consciencioso no breve juizo que escrevi

«duas testemunhas, aos representantes dos snrs. Corrêa e «Baracho a seguinte resposta:

«—Por parte do snr. Urbano Loureiro, —a declaração de «que tractando-se as questões jornalisticas pela imprensa e fi-«cando livre, no caso de injuria ou offensa, ao aggravado, o «direito de se desaffrontar pelos tribunaes, recusava o duello, «e que só o acceitaria, no caso d'uma affronta de maior gra-«vidade, e a dois passos de distancia, com uma pistola carre-«gada e outra descarregada.

«Mais: que nada retirava, antes sustentava tudo quanto «escrevera no *Diario da Tarde,* com respeito aos redactores «do *Diario Illustrado,* esperando, sem recuar, qualquer ag-«gressão que partisse d'um encontro casual, quer premedi-«tado.

«Por parte do snr. Silva Pinto foi respondido:

«—Que *não retirava coisa alguma* do que escrevera no «*Diario da Tarde,* que não acceitava o duello proposto e «que, finalmente, não fugia a qualquer aggressão que, em «qualquer parte, lhe fosse dirigida.

«Em seguida a estas respostas, tão cathegoricas como a «intimação que as motivou, os snrs. Pedro Corrêa e Sebas-«tião Baracho, ouvido o parecer das suas testemunhas, que «os dava por desaggravados, partiram de novo para Lisboa.»

Eis ahi, textualmente transcripto, o que informava *A Actualidade,* que, no seu numero de 3 de março de 1874, publicou ainda uma carta de Silva Pinto sobre a questão.

ácerca da questiuncula Renan, que, se fosse eu um dos votantes, votaria com V. Ex.ª (1).

"No proximo n.º 6 das *Noites* bato severamente no da *Actualidade* e no dos *Musicos*. A final antevejo que terei de os castigar com estylo de vergalho. Ameaçam-me com invasão á vida particular. Se disserem a verd.e, não lhes impugno o direito; se me calumniarem, dou-lhes de modo que os aleige (2).

---

(1) A *questiuncula Renan*, a que allude Camillo n'esta carta, consistiu em ter sido Ernesto Renan, em 1874, proposto socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, sendo rejeitada a proposta. Innocencio Francisco da Silva foi dos que votou contra ella, segundo informação que me forneceu o meu amigo sr. Brito Aranha, illustre continuador do *Diccionario bibliographico*. A' rejeição da proposta seguiu-se discussão na imprensa. Veja-se o tomo V das *Noites de insomnia*, pags. 76 e seguintes, onde Camillo Castello-Branco trata d'este incidente, relativo ao auctor da *Vida de Jesus* e do *Anti-Christo*.

(2) Esta carta e a anterior referem-se á violentissima polemica travada entre Camillo Castello-Branco e o fallecido escriptor Silva Pinto. Como são bem conhecidos os termos arrebatados e os golpes impetuosos de tão assanhada querela literaria, não me deixo vencer pelo escrupulo de trasladar *in extenso* as duras palavras d'estas duas cartas do Mestre, que, passado o ardor da lucta asperrima, teve em Silva Pinto um dos seus mais apaixonados e fervorosos admiradores.

A ardente controversia começou assim:

No volume I das *Noites de insomnia*, Camillo, escrevendo ácerca de D. João III, chamou-lhe *o principe perfeito*. *A Actualidade*, jornal que via a luz no Porto e cujo proprietario era Anselmo Evaristo de Moraes Sarmento, dando noticia do apparecimento das *Noites*, no seu numero de 11 de fevereiro de 1874, sob o titulo *O pechisbeque do snr. Ca-*

"Não sei o nome do javardo. Talvez seja Joaquim. Eu, na posição de V. Ex.ª, não mencionava sequer semelhante malandrim.

"Continúo a padecer, e a não parar em p.te alguma. Eu a fugir, e a morte na m.ª piugada. O q. D.s quizer.

De V. Ex.ª

am.º, discipulo e cr.º

Camillo Castello Br.º"

---

millo Castello Branco, referia-se com pouco amor ás materias do volume publicado, e o noticiarista, ao chegar ao que chamava «ponto culminante das insomnias do snr. Camillo», escrevia:

«Porque o snr. Camillo Castello Branco *desconhece a historia elementar do seu paiz,* é triste dizel-o — mas temos de «dizel-o. Abra-se esse, já agora, desgraçado livro e veja-se, «— se ainda ha olhos para ver; — ahi está, pagina 36:

«**D. JOÃO III, O PRINCIPE PERFEITO!** é o titulo d'um capi«tulo de historia patria... — **D. João III!** — ouvis?... — **O Prin«cipe Perfeito!** — comprehendeis? O snr. Camillo Castello «Branco confunde com o filho de Affonso, *o africano,* o filho «de D. Manoel! Nem á mão teve o *nosso primeiro romancista* «um «compendio da historia de Portugal»!... Vamos, senho«res da academia das sciencias! Respondei: — Que vos pa«rece esta affronta aos estudantes de primeiras lettras? Agu«çaes as pennas para o folhetim encomiastico, senhores do «elogio official?... Pois bem: preparae a vossa palmatoria, «oh professores primarios, e, quando á affronta dos 90$000 «reis annuaes do vosso vencimento, accrescentarem a offerta «d'uma cadeira na Academia, erguei bem alto a cabeça, — «bem alto, oh verdadeiros sabios! — e respondei: — *Não!*»

No tomo II das *Noites de insomnia,* Camillo respondeu que, ao escrever, chamára a D. João III *o piedoso,* mas como

XV

"Meu presado amigo

"Olhe que ainda hoje reparei n'uma injustiça que V. Ex.ª me faz a pag. 388 do tom. 8.º do *Diccionario bibliographico.* V. Ex.ª considerou que eu seria-

---

o noticiarista da *Actualidade* podia ir verificar á typographia, na prova impressa emendára, de proposito, para *principe perfeito,* por estar no seu arbitrio «alterar os cognomes que não derivam de razão justificada». Dava ainda outras razões e rematava:

«N'isto de acolchetar autonomasias, tanto aos reis como «aos subditos, quero e peço que haja liberdade plena. Por «exemplo: o redactor da noticia da *Actualidade,* conhecido «entre os seus parceiros por um epitheto qualquer, está «sujeito a que a posteridade lh'o altere ou inverta. Eu, por em «quanto, circumscrevo os limites da minha phantasia a cha«mar-lhe tolo.»

Silva Pinto ainda replicou na *Actualidade* de 21 de fevereiro e de 17 de março de 1874, mas, batido vigorosamente por Camillo, que nas *Noites de insomnia* ia distribuindo pancadaria de escachar, não poupando o sr. Theophilo Braga e o sr. Joaquim de Vasconcellos—a quem chamava o dos *Musicos*, por este publicista ter escripto *Os musicos portuguezes* —Silva Pinto, dizia eu, poz ponto á contenda no numero da *Actualidade* de 11 d'abril.

Camillo, triumphante, no volume VII das *Noites,* deu a ultima espadagada no seu adversario e futuro amigo.

mente indicava a rarid.^{e} do livro de Fr. Bernardino de Sta Rosa. Aquillo era uma ironia, um modo de ridiculisar a vulgaridade da obra tolissima. Doeu-me que V. Ex.ª me julgasse capaz de invectivar a sua profunda sciencia bibliographica, attribuindo-lhe o desconhecimento de livro que eu tenho visto e despresado cem vezes. Pequices de tal qualidade deixo-as de jus e herd.^{e} aos Castiços e Caldas. Eu conheço alguma coisa de livros que valem a menção do seu *Diccionario*, e m.^{tos} lá vejo mencionados em que se conhece a deferencia de V. Ex.ª com bibliomanos sandeus.

"Abraça-o, meu caro amigo,

o De V. Ex.ª

Collega affectivo e obg.^{do}

Seide 18 de J.^{o} 74

Camillo Castello Br.^{o}"

XVI

"Meu presado amigo

"Tem a bondade de me dizer quem é o author de um libreco, do qual me não lembra o titulo, que versa sobre os prezos do Forte da Junqueira, no reinado de D. José? E, se V. Ex.ª tiver dois

exemplares, ou souber onde se vende um, faz-me o obsequio de m'o enviar? Lembra-me ter visto, ha m.^{tos} annos, o tal livro.

De V. Ex.ª

Am.^{o} obgr.^{o} e collega

Porto 31 de 8.^{bro} 1874.

Camillo Cast.^{o} Br.^{o}"

*

* *

"Meu am.^{o}

"Cuidei que do supremo tribunal só havia recurso para o poder moderador. A *Bohemia* será devorada pelos ratos antes que a ultima sentença seja inappellavel.

"Agradeço as suas explicaçoens. A m.^{a} doença vae tomando uma gravidade que não permitte duvidar da breve solução da lucta em que vivo ha tantos annos. Desejo isto acabado; e, se previsse uma longa agonia, empregaria algum esforço por abrevial-a.

"Queira felicitar o Snr. Dr. Moreira da Fonseca pela 2.ª victoria da sua lucida argumentação.

"Do seu obg.^{mo} am.^{o}

C. Cast.^{o} Br.^{o}

"P. S. Suspendi o depurativo do Dr. Quintella por que me exacerbava os padecimt.^{os}. Peorei da vista e da zoada dos ouvidos. Dores de cabeça; maior prisão de ventre e maior prostração. Não escrevo ao Dr.

p.ª o não incommodar. Vou fazer presente dos 3 frascos a uns syphiliticos q. por aqui gemem os seus peccados.

C. Br.º

"2.º P. S.

"Queira perguntar ao Snr. M.el Ignacio se entre os livros que seu irmão recebeu do espolio do Oliveira ainda existem uns volumes truncados das *Memorias Geneologicas da Casa Real,* sem os 6 tomos das Provas. No caso de existirem desejo saber quanto se pede por elles (1)."

(1) Esta carta, como outras muitas de Camillo, não foi datada. Possuo, porem, o respectivo sobrescripto — onde é bem nitida a marca do correio do Porto — e por elle se vê, não só que foi dirigida ao fallecido editor portuense Eduardo da Costa Santos, mas que chegou ao seu destino e foi recebida em 30 de março de 1885.

A *Bohemia,* a que a carta de Camillo se refere, é o seu livro *Bohemia do espirito,* editado por Costa Santos e publicado em 1886. Deu, esse livro, motivo a uma questão de propriedade literaria, intentada pelos successores do antigo editor Ernesto Chardron e largamente tratada em opusculo pelo eminente romancista.

Apostilla

Devem ser publicadas as cartas intimas dos grandes escriptores?

Aqui surge e se alevanta, mais uma vez, a tão debatida questão que versa sobre a publicação das cartas intimas dos grandes escriptores. Devem essas cartas ser publicadas? Não devem? – *That is the question* . . . Eu, por mim, voto, sem hesitar, pela affirmativa, em que pese aos que doutoralmente . . . de pitada apontada ao sabio nariz de *magister*, sustentam – e até *decretam!* – opinião contraria. As cartas dos escriptores devem ser dadas á publicidade, sempre que seja possivel e com raras excepções na escolha.

Quem escreve para o publico, ao publico pertence: como que fez o sacrificio da sua individualidade e d'ella abdicou para a entregar, em plena desnudez, á grande massa anonyma que lê. A esta, pois, é devido, sem refolhos, tudo o que ao escriptor diz respeito: as suas ideias, as suas palavras, os seus sentimentos, as suas paixões, e até os seus affectos e as suas dôres. E onde melhor do que nas suas cartas intimas todos os seus pensamentos e todas as suas maguas e todas as suas grandezas e defeitos se revelam? Onde melhor do que ahi se decifram muitas das entrelinhas obscuras da sua obra?

As cartas d'um escriptor eminente não estão a par das de qualquer desconhecido, nem podem comparar-se ás do burguez prosaico e pacato que faz encommendas ao tendeiro ou expede ordens e recommendações ao seu feitor: são documentos vivos em que se folheiam, por vezes, paginas da sua vida ou sangram farrapos do seu coração. E' nas cartas reservadas que esses homens de talento e de genio — que devem ser bem conhecidos, que indiscutivelmente convem que o sejam — se mostram sem artificios nem disfarces, tendo cahido o veu da dissimulação com que encobrem e escondem as feições que o publico julga serenas e tranquillas, quando tantas vezes as contorce e afflige a tortura e a dôr! — Isto está dito e tornado a dizer, mas é conveniente e necessario repetir-se.

Essas cartas pertencem ao publico. São-lhe devidas, por todos os titulos. Não lh'as entregar, conservando-as inéditas, é um roubo que se lhe faz. Conteem ellas, de onde a onde, miserias ignoradas? Denunciam mesquinhezas, apoucamentos, até vergonhas? — E' certo. Mas, em troca, quantos elementos uteis e valiosos fornecem, quantos traços escondidos, quantas impressões novas emprestam, quantas noções surprehendentes ensinam para o conhecimento perfeito e completo do escriptor e dos seus livros. Sendo assim, aferrolhar tyrannicamente esses documentos, chega a ser quasi um crime. Acima do recato que os resguarda, está o valor de que se revestem, pelas elucidações e pelos esclarecimentos que conteem sobre a pessoa e obra do escriptor. Ora esta circumstancia, que é de ordem geral e social, deve estar sobranceira ao mesquinho segredo com que

pretendam sofregamente guardar só para si esses papeis, aquelles que os possuam, principalmente se o escriptor — como, por exemplo, Camillo Castello-Branco — foi o primeiro a assoalhar as suas paixões, a offerecer dados amplos para a sua nosographia, a estadear as suas antipathias, a não occultar as affligentes desegualdades do seu espirito.

"Não ha grande homem deante do seu creado de quarto„ — dizia a espirituosa M.me Cornuel, cujas ironias scintillantes encheram de alegria e risos os salões elegantes da França do seu tempo. Pois seja assim, e assim será. Mas para se saber se os homens que se aprumam como gigantes o são realmente, ou se, descendo do seu pedestal de gloria, são, como os outros homens, dignos de lastima e de dó, vejamos as provas escriptas particularmente pelo seu punho, que nol-os desvendam e em que elles se exhibem taes quaes são, deixando falar o coração e a alma, sem hypocrisias, sem fingimentos.

Nos seus admiraveis sermões, o Padre Antonio Vieira surprehende-nos e irrita-nos, muitas vezes, com o propositado arrebicar da locução, por entre a maravilhosa opulencia do estylo. Aqui e alem, desgosta-nos com o abuso dos tropos, com a macula da amphibologia, com a desnecessaria exhuberancia de balofas figuras de rhetorica. Abram-se, porem, as suas cartas e ali tudo é belleza e graça, elegancia, simplicidade, doçura de phrase, naturalidade, singeleza e desaffectação. Se não conhecessemos as cartas do orador colossal do seculo XVII, aquella extraordinaria figura de escriptor teria deixado escondida a sua feição mais merecedora de fervoroso culto.

Pode acaso censurar-se quem trouxe a publico as

cartas intimas de Garrett? Cartas aos seus amigos, aos seus collegas, a sua filha — cada uma d'ellas revelando uma faceta d'aquelle sublime espirito, uma nova aresta d'aquelle caracter. Pena é, e grande, que não se conheçam ainda as suas missivas de amor.

Tantas cartas de escriptores e escriptoras celebres se teem publicado! E ainda bem. As de M.me de Sevigné são a pintura fiel e delicada da sociedade do seu tempo. São os mais bellos dias do grande reinado de Luiz XIV a reviverem n'um estylo adoravel, cheio de colorido e de brilho. Na correspondencia de William Beckford, o fervente apaixonado da doce filha do marquez de Marialva, que elle entreviu sob o ceu azul de Portugal como uma visão divina e pura, nimbada de oiro e de luz, temos a photographia exacta e nitida da epoca frivola de D. Maria I, com os seus frades mazorros, os seus fidalguinhos casquilhos, e as suas tafulas de anquinhas arqueadas, signaes provocantes a pintalgar-lhes o rosto e os penteados mirabolantes cheios de plumas e fitas; com os seus saraus, em que os pares calamistrados se requebravam nas mesuras dos minuetes e as adivinhas e motes se seguiam ás melodiosas modinhas docemente cantadas ao cravo; com os seus poetas-pedintes, os seus moleques enfeitados como araras, as suas freiras ladinas, entretidas a tasquinhar goloseimas, os seus quadrilheiros e lacaios, as suas beatas ridiculas, as suas liteiras e os seus rapazes da boa-roda, toureiros em dia de festa rija, a cravarem, de cima do cavallo empennachado, o rojão agudo na cernelha do toiro.

Se não se tivessem publicado as cartas d'amor que Marianna Alcoforado, a triste freira de Beja, dirigiu

ao conde de Chamilly, ter-se-hiam perdido para sempre as mais frementes paginas de sentimento e de paixão que até hoje uma penna feminina escreveu em lingua portugueza.

Quem póde querer mal a Rocheblave por ter trazido para o grande clarão da publicidade as cartas escriptas por George Sand a Alfredo de Musset? Se não se tornasse conhecida a correspondencia trocada entre os dois amantes, que mutuamente se martyrisaram, entre *elle et lui* e *lui et elle,* ainda hoje estaria por desvendar o episodio doloroso da vida de dois grandes astros da literatura franceza, que tanta influencia teve na obra d'ambos. De George Sand, ainda ha poucos mezes a *Petite Revue* inseria uma carta inédita, dirigida ao seu medico.

As *Cartas a uma desconhecida,* a *Correspondencia inédita,* de Mérimée, todas as suas cartas publicadas depois da sua morte, são uma pintura fiel do tempo de Napoleão III, e, mais do que isso, vieram provar que o notavel escriptor não era aquelle homem pessimista, descrente, quasi cynico e depravado, que elle pretendia parecer, mas sim um homem de sentimentos nobres, dedicado, sincero e franco. Não é em tantas cartas particulares de Eça de Queiroz, vindas á publicidade depois do seu desapparecimento, que mais faísca e rebrilha o talento do patriarcha do romance naturalista portuguez? As cartas de Balzac, impressas vinte e seis annos depois do seu fallecimento, não são a fonte limpida onde melhor se vae beber o conhecimento da vida e da obra colossal do grande escriptor francez?

Se fossem de respeitar os escrupulos falsamente sentimentaes dos que não querem que se tornem pu-

blicas as cartas dos escriptores de vulto, muitos livros seriam erradamente interpretados, muitas epocas historicas ficariam apagadas ou mal conhecidas, muitas figuras continuariam envoltas na parda nevoa da lenda, muitos incidentes da vida da humanidade, e que a toda a humanidade interessam, permaneceriam soterrados e sepultos sob os entulhos da Historia, para sempre cobertos pelo musgo do tempo, pela pesada lage do mysterio . . .

Quer tudo isto dizer que se devem necessariamente publicar todas as cartas dos escriptores illustres, sem excepção, a trouxe-mouxe, sem ordem, sem discernimento nem criterio? – Não! Ha algumas que ao publico nada importam: serviriam apenas a curiosidade doentia de poucos, e eu não curo aqui de casos pathologicos.

*

* *

Na hypothese que particularmente me interessa, pouco tenho a accrescentar ao que ahi deixo escripto. Quantos teem publicado cartas intimas de Camillo Castello-Branco, do grande Mestre da nossa litteratura! Silva Pinto colligiu em volume as que elle lhe escreveu; o snr. Alberto Pimentel e Alberto Braga tornaram publicas algumas. O conego Senna Freitas fez imprimir, na parte final do seu livro *Perfil de Camillo Castello Branco*, muitas das que recebeu. O snr. visconde de Villa Moura deu á estampa, no seu *Camillo inédito*, grande numero de cartas dirigidas pelo romancista a varias pessoas, que, cedendo-as para a publicidade, entenderam, e muito bem, que,

para utilidade geral, era conveniente tornal-as conhecidas. O dr. João de Meira reuniu em folheto as que o grande escriptor endereçou ao illustre archeologo Francisco Martins Sarmento. Estão impressas as que o romancista dirigiu ao Dr. Rodrigo de Beça, de Penafiel. O filho e o neto de Camillo publicaram no periodico *O Leme*, de que o visconde de S. Miguel de Seide foi fundador e o snr. Nuno Placido Castello-Branco continuador, muitas poesias e cartas intimas do seu glorioso pae e avô. O proprio Camillo, na *Correspondencia epistolar*, trouxe á luz as cartas trocadas entre elle e Vieira de Castro.

Se eu, agora, dando aos meus leitores as precedentes cartas inéditas do escriptor insigne, incorro, para os censores encartados, em negra culpa . . . *felix culpa!* Pecco em muito boa e muito honrosa companhia. Tanto me basta. E não se assanhem nem se abespinhem os peguilhentos . . . Paıa lhes cortar cerce os escrupulosinhos, dir-lhes-hei que tenho em meu poder auctorisação dos netos de Camillo para publicar estas cartas inéditas do seu glorioso avô.

CAPITULO VIII

Notas á margem

Quasi todas as pessoas que buscam distracção ou passatempo na desenfadada leitura d'um livro, que não é de philosophia profunda nem de carnuda sciencia, percorrem-lhe as folhas descuidadamente, ou então com aquella attenção ligeira que dura apenas os momentos necessarios para ler uma pagina e passar logo á immediata e a todas as seguintes, até chegar áquella em que o auctor fez imprimir a palavra "fim„. E depois o livro fecha-se e esquece-se, talvez, sem que nas suas laudas fiquem signaes de que as illuminou a luz radiosa d'uns olhos lindos, ou as voltaram os dedos febris d'um amoroso, ou as alegraram os sorrisos bondosos de velhinhas meigas, ou as meditaram os cerebros cançados d'aquelles a quem o rheumatismo afflige e a leitura mais enerva do que diverte.

Camillo não lia assim. Criticava á medida que ia virando as folhas do volume. Raro é o livro das suas estantes que não tem, á margem d'uma pagina, uma nota, um commentario, uma reflexão de applauso ou uma vergastada de censura. Sabe-se que era velho habito do inexoravel critico, ao passo que ia lendo, escrever aqui e alem, nas proprias folhas dos livros

que devorava, as impressões que a leitura lhe deixava gravadas no espirito. Lia *intelligentemente*, cuidadosamente, como não podia deixar de fazer um escriptor d'aquella estofa. Quando, em 1883, Camillo vendeu, em leilão, a sua livraria, os que compraram os livros encontraram-n'os enriquecidos com annotações de alto valor. O illustre romancista sr. Teixeira de Queiroz disse-me, não ha muito tempo, que guarda com amor e orgulho romances seus que haviam pertencido a Camillo e este commentára, umas vezes com palavras de tanto elogio e outras de critica tão original, que tornaram as suas paginas duplicadamente valiosas.

Nas duas visitas que fiz a S. Miguel de Seide, percorrendo com respeito e summo interesse a velha thebaida do nosso maior escriptor contemporaneo, tive a fortuna de examinar attentamente muitos livros que as mãos nervosas de Camillo tocaram e os seus olhos, antes de se ennevoarem de sombras, curiosamente estudaram e leram. Em quasi todos o Mestre deixou, em traços rapidissimos, em syntheses fulgurantes, a marca do seu louvor ou o vinco da sua mordacidade. Nada escapava á viveza do seu espirito! Não perdoava um erro. Tambem não regateava um elogio. Quando reputava justa a reprimenda, fustigava sem piedade a palavra, a linha, a pagina que lhe repugnavam — toda a obra, e o seu auctor, se contra uma e outro a sua intelligencia se revoltava. Merecessem-lhe, porem, agrado a passagem do livro, o trecho, o capitulo, o volume, e o applauso lá ficava escripto, sem hesitação, sem retrahimento. E o que elle assim escrevia era a sua opinião sentida, clara, nitida; era o seu parecer posto ali sem rebuços

nem disfarces, sem favor nem má vontade pois que as annotações com que ia marginando os livros que lhe entretinham as horas de descanço, quasi todas escriptas a lapis, ao correr da leitura, eram reservadas, reconditas, sem destino á divulgação. Não podem, portanto, traduzir intuitos de louvaminha, como não é permittido maculal-as com suspeita de que as envenenasse o odio ou as azedasse a intenção propositadamente aggressiva.

Toda a personalidade complicada de Camillo se revela e define com clareza nas notas por elle escriptas á margem dos livros que ia lendo. A sua critica acerada e arguta, viva, subtil, implacavel, mostra-se ali com tal relevo, com desnudez e sinceridade taes, que lastima é que não venham para a grande luz da publicidade todas as preciosas annotações inéditas que a mão do eximio estylista em tantos livros traçou. D'estas, tenho a ventura de dar aos meus leitores alguns exemplos frisantissimos, que, na sua maior parte, eu proprio copiei em S. Miguel de Seide. São trechos de prosa esplendida, em que a ironia repuxa quasi sempre, quando os não ensombram nuvens de amargura e de tristeza, como n'aquelle commentario aos versos de Castilho, o grande cego, em que o desventurado Camillo, depois cego tambem, diz que aquelle que não vê "forma imagens interiores a ponto de as ver intellectualmente com bastante nitidez para poder dizer: *vejo*".

Quem sabe se o malafortunado escriptor, ao sublinhar com estas melancolicas palavras os versos do seu mestre e amigo, teria a intuição da sua cegueira proxima, d'esse horror d'inferno que o havia de levar ao desespero e á morte! . . .

*

* *

O primeiro livro que folheei, quando estive em Seide, foi *A reliquia*, de Eça de Queiroz, edição de 1887, do editor Silva Teixeira, do Porto. Ao abrir este romance, deparou-se-me logo no ante-rosto a seguinte nota de Camillo:

"Tirante as descripçoens topographicas de alguns "pontos da Palestina — de certo exageradas por tintas "ficticias — este livro, como romance, é uma *pochade*, "em que todos os caracteres são caricaturas, e arma-"dilhas ás gargalhadas da baixa comedia. Os pla-"giatos são frequentes."

Na ultima pagina, ao fechar o livro que lhe desagradou, Camillo resumiu assim a sua impressão:

"Este livro tem duas partes — 1.ª *porcaria*, 2.ª *mas-"sada*. E' uma *pochade* á P. de Kock — chalaças hy-"perbolicam.te inverosimeis — uma vontade despotica "de fazer rir á custa de tudo; mas não é isso que o "torna um máo livro: é a falta absoluta de bom-senso "e de bom gosto. . . . ." (1)

---

(1) A paginas 140 do *Obulo ás creanças*, Camillo aprecia assim *A reliquia:*

«A *Reliquia* essa é uma variegada urdidura de fios do es-«tylo rendilhado de Edgard Quinet, cartonada em pedaços «do velho scenario burlesco de Paul de Kock e Crébillon — fi-«gurações e tramoias de peça magica. A alma esplendida do

A geração nova, do sr. José de Sampaio (Bruno), edição de 1885, da livraria Magalhães e Moniz, do Porto, foi o segundo livro que tirei de uma das estantes de Camillo. No ante-rosto li isto:

"Este livro pode mover a curiosid.e dos escripto-
"res som.te; d'estes serão poucos os que o comprem,
"e d'esses poucos apenas metade o entenderá. Por
"tanto, trabalho perdido, e as despesas da impressão
"m.to arriscadas.........................."

O capitulo XIII d'este livro de Bruno intitula-se *O romance naturalista.* Quando o auctor, n'esse capitulo, se refere a Eça de Queiroz, Camillo escreve, á margem de varias paginas, informações e commentarios curiosissimos, que um dia, se as forças de todo me não faltarem, trarei talvez a publico n'um livro

---

«livro, mettida em corpo assás deformado de gibosidades, é «o sonho da Paixão de Jesus de Nazareth, um 5.º Evangelho, «sonhado pelo pulha Dom Rapôso, desbragado garôto.

«Em que miolos tão reles, hypnotisados em todos os al«couces d'áquem e d'além mar, o refulgente phrasista sug«geriu um sonho de transcendente ascese com 150 paginas! «Aquelle bigorrilhas, que nunca teve palavra sincera nem «pensamento limpo, Dom Rapôso, que adormecia ebrio do «seu alcoolismo de asneiras e aspirações canalhas, fazia aquel«les somnambulismos messianicos de 150 paginas em 8.º! «Que desgraçada ideia romancear uma novella da Paixão de «Christo por conta do plangente cantor dos fadinhos da Ade«lia! A philosophia racionalista da Peninsula dá isto e mais «nada para os modernos estudos da Christologia.

«Foi tudo isso um hysterismo da imaginação esquipatica, «uma nevrose do talento, não lhes parece?»

que projecto escrever ácerca do notabilissimo auctor dos *Maias,* de quem Camillo diz, n'uma d'essas notas que "facilmente applaudiu o profeta„ Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, quando este lhe disse, a proposito d'uns folhetins publicados na *Gazeta de Portugal,* que Eça de Queiroz, que os assignava, "tinha o germen de grande escriptor„.

A *Historia de Portugal,* do Dr. Henrique Schaeffer, vertida para portuguez por Joseph Lourenço Domingues de Mendonça, foi o terceiro livro que examinei. No verso do ante-rosto, Camillo refere-se assim á obra:

"Os 13 tomos desta obra são m.to raros e vendem-
"se por alto preço. O valor real da extraordinaria
"*versão* é insignificantissimo. A raridade da obra de-
"ve-se a ter sido vendida a peso quase toda p.a as
"mercearias. Tem-se pedido pelos 13 vol. 26$rs. A
"pag. 72 (Notas) diz q. o Porto é *uma cidade em de-*
"*masia erudita.* E' a maior asneira q. tem pingado
"da penna humana desde q. ha tinta de escrever.

C. C. Br.„

O romance de Rebello da Silva, *Lagrimas e thesouros,* edição de 1863 (Porto), chamou-me tambem

a attenção. Abri-o. Na primeira pagina, Camillo escreveu:

"Este livro foi de minha nora Maria Isabel da "Costa Macedo fallecida em 31 de agosto de 1884."

No rosto do livro, o romancista informa:

"Este romance fez grande sensação q.do appareceu "em 1862 nos folhetins do *Commercio do Porto*. De-"pois esqueceu, como tudo, completam.te — 1886."

Depois, no verso do rosto, escreve ainda:

"R. da S.a foi no seu tempo um engraçado. Hoje "a sua graça archaica é uma impertinencia. Como "tudo passa; até as formulas do *humour!*

"O q. ha de exacto n'este romance, q.to á urdidura, "é m.to pouco. Beckford quiz casar com a f.a do Ma-"rialva; mas não lh'a deram. Foi-se embora despei-"tado.

"D. Maria 2.a em 1832, foi hospedada em Londres "por William Beckford, e m.to obsequiada."

Outro volume que escolhi, entre tantos que vi em Seide, foi o que tem por titulo *Os amores de Julia*, de José de Sousa Monteiro, edição de 1886, da livraria Ferin.

No ante-rosto, por baixo do offerecimento de

Sousa Monteiro, Camillo condensou assim a sua critica:

"Por q. obsoletos mundos divaga perdido o ana-
"chronico talento de José de Sz.ª Monteiro!„

E na ultima pagina:

"Lido – 4 a 6 de Janr.º 87
"Impressão de assombrosa estranheza e admira-
"ção. Não será com este livro que o auctor grangeia
"300 leitores. Nunca se foi mais ao arrepio da cor-
"rente do gosto publico. Em 1986 ninguem dirá que
"este livro sahiu contemporaneo de Flaubert. Que
"capital de trabalho perdido!

C. C. Br.co„

A *Jornada dos seculos,* do illustre escriptor sr. Alberto Pimentel, edição da Empreza Litteraria de Lisboa, mereceu ao solitario de S. Miguel de Seide as seguintes palavras, que copiei do verso do ante-rosto do livro:

"Este livro, composto de elementos forrageados
"em outros livros, está bem organisado e merece os
"louvores que a critica, p.r ignorancia ou antipathias
"pessoaes, lhe não tem dado. Entre os criticos mili-
"tantes de certo não ha um que podesse escrever esta
"obra.
"1886.

C. Cast.º Br.co„

A paginas 130 do livro, onde o sr. Alberto Pimentel se refere ao testemunho do *Juizo de Deus,* quando se fazia a prova do fogo, Camillo commenta:

“O p.^{e} M.^{el} Bernardes conta um caso analogo na “*Floresta.* Um eremita *pôz* a mão esquerda sobre um “fogareiro emq.^{to} esfrega com a outra o peito de “uma tentadora; mas o fogo queimou-lhe os dedos “até lhe cahir a mão. Não diz o biographo se elle “ficou canhoto.”

A paginas 226, onde o sr. Pimentel escreve: “. . . mas chegando ao tropico de Cancer, o sol parece andar para traz como o caranguejo”, Camillo, sublinhando estas ultimas palavras, annota:

“O caranguejo não anda para traz.”

Como se vê, nada lhe escapava! Em um livro de versos do Luiz Guimarães, ao lado d'uma quadra em que o poeta escreveu *vertigem* a rimar com *virgem,* o critico impiedoso censurou: “virgem não rima com vertigem.” E não rima, na verdade.

No ante-rosto do tomo segundo das *Memorias de Castilho,* pelo erudito escriptor sr. Julio de Castilho, impressas na typographia da Academia

Real das Sciencias (janeiro de 1881), Camillo escreveu:

"Não se completou a obra por falta de leitores.
"Assim devia ser. Q.^m é que hoje, n'esta vertigem de
"solipsismo, se importa com a biographia poetica
"de Castilho?

C. C. Br.º"

Na pagina 336, commentando os versos de Castilho:

«quando será que eu veja os espaldares
«dos teus densos rosaes! teu tecto humilde!»

Camillo deixou á margem esta amargurada reflexão, em que a piedade ressumbra:

"O cego forma imagens interiores a ponto de *as*
"*ver* intellectualm.^te com bastante nitidez p.^a poder
"dizer: *vejo.*"

Camillo, quando mais tarde cegou, lembrar-se-hia algumas vezes d'estas palavras que escreveu á margem d'uma pagina das *Memorias de Castilho?*...

Abundam nas estantes de S. Miguel de Seide os livros de Castilho. Folheei alguns. O primeiro, *Arte de amar,* de Publio Ovidio Nasão, traducção de A. F.

de Castilho, seguida da *Grinalda da arte de amar,* por José Feliciano de Castilho (Rio de Janeiro, Typographia de Lambert, 1861), apresentava no ante-rosto a seguinte fulminadora nota do romancista emerito, cuja penna o respeito e a estima pelo seu mestre não conseguiram vencer:

"A versão deste livro é um escandalo, p.a não "dizer uma infamia. Se elle, o livro, acaso fôr ter á "mão de uma mulher não prostituida, repulse-o.

C. C. Br.º „

E a seguir:

"J.e Castilho, a maior memoria que teve este seculo, "e um erudito em certas especialidades da litteratura "amena, morreu de amollecim.to cerebral em resul-"tado (dizem) de excessos venerios aos 70 annos.„

Na pagina seguinte, isto:

"Castilho José morreu em fevereiro de 1879.„

Abri depois *O misanthropo,* de Molière, traducção de Castilho (1874 - Typographia da Academia Real das Sciencias). Na primeira pagina, Camillo criticou assim a obra e a traducção:

"E' a melhor comedia de Molière; e a menos para-"phrastica das versoens do grande Castilho. Seria uma

"comedia da actualid.ᵉ, se lhe mondassem umas sce-
"nas de velha farça, uns *tics* do seculo 18 q. enfastiam
"p.ʳ tolos e desnaturaes. Molière, como disse G. lhe-
"gel, não passava de *um bom farcista.*"

Amor e melancolia ou *A novissima Heloisa,* de A. F. de Castilho (1861), apresenta, logo no frontespicio, estas asperas palavras de Camillo:

"Tanto no verso como na prosa, enfadonho, sopo-
"rifero, archeologico. Isto está longe deste seculo
"duzentos annos. Em 50 annos fizeram-se trez revolu-
"çoens litterarias acompanhando as revoluçoens es-
"theticas. Castilho acompanhou a romantica e depois
"retrocedeu á pieguice classica."

Deixo para o fim o *Medico á força,* de Molière, traducção de A. F. de Castilho (Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa — 1869). Ao fechar a peça, Sganarello, zangarreando n'uma bandurra, solta esta quadra, em que a musa do insigne traductor dormitou:

«E eu lembro ao nobre auditorio
«que em dia assim de folgar,
«já que esca*pei do* oratorio
«não me devem enterrar.»

Camillo foi-se á ultima syllaba de "escapei„ e sublinhou-a. Sublinhou tambem a palavra "do„, que se segue áquella, e cravou na pobre quadra de Castilho esta formidavel estocada:

"Fechar uma comedia com um p... é original.„

Como se vê, o asperrimo auctor dos *Criticos do Cancioneiro alegre* nem o grande Castilho poupava!

Depois d'esta nota alegre, quero esmaltar este capitulo, em que a prosa de Camillo scintilla e rebrilha, com uma outra nota bem triste. Deu-m'a o *Manual das doenças mentaes,* de que é auctor o sr. Dr. Julio de Mattos (1884 -- Campos e Godinho -- Porto).

No ante-rosto d'este livro lê-se:

"Ultimo livro que leu Camillo Castello-Br.co.

Setembro de 1886
S. Miguel de Seide.„

Pobres olhos d'um grande cego, que, depois de lerem este livro d'um medico notavel, se fecharam para sempre á luz, até que a morte de todo os cerrou! . . .

*

* *

O sr. Affonso d'Azevedo Nunes Branco, sincero admirador de Camillo e apaixonado colleccionador das suas obras, gentilmente consentiu que eu examinasse um volume interessantissimo que possue na sua *Camilliana.* E' o *Boletim de bibliographia portugueza,* publicado em 1879, sob a direcção de Annibal Fernandes Thomaz. Pertenceu este exemplar ao romancista, que o enriqueceu com annotações curiosissimas. Aqui transcrevo algumas, todas inéditas, agradecendo ao Sr. Nunes Branco a sua captivante amabilidade.

A paginas 3, lê-se uma carta, em verso, de Sá de Miranda, que principia assim:

«He Senhor grande trabalho
«Escrever de Geraçoens,
«Nem todos sam Scipioens;
«E podem cheirar ao alho,
«Ricos homês, e Infançoens.»

Camillo, ao lado, annotou:

"Rasão tinha Sá de Miranda principiando por si.
"Elle era filho do conego Gonçalo de Sá e de uma
"mulher ordinaria de Coimbra."

A paginas 39, onde Fernando Castiço, ao referir-se á epoca da independencia de Portugal, asse-

vera que a falta de confirmação dos bispos portuguezes pela Curia, apesar das instancias de D. João IV, "era um elemento de fraqueza, introduzido pela intriga castelhana em cada peito portuguez„, Camillo commenta:

"Que critica a deste Castiço! Elle ignora que o q.
"haviam de comer os prelados amparou o exercito
"e foi gr.de p.te no triumpho dos defensores da inde-
"pendencia.„

A paginas 62, onde se dá noticia do leilão dos manuscriptos pertencentes á bibliotheca dos marquezes de Castello-Melhor, Camillo informa:

"Estes Mss. foram deploravelm.te vendidos. Mise-
"ravel paiz que deixou sahir p.r uma bagatella do-
"cum.tos e codices insubstituiveis!„

A paginas 76, onde se faz referencia a um poema, *Templo da memoria,* do padre Manoel de Galhegos, Camillo, á margem, clamou:

"Estopada implacavel!„

A paginas 93, onde principia um artigo do sr. Theophilo Braga, intitulado *Cartas curiosas do abbade Antonio da Costa* (Annotadas e precedidas de um ensaio biographico por Joaquim de Vasconcellos), Camillo criticou:

"Trabalhos desta natureza é que deturpam a mis-
"são de um periodico bibliographico. Este aranzel

"pertenceria, q.do m.to, a uma collecção de biogra-
"phias sem prestimo".

A paginas 104, onde se vê a *Relação dos manuscriptos mais notaveis, existentes na livraria do Ex.mo Marquez de Penalva,* Camillo, com referencia á *Chronica d'ElRey D. João 4.o,* escreveu:

"Hade ser uma salgalhada gongorica de nenhum
"prestimo á vista do tomo 7.o da *M. Lusitana.*"

A paginas 121, onde se estampa a carta XXI, dirigida por João Pedro Ribeiro ao arcebispo Cenaculo, em que aquelle escreveu *ex-me,* em vez de *eis-me,* Camillo notou:

"Era um grande sabio sem ortographia."

A paginas 142, onde se faz referencia a Pedro José da Silva, possuidor de livros rarissimos e verdadeiro bibliomaniaco, Camillo informa:

"Conheci este homem q. effectivam.te se ria des-
"denhoso q.do eu lhe inculcava livros raros. Nunca
"me disse q. os tinha. Por sua morte, comprou-os o
"Rodrigues do Pote das Almas baratissimos e ven-
"deu-os m.to caros."

A paginas 168, onde Philippe de Caverel, secretario do embaixador francez em Portugal, D. João Sarrazin, para mostrar que os portuguezes são grandes amadores de guitarra, escreveu que se conta que entre os despojos do acampamento do rei D. Sebas-

tião, depois da derrota que lhe infligiu o rei de Fez, foram encontradas cêrca de dez mil guitarras, Camillo, á margem, escreveu, enthusiasmado:

"Magnifico!"

Ha muitas mais notas do romancista no valioso livro. Entre ellas, uma, referente á duqueza de Lafões, que foi esposa do fundador da Academia Real das Sciencias, interessantissima, sim, mas infelizmente impublicavel...

Quantas joias, que a penna de Camillo burilou, ha assim dispersas e occultas nos livros que foram d'elle!

CAPITULO IX

Camillo orador

> E' hoje muito difficil escrever a historia dos ultimos cincoenta annos, porque os que fizeram parte dos factos estão mortos ou silenciosos — o que importa o mesmo.
>
> CAMILLO CASTELLO-BRANCO: *Carta ao P.e Casimiro José Vieira, publicada nos «Apontamentos para a historia da revolução do Minho em 1846».*

Camillo — todos o sabem — foi um apuradissimo joalheiro da palavra escripta. Cinzelador delicado, artista primoroso, da sua penna d'oiro corriam, em catadupas, thesouros de immensas riquezas. A nossa formosa lingua, maleavel, sonora, cantante, subjugada, vencida pelo escriptor experimentado e versadissimo, docil ao toque da sua penna, como um leão domado que se submette á vara do domador, alindou-a elle de tal arte que não ha ahi temer comparações com outros idiomas da terra. Nos livros de Camillo, a lingua portugueza murmura canções d'amor e ruge tempestades d'odio; grita imprecações de furia e geme endeixas e madrigaes; canta como a brisa entre os salgueiros e chora como o vento nas cruzes d'um cemiterio; estridúla em gar-

galhadas vibrantes e soluça lagrimas de dôr. No estylo do vernaculista impeccavel, ha todas as melodias da musica e todas as côres que irisam a natureza; ha a doce cadencia da poesia e a suave ternura dos canticos; ha os estos febris da paixão, as torturas atrocissimas do soffrimento, as alegrias e os risos da graça natural e limpida. A sua prosa, vazada em moldes esculpturaes, vibra como o som d'um clarim ou cicía como um gorgeio d'ave; freme de colera e ensombra-se de tristeza; ensanguenta-se, tragica e sublime, ou sorri na ironia e no sarcasmo; é branda e meiga como um afago de creança, para logo ser cruel e forte como a garra aguçada d'uma aguia. Melancolica ou tetrica, enternecedora ou zombeteira, pujante sempre e sempre rica, harmoniosa e classica, a linguagem do grande Mestre encanta e seduz quem lê, pelo viço da phrase, pela originalidade da fórma, pela propriedade dos termos, pela pureza, pelo fulgor, pelo encanto que lhe dava a sua penna diamantina.

Mas se Camillo foi um gigante, escrevendo, não quiz, não pretendeu sêl-o, orando. Se na palavra escripta se içou e subiu até á perfeição suprema, á palavra falada não quiz dedicar as invenciveis forças do seu genio. Temor das multidões? Falta de confiança nos seus nervos doentes? – Sei lá! . . . Escreveu muitos discursos sacros, depois recitados machinalmente por varios prégadores de segunda classe, que assim se vestiam pomposamente com pennas de enfeitado pavão, quando nem talvez possuissem a pobre plumagem das gralhas humildes e desgraciosas.

De pé, sobre o balcão d'um lojista de cabedaes,

em Villa Real, Camillo, enthusiasmado, declamou as proclamações do padre Casimiro, quando este Cabrera de 1846 acaudilhava guerrilhas miguelistas pelas gandaras e serranias minhotas. Discursos, porém, não fez. Não hypnotisou auditorios com a sua facundia dominadora, nem conquistou assembleias com as ardencias do seu verbo inspirado. Nunca, do alto da tribuna, a sua eloquencia torrencial despertou enthusiasmos ou acendeu arrebatamentos; nunca fez vibrar e estremecer paixões ou explodir tempestades de indignação e de colera; nunca ...

Nunca? ...

Perdão! Alguma vez succedeu que ... Ora vejamos.

*

* *

Sempre que me encontro com o illustre escriptor sr. Alberto Pimentel, que tanto tem concorrido para um amplo conhecimento da grande figura de Camillo, é certo entreter-me com elle em conversas que teem por assumpto o que foi seu amigo e mestre. Ha tempos, no decorrer d'um d'esses dialogos, o esclarecido biographo do auctor da *Brazileira de Prazins,* affirmou-me que, ao tempo em que era estudante no Porto, ouvira o grande romancista discursar n'um comicio, dos muitos que houve quando renhida lucta eleitoral se travou entre o dr. Custodio José Vieira e o industrial Joaquim Ribeiro de Faria Guimarães, que disputavam assanhadamente o diploma de deputado por um dos circulos da capital do Norte.

– *O Nacional,* que defendia calorosamente a can-

didatura de Custodio José Vieira, deve dar o resumo do discurso de Camillo — disse-me o sr. Alberto Pimentel.

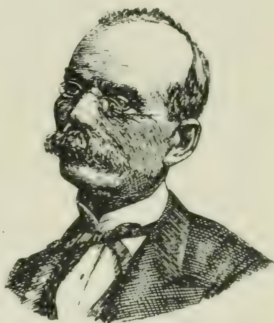
— E a época? — perguntei, curioso e interessado.

— Não lh'a posso indicar. Já foi ha tantos annos!...

Fui-me á collecção do *Nacional:* folheei, percorri, rebusquei, investiguei. Nada! Em tantos volumes compactos, como encontrar noticia das afastadas e longinquas reuniões eleitoraes em que discursára Camillo? Tratei então de averiguar em que annos foram deputados Custodio José Vieira e o seu antagonista Joaquim Ribeiro de Faria Guimarães. Sabido isso, mais facil me foi encontrar no *Nacional* informação circumstanciada da campanha eleitoral que durou de maio a 9 de julho de 1865 e á qual pôz termo a derrota de Custodio José Vieira, sendo o candidato governamental Faria Guimarães eleito deputado pelo circulo da Sé, da cidade do Porto. Nos outros dois circulos, Santo Ildefonso e Cedofeita, venceram os candidatos de opposição ao governo presidido pelo marquez de Sá da Bandeira, Januario Corrêa d'Almeida — depois visconde e conde de S. Januario — pelo primeiro, e Dr. Antonio Ayres de Gouveia — actual arcebispo de Calcedonia — pelo segundo.

O Nacional dá noticia de varios comicios em que a candidatura opposicionista do illustre advogado Custodio José Vieira foi vivamente preconizada. Essas reuniões realizaram-se, quasi todas, na rua Chã, em um quintal de Manoel José de Sousa. A todas presidiu o visconde de Lagoaça, ou, pelo menos, ás de 19 de junho, 7 de julho e 8 do mesmo mez — vespera da eleição. Tambem o mesmo titular

presidiu a uma assembleia politica, animadissima, que, com o fim indicado, se reuniu na rua das Taypas, a 4 de julho do referido anno de 1865. Aos oradores que discursaram n'esses comicios allude *O Nacional.* Foram elles, além do candidato dr. Custodio José Vieira, e do presidente, visconde de Lagoaça, os srs. Carlos Borges, illustre escriptor dramatico, e Eduardo da Costa Moraes, antigo deputado regenerador; o grande poeta Guilherme Braga, Francisco Antonio de Carvalho, Henrique Moreira, Ponce Leão, Augusto de Faria, João Cesar Pinto Guimarães, redactor do *Diario do povo,* Amancio Pinheiro e um Andrade, a quem o jornal não dá nome proprio nem outros appellidos. Ao nome de Camillo, nem a mais fugidia referencia! Fiquei desanimado...



Dr. Custodio José Vieira

E, comtudo, não podia haver duvida: Camillo tinha assistido a uma, pelo menos, d'essas reuniões eleitoraes, falando a favor da candidatura do seu amigo Custodio José Vieira. Asseverou-m'o positivamente o sr. Alberto Pimentel, que d'esta fórma relata o facto a paginas 219 e 220 do seu livro biographico *O romance do romancista :*

"Chamava-se *Neptuno* o Terra-Nova de Camillo: "era uma estampa soberba, um cão musculoso, forte

"e dedicado como todos os da sua raça. Lembro-me "muito bem de o ver seguindo Camillo em passeio "pelas ruas do Porto. O escriptor conservava ainda "n'esse tempo a *toilette* romantica dos *Saint-Preux*: "calça clara, casaca azul de botões amarellos, cha-"péu alto de aba direita, tendo uma accentuada pre-"dilecção pelo chapéu branco: ou então capa hespa-"nhola e botas á Frederico. Foi assim, de capa "hespanhola, com o *Terra-Nova* aos pés, que eu o "ouvi discursar no tablado de um quintal da rua "Chã, do Porto, n'um comicio eleitoral que patroci-"nava a candidatura de Custodio José Vieira em "opposição ao industrial Joaquim Ribeiro de Faria "Guimarães.

"Creio que foi esta a unica vez que Camillo Cas-"tello Branco fallou em publico. Não seria já o ar-"dente tribuno da loja do Zé-da-Sola em Villa Real; "mas, em compensação, que fina e percuciente ironia, "que cortante dicacidade politica não desfechou con-"tra o candidato que disputava a Custodio José Vieira "o suffragio popular!

"Nós, os muitos estudantes que o ouviamos, fize-"mos-lhe uma ovação estrondosa. Mas, se não estou "em erro, Custodio José Vieira perdeu a eleição. "Podera! nenhum de nós tinha voto ainda!„

Porque occultaria, *O Nacional,* o nome de Camillo, quando em 1865 deu noticia dos comicios favoraveis á candidatura do seu redactor, Custodio José Vieira, e enumerou os oradores que n'esse comicio discursaram?...

*

* *

O extranho silencio feito pelo *Nacional* em volta do nome do romancista impressionou-me, sim, mas não me desalentou. Havia, em 1865, no Porto, outros jornaes: *O Braz Tisana, O Jornal do Porto, O Diario do povo, O Diario mercantil.* Consultei-os. Lá vi, em alguns, noticia das reuniões eleitoraes que me interessavam e indicação das pessoas que n'ellas falaram, mas Camillo não figurava entre os discursadores. Porquê? . . . Pensei então em dois dos oradores, felizmente ainda vivos: os srs. Carlos Borges e Eduardo da Costa Moraes. Esses aclarar-mehiam o negro mysterio, suppuz eu. E não me enganei.

O sr. Carlos Borges, conhecido escriptor dramatico, residente em Lisboa, deu-me, amabilissimamente, informações completas, recordando com saudade viva os tempos distantes em que, ao lado de Camillo, orou em prol da candidatura de Custodio José Vieira.

– Camillo – disse-me elle – falou em todos os comicios da rua Chã e não sei se tambem n'um que se realizou no theatro Baquet. E com que mordente critica, com que arte e graça o Mestre discursava! Rico de ironia, de palavra elevada e fluente, tinha o auditorio preso ao seu dizer. Era um orador de raça, brilhante, original, de exposição clarissima. Tão consciente estava dos seus merecimentos, que não hesitou em falar ao lado de tribunos consagrados como Alexandre e Guilherme Braga, como Custodio José Vieira, homem de pequena estatura e feia cara,

mas orador ardente, virulento, de envergadura tal e tal poder sugestivo, que ao falar se transfigurava, parecendo alto e bello!

Recorda-se, o sr. Carlos Borges, de que no decorrer d'um dos comicios eleitoraes de 1865, Camillo, discursando, contára que, pretendendo o logar de conservador da Bibliotheca Municipal do Porto, se dirigira a Faria Guimarães, então vereador, pedindo que lhe apadrinhasse a pretensão. Recebeu uma formal recusa.

— Não o acho competente para exercer esse cargo — disse Faria Guimarães.

— Pois eu — replicou-lhe Camillo, sorrindo, — acho o sr. Guimarães competentissimo para desempenhar as funcções de vereador. E' provavel que um de nós se engane redondamente no juizo que fórma do outro... ou que ambos nos enganemos.

Estralaram as gargalhadas do auditorio.

Bastar-me-hia o testemunho decisivo do sr. Carlos Borges, segurissimo da clareza da sua memoria e da verdade das suas reminiscencias; mas se ahi estava, mercê de Deus, ainda vivo, outro orador d'essas reuniões eleitoraes de era tão remota, porque não havia de eu pedir-lhe informações e pormenores da lucta politica, debatida e porfiada, que arrancou ao seu obstinado silencio o primeiro romancista portuguez, arremessando-o para o tablado das orações tribunicias?

Longe do bulicio enervante dos grandes centros, n'aquella flôr das villas que tem o nome de Villa Flôr — alegre burgo trazmontano que eu lembro com tanta saudade, como, com dôr de o ter perdido, recordo o amigo de infancia que algumas vezes lá vi-

sitei (1)—vive dias repousados e serenos o antigo deputado sr. Eduardo da Costa Moraes, que eu conheço desde o tempo em que elle passeava as ruas de Lisboa n'aquelle passo vagaroso e pausado de quem não se sente espicaçado por cuidados. Escrevi-lhe. Contei-lhe que tinha visto, no *Nacional,* o seu nome, entre o d'aquelles esforçados contendedores que batalharam pela candidatura de Custodio José Vieira, contra a de Faria Guimarães, e pedia-lhe que me dissesse se Camillo Castello-Branco tinha sido um dos seus companheiros de guerra. Não se fez esperar a resposta gentilissima. Aqui tenho eu a carta do fogoso orador de 1865, com informações preciosas.

O primeiro comicio em que o sr. Eduardo da Costa Moraes falou, cahindo desde logo nas boas graças do publico, foi o que se reuniu no theatro Baquet, sob a presidencia do sr. conde de Samodães. Concorrencia enorme, enthusiasmo delirante. Alexandre Braga arrebatou a assistencia, que o applaudiu com frenesi. Camillo appareceu, pela primeira vez, em outra reunião eleitoral realizada n'um grande salão da Ribeira, presidida por Custodio José Vieira, o proprio candidato. O romancista falou e foi escutado com certa frieza. Ou porque, contorcendo o seu feitio, quiz dar-se ares e tom impertinente de orador, ou porque muitos dos habitantes do Porto o não viam então com sympathia, pela sua mordacidade de critico e tambem por estar ainda viva a lembrança

(1) Alberto Brandão Leite Pereira Cardoso de Menezes, da Casa de Covella, em Baião.

do processo em que o escriptor estivera envolvido de companhia com D. Anna Placido, só foi applaudido pela parte intellectual dos seus ouvintes, que era escassa e diminuta. Falaram depois varios oradores, entre os quaes Guilherme Braga. O sr. Eduardo da Costa Moraes – elle o diz – não se atrevia a discursar na presença de Camillo, mas o dr. Custodio José Vieira, sem que elle a pedisse, deu-lhe a palavra. Usou d'ella o novel orador, começando por um tão caloroso e justo elogio do romancista insigne, que a assembleia, reconciliada com este, prorompeu em longos applausos e estrepitosas acclamações. Camillo, pallido, tremulo, de lagrimas nos olhos, agradeceu, confessando que todas as suas alegrias, todos os seus triumphos, empallideciam ante esta homenagem, a que a sua commoção não permittia que correspondesse condignamente n'aquelle momento—o mais feliz da sua agitada vida.

Depois d'isso, Camillo falou sempre nas reuniões eleitoraes convocadas para o quintal de Manoel José de Sousa, na rua Chã. Exito completo. Não só porque o escriptor excelso confiava na sua reconciliação com os que o ouviam, mas porque já então falava muito á vontade, sem entonos de tribuno, com fluencia admiravel, precisão e graça maravilhosas, as palmas estridulavam e as demonstrações de agrado não lhe eram regateadas. "Pode acreditar – escreve-me o sr. Costa Moraes, em seguida ás informações que atraz deixo resumidas – que se Camillo tem ido ao parlamento, a sua gloria parlamentar ainda seria maior do que a sua gloria de romancista. Havia de ser o terror de quem lhe não caisse em graça. Desgraçado do orador a quem elle respondesse e qui-

zesse ridicularisar. A unica figura que se parecia com elle era o Marianno; mas com menos coragem, menos fidalguia e menos confiança em si. Considerava-se e era superior a toda a gente.„

Ha, pois, tres testemunhas contestes — o sr. Alberto Pimentel, o sr. Carlos Borges e o sr. Costa Moraes — a garantirem-me que um dos tribunos mais vibrantes da encarniçada lucta eleitoral de 1865, no Porto, foi Camillo Castello-Branco. Porque não tornaria elle, depois, a exhibir os seus notaveis dotes de orador?

E porque seria que *O Nacional* e os outros jornaes da epoca não mencionaram o nome de Camillo entre o dos homens de valor, cheios de enthusiasmo, radiantes de juventude, que usaram da palavra nos comicios da trabalhada campanha eleitoral em que o dr. Custodio José Vieira ficou vencido? Porque seria?... Pediria o proprio Camillo que se guardasse silencio em torno do seu nome, pouco tempo antes envolto n'uma pesada atmosphera de escandalo?

Deixo aos investigadores a resposta a esta interrogação...

CAPITULO X

Camillo polemista

A QUESTÃO DA SEBENTA

Na polemica literaria Camillo foi um gigante. Sentia-se bem na lucta. Ia-lhe a disputa a geito do caracter. O seu temperamento combatente dava-lhe, em meio da refrega, energia, vehemencia e forças invenciveis. Não o atemorisava o fragor da peleja, nem o vigor dos adversarios lhe fazia coar á alma receios de derrota. Por vezes, consentia que os seus contendores ganhassem alentos que dessem ao publico a illusão de que lhes caberia a victoria. Engano! Era destro e habilidoso ardil de combatedor experimentado, que mirava apenas a tornar mais estrondoso o desbarato de quem tinha ousado alçar-se-lhe na frente, pondo-se a prumo com elle em petulancia de desafio.

Muito novo ainda, na pujança dos annos, sustentou com Pedro de Amorim Vianna, o mathematico insigne que foi conhecido pelo cognome de *Newton portuguez,* uma polemica renhida sobre a Razão e a Fé. Motivaram-n'a os escriptos religiosos publicados

por Camillo durante o doloroso periodo em que a sua desvairada e ardente paixão por Anna Placido o levou ao mysticismo e por pouco não fez d'elle um sacerdote. Camillo era o paladino da Fé, contra Amorim Vianna, que se batia pela Razão (1).

Depois d'isso, não ha contar as discussões asperas e tempestuosas em que o immortal romancista porfiou pela victoria, que sempre alcançou, ruidosa e retumbante.

Onde houvesse controversia a derimir, pendencia a resolver, altercação ou debate a sustentar, elle lá estava, no mais acêso da contenda, distribuindo botes que rasgavam feridas profundas, remessando a penna audaz e afiadissima, em golpes que escorchavam os adversarios, como se fossem espadeiradas de montante medieval, jogado ás mãos ambas por esforçado homem de guerra. Foi assim que em 1850 interveio na desavença entre Alexandre Herculano e o clero, como em 1865 interferiu na celebre *questão Coimbrã,* provocada pelos gabos de Antonio Feliciano de Castilho ao *Poema da mocidade,* do illustre escriptor Manoel Pinheiro Chagas. Na primeira, defendeu Herculano; na outra, arvorou-se em acerrimo auxiliar de Castilho.

Pela sua vida fóra, foi um não acabar de rixas e bulhas, de ruidosas brigas, em que o Mestre triumphava sempre dos seus adversarios, pela magnificencia do estylo incomparavel, pelo relevo do argumento, pela graça esfuziante, pela erudição extensissima, pelo firme pulso de luctador habituado desde muito

---

(1) Vid. *Obulo ás creanças*, pag. 147.

a deslombar sem piedade nem dó todos aquelles que se atrevessem a beliscar-lhe o justificado orgulho de escriptor, ou a melindrosa susceptibilidade de desgraçado affligido por tantas desventuras. E digam-me: é porventura para estranhar que um tão extraordinario homem de genio, tendo attingido o apogeu da gloria literaria, tendo-se alteado ao primeiro logar entre os escriptores portuguezes, fustigasse com impeto desusado, com arrebatamentos de nevropatha, os que o agrediam, não permittindo que alguem o mordicasse sequer á flôr da epiderme?

Em conversa entretida com Silva Pinto, uma tarde, na Foz do Douro, por este referida no *Correio da noite* de 15 de junho de 1890, e depois reproduzida na *Voz publica,* do Porto, de 21 de junho de 1902, dizia Camillo:

"Sempre que um dos novos me aggride ha quem "me aconselhe *a não fazer caso.* Foi assim quando "V. me provocou. O Teixeira de Vasconcellos "escreveu-me de Lisboa: *Não responda. Este su-"jeito não guarda o decoro.* E eu respondi ao Tei-"xeira: *Nem eu. Quem melhor as tiver, melhor as "joga!*

"E' claro que os meus quarenta annos de serviços, "ou quantos são, concedem-me o direito de silencio "quando um rapaz faz negaças com muito phrenesi "á minha innocente pachorra. Mas que quer o meu "amigo? Eu vi o pobre Castilho e o pobre Hercu-"lano sahirem d'esta vida com muitas nodoas negras "no corpo. Não surgiu luctador novo que não fôsse "ali ensaiar-se, applicando dois pontapés áquelles

"dois velhos. O Herculano creio eu que á força de "orgulho chegasse a persuadir-se de que os não le- "vára: mas o pobre Castilho sentia-os bem, e tanto, "que logo, pelo telegrapho e pelo correio, me avisava "do sacrilegio para que eu o desaggravasse. Acudi "pelo nome d'aquelle sublime ingenuo duas vezes, "que me lembre: na questão coimbrã e na do *Faus- "to.* Mas pela minha parte resolvi não me deixar con- "tundir sem usar de represalias. Os rapazes dão-me; "mas eu reajo como se vê . . . »

Estes periodos claros e decisivos explicam, pelo que toca ao grande polemista, a sua inalteravel attitude de batalhador sempre victorioso. Não soffria o menor desacato, não tolerava que investissem com elle; e se algum temerario se abalançava a um tão grande arrojo, Camillo dava-lhe até o deixar estatelado, sem alento e sem vontade de repetir a ousadia. Theophilo Braga, Anselmo Evaristo de Moraes Sarmento, Silva Pinto, Joaquim de Vasconcellos, Carlos Lobo d'Avila, Sergio de Castro, Mariano Pina, Alexandre da Conceição – tantos outros! – experimentaram-lhe o rijo musculo de invencivel athleta. As *Noites de insomnia,* os *Criticos do Cancioneiro alegre,* os seus artigos nas *Ribaltas e gambiarras,* em que ha paginas assombrosas, salpicadas de ironia, de graça e de sarcasmo, instruem exhuberantemente o processo das pugnas literarias de Camillo.

A desavença com Silva Pinto, em quem teve mais tarde, depois de feitas as pazes, um dos seus admiradores de maior devoção, foi das mais barulhentas. Este publicista, chamado annos depois a capitulo por Alexandre da Conceição, engalfinhado tambem em

violentissima disputa com Camillo, traçou uns artigos de resposta, d'onde recorto o trecho que segue e se lê a paginas 106 e 107 da revista semanal *Ribaltas e gambiarras,* que se publicou em Lisboa, em 1881, dirigida pela fallecida escriptora D. Guiomar Torrezão:

"Exulta (Alexandre da Conceição) com um espe-
"ctaculo provavel: o de nos *unharmos* Camillo Cas-
"tello Branco e eu. Não creia tal, nem denomine in-
"correctamente (como diz) os factos de outr'ora. Eu
"não briguei com Camillo Castello Branco.—Ag-
"gredi o grande escriptor, a inspirações que teem
"facil cabida em espiritos de vinte annos, e o mestre
"aggredido corrigiu-me como agora o fez ao sr. A.
"da Conceição (1). Ha uma differença nos nossos
"casos: eu tinha vinte annos; estudei, aprendi, tenho
"a consciencia do erro e a coragem de confessal-o.
"O sr. Conceição commette erros iguaes, aos 40 an-
"nos da sua idade. Creio que não fará como eu:
"não se arrependerá! Aos 40 annos é tarde para
"tomar juizo...»

---

(1) D'estas phrases de Silva Pinto, julgo poder deduzir que elle agrediu Camillo por instigações de Anselmo Evaristo de Moraes Sarmento, proprietario do jornal *A Actualidade,* de que Silva Pinto era redactor e onde a agressão se realizou. Camillo e Anselmo Evaristo, tendo mantido boas relações, haviam-se transformado em irreconciliaveis inimigos.

Vejam-se os volumes VI, VII e VIII das *Noites de insomnia,* em que Anselmo Evaristo é violentamente desancado pela penna desapiedada de Camillo. Ahi dá o Mestre a perceber que Silva Pinto o atacava por sugestões d'alguem e que esse alguem era o proprietario de *A Actualidade.*

Estes periodos esclarecem e illuminam bastantemente a querela literaria em que os dois contendores foram Camillo e Silva Pinto. Amigo tão dedicado este foi, depois, do admiravel romancista, que ao vêl-o agredido, não perdeu o ensejo de romper fogo contra quem iniquamente o maltratava.

Quantas paginas d'este livro seriam precisas para as devidas referencias a todas as polemicas de Camillo! De entre estas, que se desdobram em longa série, a *questão da sebenta* foi uma das mais notaveis. Deu brado!

*

* *

Foi em 1883 que entre Camillo Castello-Branco e o professor da Universidade, dr. Avelino Cesar Augusto Maria Callisto, que tive por mestre no primeiro anno juridico, rompeu a questão chamada *da sebenta*. O dr. Callisto, regendo interinamente a cadeira de *Direito ecclesiastico portuguez,* que então se estudava no quinto anno do curso, soltou, em uma das suas prelecções, os dizeres que adeante seguem e constavam da *sebenta* – ou seja, em linguagem que não trescale a calão academico, a lição litographada. – *Sebenta,* valioso amparo e vigoroso arrimo de tantas gerações de bachareis, companheira detestada, mas fiel, das minhas noites de desaproveitado estudo, n'estes dias já distantes d'aquelles annos juvenis em que te folheei, envolto agora na cerrada nevoa da minha pungente saudade, eu te saúdo!...

Segundo rezava a *sebenta,* cuidadosamente enviada, não se sabe por quem, ao eminente romancista, o dr. Callisto, preleccionando, dissera isto:

« . . . *E no entanto, a intelligencia do grande Mar-*
«*quez já foi posta em duvida por uma das intelligen-*
«*cias de maior vulto da nossa moderna litteratura.*
«*Mas desgraçada intelligencia! Ella é posta em al-*
«*moeda e ao serviço de qualquer causa em troca de*
«*miseraveis e mesquinhos interesses. Intelligencia*
«*mercenaria que convenientemente dirigida seria a*
«*gloria de um paiz, e d'este modo a deshonra de uma*
«*litteratura e do paiz a que pertence.*»

Camillo Castello-Branco, que no anno anterior tinha publicado o seu livro *Perfil do Marquez de Pombal,* em cujos capitulos o grande ministro de D. José I é estudado á luz de impiedosa critica, viu, nos periodos em que a *sebenta* trasladava as palavras do lente da Universidade, uma rude allusão á sua personalidade de escriptor. Sem mais delongas, endereçou ao dr. Callisto uma carta em que transcrevia o trecho da prelecção e pedia ao professor "a mercê de declarar„ se era elle o escriptor a quem eram dirigidas aquellas "allusões injuriosas„. O dr. Callisto não respondeu.

Camillo, tomando o silencio á conta de "resposta e desprezo„, publicou logo o primeiro folheto da *questão da sebenta,* intitulado *Notas á sebenta do dr. Avelino Cesar Callisto.* Era um aspero libello de quinze paginas, em que a sciencia do cathedratico soffria embates formidaveis, entretendo-se Camillo a catar erros do lente, desacertos e inexactidões que viu a espreitar por entre as linhas litographadas da *sebenta* que mão occulta lhe remettera.

O dr. Avelino Callisto, homem possante e espadaúdo, de genio que não consentia ataques de qual-

quer natureza, retrucou vigorosamente e de má sombra á violenta agressão, repudiando a responsabilidade das asserções da *sebenta,* taes como n'ella se liam, e tratando de justificar as doutrinas que ex-



Dr. Avelino Callisto

pendera na cathedra, marcadas por Camillo com a pecha e a balda de dislates. Rematava a resposta, a par de mal disfarçadas ameaças ao romancista, com a solemne promessa de não mais sahir do seu silencio.

Foi chegar fogo á palavra!... Camillo replicou

desabridamente. Ao passo que chacoteava e ria, como de costume seu, da colera fremente do adversario, corrigia, severo, as "inepcias historicas" do professor. No seu novo folheto esfuzilava a iracundia de quem se vira iniquamente agredido. Era um desabar formidoloso de pancadaria nas costas largas do herculeo dr. Callisto! Este, cumprindo o promettimento que fizera no seu opusculo, não sahiu do silencio em que deliberadamente se refugiou.

Terminaria assim a irritada discussão, recheada de doestos, vibrante de ardidez e de paixão, se um alumno distinctissimo do terceiro anno de Theologia, o sr. José Maria Rodrigues, não surgisse arrogantemente na estacada, apontando na resposta de Camillo ao dr. Callisto affirmações sobre a infallibilidade do Papa que taxou de erroneas, ao mesmo passo que accusou o Mestre de não distinguir *bulla* de *breve,* de adulterar a doutrina d'um rescripto pontificio, e até — suprema afronta! — de attentar contra a grammatica e de plagiar uma phrase do classico Bernardes! Já antes, escrevendo na *Civilisação catholica,* o sr. José Maria Rodrigues espiolhára no *Perfil do Marquez de Pombal* proposições de Camillo que verberou energicamente, apodando-as de inexactas.

Conheço desde a Universidade o dr. José Maria Rodrigues, com cuja amizade me envaideço. Foi meu condiscipulo nas cadeiras de *Direito ecclesiastico geral* e de *Direito ecclesiastico portuguez,* aquella estudada no quarto anno juridico e esta no quinto. E' um espirito lucido, bem orientado, moderno, enriquecido com uma erudição profunda, esmaltado com vastissimos conhecimentos que se

illuminam a todo o brilho e a toda a luz d'uma intelligencia esclarecida. Estudante merecidamente laureado da faculdade de Direito, abandonou o seu curso e passou a frequentar e seguir o de Theologia, onde foi depois considerado e doutissimo professor.

Foi este notavel academico, hoje uma das mais conspicuas e illustres individualidades do corpo docente do Curso Superior de Letras *(vieux style)*, que ousou afrontar sem receios o coriscar da ira de Camillo, sahindo-lhe á frente com reparos, advertencias e emendas, que o romancista sabedor tomou á conta de provocante acomettimento, senão de agressão insupportavel.



Dr José Maria Rodrigues

Dardejaram então na penna do prosador excelso aquelles raios de intensa colera com que elle fulminava os adversarios mais adestrados, fazendo-os emmudecer, dominados, paralysados, vencidos pela implacavel crueza dos golpes certeiros que os prostravam. Talvez por lhe parecer de mais prestigio discutir com um professor, que sobrepujasse o discipulo em saber e em talento, Camillo cuidou ver a bater-se com elle o velho lente da faculdade de Theologia, dr. Rodrigues d'Azevedo, que eu conheci ainda, levemente curvado sob o peso da muita neve que lhe alvejava nos cabellos. Crivou-o de ironias, como de motejos fez alvo a faculdade de que elle era ornamento brilhantissimo.

Não! Não era o lente sabio e experimentado que se media com o critico mordaz e inclemente; não era o dr. Rodrigues d'Azevedo que encruzava a sua penna ponderosa com a penna relampadejante de Camillo Castello-Branco: era o alumno José Maria Rodrigues, obscuro, desconhecido ainda, ignorado, n'essa epoca, fóra do meio academico coimbrão, onde gozava os merecidos creditos de talentoso, erudito e applicadissimo; era aquelle pouco menos de anonymo estudante a quem, mais tarde, Camillo havia de fazer ampla justiça, reconhecendo e confessando que n'elle tivera o seu mais terso, avisado e valioso contendor.

A polemica, sem um parenthesis de treguas, encrespou-se entre os dois, desabrida e azeda nos folhetos do inclito solitario de Seide, mansa, quasi pacata, nos opusculos do sr. José Maria Rodrigues. De repente, no mais aceso e rubro do certame, quando Camillo, por vezes, se confessára attingido por alguns botes bem apontados do seu destro competidor, este, sem qualquer explicação que definisse e aclarasse a sua attitude extranha, remetteu-se ao silencio, deixando no publico a magoada convicção de que fôra irremediavelmente vencido. Que imperiosas razões, que irresistiveis motivos teriam actuado no espirito do meu condiscipulo, que tão corajosa e galhardamente se arremessára ao combate, para assim se dar, de chofre, por derrotado? Que ponderações de peso o haveriam levado á retirada, embora condecorado com todas as honras da guerra? — Ninguem sabia! Poucos souberam. Eu fui um d'estes.

Admirador do genio de Camillo, desde que sei ler portuguez, amigo e camarada de escola de José Maria

Rodrigues, interessava-me sobremodo o gladiar dos dois. Um dia, em conversa com o meu companheiro de estudos, interroguei-o sobre o tão brusco ponto final por elle posto na polemica de tanta monta em que andava empenhado com o fecundo novellista. Com a lealdade que tanto se realça e avulta entre os nobres predicados do seu caracter, José Maria Rodrigues elucidou-me. Disse-me então que lhe causára surpreza a rapidez com que a um seu folheto Camillo redarguira. Emquanto elle levára uma semana, não sei mesmo se duas, a escrever e a publicar a contradita ao romancista, este, em brevissimos dias, dera á estampa a sua réplica. Como era isto ?... Por mais que se desvelasse em descobrir o mysterio que o intrigava, não havia chegar á resolução do problema. Succedeu, porem, que, ao ler a resposta de Camillo ao seu folheto, intitulado *As evasivas do sr. Camillo Castello-Branco,* notou o sr. José Maria Rodrigues, com surpreza, que era refutado um argumento que elle não expozera nem escrevera. Ali estava, nitida, limpida, a decifração do enigma.

O editor das pequenas brochuras dos dois polemistas era Ernesto Chardron. Apenas o sr. José Maria Rodrigues lhe enviára, de Coimbra para o Porto, o seu manuscripto, Chardron mandára-o imprimir, remettendo immediatamente uma prova para S. Miguel de Seide, onde Camillo, sem demora, escreveu a sua catilinaria e a pôz prompta e em termos de sahir a publico, logo a seguir ao opusculo do antagonista. Este, porem, ao receber a prova impressa do seu manuscripto, para a rever e emendar, supprimiu um argumento que havia apresentado e se baseava na legislação civil portugueza, versando sobre a diffe-

rença que existe entre *lei* e *decreto*. Tal argumento não appareceu depois no folheto que o sr. José Maria Rodrigues lançou á publicidade; como, porém, Camillo tinha escripto a sua resposta em face da prova impressa do manuscripto do seu adversario, lia-se no opusculo do opulento estylista a refutação d'um argumento que o meu condiscipulo não tinha adduzido.

Este incidente desagradavel e imprevisto enfadou e feriu o sr. José Maria Rodrigues, que, aborrecido e enjoado com a deslealdade do editor, extranhou na sua ultima brochura, já editada em Coimbra, que de animo leve, Camillo rebatesse uma proposição que não fôra allegada. O romancista redarguiu de prompto, com aquella subtileza e aquella habilidade que eram de seu uso, quando se via em risco de ser gravemente alcançado pelo golpe da penna inimiga; mas o sr. José Maria Rodrigues começou a sentir o invencivel desejo de dar fim á polemica, em que entrára tão distinctamente e com tão vigoroso arranque de valentia.

Apesar d'isso, a discussão continuaria, se o illustrado theologo não tivesse notado com agudissimo desgosto que o grande escriptor, com quem se media em tão encarniçado duello literario, derivava, por vezes, da argumentação serena á blasphemia nua e aos ataques sangrentos á Fé e aos Dogmas.

Já no folheto de Camillo, *Segunda carga de cavallaria,* borbulhavam palavras impias, investidas crueis aos principios sacrosantos da religião catholica. O sr. José Maria Rodrigues ainda lhe respondeu; mas quando viu o eximio romancista, na sua *Carga ter-*

ceira, blasphemar desordenadamente, como talvez nunca o houvesse feito o mais audaz heresiarca, a coragem falleceu-lhe e não quiz, entretendo a polemica, continuar a ser causa de se proferirem horrendas impiedades contra a religião santa de que já então era ministro. Para se avaliar da razão que lhe assistia, leia-se o que escrevia Camillo:

"Malsina o snr. Rodrigues a minha *ignorancia ou* "*má fé* porque escrevi que — *para ter fé não é preciso* "*pensar: o que é preciso é não pensar.* Cuidava eu que "as definições da fé, nos compendios de theologia, "eram, pouco mais ou menos, a paraphraze da minha "proposição. Segundo a theologia do snr. Rodrigues, "obtida a fé, percebe-se o dogma, raciocina-se o mys-"terio, e intende-se. Já S. Bernardo, impugnando "Abailard, argumentava que para comprehender era "preciso ter fé; e, por outro lado, queria que se "excluisse o intendimento dos dominios da religião. "Adquirida a fé, percebe-se o peccado original tão "claramente como os peccados triviaes que não tem "originalidade nenhuma; percebe-se a redempção — "o facto mystico de baixar do céo o filho de Deus ao "ventre de uma virgem casada em Nazareth, e d'ahi "passar ao supplicio dos grandes criminosos para res-"gatar o genero humano do peccado de Eva, sedu-"zida pelo diabo que a carregue. Toda a gente na "posse da fé percebe nitidamente os effeitos da re-"dempção, comparando os vicios do paganismo com "as virtudes que distingue o pedaço do globo em "que florejam as christandades. Os que não tem "fé, esses apenas intendem que, 1883 annos depois "de resgatados, em vez de retrocederem ao Eden

"primitivo, conservam-se, como o outro que diz, "no quartel d'Abrantes — tudo como d'antes. A "fé incute-nos a evidencia da transubstanciação "eucharistica. Com farinha triga e a benção aqui do "meu vigario que acabou de almofaçar a sua egua e "as espaduas não menos nedias da sua creada, e "com algumas phrases cabalisticas, temos o corpo de "um Deus em hostias de 10 réis a duzia, um Deus "por cabeça que se recolhe ao estomago, e se digere "com o bolo alimenticio, á mistura com o bacalhau "e o puchavante do alho, n'uma caldeirada interna "de tanino philoxerado, e n'uma alegria dos anjos. "Verdade é que um doutor theologo sustenta que o "corpo de Christo, naturalmente comido, fica na "bocca e não desce ao estomago. E' não saber nada "do apparelho digestivo (Tobie Wagner, Inquisit. "theolog. in Acta Henotica). Tudo se percebe, racioci- "nando como o snr. Rodrigues. E então a infallibili- "dade do papa, isso deixa de ser uma privilegiada "intuição do snr. Rodrigues para ser um pescanso de "toda a gente que arranjou a fé como quem compra um "par de oculos para ver o Incognoscivel dando o seu "*placet* ás resoluções dos concilios eucomenicos, á "rotação do globo, e aos destinos de cada um dos "individuos de 750 milhões de habitantes da Azia "que nada sabem do papa, e de 153 milhões de "europeus que nada querem saber do mesmo papa. "Vou pensar n'estas cousas para ter fé, e darei "parte do resultado ao snr. Rodrigues, com estam- "pilha de 25.»

Seria proceder desairoso e desandaria em negregado escandalo pensou o snr. José Maria

Rodrigues — que elle, sacerdote exemplar, treplicando ainda a quem assim insultava a divindade e a fé, prolongando um debate que descambava, por parte de Camillo, na virulencia e na acrimonia contra as mais respeitaveis maximas do catholicismo, desse ensejo a que, em novas paginas hereticas, novos ultrajes fossem commettidos. Calou-se.

Foi este o principal e o mais forte motivo, até hoje absolutamente desconhecido, que imperou no animo do sr. José Maria Rodrigues para que elle deixasse morrer de subito a tão famigerada *questão da sebenta*. Deploravel questão, que obrigou Camillo, sugestionado pelas mal dissimuladas ameaças do dr. Callisto, a comprar, para se defender a tiro — como em 1847 se defendeu de Antonio de Sales de Sousa Guedes — o rewolver com que, no dia 1 de junho de 1890, se suicidou! (1)

---

(1) Em telegramma do Porto, publicado pelo *Correio da noite* de 4 de junho de 1890, em que se dá conta da chegada do cadaver de Camillo ao Porto, lê-se a seguinte informação:

«O rewolver com que (Camillo) se matou foi comprado ha «dez annos por um empregado da casa Chardron, a pedido «de Camillo e por occasião da questão a proposito da sebenta «com o dr. Callixto. Dormia com elle debaixo do travesseiro «e de dia trazia-o sempre no bolso.»

Se o rewolver tinha sido comprado «por occasião da questão a proposito da sebenta», havia 7 annos e não 10, em 1890, que elle fôra adquirido por Camillo. Esse rewolver foi dado a Freitas Fortuna.

*

* *

Vem a proposito transcrever aqui alguns trechos de duas cartas — uma das quaes se prende com a *questão da sebenta* e a outra muito esclarece quem tiver duvidas sobre a firmeza de crenças religiosas de Camillo Castello-Branco. A primeira, dirigida ao egregio escriptor pelo conego Senna Freitas, foi publicada no numero 21 do quinzenario *O Leme,* que teve por fundador o visconde de S. Miguel de Seide e por continuador o sr. Nuno Placido Castello-Branco, aquelle filho e este neto de Camillo. A segunda, lê-se a paginas 138 do *Perfil de Camillo Castello Branco,* por Senna Freitas, e foi a este enviada pelo glorioso romancista.

São da primeira d'estas cartas, datada de 16 de julho de 1883, os seguintes periodos:

"Meu am.º

. . . .

"Meu bom am.º, meu caro Camillo: terei a cora-
"gem de lhe dizer que li a sua "Treplica„ ao P.e J.e
"M.a Rodrigues? . . . Irritadissimo devia V. Ex.a estar
"pelas provocações, ás vezes incongruas, da imprensa
"catholica, para traçar aquellas linhas mais amargas
"que o fel e tão . . . livres como nunca lh'as ouvi, no
"seu ultimo folheto. Juro-lhe que o coração de sincero
"am.º ainda me sangra de as ter lido. Não, aquella
"nunca foi nem é a linguagem de V. Ex.a nas suas
"horas de paz, nas suas horas sérias. Em V. Ex.a ha

"dois homens que não teem ponto algum de conta-"cto entre si, e eu não conheço ninguem mais diffe-"rente de V. Ex.ª que V. Ex.ª. Quero fazer-lhe essa "justiça que talvez tão poucos lhe fazem. Ainda q.do "o meu am.o fosse um só eu estimal-o-hia sempre, "mas continúo a amar em V. Ex.ª um dos homens "que em si coexistem, o homem bom, sereno, refle-"xivo e crente.

"Quanto mais o meu bom am.o deprima o catholi-"cismo, e os seus dogmas, mais se accusa de ter crido "n'elle e de o ter defendido não só nos principios da "sua brilhante carr.ª litteraria, mas na idade madura "e na plena virilid.e de uma razão formada e de uma "illustração m.mo theologicamente consideravel.

"Perdão mil vezes, meu caro Camillo, mas per-"mitta que lhe diga: como póde V. Ex.ª salpicar dos "peiores sarcasmos a fé, que tem sido o patrimonio "de milhares de gerações entre as quaes avultaram "alguns dos prim.os genios da humanidade, os mys-"terios christãos e sobretudo, a Eucharistia, que "ainda quando não corresponda a ũma realid.e so-"brenatural, é pelo menos um symbolo d'uma cousa "augusta e respeitavel, como bem disse Guerra Jun-"queiro na sua apreciação das "Caricaturas em pro-"sa„ de Julio de Andrade?

"V. Ex.ª que possue como pouquissimos, nas suas "relações sociaes, não só a urbanidade á sociedade "portugueza que crê, e a simples urbanidade á reli-"gião que o meu am.o bebeu com o leite, que bebeu "ainda mais nos conselhos do homem q. V. Ex.ª mais "tem respeitado na sua vida, e q. finalm.te, por tantas "vezes soube afinar o seu espirito para traçar algu-"mas das mais eloquentes, sentidas e alevantadas pa-

"ginas que sahiram da sua penna de primorosissimo "escriptor.

"Já depois de ter lido a replica, *tornei a ler* a cor-"respondencia de V. Ex.ª com Vieira de Castro (of-"ferecida por V. Ex.ª, estando eu em Seide, lembra-"se?), e por esta leitura ainda mais me confirmei no "meu juizo. Alli, sim, encontra-se o homem sereno, "verdad.ro, inspirado na crença e inspirador d'ella; "tanto mais genial no que diz q.to é certo que não "escrevia p.a o publico, mas desabafava no seio de "um homem e de um amigo, entre o qual e o pu-"blico havia e queria elle que houvesse p.a sempre "um abysmo. Creia V. Ex.ª que choro de commo-"ção, ao ler estas palavras, a pag. 87 da sua corres-"pondencia: "Porque não hade ser verdade, meu fi-"lho, a divindade de Christo?... Porque ousamos "duvidar da celestial origem da religião em cujo seio "os mais desamparados dos bens da vida encontram "a dôce preexistencia da bemaventurança?„

"A pag. 88: "*Crê*, filho, e sentir-te-has triumphar.„ "A pag. 100: "Acabo de ler um livro que me fez cho-"rar. Chama-se *Nossa Senhora de Lourdes*... Se "sentires um raio de fé na tua purificada alma, lê ao "menos seis paginas„, etc. etc. Só a paginas 54 se re-"vela positivam.te o homem da duvida ou antes da "descrença em um periodo terrivel: "Deus me dê "vida. *Deus?* Porque não? Esta porcaria requer "Creador divino que a explique, etc.„, mas a blas-"phemia é logo retratada em nota: "Esta carta seria "excluida d'este livro, se não viesse como prova da "pusilanimidade da alma humana sob a pressão dos "soffrimentos moraes.„ O livro que venho citando foi "publicado, não ha vinte annos, nem dez, em 1874.

"Meu excellente amigo, diga-me: como explicar "estas anomalias profundas? Quer V. Ex.ª que eu "tome a sério e á lettra aquella phrase lugubre, que "se lê na carta correspondente á pagina 145 do d.º "livro?! "O que me resta do que fui é um discerni- "mento lucido para lamentar o que sou„? Quer por "força que tome tudo isto á conta d'aquella "occlu- "são intellectual„ que sentia invadir-lhe a alma, "quando d'ella fallava ao seu amigo V. de Castro? "Quem sabe? E' talvez um phenomeno pathologico, "como V. Ex.ª m.mo o interpreta quando diz: "A "doença e a desgraça tem-me feito descambar a um "atheismo absoluto... Em mim apagam-se as ulti- "mas vascas da luz,„ etc.

"Vem isto na tal carta que provocou a nota. De "resto, ella destaca-se de quasi todas as outras, pelo "tom em q. foi escripta.

. . . .

Todo seu

16-7-83.

Senna Freitas.„

A carta de Camillo ao conego Senna Freitas, por este publicada, como atraz fica dito, parece — embora não seja — resposta á que acima transcrevo. Escrevia elle:

"Meu muito querido amigo

"Socegue: eu tenho medo de mais para ser atheu. "Voltaire diz algures que "a fé é uma duvida que se "submette„. Não será lá muito rigorosa a definição,

"mas mais por aqui mais por acolá vem a dar n'isso.
"Não tenho razões ignoradas por Voltaire para me
"não submetter."

. . . .

Sou etc.

C. (1)

(1) Vi em S. Miguel de Seide, atados com um cordel, todos os folhetos da *Questão da sebenta*. Em alguns d'elles havia notas, a lapis, escriptas por Camillo.

CAPITULO XI

O santo da montanha

A ORIGEM D'UM ROMANCE DE CAMILLO?

Entre os innumeros admiradores sinceros e devotados do primeiro romancista portuguez, que formam legião immensa, estou certissimo de que raros serão aquelles que deixem de conhecer e apreciar *O santo da montanha*. É uma das mais interessantes novellas de Camillo, quer pelo estylo de encantar, que se desentranha em primores e thesouros de joias literarias, quer pelo entrecho, que desde as primeiras paginas prende e subjuga a attenção de quem lê. Vou dar, aos que não tiverem conhecimento d'esse romance, o resumo do seu enredo. Adeante se verá porquê e para quê.

N'uma tarde dos principios de verão do anno de 1687, n'uma quebrada da serra do Marão, os doces olhares de Mécia de Sampayo, que em companhia de seu pae, Lopo Vaz de Sampayo, ia, de Anciães, caminho de Braga, onde as festas de Corpus-Christi se vestiriam de esplendor e pompas desusadas, cruzaram-se com os d'um gentil e donoso cavalleiro,

Balthazar Pereira da Silva, que em companhia do seu amigo D. José de Noronha, fidalgo brutesco e rude, nado e creado entre as selvas trazmontanas, se dirigia tambem á cidade dos arcebispos, com mira nos prazeres das festas sumptuosas. Em Braga, durante dias de regosijo e de imponentes solemnidades, acendeu-se e ateou-se a paixão no coração virgem de Balthazar, que se considerou o mais feliz dos sonhadores quando se julgou correspondido pela linda e treda castellã de Anciães.

Ao cabo da romaria, as saudades do inevitavel apartamento mitigaram-se com a promessa de proxima visita de Balthazar Pereira a Lopo de Sampayo. Com intimo alvoroço cumpriu aquelle o seu promettimento: em companhia do tosco D. José de Noronha, lá se foi, pouco depois, em demanda do velho solar de Anciães. O fidalgo e a filha tinham partido para Moncorvo, onde, em casa do alcaide-mór, havia festas e bailes, seguidos de caçadas de porcos bravos nas mattas de Roboredo. Logo de abalada para Moncorvo, em busca da luz suave dos olhos tristes de Mécia, correu Balthazar Pereira, e, com elle, o inevitavel D. José de Noronha. Durante a caçada fez prodigios de destreza a pontaria infallivel de Balthazar. Os javardos, feridos de morte, cahiam, varados pelos pelouros certeiros, sem que mesmo ao de leve fosse attingido um só dos cães da numerosa matilha que em redor das feras furiosamente ladrava.

Uma conversa entre Mécia e o pae, involuntariamente ouvida por Balthazar, denunciou a este a vileza do caracter da fidalguinha, mais apaixonada por faustos e riquezas do que pelo enamorado moço,

rico de affectos, sim, mas diminuto em haveres e minguado em cabedaes. N'um impeto d'alma dorida, exprobou-lhe elle com ardimento o proceder dubio e perfido, que dava mais a conhecer a cubiça de fartos patrimonios do que a meiguice e a ternura d'um amor sincero e puro. Separaram-se malavindos, por entre ameaças terriveis de Balthazar, que o rir escarninho de Mécia de todo allucinára. Ficou elle tido, em Moncorvo, como doido varrido. Entre os que mais azedamente o censuravam, D. José de Noronha não era dos menos indignados. Elle, o rustico fidalgo sertanejo, ali mesmo jurou quebrar os laços de amizade que desde muito o prendiam a quem assim se mostrava tão descortez e incivil com uma dama de tanta belleza. De tanta belleza, sim: D. José começou de notar n'aquelle mesmo instante os superiores encantos de Mécia, e o mesmo foi que deixar-se prender pelo amor desde logo dedicado á que fôra quasi noiva do seu amigo!

Comquanto impolido e aspero de maneiras e linguagem, D. José era rico. Optima recommendação para o pae de Mécia, cujo castello se arruinava á medida que se iam apoucando os haveres herdados dos avoengos. No abastado, embora grosseiro, fidalgo trazmontano viu Lopo o melhor dos maridos para a filha, e nos teres d'elle, de larga fama, lobrigou larguezas de fortuna bastantes para tapar os rombos e as fendas das suas torres de Anciães, que se esboroavam, e para restaurar os seus bens, cujos rendimentos mal chegavam para pagar dividas avultadas. Conchavou-se logo o casamento, que iria entrelaçar mais estreitamente duas familias, já alliançadas pelas relações de parentesco.

E Balthazar?... Esse, perdido de paixão, desorientado, louco, foi carpir a sua desdita e esconder as suas lagrimas no seio d'um verdadeiro amigo, que uns amores infortunados tinham levado a vestir o habito de frade. No convento de Villa Real, onde era honra da communidade, frei Antonio de Christo tentou consolar com palavras de unção e de affecto o amigo inconsolavel, querido e infeliz, mal prevendo então a que triste destino elle estava votado e desconhecendo tambem os horrores de inferno que anavalharam a alma de Balthazar, quando lhe disseram que a mulher a quem dera o coração era a promettida esposa d'aquelle que tinha sido o amigo predilecto dos seus dias de ventura!... Não se teve o desgraçado que não fosse lançar em rosto ao traidor o negrume da sua infamia, e quando, tempos depois, soube que em Anciães se celebrariam com estrondo e pompa os esponsaes de Mécia e D. José, pegou da sua espingarda de consummado e destro caçador e foi-se, por montes e serras, postar, de emboscada, nas proximidades do palacio de Lopo Vaz de Sampayo.

Era uma noite de agosto. Pelas janellas abertas passavam os sons e os risos da festa esplendorosa. Ao varandim do salão nobre encostaram-se dois vultos. Quando um d'elles correspondia ao caloroso brinde feito aos noivos, o estridor d'um tiro fez estremecer os convidados que proximo da janella se acercavam de Mécia e de D. José, e viram este cahir de borco, varado pelas costas pela bala certeira de Balthazar Pereira da Silva.

O assassino não foi encontrado. A devassa que se seguiu ao delicto horrendo, apesar das suspeitas que

convergiam em Balthazar, não deu resultado. O homicida, com a consciencia inquieta de remorsos, acolheu-se ao convento de Villa Real, e ali, apesar das supplicas do amigo da mocidade, d'aquelle infeliz frei Antonio de Christo, que lhe pedia, chorando, que não professasse, ao cabo d'um anno de noviciado, "levantou-se dos pés do guardião, chamando-se frei Balthazar das Dôres„. Enfermára, pouco depois, frei Antonio, com febres de mau caracter. Os medicos aconselharam-lhe o doce clima da ilha da Madeira. Foi. Com elle, á força de rogos para que o não deixasse sem o seu amparo de amigo, embarcou frei Balthazar.

No Funchal, proximo da cêrca do convento em que os dois se internaram, vivia com sua mãe, irmã de Lopo Vaz de Sampayo, um moço de nobre estirpe, João Dornellas, que, poucos dias depois da chegada dos dois frades, partiu para Lisboa, onde não tardou a encontrar-se com sua prima D. Mécia, que em companhia do pae viera viver para a côrte, logo a seguir ao crime que lhe roubára o noivo. No paço de D. Pedro II viu João Dornellas a priminha, que a influencia de Lopo tinha feito dama da rainha D. Maria Sophia de Neubourg. Amou-a. Casaram. No Funchal, a recepção feita aos noivos foi de regozijo e de festa.

Da cêrca do convento, Balthazar ouvia "as risadas da esposa ditosa, a beijar-se com o marido na janella„. Que inferno de ciume e de tormentos n'aquella alma de criminoso louco! Um dia, por entre a folhagem d'um renque d'arvores, viu Mécia. Cosido ao muro da cêrca, pediu a um soldado, que fóra fazia guarda que lhe emprestasse uma espin-

garda, para atirar a um francelho, e com a sua pontaria de antigo caçador experimentado, que nunca errava o alvo, matou-a! Recolheu á cela o feroz assassino; fingiu espanto no momento em que lhe levaram a nova da tremenda desgraça; declarou que fôra elle que involuntariamente ferira a infeliz senhora, quando atirava a um passaro; e nem Deus nem a consciencia embotada lhe incutiram pavor de si proprio! Nenhuma pena sobre elle pesou, porque foi decidido pelos jurisconsultos e homens de justiça que não houvera proposito de matar D. Mécia.

Passado tempo, deliberou frei Balthazar rasgar o habito e passar-se á India, á Africa, a qualquer região onde fosse desconhecido e podesse gozar liberdade plena. N'esse proposito, embarcou para Lisboa. Apresado o navio pelos corsarios, Balthazar teve artes de captivar o animo do moiro que em Argel o ia fazer seu escravo. Vestiu-se á turca, jurou os artigos do alcorão, adoptando a religião de Mafoma, e, chamando-se Ali-Fendi, para assim esquecer o seu nome ennodoado de sangue, casou com a sobrinha d'aquelle que, de seu senhor, se transformára em seu amigo. Já era rico no dia em que a mulher lhe morreu, deixando-lhe nos braços uma filha. Amou com loucura a creança, e, quando esta contava quinze annos e elle cincoenta e tres, não pôde resistir ao pedido que a filha instantemente lhe fez para que a trouxesse a Portugal, que ella muito desejava conhecer.

Vieram. Velejaram até ás costas do Minho e foram pairar em frente do Porto, no intuito de desembarcar. Do castello da Foz, dispararam a artilharia sobre o bergantim, tido como navio de piratas. Uma

bala, em que Balthazar viu a justiça de Deus, arremessou-lhe a filha, morta, de encontro ás taboas da amurada...

Ao findar de um dia de janeiro, um velho de longas barbas, tão brancas como a neve que tinha cahido, cobrindo os caminhos intransitaveis, bateu á porta da mais humilde choupana de uma pequena aldeia encravada na serra do Alvão. Era Balthazar. Recolheram-n'o os pobres carvoeiros, marido e mulher, habitantes da cabana, e deram-lhe pousada e comida. Contaram-lhe, sem saberem quem tinham por hospede, que a antiga casa que elle herdára de seus paes ardêra, queimada pelo irmão, cahido na miseria e alcoolico. Eram escassos os haveres dos dois serranos. Possuiam apenas, no picoto da serra, uma leira que mal dava quatro alqueires de centeio. Balthazar comprou-lh'a, e, passados dias, uma pequena choça erguia-se no alto do monte. Ali foi viver o velho, em rigorosa penitencia, sustentando-se a caldo e pão, que repartia com os pobresinhos. Sobre as ruinas da sua antiga casa-solar, devorada pelo fogo, mandou construir um templo.

Uma noite, frei Antonio de Christo foi chamado á cabana da serra. Balthazar morria, apavorado, vendo ainda, atravez da nevoa que a morte lhe adensava ante os olhos, o espectro sinistro de Mécia. Cá fóra, o povo, a chorar de magua, rogava a Deus pela alma do "santo da montanha", cujo corpo foi sepultado á entrada do templo que elle alevantára, dedicando-o ao Senhor Jesus dos Perdões...

Tal é a trama do romance de Camillo, dada aqui em pallido esboço. Quem quizer deleitar-se com o brilho da narração, com a pujança do estylo, com a

sobriedade do dialogo, com a naturalidade artistica das scenas, abra e leia a novella do poderoso escriptor. Não dará por perdido o seu tempo.

*

* *

A meio dos montes que fecham, ao nascente, a freguezia de Santa Cruz do Douro, que me foi berço, n'um sitio elevado, d'onde a vista abraça terras dos concelhos de Rezende, Sinfães, Regoa, Mezão-Frio, Lamego, talvez outros ainda, alveja uma ermida da invocação de Nossa Senhora do Martyrio. E' uma capellinha de brancas paredes, tendo em volta um adrosito estreito. Por baixo, no escorregar da encosta, pequenos campos, que parecem degraus d'uma gigantesca escadaria de cyclopes. Em cima, o monte escarpado, por onde os rebanhos tranquillos pastam, entre os perfumes da giesta, do rosmaninho e da urze. A vasta paisagem que d'ali se abrange é um assombro de belleza, superior a muitas que os meus olhos encantados viram na Suissa, no Tyrol e na Hungria. Por toda a parte, vergeis, pomares, verdura, manchas de copados arvoredos. Os montes d'alem Douro, talhados em amphitheatro, alargam-se, ondulam e sobem, salpicados de logarejos, de brancos povoados alegres, que sorriem por entre pinheiraes e soutos. Aqui e alem, uma egreja humilde protege com a sombra da sua torre o somno dos que para sempre repousam no cemiterio visinho. Lá no fundo, o valle apertado do rio cava-se n'um solo convulsionado e revolto. Nos cerros e cabeços, sombrios e negros penedos erguem-se em continua

ameaça de se despenharem pelas asperas ravinas que os cachões das torrentes rasgaram. Leiras e varzeas espalmam-se, prateadas pela benefica agua de rega. Outeiros floridos, pitorescas aldeias aninhadas entre tufos de folhagem, casas solarengas, olivaes escuros, mattas espessas, muros de quintas, searas e vinhedos, terras lavradias, cristas de serranias distantes — tudo isto se avista do pequeno adro da branca ermida, que o sol beija no declive da montanha, em dias luminosos, e o crepusculo da tarde poetiza, cercando-a de silencio e de sombras...



Capella de Nossa Senhora do Martyrio

Dentro do pequeno templo, pouco ha que notar, a não ser a imagem da Virgem piedosa, que na tribuna do altar-mór chora as suas lagrimas de infinita dôr sobre o corpo ensanguentado de Christo, que se lhe curva, morto, no regaço. E' uma esculptura de grande perfeição, em que a mortificada expressão de soffrimento do rosto amargurado de Maria profundamente commove e conturba todos os que dobram humildissimamente o joelho para adorar aquella Mãe dolorosa e angustiada.

Tem uma lenda esta capellinha da minha terra, que estende sobre o valle ridente a sua sombra protectora e amiga. Diz essa lenda que a primitiva ermida, de proporções muito mais modestas do que as da actual, foi construida por um desconhecido peregrino, que, sem se saber d'onde vinha, ali parou. Por unico e fiel companheiro, tinha um cão. Andava de porta em porta, pedindo esmola, e, com o peculio que foi juntando, edificou a pequenina capella, reconstruida e ampliada muito mais tarde, em meados do seculo XVIII. Quando o pobre ermitão morreu — nunca se soube quem era ... — enterraram-n'o dentro da ermida onde se tinha enclaustrado e em cujo pavimento de lages ainda hoje se vê, bem distincta, a fórma da sepultura. Sobre esta, finou-se de saudade o cão que sempre o acompanhava.

Assim reza a lenda, e, para que me não acoimem de phantasioso, ideando adrede uma narrativa de pura imaginação, remetto quem me ler para *O Minho pittoresco,* obra interessantissima do illustre medico José Augusto Vieira, onde, a paginas 459 do tomo II, vem indicada a lenda da capellinha de Nossa Senhora do Martyrio (1).

---

(1) Por alvará d'el-rei D. João IV, de 4 de maio de 1651, foi concedido aos moradores do concelho de Baião, pela devoção que teem a Nossa Senhora do Martyrio, da freguezia de Santa Cruz do Douro, e concorrer ali muita gente, que haja no dia 10 de cada mez feira de bois no dito local, e a 5 d'agosto de cada anno, que é o dia da dita Senhora, haja feira de bestas; e a ciza do que se vender seja para a fabrica da mesma Senhora. (Archivo da Torre do Tombo — Chancellaria de D. João IV, L.º 22.º de Doações, fl. 90, v.º.)

D'este alvará se conclue:

*

* *

Com variantes de pouca monta, á lenda que deixo referida assemelha-se em muito o final do romance *O santo da montanha.* Camillo, para escrever as suas novellas, fundamentava-se, quasi sempre, em factos verdadeiros, que lhe eram contados ou de que elle, por qualquer fórma, tinha conhecimento. Depois, a imaginativa do brilhantissimo escriptor alargava os quadros, vestia-os de episodios, romantisava os acontecimentos, dramatisava a narrativa, definia os personagens, esculpia as figuras, dando-lhes vida, calor, paixão, e encantando sempre o leitor com a magia e as riquezas do seu estylo de inexhauriveis thesouros de esplendor e de graça.

Como fica referido no capitulo v d'este livro, Camillo foi hospede do seu desventurado amigo José Augusto Pinto de Magalhães, na casa do Lodeiro, que dista dois ou tres kilometros da capella de Nossa Senhora do Martyrio. E' mais que certo, pode affirmar-se, que, em passeio, o romancista algumas vezes

1.º) Que a Senhora já n'aquelle tempo, como hoje, se chamava do Martyrio, posto que pessoas auctorisadas dizem que a verdadeira designação é no plural;

2.º) que a dita Senhora ali era venerada já em data muito anterior ao actual templo, que deve ser de construcção não anterior ao meado do seculo XVIII;

3.º) que outr'ora a festa era em dia fixo, sendo hoje em dia da Ascensão;

4.º) que a romagem teve d'antes mais importancia do que hoje, visto que julgo não haver memoria da feira annual, nem das feiras mensaes.

fôsse visitar a ermida e admirar a extensa e formosissima paisagem que de lá se goza. Curioso como era, e investigador incançavel, não deixou de ter noticia da lenda que desde longas eras envolve o templosinho em neblinas de mysterio. D'ahi a phantasiar um drama sanguinolento e a ver no vulto patriarchal do ermitão desconhecido, que ali se isolára e ali morrera, um heroe de romance, criminoso protogonista d'uma tragedia horrorosa, pouco ou nada ia. E assim nasceria, porventura, na mente de Camillo o enredo do seu *santo da montanha* e a ideia de escrever esse livro. Seria assim? Não seria? – Ignoro. O que pretendo é que se note que eu avento apenas uma hypothese e não formulo ousadamente uma asserção.

Uma duvida pode surgir no espirito de quem me ler: não ter Camillo escolhido para logar da acção do romance, ou, pelo menos, de algumas das suas passagens, o concelho de Baião, onde está situada a capella de Nossa Senhora do Martyrio.

Respondo: em geral, quando ha um certo fundo de verdade no entrecho de qualquer conto ou novella, o auctor discreto empresta nomes falsos aos figurantes verdadeiros e afasta-os das localidades em que elles na realidade viveram. No romance *O santo da montanha,* Camillo faz andar os seus personagens por Braga, Villa Real, Anciães, Moncorvo, Funchal, e até os leva á moirama longinqua, á pitoresca Argel de altos minaretes. Colloca a choça d'um eremita no alto do Roboredo. Porquê? – Porque precisava, para provar a infallivel pontaria de Balthazar Pereira, que viria a assassinar a tiro D. José e D. Mécia, de desenrolar ante os leitores a scena da caçada

dos porcos bravos. Ora no concelho de Baião, nem mesmo no seculo XVII, escolhido por Camillo para epoca do seu romance, havia, que eu saiba, chavascaes em que os javardos se acoitassem, o que não succedia no Roboredo, extensa montanha em cujas mattas bravias se escondiam javalis e caça grossa.

E assim fica desfeita a duvida de algum pechoso, que na lenda da capellinha da Senhora do Martyrio, que branqueja, alva de neve, n'um monte da minha terra, não queira ver, como eu vejo, a inspiração e a origem do romance *O santo da montanha* (1).

(1) Este romance de Camillo, antes de ser editado em livro, foi publicado em folhetins do *Commercio do Porto*, começando a publicação no numero de 20 de maio de 1866. Veja-se o que ácerca d'esta novella escreve o sr. Henrique Marques, na sua *Camilliana*.

CAPITULO XII

Um companheiro de carcere

PROEZAS DE JOSÉ DO TELHADO

Entre tantos livros que produziu a penna scintillante de Camillo Castello-Branco, aquelle que tem por titulo *Memorias do carcere* avulta como um dos mais interessantes. Lêem-se ali valiosas paginas de autobiographia do romancista, assim como informações curiosas sobre diversos criminosos que o escriptor insigne teve por companheiros nas cadeias da Relação do Porto, quando n'ellas o sepultou, por mais d'um anno, o processo-crime que lhe moveu Manoel Pinheiro Alves, primeiro marido de D. Anna Placido (1). Um d'esses companheiros de carcere de Camillo foi o celebre salteador José Teixeira da Silva, mais conhecido pelo nome de guerra de José do Telhado, que, durante alguns annos, infestou a encantadora região de Entre-Douro-e-Minho. O escri-

(1) Contou-me o illustre magistrado, sr. conselheiro Pinto Osorio, que, indo de Coimbra ao Porto, em maio de 1861, foi, com o sr. conselheiro Antonio d'Azevedo Castello-Branco

ptor inimitavel dedica-lhe um longo capitulo das *Memorias do carcere*, contando, a traços largos, a vida e feitos do destemido ladrão de estrada.

José Teixeira da Silva nasceu no concelho de Penafiel e era filho de Joaquim do Telhado, que fôra capitão de ladrões. Aos dezanove annos, alistou-se no regimento de lanceiros 2, onde sobresahiu como airoso e habilissimo cavalleiro. Em 1837, depois de ter mostrado a sua valentia na revolta dos marechaes, emigrou para Hespanha. Regressando a Portugal, quando se assignou a convenção de Chaves, casou com uma sua prima que apaixonadamente amava, mas o seu temperamento irrequieto e combatente impelliu-o para novas aventuras, para outros lances de risco e de perigo. Quando, em 1846, explodiu a revolução da Maria da Fonte, o antigo soldado de cavallaria arremessou-se á lucta, servindo a Junta do Porto. Na acção de Valpassos, salvou da morte o visconde de Sá da Bandeira, de quem era ordenança, o que lhe valeu ser condecorado pelo illustre general com a medalha da Torre-e-Espada. Voltou de-

---

e com o sr. dr. Alberto Telles, visitar Camillo á cadeia da Relação.

— Talvez os senhores não saibam porque é que eu aqui estou preso — disse-lhes o romancista.

— ?

— É por defender a honra d'um homem.

— ! ! !

— Sim — continuou Camillo —. O homem que aqui me tem preso diz que eu lhe offendi a honra e quer uma sentença que me condemne e confirme a offensa. Eu quero uma sentença que me absolva e prove, portanto, que a honra d'esse homem não foi offendida.

pois para o seu pobre lar, em Cahide, no concelho de Louzada, onde não foi de longa dura a sua tranquillidade, porque nem os vorazes crédores nem os



MANOEL PINHEIRO ALVES
Primeiro marido de D. Anna Placido

ferozes inimigos politicos lhe deixaram um instante de repouso. Bandeou-se então com a quadrilha do irmão, o famoso Joaquim do Telhado, que, singrando

na esteira do pae, capitaneava ladrões e matadores. Perseguido pelas justiças portuguezas, José do Telhado refugiou-se no Brazil, tornando quasi logo a Portugal, onde as suas proezas de salteador lhe deram feia nomeada (1).

Ao que ouvi a pessoas que bem conheceram o temivel bandido, era elle um galhardo homem, alto, apessoado, robusto e sympathico, de bellas barbas a pousarem-lhe em leque sobre a arca do peito. Valente, corajoso, destemido até á loucura, por vezes tão generoso quanto era temerario, José do Telhado roubava, sim, mas dava liberalmente aos pobres e desvalidos grande parte do que violentamente subtrahia aos ricos e afortunados. Por isso dizia, falando de si, "que não era ladrão, mas *repartidor publico*". Doce euphemismo a encobrir crimes e maleficios!... Como quer que fosse, foi elle o ultimo na serie dos bandoleiros de vulto que a civilização expulsou das nossas provincias, onde, de trabuco aperrado, espalhavam o terror e a morte, assaltando casas, roubando viandantes descuidados, assassinando os que tentavam desesperados esforços de inutil resistencia. O seu nome póde bem figurar ao lado do de

(1) O celebre salteador José Teixeira da Silva era mais conhecido pelo nome de José do Telhado por ter nascido na casa chamada do Telhado, sita na freguezia de Castellões, do concelho de Penafiel. Essa casa, que pertencia aos paes do bandido, e ainda hoje existe, era quasi toda coberta de colmo, tendo, porem, um sobrado com telha, d'onde lhe vinha o nome, que conserva, de casa do Telhado. A alludida casa, já agora historica, foi, ha tempos, adquirida por pessoa que fez fortuna no Brazil, sendo reformada e modificada pelo seu novo proprietario.

Cartouche e Mandrin, os celeberrimos *brigands* francezes; de José Maria, que fez da Serra Morena praça das suas façanhas; de Fra Diavolo, cuja historia ainda hoje arrepia de pavor os Calabrezes; de Hobin Hood e Jack Sheppard, que na Inglaterra foram facinoras temidos; de Rosa Chandor, o terrivel flibusteiro da Hungria.

Parece-me não ser de todo inutil dar a conhecer aos leitores d'este meu pobre livro, por cujas paginas desluzidas a grande sombra de Camillo perpassa, duas das principaes proezas do seu companheiro de carcere, José do Telhado, que tiveram por theatro os montes da minha terra. O romancista ingente refere-se a ellas, nas *Memorias do carcere*, muito ao de leve, ao passo que eu, por circumstancias especiaes, posso narrar por meudo esses dois feitos do popular salteador. Com saudade relembro as horas em que d'elle ouvia falar e a curiosidade infantil que me dominava quando meu pae me referia que, em 1856, na volta do Porto, onde tinha ido comprar as joias de casamento que depois offereceu a minha mãe, então sua noiva, passou, de carruagem, ou não sei se a cavallo, acompanhado apenas por um creado, por José do Telhado, na tapada de D. Luiz, proximo do local onde mais tarde se construiu a estação de Cahide, do caminho de ferro do Douro. Se o famoso capitão de ladrões suspeitasse que meu pae levava na sua saca de viagem valor d'alguns mil cruzados, talvez o não deixasse seguir caminho, como deixou, sem o obrigar a defender-se vigorosamente.

*

* *

Nas *Memorias do carcere*, Camillo, escrevendo a triste biographia de José do Telhado, informa que este, tendo partido para o Rio de Janeiro em fins do anno de 1849, passou á provincia do Rio Grande do Sul, tirou em Porto Alegre passaporte para Santa Catharina, visou-o em S. José, com destino a Sorocaba, em março de 1851, "e já em novembro d'esse mesmo anno assaltava em Portugal a casa do doutor Antonio Fabricio Lopes Monteiro, em Santa Marinha do Zezere„. E mais adeante: "O assalto de Zezere, já mencionado, foi infructuoso por a desesperada tenacidade com que os sitiados se defenderam„. Camillo, talvez porque os desconhecesse, não dá pormenores d'esta proeza de José do Telhado. Vou eu dal-os.

A freguezia de Santa Marinha do Zezere, do concelho de Baião, é vizinha da parochia da minha naturalidade: Santa Cruz do Douro. Conheço-a bem, tantas vezes a percorri, nos tempos da mocidade, quando as estereis luctas eleitoraes por lá me faziam andar em cata do voto dos que tinham o seu nome inscripto nos cadernos do recenseamento politico. E' um pitoresco e fertil torrão d'aquella abençoada encosta que desde o Douro caudaloso vae subindo até aos pincaros aguçados e ás cristas altaneiras do Marão sombrio e aspero. A meio da freguezia de Santa Marinha do Zezere, cercada por um adro pouco menos de exiguo, a egreja parochial estira a sombra do seu campanario por aquelles campos de tanta producção, suavemente avelludados de relva fresca e

macia. Pouco acima, avista-se a casa de Cadeade, que foi do dr. Antonio Fabricio Lopes Monteiro, proprietario abastado que eu já não conheci. E' uma casa de provincia, de bom aspecto e architectura vulgar, tendo a fachada principal voltada ao sul e do lado norte a cozinha raza com o chão. Dormi uma noite, ha muitos annos, n'essa casa. Lá vi, chapeada de ferro, a porta da cozinha, por onde a malta de José do Telhado fez a sua tentativa de assalto. As chapas de ferro foram pregadas na porta em seguida a essa tentativa mallograda, para que, algum tanto, não se desmentisse o velho brocardo que diz: — "depois de casa roubada, trancas á porta ...» A casa de Cadeade não chegou a ser roubada pelos sequazes de José do Telhado, e para que o não viesse a ser, em novo ataque mais feliz que o primeiro, foi a porta fortalecida com o ferro que ainda hoje a reveste e a tornou para sempre invulneravel. Muitas vezes ouvi contar a historia minuciosa d'essa aventura da terrivel quadrilha do famigerado salteador.

Foi assim. José do Telhado, talvez por lhe constar que o dr. Fabricio era rico e vivia só com uma irmã, resolveu atacar-lhe a casa e roubal-o. Marchou, n'uma noite dos principios de inverno de 1851, á testa da sua gente, em direcção a Santa Marinha do Zezere. No caminho, depois de ordenar aos do bando que seguissem para Cadeade, cercassem a casa, mas não começassem o assalto sem elle chegar, parou n'uma locanda, a dessedentar-se e a refazer-se da fadiga da jornada, preparando-se para os ardores da lucta. A malta, ao chegar a Cadeade, vendo que a casa, pelo lado da cozinha, era de facilimo accesso, e sabendo que lá dentro só estavam o dr. Fabricio, a irmã e

alguma creada, desprezou as instrucções do chefe, desobedeceu ás ordens que recebera e resolveu iniciar desde logo o ataque e perpetrar o roubo (1).

Quando o capitão chegar — disse o segundo commandante dos ladrões — encontrará tudo concluido. Vamos a isto! . . .

Immediatamente cercado o edificio, um tronco d'arvore, ou a cabeçalha d'um carro de bois encontrada sob um beiral, foi jogada como ariete contra a porta da cozinha. Com o estrondo, o dono da casa, acordado em sobresalto, acudiu, armado, quando na porta já se escancarava um largo rombo. Por essa abertura, o denodado dr. Fabricio, ás escuras, descarregou a espingarda contra a quadrilha, que recuou, surprehendida com a inesperada resistencia. Quando um dos ladrões, mais ousado que os outros, mettia o braço pelo rombo da porta, a fim de levantar a tranca de madeira que por dentro a segurava, o dr. Fabricio golpeou-lh'o fundamente com uma espada, disparando em seguida, pelo buraco da porta, tiros atraz de tiros sobre os assaltantes furiosos, que de fóra faziam d'aquelle inabalavel baluarte alvo das suas carabinas. Ao lado do dono da casa, intrepida, serena, a varonil irmã carregava as espingardas que elle ia despejando sobre os salteadores. Houve,

(1) Outra versão — talvez mais provavel — diz que ao roubo de Cadeade concorreu um logar-tenente de José do Telhado, que tinha com este feito combinação de se juntarem em logar aprazado. Houve desencontro. O tal logar-tenente chegou primeiro, e, parecendo-lhe facil a empreza, resolveu dar o assalto com os seus homens, para que tudo estivesse findo quando José do Telhado comparecesse.

como se vê, homens e mulheres de animo nas minhas lindas terras de Baião!

— Se lá entramos, as postas mais pequenas que te havemos de deixar serão as orelhas! . . . — rugiu um dos bandidos.

— Não ha de ser d'esta vez! — respondeu-lhe de dentro o dr. Fabricio.

E continuou o tiroteio, até que os ladrões, apavorados com os clamores do povo, que das casas e quintas circumjacentes acudia ao arruido, e com o toque a rebate no sino da egreja, houveram por bem e por prudente — ao grito do commandante: "Trigo, trigo, trigo! . . . „, que era a senha combinada para a dispersão — bater em retirada, sem terem conseguido entrar na casa que um só homem, auxiliado apenas por uma valorosa mulher, valentemente defendera! José do Telhado, quando vinha a caminho de Cadeade e se encontrou com os que fugiam, em desbarato, enfureceu-se, arrepelou-se, bramiu de raiva, mas teve de retirar tambem, para não cahir nas mãos dos que iam em perseguição da quadrilha derrotada.

*

* *

Conheço bem outra proeza de José do Telhado, que, nas *Memorias do carcere,* Camillo refere muito em escorço: o grande roubo feito na casa de Carrapatello, que a memoria de alguns velhos ainda hoje recorda e a tradição dos povos circumvizinhos reconta e repete.

A casa de Carrapatello, situada na freguezia de Paços de Gaiôlo, pertencente ao concelho do Marco

de Canavezes, assenta n'um patamar da riba fragosa que n'aquelle ponto desce do alto da serra até á penedia escalvada do Douro. E' uma casa de dois andares, de nobre fachada e feição senhorial. Era proprietario d'essa casa, a meio do seculo passado, José Joaquim de Abreu, rico fidalgo provinciano, viuvo, que ali vivia em companhia de sua unica filha, D. Anna Victoria de Abreu e Vasconcellos, viuva de Gonçalo Pinto – que fôra senhor da casa da Foz, na freguezia de S. Thomé de Covellas, do concelho de Baião – e da neta, D. Anna Amelia Pinto da Cunha, que depois foi a primeira esposa do meu parente, sr. Duarte Huet Bacellar, que gentilmente se prestou, com esclarecimentos preciosissimos, a elucidar pontos obscuros do roubo da casa de Carrapatello. A outra filha de D. Anna Victoria, de nome D. Maria de Mello, tinha casado com o meu primo e amigo João da Silveira Pereira Bravo Osorio de Vasconcellos, ha annos fallecido, e vivia na casa de Quintã de Antemil, no fronteiro concelho de Sinfães.

José Joaquim de Abreu finou-se a 5 ou 6 de janeiro de 1852, sendo dado á terra no dia 7. José do Telhado, sabendo que elle deixára avultada fortuna e informado de tudo o que se passava em Carrapatello, resolveu assaltar a casa na propria noite que se seguiu ao funeral. Para isso, conhecendo a tactica habilidosa que aprendera nos seus tempos de militar e desenvolvendo a estrategia que já com vantagem empregára em anteriores assaltos, tratou de evitar que o incommodassem na arriscada empreza que ia tentar. A resistencia dos moradores da casa não era de recear, pois que nada poderiam contra os assaltantes duas senhoras fracas e doloridas. Dos loga-

rejos vizinhos, insignificantes aldeolas algum tanto distanciadas, não havia que temer o auxilio. Mas os destemidos habitantes de Mourilhe, povoado impor-



Casa de Carrapatello

tante da margem fronteira do Douro, podiam, atravessando o rio, acudir aos gritos de soccorro que em Carrapatello cortassem o silencio da algida noite de janeiro. Para inutilizar o possivel ataque dos homens

de Mourilhe, José do Telhado, comprando os barqueiros ou empregando ameaças, conseguiu que todos os barcos, no dia em que planeára realizar o roubo, ficassem atracados á margem direita do Douro. E com este ardil de guerra pôde, a seguro, cercar e atacar a casa de Carrapatello. Avançou, pois, com a sua temivel quadrilha, suppondo ter de defrontar-se apenas com duas senhoras cobertas de luto e mortificadas pela dôr, mas teve de recuar porque a guarda-avançada, que mandára em busca de esclarecimentos e á cata de informações, trouxe-lhe a noticia de "que na casa ainda havia muita gente». Assim era. Entre outras pessoas, faziam companhia ás duas senhoras, João da Silveira, de Quintã de Antemil, Torquato de Serpa Pinto, da casa de Cerdeirêdo, e o capellão da familia dorida. José do Telhado, escaramentado pelo cheque recente de Cadeade, resolveu, pois, esperar. Foi acampar com os seus companheiros, aguardando monção propicia, no alto da serra, proximo do logar de Fandinhães, onde se esboroam as ruinas d'um velho castro d'outras eras. O taberneiro *Malogras* abasteceu abundantemente o bando de comida e bebidas.

No dia seguinte, 8 de janeiro, pelas seis horas, já noite fechada, os ladrões, com o seu capitão á frente, cercaram a casa de Carrapatello. Duas punhadas na porta da cozinha, fizeram acudir um creado, que, sem desconfiança, suppondo ser algum dos caseiros da quinta, abriu e recuou logo, vendo na sua frente tantos homens armados. Tentou fechar a porta. Inutil tentativa! Uma violenta pancada, vibrada com o olho d'um machado, prostrou-o, sem sentidos, e a malta entrou, em alarido, ficando de guarda ao pobre

creado o *Vinagreiro*, de Penafiel. O desgraçado serviçal, cuja imprudencia deu entrada em Carrapatello aos assaltantes, era irmão da santa mulher que me apartou do leite e me chamou sempre *o seu menino*, até morrer, muito velhinha, na casa onde eu nasci. Quantas vezes lhe ouvi contar, com as lagrimas nos olhos, o triste fim de seu infeliz irmão! . . .

Quando o creado cahia ferido, a dona da casa, D. Anna Victoria, e sua filha, D. Anna Amelia, conversavam, no segundo andar do edificio, com duas irmãs de João da Silveira: D. Gloria, casada, mais tarde, com o dr. Christovam Pinto Brochado, que morreu juiz de Direito em Ponte do Lima, e D. Josefa Candida, que teve por marido o dr. Antonio Augusto d'Almeida Pinto, distincto professor do lyceu do Porto, onde falleceu. Ambas tinham ido acompanhar as duas senhoras de Carrapatello no transe doloroso da morte do pae e avô.

Comprehendendo que a casa fôra assaltada, D. Anna Victoria, cujo animo varonil não lhe permittia desfallecimentos ou terrores, sahiu ao jardim, a occultas, no proposito firme e decidido de ir em busca de soccorro. A carabina d'um bandoleiro, postado ali de sentinella, fel-a recuar, indo juntar-se á filha e ás duas outras senhoras, no momento em que a quadrilha as rodeava. Era loucura pensar em resistir a tantos homens sem fé nem lei e bem armados. D. Anna Victoria, voltando-se resolutamente para José do Telhado, prometteu entregar-lhe todo o dinheiro e as coisas de valor que possuia, pedindo-lhe, ao mesmo tempo, que respeitasse as pessoas ali presentes. Começou então o saque. Das gavetas, armarios e caixas

existentes em toda a habitação, foram roubados objectos de prata, dinheiro e joias. Nada escapou. Tal confiança, porém, a animosa dona da casa soube inspirar e tanto se impoz ao respeito dos ladrões, que só foram abertos os moveis onde ella indicava a existencia de valores.

A meio da busca minuciosa, em que o bando era precedido pelas duas senhoras, mãe e filha, um dos salteadores, pedindo a D. Anna Amelia que lhe desse alguma coisa, recebeu um annel d'ouro, que ella tirou do dedo. D. Anna Victoria, que se tinha distanciado, não vendo a filha, gritou:

— Que fizeram de minha filha?!...

— Socegue, minha senhora, — respondeu gentilmente José do Telhado — que ninguem aqui lhe faz mal.

E só permittiu que a busca proseguisse quando viu que D. Anna Amelia caminhava de novo ao lado de sua mãe.

De repente, o som d'um tiro, vindo das bandas da cozinha, echoou por toda a casa. Que acontecêra?... José do Telhado, suppondo-se atacado, mandou que um dos seus homens fosse saber o que havia. Fôra isto: o creado, que a machadada derrubára, voltou a si, e, pedindo que lhe matassem a sêde que o queimava, conseguiu sentar-se. A resposta que lhe deu o *Vinagreiro,* ancioso por se desembaraçar de tal tropeço, para poder seguir o roubo e apodérar-se, escondidamente, como os outros ladrões, de tudo o que podesse, a mais do quinhão que na repartição final lhe caberia, foi um tiro de pistola n'um ouvido, que o fez cahir redondamente morto. José do Telhado, que não era sanguinario e só matava ou

consentia que se matasse em caso de desespero, irritou-se em extremo e clamou:

— Ah! desgraçado, que nos perdeste!

— O rapaz quiz fugir: matei-o! — desculpou-se o feroz *Vinagreiro*.

Sempre ouvi dizer que José do Telhado, furioso, desesperado por se ter commettido um crime inutil, negára ao assassino a parte do roubo que a este pertencia... por direito de conquista.

Ao fim da busca, o valor dos objectos de que a malta se tinha apoderado poderia orçar, quando muito, por cinco mil cruzados. Não era espolio que satisfizesse a cubiça de José do Telhado, a quem tinham dito que na casa havia muito dinheiro. Onde se acharia escondida essa riqueza? As duas senhoras deviam sabel-o. Conduzidas á cozinha, onde jazia estirado, com a cabeça espedaçada pelo tiro do *Vinagreiro*, o misero creado, foram, sob ameaças de morte, intimadas ante o cadaver a declarar onde estava o dinheiro deixado por José Joaquim de Abreu. A meio da scena theatral, horrorosamente tragica, D. Anna Amelia segredou qualquer coisa á mãe.

— Que lhe disse sua filha? interrogou imperiosamente José do Telhado.

Que ainda não tinham ido ao quarto do avô respondeu D. Anna Victoria.

E onde é esse quarto?

— O ultimo, ao fundo do corredor.

— Onde está a chave?

— Em um dos bolsos d'esse desgraçado - disse D. Anna Victoria, apontando o creado morto.

Nenhum dos bandidos se atreveu a tocar no cadaver! A porta do quarto de José Joaquim de Abreu

foi escavacada e lá dentro forçaram tambem uma escrivaninha, sendo estes os unicos arrombamentos que em toda a casa fizeram. Duas sacas cheias de dinheiro, depositadas em uma das gavetas do movel, foram enfardadas, assim como os objectos de oiro e prata, em travesseiros que os salteadores transformaram em sacos. Concluido o roubo, que o capellão da casa orçou em quinze a vinte mil cruzados — José Joaquim de Abreu não tinha por habito dizer a sua filha o dinheiro que tinha guardado —, as duas senhoras, mãe e filha, as outras duas, que lhes faziam visita, e as creadas, foram fechadas á chave em um quarto, recommendando os ladrões ás prisioneiras que se conservassem silenciosas, se não queriam que as matassem. E José do Telhado, que D. Anna Victoria dizia ter visto sahir do quarto de seu fallecido pae com o ar prazenteiro e alegre de quem descobre um verdadeiro thesouro, lá se foi, com a sua gente, deixando a casa saqueada e as senhoras encerradas no quarto que lhes servia de prisão.

Uma das creadas, de nome Luiza, quando a malta entrou, de escantilhão, pela cozinha, conheceu dois dos ladrões, que tambem a conheceram, ouvindo ella um dizer ao outro:

— Esta, é preciso...

Aterrada, vendo n'estas palavras uma terrivel sentença de morte, a pobre Luiza conseguiu, no meio do tumulto e da confusão, fugir para uma dependencia da cozinha. Ali, trepando a um fôrno, pôde subir ao canniço, onde se agachou, a tremer, estarrecida, conservando-se silenciosa até que a quadrilha retirou. Quando já não sentiu rumor, desceu, fechou a porta da cozinha, que o creado morto tinha ina-

dvertidamente aberto aos bandidos, e rompeu em altos gritos, clamando pelas senhoras, que, do interior do quarto onde estavam presas, a medo lhe responderam. Abriu-lhes então a porta. Seriam dez horas da noite.

Durou o assalto quatro horas. Quatro longas horas de pavor e de angustia para algumas fracas mulheres, que, ao fim de tão horrivel pesadelo, se entreolhavam, espavoridas, vendo, n'um charco de sangue, já frio, o cadaver do creado assassinado a tiro!

*

* *

Depois d'uma agitada e funesta vida, malbaratada na repetição de crimes e maleficios que deram brado, attenuados apenas por algumas boas acções, que a doce luz da caridade illuminou, José do Telhado, de quem acabo de referir duas façanhas, que, por se terem passado na minha terra, circumstanciadamente conheço, foi preso, emfim, a bordo d'um navio de vela em que esperava fugir para o Rio de Janeiro. Prendeu-o o então administrador do concelho do Marco de Canavezes, Adriano José de Carvalho e Mello, irmão do ministro, que foi de Portugal em Berne, Duarte Gustavo Nogueira Soares.

Conheci Adriano de Carvalho, de quem fui amigo e collega na redacção d'um esquecido jornal, *A Verdade,* que se publicou n'aquelle concelho. Era um homem alto, louro, de bigode e pera, intelligente, illustrado, optimo escriptor, de animo valoroso e esforçado. Foi commissario de policia no Porto, governador civil do districto de Bragança e repre-

sentou em côrtes o circulo da minha naturalidade, composto pelos concelhos do Marco de Canavezes e Baião. Quando Adriano de Carvalho era administrador do Marco, occupava em Baião cargo identico o dr. Valentim de Faria Mascarenhas e Lemos, que eu conheci ainda, muito surdo, com as guias do farto bigode encrespadas e longas como as d'um mosqueteiro atrevido e brigão. A elle se refere, com palavras primorosas, Camillo Castello-Branco, no seu livro *Perfil do Marquez de Pombal.* No vizinho concelho de Mezão-Frio era tambem, a esse tempo, administrador o que foi meu querido amigo João Maria Pinto da Silva e Cunha, irmão do conselheiro Eduardo Pinto da Cunha, antigo governador do Banco Ultramarino, ha dois annos fallecido. Essas tres benemeritas auctoridades, combinadas, limparam aquella pitoresca região do Norte dos salteadores que por tantos annos a terrorizaram e affligiram.

José do Telhado, depois d'uma frustrada tentativa de fuga da cadeia da Relação ([1]), foi julgado na comarca do Marco de Canavezes, em 1861, tendo por defensor o illustre advogado dr. Marcellino de Mattos, o mesmo que, pouco tempo depois, seria o patrono eloquente de Camillo, quando este foi julgado no Porto, juntamente com D. Anna Placido. Era então ali delegado do Procurador Regio o meu parente Henrique Cabral de Noronha e Menezes, que fez ao celebre bandido uma accusação cerrada e energica. O juiz que presidiu ao julgamento — que começou ás 10 horas da manhã de 25 de abril de

([1]) Veja-se *O Nacional* de 23 de abril de 1861.

1861 – foi Antonio Pereira Ferraz. O reu era accusado de doze crimes. Negou-os todos, quando foi interrogado pelo juiz. O jury esteve recolhido, a deliberar, desde as 6 horas da tarde de 26 até ás 2 da madrugada de 27 de abril. Deu por provados o roubo da casa de Carrapatello; o do padre Albino d'Unhão; o de D. Anna de Sousa (da Senra ?); a morte d'um companheiro de José do Telhado, na Eira dos Mouros; a organização de uma quadrilha de salteadores na comarca de Amarante; e a evasão para fóra do reino sem passaporte. Os outros crimes não foram dados por provados, nem a premeditação da morte violenta dada ao companheiro do celebre bandido ([1]). José do Telhado foi condemnado a degredo perpetuo, com trabalhos publicos no logar do degredo, morrendo em Africa em 1875.

Pobre vida transviada, a d'aquelle companheiro de carcere de Camillo, que uma tão má estrella guiou na senda do crime e da perdição!

([1]) Veja-se *O Nacional* de 29 de abril de 1861.

CAPITULO XIII

Camillo em Coimbra

> Cá estou na estupida Coimbra, e na mais estupida das ruas — a Larga —. A terra féde; é o aroma d'esta sciencia d'aqui.
>
> CAMILLO CASTELLO-BRANCO: *Carta ao Visconde de Ouguella.*

Foi em Coimbra que eu vi Camillo Castello-Branco. Recordo-me com extrema nitidez da sua figura singular e original. N'este momento, em que evoco o seu grande espirito, estou vendo, como nos meus tempos de rapaz, o vulto inconfundivel do escriptor genial. Estatura passante de meã, rosto lavrado pela variola assoladora, bigode crespo e farto, corpo ossudo e já mirrado pela doença implacavel, cabelleira romantica a fugir de sob as abas direitas do chapeu alto, capa hespanhola a pender-lhe dos hombros magros e seccos. Atraz d'elle, o fiel *terra-nova,* de pello ondeado e sedoso, a seguir-lhe os passos vagarosos. Assim o vi. Assim ficou para sempre gravada na minha memoria a imagem de Camillo Castello-Branco.

O romancista frequentára preparatorios, em Coimbra, no anno de 1845, voltando para lá no anno lectivo seguinte. A paginas 83 do volume IX das *Noites de insomnia,* escreveu elle:

"Tres épocas me occorreram.

"Primeira, a da nossa jovial convivencia em um ca-"sebre da Couraça dos Apostolos, em Coimbra, no "anno 1845. Segunda, outra menos modesta e menos "alegre camaradagem de quarto, no hotel Francez, "do Porto, em 1851.

"Antes de mencionar a terceira época, urge sa-"ber-se que nenhum de nós se formára. Elle con-"tentára-se com um diploma de insufficiencia em "rhetorica, e eu com a prenda não commum de arpe-"jar tres varios fados na viola. Não rivalisavamos "em sciencia. Formavamos da nossa reciproca igno-"rancia um conceito honesto. Não queriamos im-"plicar com sabios, nem para os invejar nem para os "detrahir.»

Pelo que respeita ao dedilhar "tres varios fados na viola» sei eu que o romancista não desdenhava a bandurra e o toque dos fadinhos. O eminente estadista José Luciano de Castro, que, indo advogar para o Porto, logo em seguida á sua formatura, foi ali companheiro de casa de Camillo, mais de uma vez me disse que o ouviu repenicar na viola o fado e outras modinhas.

Em maio de 1846, a revolução da Maria da Fonte obrigou Camillo a deixar a linda cidade do Mondego, onde as aulas se fecharam por medida de

ordem publica (1). Seriam as saudades que lhe ficaram do ridente burgo dos estudantes que o levaram a voltar para lá na primavera de 1875, com o proposito de iniciar a educação literaria dos dois filhos?

As saudades de Coimbra não me parece que fossem, no animo do escriptor, demasiadamente pungentes, e o proposito de educar literariamente os seus rapazes estava em aberta contradição com as palavras que lhe ouviu o illustre general Sousa Machado, que não ha muito tempo m'as referiu. Era na Povoa de Varzim, em setembro de 1873. Camillo, encostado ao bilhar de um dos cafés da formosa praia do Norte, conversava distrahidamente com o alferes d'então e general d'hoje, emquanto vigiava que as traquinices dos dois filhos não ultrapassassem os limites permittidos ás brincadeiras de todas as creanças travêssas. A certa altura do dialogo, Camillo começou de discretear sobre a inutilidade de em Portugal se ser escriptor.

— Estes — disse elle indicando os filhos — livrarei eu de saberem ler e escrever...

— Pois V. Ex.ª diz isso?!... — replicou-lhe o sr. Sousa Machado, admiradissimo.

— Digo e hei de cumprir. Sabe lá os desgostos que as letras me teem dado!...

Esquecido, sem duvida, d'esta peremptoria affirmativa, Camillo, acompanhado por D. Anna Placido, foi para Coimbra, em meados de março de 1875, guiar de perto os estudos do Jorge e do Nuno. *O Tri-*

---

(1) Veja-se o capitulo I d'este livro, paginas 19 e 20.

buno Popular, em 17 de março d'esse anno, sob o titulo *Chegada*, dava a seguinte noticia:

"Chegou a esta cidade o sr. Camillo Castello "Branco, que vem estabelecer aqui a sua residencia.

"O illustre escriptor passou já da hospedaria do "caminho de ferro, onde se hospedou, para a sua "casa do Bairro Alto.

"Coimbra, a bella cidade do Mondego, ufana-se "de ter entre os seus habitantes o primeiro roman-"cista portuguez.„

Foi n'essa epoca distante que eu, caloirito imberbe, vi em Coimbra o escriptor ingente. Residia elle aos Arcos de S. Bento, n'uma casita que as arvores tufadas do Jardim Botanico, d'aquelle parque ridente cheio de flôres, de perfumes, de vegetação e de gorgeios, cobriam de sombra e quasi roçavam com os seus ramos frondosos. Algumas vezes vi Camillo descer vagarosamente a ladeira do Castello, pensativo, meditabundo, com a cabeça inclinada para a terra, como quem vae em doce e intima conversa com a imaginação fervente, sempre em continuo batalhar.

Tendo retirado de Coimbra nas férias grandes, o romancista voltou para lá, com a familia, no principio do anno lectivo de 1875 a 1876. A *Correspondencia de Coimbra*, em 10 d'outubro d'aquelle anno, escrevia:

"Temos novamente entre nós o illustre escriptor "Camillo Castello Branco, o nosso primeiro roman-"cista.

"E' uma gloria para Coimbra o possuir tão pri-

"moroso escriptor, que allia a vernaculidade da lin-
"guagem com as concepções do romance moderno.„

A 15 d'outubro de 1875, escreveu e datou Camillo, em Coimbra, o offerecimento a D. Antonio da Costa de *O commendador*, a segunda das suas tão interessantes *Novellas do Minho*. Mudou, n'esse anno, para uma casa da rua Larga, a dois passos da legendaria *porta ferrea*, por onde teem entrado tantos milhares de novatos e sahido tantas centenas de bachareis (1). Ali, a terra fedia-lhe. Era fedor que elle já conhecia dos tempos em que lá tinha sido estudante; e foi por bem o conhecer que a ironia inexgotavel do cruel motejador fez que elle exarasse na primeira pagina do seu romance *O olho de vidro* o periodo que adeante vou transcrever. Esse romance abre pela apresentação de Francisco Luiz d'Abreu, estudante do segundo anno medico da Universidade de Coimbra, que, pelas onze horas d'uma noite de janeiro, estava estudando as theorias de Galeno ácerca das purgas. De repente, duas aldravadas na porta roubaram-n'o ao seu enlevo.

"Francisco – escreve Camillo – encapuzou-se no
"gabão, e abriu as portadas da janella que dava so-

---

(1) Essa casa era do antigo reitor e lente da Universidade dr. José Machado d'Abreu, que foi depois barão de S. Thiago de Lordello e era tio do dr. Adriano d'Abreu Cardoso Machado, que foi ministro da justiça e tambem reitor da Universidade. Aquelle dr. José Machado d'Abreu foi o reitor que publicou o edital, em que, a proposito de compostura e bons costumes, prohibia o uso do bigode!

"bre o *Becco das Flores*, becco assim denominado "por antiphrase, figura de rhetorica tolerantissima "que permitte denominar-se flores o adubo de que "ellas tiram a seiva putrida, mais tarde evaporada "em aromas.»

Já vinha, pois, de longe a impressão dos fedores de Coimbra na pituitaria de Camillo, e o seu conhecimento dos estercos do beco das Flores, de que o meu nariz póde dar melhor informação que o do romancista, porque morei lá durante nove annos seguidos. Tambem de longe lhe vinha a má vontade á encantadora terra dos bachareis, á Universidade, aos lentes, aos estudantes; e essa má vontade mais de uma vez a manifestou. Leia-se, como exemplo, isto, que o polemista ardente escreveu na *Cavallaria da sebenta:*

"E aqui está o que me dá Coimbra. Golfam d'ali "estes gorgolões de ignorancia, de tartufismo e des-"lealdade. Afóra isso, a princeza do Mondego vai "exportar alguns wagons de bachareis formados "que ahi aprenderam a humildade abjecta de escre-"verem um *abaixo-assignado,* protestando que me "não mandaram a *Sebenta* do professor, como se "fosse um vituperio para o mestre passar cá para "fóra o que elle diz lá dentro.

"Não ha exemplo de tão espontaneo servilismo, "de mais a mais banal, desnecessario, mácula inde-"level de um curso onde sobram alumnos intelligen-"tes, alguns já celebrados em gazetas, candidatos á "immortalidade, e muitissimo distinctos dos condis-"cipulos cretinizados.

. . . .

"Tal é o que Coimbra nos dá, afóra os melões e "as arrufadas.

"Até onde te fazem descer, decrepita universidade! "Como os filhos das tuas entranhas tuberculosas, "sevos parricidas, te apertam as cordoveias da gar-"ganta até deitares cá fóra a lingua cheia de injurias "e de parvoices! Lá te ias arrastando na tua velhice, "amparada no preconceito de cinco seculos que são "as tuas molêtas; e vem os teus filhos, e, a encontrões "de troça ebria do Bairrada, quebram-t'as, e tu ahi "estás estatellada no muladar. E eu, ao perpassar por "ti, não voltarei o rosto na repulsão do nojo. Erguer-"te-hei; e, pois já agora seria extemporanea tolice "conduzir-te á escola, levar-te-hei a um asylo de in-"validas. E como o clinico da casa te hade perguntar "o nome e os achaques, responde-lhe que és a Mi-"nerva portugueza com dysenteria chronica."

Qual seria a causa que impellia Camillo a assim malquerer e detestar Coimbra e a sua Universidade e os seus lentes? Eu encontro-a, talvez, no facto que vou narrar. Em 1861, o romancista, achando-se preso na Relação do Porto, foi proposto socio honorario do Instituto de Coimbra. Era então presidente d'essa corporação scientifica o lente da faculdade de Direito, dr. Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, que, ao ser votada a proposta, declarou que achava menos proprio dar o diploma de socio do Instituto a um individuo que estava preso. Camillo sahiu da cadeia, e a proposta, que ficára de reserva, votou-se então com vinte favas brancas e cinco pretas, sendo a primeira d'estas do dr. Adrião Forjaz. O officio,

em que se communicava ao romancista a sua entrada no Instituto e se lhe remettia o diploma de socio honorario, foi á assignatura do presidente Forjaz, e este, vendo que n'elle se dava "excellencia„ ao escriptor, rasgou-o em dois e escreveu á margem: "Não tem excellencia nem senhoria o socio.„ E só assignou o novo officio quando verificou que a *escandaiosa* "excellencia„ tinha sido escrupulosamente amputada.

Camillo, quando um amigo — o dr. Victorino da Motta lhe contou tudo isto, abespinhou-se, e, em carta escripta em Lisboa, com data de 19 de março de 1862, publicada na *Revolução de setembro* d'esse mesmo dia, em que referia o caso, derreou o espinhaço do pobre dr. Forjaz. Aqui vão transcriptos alguns periodos do tremebundo libello:

"Esta historia boliu comigo, snr. Doutor Conse-"lheiro! A minha tola vaidade, que se ia marinhando "ao alto das mentirosas gloriolas d'este mundo, des-"andou, e veio ao raso da lama, onde V. Ex.ª sujou "a fava que me atirou aos calcanhares.

"Que mal tinha eu feito a V. Ex.ª, que eu escassa-"mente conhecia de uma parvoiçada de maravalhas "economicas postas em compendio docente na uni-"versidade de Coimbra?! Haverá em algum dos "meus romances um personagem grutesco, chamado "*Adrião?!* Terei eu apanhado involuntariamente o "Doutor por algum ridiculo attributo da sua indivi-"dualidade? Contaria eu, em estylo faceto, a corrida "de pedra, ou de pugilato, que varios estudantes lhe "deram no jardim botanico!? Não, palavra que não! "Nem fallei no Compendio nem nas pedradas, nem

"no pugilato, nem em V. Ex.a, que me lembre, "snr. Adrião!

"Quedei-me a pensar uma noite, sempre com a "fava negra de V. Ex.a a pesar-me, primeiro no "coração, depois no deaphragma, depois nos intes- "tinos subjacentes por sua ordem descendente, até "que a digestão da affronta se consummou. Desin- "tallei-me.

"Agora posso placidamente dizer a V. Ex.a que "respeito a sua magoa de me ver socio do *Instituto* "contra sua vontade. Os pesares, ainda mesmo in- "justos, do meu similhante, imponho-me reme- "deal-os, dado ainda que n'este esforço de caridade "sacrifique muito da minha vaidade e philaucia. Ahi "está a razão porque eu devolvo a V. Ex.a o diploma "que recebi de socio do *Instituto Conimbricense.* Não "quero isto á custa d'um desgosto de V. Ex.a Ahi "renuncío em suas mãos este papeluxo querido, que "V. Ex.a dará ao seu menino mais novo para elle fa- "zer um bote ou um chapeu de dois bicos.

"Agora palavra e meia no que toca á *excellencia* "que o snr. Doutor me borrou. Eu não sei quem "V. Ex.a é, nem quem foi seu quarto avô. Quer-me, "porém, parecer que se as raças no limar dos se- "culos se afinam e espiritualisam, o quarto avô de "V. Ex.a devia ser um enxovedo prodigioso, atten- "dendo ao muito que os seculos tem que desbastar "até ao seu quarto neto de V. Ex.a

"Não curo d'isso: o que eu heide é esmiuçar-lhe "a fidalguia da sua intelligencia n'umas alcofas de "farrapagens que por ahi boiam á tona do escua- "douro das toleimas impressas. Ahi é que eu heide "provar, querendo Deus, que V. Ex.a não podia ser

"socio de coisa nenhuma litteraria, e V. Ex.ª em despique veja se me dá cabo da *senhoria.*"

Seria por causa do facto que deixo narrado que o romancista ficou sempre com pouco amor a Coimbra e aos seus lentes?

*

* *

Durante o tempo que permaneceu na Lusa Athenas, Camillo, quasi sempre doente, pouco sahia de casa, cujas janellas se conservavam, dia e noite, cuidadosamente fechadas (1). Vivia muito retirado, entretendo-se a escrever — fumando sempre — e a conversar com os poucos amigos, na sua maioria poetas e literatos, que lhe iam admirar a graça e as scintillações do espirito. Eram frequentadores da casa de Camillo, entre outros, os estudantes Gonçalves Crespo, Macedo Papança, depois conde de Monsaraz, talvez Nunes da Ponte — todos poetas consagrados — e Teixeira de Queiroz, quintannista de medicina, que ainda então modestamente occultava a sua notavel personalidade literaria sob o pseudonymo de *Bento Moreno.* Na livraria Melquiades, na Calçada, que o escriptor frequentava, gostava elle de conversar com os rapazes em quem conhecia tendencias literarias. Para estes, que o admiravam e adoravam, era elle extremamente accessivel e sempre lhano e amavel.

---

(1) A 16 de maio de 1875, noticiava a *Correspondencia de Coimbra* o estado de doença de Camillo e fazia votos pelas suas melhoras.

Camillo, no *Cancioneiro alegre,* começa d'est'arte a sua referencia a Macedo Papança e a Nunes da Ponte:

"Vi-os em Coimbra no seu ultimo anno de for-
"matura."

Gonçalves Crespo, que era quem mais convivia com Camillo, de quem era amigo, dedicou-lhe o primoroso soneto que segue:

No jogo das cannas

A Camillo Castello Branco

Em garbosos corceis da Arabia cavalgando
Entram na larga arêna os próceres luzidos;
Corusca a pedraria, e esplendem, fluctuando,
Dos cocáres a pluma e a seda dos vestidos.

A quadrilha gentil dos Tavoras ardidos,
Com os lacaios da Tôrre um prélio simulando,
Terça galhardamente; o apparatoso bando
Deixa os olhos da turba em extase embebidos.

Nas janellas do paço é toda a fidalguia:
Que jocundo prazer, que risos, que alegria!
Espectaculo augusto, e nobre, e singular!

O sexto Affonso applaude: emtanto, maliciosa,
Maria de Nemours, sorrindo, a incestuosa!
No cunhado, subtil, poisa o lascivo olhar...

Este brilhante soneto do delicado poeta das *Miniaturas* e dos *Nocturnos,* glosou-o e commentou-o

Camillo nas paginas magistraes que, ácerca dos Tavoras, em carta dirigida a Gonçalves Crespo, escreveu e publicou no *Perfil do Marquez de Pombal.*

Sendo muito dado a archeologias literarias, Camillo tambem convivia muito com o velho liberal e jornalista do *Conimbricense*, Joaquim Martins de Carvalho, que eu perfeitamente conheci. Uma vez, alguem que os viu juntos disse depois ao grande romancista que Martins de Carvalho tinha começado a vida como official de latoeiro, e por isso os estudantes lhe chamavam *Lord Latas.* "Deve ser assim, porque a literatura d'elle é de funil . . . „ – respondeu Camillo, sorrindo.

*

* *

Lembro-me bem da ultima vez que vi Camillo Castello-Branco. Foi no Theatro Academico, na, para mim, inolvidavel noite em que eu, creança ainda e caloiro bisonho, assisti, pela primeira vez, a uma récita de quintannistas. O curso que n'essa noite de 15 de março de 1876 se despedia da sua vida academica, era o de Antonio Candido e de Macedo Papança. Representou-se a peça magica de Francisco Gomes de Amorim, *Figados de tigre,* que se repetiu no dia 18. O papel de rei – um rei feroz, perverso e tigrino – foi desempenhado pelo sr. José Maria Holbeche de Oliveira Trigoso, que eu tive, muitos annos, por vizinho de cadeira no Theatro de S. Carlos. Recordo-me de que, em um dos actos, o rei, que tinha umas barbas riçadas e longas, appareceu no palco sem ellas na cara e com ellas na mão! Na precipitação da entrada em scena, a que o contra-regra

o obrigára, o sr. Holbeche não teve tempo de collar ao rosto as suas barbas postiças. A explicação que de tal facto elle deu, improvisamente, aos espectadores, levou estes aos paroxismos do riso.

Macedo Papança, o futuro conde de Monsaraz, já então poeta distincto, era a ingenua da peça, em que tinha o nome de Thomazia. Estou a vel-o. Vestido de branco, elegante e airoso no seu trajo feminino, quem quer o tomava por uma gentil morena, das que na Andaluzia se requebram com a graça e a esbelteza proprias das formosas mulheres d'olhos negros, nascidas ao calor do sol de Hespanha, sob o ceu azul que se arqueia por cima d'aquella terra linda e fecunda, que os nossos vizinhos chamam, com orgulho, *la tierra de Maria Santisima*. Já muitos dias antes da récita se falava com altos encomios do vestido luxuoso que na peça envergaria o quintannista Papança; e até havia quem dissesse que este, nas vesperas do espectaculo, para ver como lhe iria ao talhe o seu rico vestido branco, com elle tinha adornado o corpo gracil e fino d'uma das mais donairosas tricanas de Coimbra . . .

O apaixonado galan do tetrico melodrama era o fallecido dr. José Cabral Teixeira Coelho, que foi chefe de uma das Repartições da Direcção geral de Instrucção Publica. Ao entrar em scena, esganava-o a sêde. Rebuscou todos os moveis que guarneciam o aposento, a ver se encontrava liquido que lh'a matasse. N'um armario, descobriu, por fim, uma garrafa salvadora. Pôl-a á bocca, n'um gesto rapido de sequioso, mas logo a rejeitou com mil caretas, a cuspinhar de nojo, gritando, de cara para o publico:

— Ai! que é oleo de copahiba! . . .

Gargalhada geral.

Um dos quadros da peça representava o Averno. Nas profundas d'aquelles infernos... de lona pintada, os condemnados aos eternos tormentos, aos supplicios eternos, cumpriam as penas horriveis que o deus dos deuses lhes impozera. Sisypho rolava a sua pedra até ao alto da montanha, d'onde ella se despenhava, para de novo o infeliz voltar á sua tressuada tarefa de a levar até ao cume e a ver outra vez cahir no abysmo. As Danaides enchiam d'agua, sem descanço, o seu tonel sem fundo, emquanto que as Eumenides, furiosas, como bravas furias que eram, castigavam desalmadamente os precitos.

A meio da scena, a agua limpida, pura... e fingida d'uma fonte, assombreada pelos ramos d'uma fresca bananeira, corria para um pequeno tanque. Dentro d'este, Tantalo debalde tentava colher uma banana, para matar a fome, ou molhar os labios resequidos, para estancar a sêde. Tantalo era o quintannista Albino Cordeiro, de Penacova. Sempre que entrava no tanque ou d'elle sahia, o brejeiro, a sorrir, propositadamente arregaçava a tunica, para que os espectadores lhe vissem as seroulas... Depois, esbrazeava-o a sêde e atenazava-o a fome. De cada vez que pretendia deitar a mão ao ramo das bananas, que lhe fugia, ou beber a agua corrente, que logo seccava, voltava-se para a platéa e dizia, choramingando, com um ar tão comico que não havia resistir ao riso:

— Quero beber, foge-me a agua!... Quero comer, fogem-me as bananas!...

Quem me diria a mim, n'essa noite memoravel, que eu viria a ser o auctor da peça que, justamente

dez annos depois, o curso do quinto anno juridico de 1885 a 1886 — o meu curso — levaria á scena, n'aquelle mesmo Theatro Academico, em récita de despedida!

Camillo Castello-Branco foi um dos espectadores d'aquella récita alegrissima dos quintannistas de Direito que terminaram o seu curso em 1876. Lá o vi, no Theatro Academico, no camarote do *conselho*, assim chamado porque pertencia á direcção da Academia Dramatica. N'um dos intervallos do espectaculo, entre palmas, chamadas e manifestações d'um enthusiasmo levado á febre e ao delirio, Camillo, do seu camarote, que pegava com o proscenio, offereceu a Macedo Papança um brinde, que Trindade Coelho, no seu livro de recordações de Coimbra, *In illo tempore* — para o qual algumas informações lhe forneci — diz ser um volume de René Ménard, *Histoire des beaux-arts*, encadernado em percalina azul, levando escripta na primeira pagina uma quadra, que era a primeira do soneto que adeante vae trasladado. Esse soneto enviou-o Camillo, de S. Miguel de Seide, a Macedo Papança, com a carta que segue:

"Illmo e Exmo Snr.

"Agradeço a V. Ex.ª lembrar-se d'este seu admi-
"rador, em annos já tão frios e incapazes de admi-
"rações pelas formosas coisas da poesia.

"Tem V. Ex.ª o condão de ser bom e amoravel
"no meio dos seus satanismos metricos.

"Os da escola de V. Ex.ª, por via de regra ali-
"nham todas as consoantes perversas que podem, e

"nem sempre respeitam Deus mais do que a gram-"matica. Quando fallo na escola, não comparo "V. Ex.ª como idealista aos filhos da *Ideia Nova,* "que conversam as ondinas do Tejo e o mau Col-"lares do Xijank. Os seus versos, meu caro poeta, "são sentimentos; e, se, ás vezes, parecem banalida-"des, isso demonstra que V. Ex.ª está nos 20 annos e "é sanguineo.

"Se a critica dos velhos quizer applicar-lhe a lan-"ceta, ria-se V. Ex.ª das cantharidas com que elles "se ungem para o sacrificio da castidade.

"Lembrou-me agora que tinha aqui na capa de "uma brochura escripto o soneto do qual lhe dei a "1.ra quadra n'aquella alegre noite dos *Figados.* Ahi "o tem inteiro na pagina seguinte. Se tiver um ar-"chivo de frioleiras, ponha-o lá.

De V. Ex.ª

Adm.or e Cr.do affectuoso e Obg.do

Camillo Castello Branco."

A Antonio de Macedo Papança

D'estes reis da Ethiopia, Arabia e Asia
Detesto cordealmente a realeza;
Mas dobro o joelho a ti, loira princeza,
Doida cocotte, lubrica Thomazia.

Não lembras de Romeu a doce amazia;
Mas fazes recordar certa Thereza
Que, em banzés de Paris, mantinha accesa
A lascivia que faz arder Aspazia.

Quem te pôz n'esses olhos requebrados
O dardo cupidineo com que feres
Uns peitos já senís e encouraçados?

Tu és hermaphrodita quando queres;
E na farça dos «Figados damnados»
E's mulher mais mulher, do que as mulheres (1).

O Conimbricense, no seu numero de 21 de março de 1876, dando noticia da recita dos quintannistas, informa que os espectaculos se realizaram nas noites de 15 e 18 de março, e escreve:

"Todos os actores foram applaudidos, com espe-
"cialidade os srs. J. M. Holbeche d'Oliveira Trigo-
"so, aos esforços do qual se deve em grande parte
"este resultado, José Cabral, J. C. Corte Real, A. F.
"Themudo, P. F. de Esmeraldo, e A. Macedo Pa-
"pança.

"A este sr., já muito lisongeiramente conhecido
"pelas suas producções poeticas, offereceu um bo-
"nito livro o nosso notavel romancista Camillo Cas-
"tello Branco.

"A orchestra era regida pelo sr. D. Pinto Coelho
"alumno do mesmo anno (2)."

(1) Esta carta e este soneto são transcriptos do livro de Trindade Coelho, *In illo tempore.*

(2) A orchestra foi, effectivamente, regida pelo sr. dr Domingos Pinto Coelho, actualmente advogado illustre em Lisboa. O seu curso offereceu-lhe, em um dos intervallos da recita, uma batuta com incrustações de prata.

*

* *

Depois d'aquella noite famosa do velho Theatro Academico, nunca mais vi Camillo. Quando chegaram as férias grandes, partiu elle para Seide. Já em julho d'esse anno de 1876 lá datou duas das mais brilhantes *Novellas do Minho: O cego de Landim* e *A morgada de Romariz,* tendo esta o seguinte offerecimento:

"A Francisco Teixeira de Queiroz, auctor da *Co-*
"*media do campo* por Bento Moreno, sauda com
"superior admiração e indelevel reconhecimento

Camillo Castello Branco."

Ao fim das férias, Camillo, em vez de voltar para Coimbra com os filhos, foi lá desmanchar a sua casa. Assim o noticía a *Correspondencia de Coimbra,* no seu numero de 30 de setembro de 1876:

"Esteve nesta cidade o nosso primoroso roman-
"cista o sr. Camillo Castello Branco.

"S. Ex.ª veio ordenar a venda dos objectos da
"sua casa nesta cidade, pois que tenciona fixar re-
"sidencia na sua quinta de S. Miguel de Seide.

"Sentimos a resolução do illustre escriptor.

"Coimbra muito se honrava por ter em si uma
"das primeiras notabilidades litterarias de Portugal
"neste seculo."

Enjoado de Coimbra e dos fedores da gentilissima cidade a cujos pés o Mondego brilha e murmura, Camillo refugiou-se de novo em S. Miguel de Seide, onde, quatorze annos depois, n'uma tarde pesada de junho, varava a cabeça com uma bala de rewolver.

CAPITULO XIV

A casa de Camillo em S. Miguel de Seide

Os ermos onde, em vida, se refugiaram os nobres espiritos, e pensaram, soffreram e amaram os luminosos astros da humanidade, são — entendo eu — como que logares santos, aonde, em visita de devoção, devem ir todos os que admiram aquelles que o genio fadou, desde o berço, para altos destinos. Ha ali sempre muito que aprender.

Eu fui um dia a Ferney, áquella pequena aldeia que Voltaire fundou na planura que se estende entre as faldas do Jura e o lago de Genebra, e lá vi, escondida entre arvoredos d'um parque frondoso, a casa onde o auctor de *Candido* se isolou tantos annos. Li sobre a antiga capella a celebre inscripção *Deo erexit Voltaire,* e estas palavras, que o grande philosopho ali fez gravar, convenceram-me de todo e vieram provar-me á saciedade que o seu tão falado atheismo é uma lenda e que Mr. d'Arouet cria em Deus e confessava, convicto, a sua existencia. Quantas vezes o velho "patriarcha de Ferney", como lhe chamavam e reza o sócco da estatua que no lindo

burgo lhe erigiram, sentado n'aquellas poltronas que eu lá vi, no seu pequeno salão, junto do mausoleu que devia conter o seu coração, e lá existe ainda; ou recostado no seu leito, que eu palpei; ou passeando por aquellas aleas atufadas de sombras — pensaria, com amor, em Deus, para se esquecer das miserias do mundo! . . .

Nunca são perdidas as peregrinações ás thebaidas dos grandes homens.

Por isso, de ha muito me aguilhoava o desejo de visitar a tão falada casa de Camillo Castello-Branco, em S. Miguel de Seide. Sempre que o acaso das viagens ou a urgencia de tratar assumptos politicos me levavam áquellas tão lindas veigas do Minho, avelludadas de macios relvêdos, alamedadas de carvalheiras verdejantes, cortadas de rios espelhados, namorava-se-me a alma da ideia de ir ver a casa historica onde o Mestre viveu tantos annos, onde escreveu tão deliciosas obras primas e onde, por fim, agonisou com o craneo espedaçado pela bala d'um rewolver.

Um dia, não resisti mais. Lembro-me bem: foi em novembro de 1911, a 5. Chovia. As cordas d'agua que a espaços ennevoavam a paisagem, encharcando os campos e engrossando os riachos serpeantes, mais triste tornavam aquella minha piedosa romagem á casa d'um grande morto.

De Villa Nova de Famalicão a S. Miguel de Seide, a viagem é curta. Tres quartos d'hora, em carruagem, bastam para percorrer a pitoresca estrada que, por entre prados reverdecidos e "pinhaes gementes", leva ao ermo onde se encerrou, longe do bulicio das cidades e apartado da maldade dos homens, o lumi-

noso espirito do mais vernaculo, elegante e original escriptor portuguez.

Atravessada a pequena aldeia de S. Miguel de Seide, depara-se-nos um largo ensombrado, ao cimo do qual se ergue, com o seu campanario, a egreja parochial e ao fundo se entreabre o portão de ferro que dá accesso para a estreita avenida que conduz á velha casa de Camillo. Entra-se, e logo á esquerda vê-se, escondido entre folhagem e protegido pela sombra escura d'um cedro, o monumento de granito que D. Anna Placido, esposa do romancista — que era a proprietaria d'aquella quinta e d'aquella casa —, mandou alevantar em honra do visconde de Castilho, que ali foi, de visita, em 1866.



Monumento erguido em honra de Castilho, em S. Miguel de Seide

Poucos passos alem, está a casa de dois andares, pintada d'amarello — um amarello sujo, côr de terra barrenta — a cujas paredes se enlaçam braços de trepadeiras folhudas. Quedei-me ali, silencioso, commovido, a observar aquelles logares e a examinar

aquelles velhos tectos, que abrigaram o mais genial e o mais possante de todos quantos escriptores portuguezes o meu espirito se acostumou a admirar.

Era aquella a mansão triste onde fôra esconder-se, fugindo á perseguição da desgraça — como se a desgraça o não tivesse empolgado para sempre! — o escriptor eximio que tanto enalteceu e honrou as letras patrias. Ali estava o refugio de Camillo, tão celebre como Valle de Lobos, onde Alexandre Herculano voluntariamente se desterrou, desilludido, a carpir as desventuras do seu Portugal bem-amado. Ante os meus olhos abria-se o asylo seguro que o auctor das *Novellas do Minho* buscou ao fim d'um largo periodo de soffrimento e de lucta, que conheceu pela primeira vez em 1859 (1) e onde passou a residir poucos annos depois (2), para lá morrer, cego, atormentado, espantosamente infeliz!

---

(1) A paginas 15 do tomo X das *Noites de insomnia*, Camillo affirma:

«Quando, ha quinze annos, vim, pela primeira vez, a S. Mi-«guel de Seide, conheci o abbade de S. P. de E.***» (S. Pedro de Esmeriz).

Ora este volume das *Noites de insomnia* foi publicado em outubro de 1874: portanto, se quinze annos antes o romancista tinha ido pela primeira vez a S. Miguel de Seide, é de crer que essa visita se realizasse em 1859.

(2) Talvez em 1862, visto que no final da dedicatoria da sua novella do Minho, *O commendador*, datada *de Coimbra, aos 15 de outubro de 1875*, Camillo escreve:

«Ha treze annos que apéguei por esse Minho, em cata do bal-«samo dos pinheiraes e das fragrancias das almas innocentes.»

Ao lado da escada de pedra por onde exteriormente se sobe ao primeiro andar da romantica morada — que em qualquer outro paiz já teria sido convertida pelo Estado em interessantissimo museu camilliano, á similhança do que em França se fez ás casas de Victor Hugo e de Balzac — braceja uma aca-



A CASA DE CAMILLO, EM S. MIGUEL DE SEIDE

cia frondosa, *a acacia do Jorge,* ali plantada pelo filho mais velho de Camillo, que, louco desde creança, tinha excepcional habilidade para o desenho e grande inclinação para a pintura.

Quando subi a escadaria e entrei na casa do romancista, senti-me como que tomado de religioso respeito. Dentro d'aquellas velhas paredes desguarnecidas, escalavradas pelo tempo, durante muitos annos haviam palpitado as azas do genio. Tudo ali me falava do Mestre. Estou em dizer que n'aquelle

ambiente quasi sagrado pairava ainda e sempre o seu espirito gentilissimo...

*

* *

Tem dois andares a casa historica de Seide. No andar nobre, alargam-se duas salas: aquella em que o romancista tinha o bilhar, hoje despida de todo o adorno, e a casa de jantar, fartamente illuminada pela luz que entra a jorros pelas janellas que olham para o terreiro da entrada.

Foi na antiga sala do bilhar, junto da janella da esquina, que, pelas 3 horas e um quarto da tarde do dia 1 de junho de 1890 (1), Camillo, convencido de que os seus olhos escurentados de sombras nunca mais enxergariam a luz do sol, desfechou na fonte direita o rewolver com que pôz termo á vida, que elle diz ter-lhe sido "uma elegia continuada desde o berço até á ante camara do tribunal da morte...„

No segundo andar, está o quarto de cama que foi de Camillo, e o seu escriptorio, d'onde sahiram, para a publicidade e para a admiração dos que amam as letras patrias, tantas e tantas obras d'altissima valia.

No quarto de dormir, desmobilado, vê-se ainda, fixa na parede e corrida com esta, no sentido em que devia estar o leito, uma taboa estreita, em guisa de estante, onde o insigne escriptor, que passava longos

---

(1) Camillo disparou o rewolver ás 3 e um quarto e falleceu ás 5 horas d'essa mesma tarde. Veja-se *O Leme*, numero 7, de 6 de outubro de 1895.

dias na cama, curtindo dôres de toda a ordem, depunha os livros que necessitava consultar, mesmo deitado, á medida que ia escrevendo (1). O aposento de D. Anna Placido era tambem n'este andar.

No escriptorio, desnudado de moveis, nota-se apenas, incrustado na parede, o fogão onde, no inverno, ardia o lume vivo que aquecia os membros enregelados do auctor fecundissimo de livros que são um inexgotavel thesouro de linguagem castiça, de graça esfuziante, de critica aguda e de saber profundo.

*

* *

Proximo da velha morada onde Camillo viveu e agonisou, existe uma outra casa, onde hoje residem os netos do grande escriptor, filhos de Nuno Castello-Branco, e onde se conservam, transportados da casa antiga, todos os moveis que foram do Mestre, todos os objectos do seu uso quotidiano, tudo o que d'elle fala ao coração dos que lhe admiram e amam a obra colossal.

Essa casa foi mandada construir por Silva Pinto,

---

(1) Em carta sem data — mas que deve ser de fins de março ou principios de abril de 1880 —, dirigida por Camillo ao seu amigo Francisco Martins Sarmento, de Guimarães, e publicada em 1905 pelo dr. João de Meira, juntamente com outras, escrevia o romancista:

... Que saudades eu tenho dos meus dias em q. trabalhava 10 horas! Hoje, sempre na cama, escrevendo a lapis, e de costas; isto, além de plasticam.e ridiculo é incommodo...

o escriptor fallecido em novembro de 1911, que sentindo volver-se-lhe em amizade e veneração pelo romancista illustre a má vontade com que antes o tratára em polemica azedissima, cuja victoria, como é sabido, pertenceu ao Mestre, quiz possuir uma vivenda perto da de Camillo. Os azares da fortuna apenas consentiram que Silva Pinto, falho de recursos, perdidos os seus haveres em especulações que falharam, visse construidas as paredes do edificio, e foi D. Anna Placido que depois o concluiu.

Logo na sala de entrada, vê-se, sobre uma pequena mesa, uma das jarras do Japão que, em Africa, enfeitaram a sepultura de Vieira de Castro, que foi como que irmão, pela amizade, de Camillo Castello-Branco. A outra, partiu-se. A estas jarras, que foram dadas ao auctor dos *Mysterios de Lisboa* por um amigo que as comprou no espolio do morto, refere-se Camillo, sentidamente, n'aquelle seu estylo inconfundivel, na *Correspondencia epistolar.* Varios retratos de Camillo, de Vieira de Castro, de Thomaz Ribeiro, adornam as paredes d'esta sala (1).

(1) Camillo era muito amigo de Thomaz Ribeiro. Contou-me o grande orador, sr. conselheiro Antonio Candido, que, em principios do anno de 1889, achando-se o romancista em Lisboa, onde viera pedir á medicina remedio para a sua incuravel cegueira, fôra convidado por Camillo para ir jantar com elle ao hotel Durand. O outro convidado era Thomaz Ribeiro.

No fim do jantar, installaram-se todos n'uma saleta do hotel, sentando-se Camillo a um angulo do aposento, com as pernas cobertas com uma pesada manta de viagem, que lh'as resguardava do frio. Thomaz Ribeiro e o sr. Antonio Candido, politicos militantes, graduadas figuras de partidos

Em cima, no primeiro andar, amontoam-se, n'um pequeno quarto, os moveis e objectos que eram de uso constante do romancista. Lá vi a secretária sobre a qual elle escreveu dezenas de romances. Lá está, descançando sobre ella, o grande candieiro de latão, de tres bicos, com uma bandeira enorme, para que a luz viva não ferisse demasiado os olhos moribundos de Camillo; — e dentro do deposito existe ainda o mesmo azeite, e em um dos bicos a mesma torcida, que este candieiro historico tinha ha 24 annos, quando o Mestre se suicidou!

A cadeira de balanço em que o escriptor eminente estava sentado quando disparou na cabeça o tiro que o prostrou, ali jaz, encostada á mesa de trabalho, na

que se combatiam no parlamento e na imprensa, embrenharam-se em larga e acalorada conversa sobre as questões politicas da occasião. Camillo detestava a politica. Sem intervir na discussão, conservou-se silencioso e aborrecido, com a pala do *bonnet* derrubada sobre os olhos doentes.

— Em que pensa, Camillo? — perguntou-lhe, de subito, o sr. Antonio Candido, impressionado pela estranha attitude do escriptor.

— Penso nos muitos homens notaveis que n'este paiz teem tido o appellido *Ribeiro*.

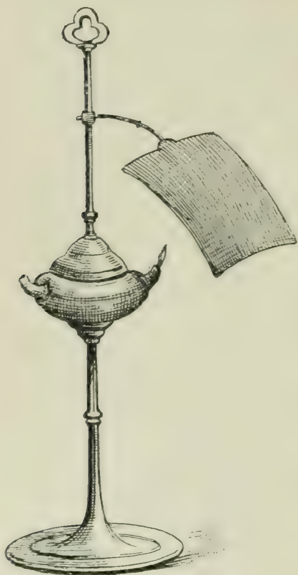
— Quaes?

— João Pinto Ribeiro, Bernardim Ribeiro, João Pedro Ribeiro, Antonio Ribeiro Saraiva, Thomaz Ribeiro, Antonio Candido Ribeiro da Costa e... Jayme José Ribeiro de Carvalho.

Thomaz Ribeiro e o sr. Antonio Candido perderam-se de riso. E' que o romancista vingára-se da enfadonha controversia politica pondo-os a par de Jayme José Ribeiro de Carvalho, um pobre escriptor de pataratices, que morava em Belem e se intitulava «o popular auctor dos differentes originaes opusculos de moral e hygiene».

grande tristeza que ressuma das coisas abandonadas que outr'ora pertenceram a um homem celebre, de quem foram sempre companheiras na vida.

Ao lado da secretária, sobre uma prateleira em que se vê o busto de Alexandre Herculano, um dos tinteiros de Camillo escancára, vasio e sêcco, a bocca ennegrecida pela tinta em que a mão nervosa do Mestre molhava as pennas, as suas armas possantes, que feriam como se fossem clavas de titans e que lá estão ainda — quatro ou cinco — enferrujadas, partidas, viuvas para sempre d'aquelle que as soubera manejar como ainda nenhum outro escriptor, em Portugal, o fez com tal primor e com tanta galhardia (1). Peguei n'uma d'ellas, de marfim amarellecido pelo tempo, e por alguns minutos a contemplei, impressionado e commovido.



O candieiro a cuja luz Camillo escreveu tantos dos seus livros

(1) Um outro tinteiro de Camillo foi dado ao conselheiro Marianno de Carvalho.

Junto do busto de Herculano, poisados ao abandono, vi dois barretes de Camillo. Um d'elles é um *bonnet* vulgar, de seda preta, amarrotado e poído pelo uso. O outro é tambem de seda preta, mas tem uma pala enorme, larga, de quasi um palmo de extensão, destinada a proteger os olhos do desventurado cego das flechas affligentes da luz.

Uma pasta de marroquim vermelho, tendo escriptas na capa, por letra de Camillo—aquella sua tão perfeita calligraphia—as seguintes palavras: — "Desenhos do meu querido filho Jorge„, poisa ao lado do tinteiro. Dentro d'ella, vêem-se muitos desenhos do pobre louco.



BONNET DE CAMILLO, EXISTENTE EM SEIDE

Varias estantes, a abarrotar de livros, vestem as paredes do aposento. Abri uma, escolhi um livro, ao acaso: era *A reliquia,* de Eça de Queiroz. Folheei o romance, e logo na primeira pagina li, escripta a lapis, uma interessantissima annotação de Camillo, que copiei, assim como, na segunda vez que fui a Seide, em 12 de outubro de 1913, copiei mais algumas de que dou noticia no capitulo VIII. Outros livros compulsei. Em todos, segundo o seu velho costume, o grande critico traçára uma nota, fizera uma emenda, deixára a sua impressão e o seu conceito. No frontespicio de não sei qual d'elles, escreveu: "Incomparavel porcaria!„ Em outro: "Pataratices!„ Nada lhe passava desapercebido!

Dos romances de Camillo, pouquissimos vi nas

suas estantes de Seide. Um dos que lá existem é *A queda d'um anjo,* tendo, no frontespicio, por cima do titulo, o nome de D. Anna Placido, por ella escripto, e na pagina anterior a seginte nota do romancista, rubricada com a sua assignatura:

"Este exemplar nunca poderá ser emprestado. E'
"unico n'este papel."

Em algumas paginas d'esse livro, breves emendas do auctor.

Manuscriptos das obras de quem compoz tantas, só lá vi um: o do opusculo *A espada de Alexandre,* que em 1886 foi reproduzido na *Bohemia do espirito.* Está encadernado, é todo de letra de Camillo e tem bastantes emendas e entrelinhas, o que prova que foi augmentado e modificado.

E' interessantissima a collecção dos telegrammas que D. Anna Placido e Camillo trocaram no periodo mais agitado e mais febril dos seus amores. Lá está em Seide e lá a vi. Todos esses telegrammas foram colligidos pelo romancista em um volume, a que elle deu o titulo *Via dolorosa,* como refiro no prefacio d'este livro. Examinei com cuidado os telegrammas. O primeiro, datado em Braga, a 6 de julho de 1859, diz assim:

"A' Ex.ma Sr. D. Anna Augusta Placido.
Braga

"Não te mortifique a carta que has de receber
"amanhan. Foi uma hora terrivel que a inspirou á tua
"amiga

Ermelinda Pereira da Costa."

E' de notar que emquanto os seus amores se não tinham tornado publicos e o escandalo não tinha explodido, Camillo, nos telegrammas que dirigia a D. Anna Placido, usava o pseudonymo — *Ermelinda Pereira da Costa.*

D'entre tantos telegrammas que formam as paginas do curioso volume, copiei dois, ao acaso. Um, de Camillo, tem a data de 16 de agosto de 1860 e foi expedido de Villa Real para o Porto, onde D. Anna Placido já estava presa.

"Perdoa á febre do teu doente a carta de hoje.
"Dá-lhe a certeza de que o présas mais por te affligir.
"He o coração que te chora, filha.

Camillo Cast.º Branco."

A este tempo, já o romancista tinha tirado a mascara e se assignava com o seu verdadeiro nome.

Segue-se o outro telegramma que copiei e é a resposta de D. Anna Placido ao escriptor, expedida na mesma data do Porto para Villa Real.

"Este grito pediu-t'o o coração. Salvaste-me, filho!

Anna Augusta."

O ultimo telegramma da valiosa collecção, transmittido de Penafiel para o Porto, em 11 de setembro de 1860, reza isto:

"Exma Sr.ª D. Anna Augusta Placido.

"Vou dar um passo de que depende tudo. Ama-
"nhã o saberás. Se o reprovares, eu te convencerei.
"Não temas o que hoje leste. Não respondas.

Camillo Castello Branco."

O passo, a que se referia Camillo, era, por certo, a sua entrada voluntaria na cadeia, pois que, a seguir a este ultimo telegramma, lêem-se estas notas, escriptas pelo romancista:

"Seguiu-se a entrada na Cadeia em 1 de 8^{bro} de
"1860, e a absolvição, passado anno e meio."

"C. C. Br.^{co} entrou na cadeia apresentando-se no
"1.º de 8^{bro} seg.^{te}, e sahiu absolvido em 1861 – depois de 18 mezes e tantos dias de prisão."

Todos os telegrammas são, segundo creio, os proprios originaes. Estão escriptos á mão no papel que o Estado destina aos despachos telegraphicos. Como os obteria o grande escriptor? Como conseguiria elle reunir tantos telegrammas, enviados de localidades tão distantes: Braga, Villa Real, Porto, Amarante, Penafiel? Lembro-me – conjectura minha, apenas – que seria Guilhermino de Barros, que foi director geral dos correios e telegraphos, e desde rapaz era amigo de Camillo, que, a pedido d'este, lhe fornecesse os telegrammas que o apaixonado adorador de D. Anna Augusta Placido em seguida fez encadernar

em livro, cuja lombada assignalou com as iniciaes do nome d'ella e do seu. Seria assim?...

De tantas coisas interessantes que gentilmente me foram mostradas, uma das que me prenderam mais a attenção foi um rolo de papeis, em cujo envolucro o solitario de S. Miguel de Seide tinha escripto, a lapis, as seguintes palavras:

"Brocas
„processo – Luiz
"Cav. Christo„

Todos os que leram o *Amor de perdição* recordam-se, com certeza, de que, logo nas primeiras paginas, referindo-se a seu avô Domingos Corrêa Botelho, pae do protogonista do romance, Simão Botelho, Camillo escreve:

"Os dotes de espirito não o recommendavam tam-
"bem: era alcançadissimo de intelligencia, e gran-
"geára entre os seus condiscipulos da Universidade
"o epitheto de "brocas„, com que ainda hoje os seus
"descendentes em Villa Real são conhecidos. Bem
"ou mal derivado, o epitheto *brocas* vem de *brôa*.
"Entenderam os academicos que a rudeza do seu
"condiscipulo procedia de muito pão de milho que
"elle digerira na sua terra„.

Na *Bohemia do espirito*, a paginas 22, depois de contar que João Corrêa Botelho, irmão de seu bisavô, batera, em 1762, á portaria d'um mosteiro de Santarem, pedindo o habito de monge, o escriptor primoroso continua assim:

"A profissão era o acto final de uma tragedia que "eu escreveria froixamente n'esta minha idade gla-"cial, se tivesse vida para urdir o romance intitulado "*Os Brocas*. Como a historia é enredada e de lon-"gas complicaçoens, nem ainda muito em escorso "posso antecipal-a. Se eu morrer, como é de esperar "da medicina, com a malograda esperança de escre-"ver esse livro, algum de meus sobrinhos encontrará "nos meus papeis os elementos organicos de uma "historia curiosa e recreativa."

Eu tinha lido, mais de uma vez, estas palavras de Camillo. Com ellas na memoria, perguntei, na Timpeira, ao snr. conselheiro Antonio d'Azevedo Castello-Branco, se algum plano do romance *Os Brocas*, ou elementos para o compor, tinham apparecido no espolio de seu tio. A resposta foi negativa. Imagine-se, pois, com que alvoroço, com que commoção e sobresalto, desembrulhei o rolo de papeis em que se lia a informação de que eram referentes aos *Brocas*.

Triste decepção! Dentro do envoltorio havia apenas, manuscripto, o "Processo de habilitação de J.^e^ Luiz Corrêa Botelho para cavalleiro da Ordem de Christo" e algumas cartas e papeis. Não vi qualquer outra referencia aos *Brocas*, a não ser aquelle processo relativo a José Luiz, tio do avô de Camillo, Domingos Corrêa Botelho — "o brocas". Plano de romance, nenhum. Indicações que servissem a quem pretendesse tecer-lhe a trama e machinar-lhe o enredo, não havia! Desalentado, enrolei de novo os papeis, restitui-os ao logar que occupavm n'uma velha secretária e prosegui no meu respeitoso exame.

Dentro d'uma pequena caixa que tive nas mãos, conservava Camillo, piedosamente, e lá estão ainda, pequenos novellos feitos de tiras estreitas de papel de jornaes, e tambem pequeninas bolas do mesmo papel, do tamanho de ervilhas. Eram obra do visconde de Castilho, que, nos dias que passou em Seide, assim entretinha, n'aquelle monotono passatempo, as suas horas de horrorosa cegueira. Mal diria então o romancista pujante que os seus olhos viriam, mais tarde, a fechar-se á luz, ennoitecidos de trevas, como os d'aquelle que foi sempre seu amigo, seu conselheiro e seu mestre.

*

* *

Quando parti de S. Miguel de Seide, depois de ter visitado toda a casa onde hoje se juntam os moveis de Camillo, e de ter visto a sua cama, retratos, lunetas, bengalas, e outros objectos que lhe pertenceram, era quasi noite — um morrer de tarde de inverno, triste, pesado e sombrio. O meu espirito vinha cheio das impressões que tinha recebido n'aquella visita á casa que fôra de Camillo Castello-Branco. Pelo caminho, recordei o drama pungente da sua vida, desde a mocidade irrequieta e aventurosa até á cegueira, ao desespero e á morte. Vi-o orphão, perseguido pelo destino, preso, torturado, tendo o filho doido, vendo a netinha morta, e depois sentindo os olhos irem-se-lhe a pouco e pouco cerrando á luz, até que, vencido, esmagado pelo infortunio, dominado pela dôr, com a alma golpeada d'angustias, cahiu da escuridão da cegueira no negrume da sepul-

tura, legando ao seu paiz uma obra colossal e immorredoura.

E ao afastar-me d'aquella casa triste, cercada de pinhaes, talvez um dia povoada de lendas, que eu acabára de visitar e onde tudo falava ainda de Camillo Castello-Branco, que ali morreu, eu vinha pensando e sentindo que este paiz ingrato nem ao menos teve ainda — tantos annos volvidos sobre a morte do prodigioso escriptor — um pedaço de pedra em que esculpisse o busto do grande romancista e com o qual assignalasse aos vindouros uma praça ou um largo da terra em que elle nasceu!

CAPITULO XV

Homenagem a Camillo

A MINHA ESTREIA PARLAMENTAR

Vão decorridos vinte e quatro annos desde a morte de Camillo. Ha vinte e quatro annos — triste é dizel-o! — que as suas cinzas repousam n'uma sepultura de emprestimo! Que vergonha! Quem fôr ao cemiterio da Lapa, no Porto, lá verá, n'um recanto d'aquelle chão de tristeza e de paz, o jazigo da familia Freitas Fortuna, e, n'este, uma pedra tumular em que, sob uma corôa de visconde, sobresae, gravado, um nome glorioso: — Camillo Castello-Branco. Sempre que ali vou em piedosa romagem, o coração confrange-se-me de pesar intenso e a alma enluta-se-me, ao pensar que o morto illustre ainda não recebeu da nação, que altamente honrou, o supremo tributo de gratidão que por tantos titulos mereceu. Foi sempre pobre, em vida, e tão pobre é na morte que nem, ao menos, tem uma sepultura sua!...

Ha muito que os despojos mortaes de Camillo deviam jazer no Pantheon Nacional, ao lado dos de

Alexandre Herculano e de Garrett. Porque não se rendeu ainda ao egregio escriptor esse preito a que elle ganhou direito innegavel, servindo, como bem serviu toda a vida, n'um laborar sem descanço, as letras da sua patria? – Não sei responder, ai de mim! a esta dolorosa interrogação que me penalisa e contrista. Não sei responder...

Por Deus, não se diga que á trasladação dos restos do immortal romancista para o Pantheon se oppõe, como dura muralha inexpugnavel, a sua vontade clara e inilludivel. Não se diga tal!

E' certo que em carta escripta a Freitas Fortuna, a 15 de julho de 1889, Camillo escreveu:

"Meu presado Freitas Fortuna

"Começo a experimentar uma especie de affecto "posthumo ao meu cadaver.

"Tão pouco me apreciei na vida, tão pouco cabe-"dal fiz da minha saude, que já agora me quer pa-"recer, que este amor ao que nada vale é retribuição "devida a esta materia, que me ha de sobreviver al-"guns annos aviventada pela engrenagem da putre-"facção.

"D'este affecto extraordinario, mas não excep-"cional, resultou dizer-lhe eu, meu querido ami-"go, quer fallando quer escrevendo, que aspirava "fervorosamente a ser sepultado no seu jazigo da "Lapa.

"E' bem certo que, para além da campa, ha o quer "que seja que ainda nos prende ás coisas mortaes.

"Sei que no seu jazigo dormem o somno infinito "seus extremosos progenitores.

"Ambos conheci na flôr da vida, no explendor da "honra, nas luctas do trabalho e na pujança da alegria e da felicidade.

"Ambos morreram no vigor dos annos, se podem "considerar-se mortas *duas imagens sagradas* que "renascem na alma d'um filho ao fogo da sua saudade, com o seu respeito filial, com as suas lagrimas "represadas, e que os annos ainda não poderam crystallisar em glacial indifferença.

"Volvido um longo prazo as cinzas do meu querido Freitas irão aos braços já cinzas tambem de "seus paes estremecidos.

"Se a morte tivesse expressão que não fosse "aquelle mudo terror de um gesto que ao mesmo "tempo anniquilla e grava o eterno stigma do silencio nos labios gelidos, só ella poderia dar-nos a "sombra horrida e ao mesmo tempo sublime do momento em que o seu esquife baixar á perpetua união "com os cinerarios de seus paes. E eu, a essa hora, "estarei á beira d'elles como testemunha silenciosa "das compungidas lagrimas que lhe vi na face quando "o coração lh'as dava repassadas d'uma santa saudade.

"Não sei se esta chimera, que vagueia na região tenebrosa e na crypta dos mortos amados "e chorados, foi despertadora vontade, que me "domina ha anno e meio, de ser enterrado no seu "jazigo.

"O meu querido Freitas acceitou com ternura a "offerta do meu cadaver, e, d'essa arte, permittindo "que eu fizesse parte da sua familia extincta, quiz

"continuar além da vida a tarefa sacratissima da sua "dedicação incomparavel. Bem haja, e adeus.

"Bemfica, 15 de julho de 1889.

"Seu do coração

"*Camillo Castello-Branco.*" (1)

E' certo. Camillo, n'esta carta de tanto carinho, revelou o desejo de dormir para sempre no cemiterio da Lapa, no jazigo de Freitas Fortuna. Tinha elle, inquestionavelmente, o direito de exprimir esse anhelo; não tem, porém, o paiz o dever de lh'o satisfazer. Para o provar, basta-me repetir aqui palavras que já ficam escriptas em outra pagina d'este livro: os grandes homens pertencem á patria. Se ella é reconhecida e grata, não póde nem deve applicar-lhes a craveira com que se medem desconhecidos e anonymos.

(1) Já depois de escripto este capitulo, o illustre escriptor sr. visconde de Villa Moura deu á publicidade a seguinte carta de Camillo:

Ex.mo Freitas Fortuna, meu querido amigo.—Revalido, por esta carta, o que lhe propuz com referencia ao meu cadaver e ao seu jazigo no cemiterio da Lapa.

Desejo ser ali sepultado e que nenhuma força ou consideração o demova de me conservar as cinzas perpetuamente na sua capella.

E' natural que ninguem lhe dispute a posse d'essas cinzas; receio, porém, que seja ainda uma fatalidade posthuma que se compraza em impôr a violencia até aos meus restos.

Dê o meu amigo a estas linhas a validade de uma clau-

Os Pantheons nunca se erigiram para albergar charras vulgaridades. A' sombra das suas pilastras monumentaes, das suas columnas de capiteis lavrados, das suas abobadas enfeitadas de laçarias e festões, sempre reclinam a cabeça, na morte, celebridades authenticas. Os homens notaveis, que abundantemente deram mostras do seu genio e do seu excepcional valor, não podem legar os seus despojos mortaes a quem quer que seja, de fórma que a nação que lhes foi berço de gloria se veja impedida de lhes fazer a consagração que merecem. Não póde ser!

Teem ou não teem as nações o direito indiscutivel de glorificar os seus grandes homens? Parece-me que ainda não houve quem contestasse a Portugal o direito de sublimar Camões, á Hespanha o de exaltar Cervantes, á França o de honrar Victor Hugo, á Allemanha o de enaltecer Gœthe, á Italia o de celebrar o seu Dante, á Inglaterra o de coroar Schaks-

---

«sula testamentaria, e, sendo preciso, faça que ella valha em «juizo.

«Abraça-o com extremado affecto e inexprimivel gratidão «o seu — *Camillo Castello Branco.*

«Porto, 6 de abril de 1888.»

Persisto teimosamente na minha opinião de sempre, que esta nova carta do grande escriptor não abala. E posso assegurar que, se o paiz, apesar da vontade manifestada por Camillo, trasladar as suas cinzas para o Pantheon, os descendentes do romancista, longe de se opporem a essa devida consagração nacional, far-se-hão representar na homenagem do povo portuguez ao incomparavel escriptor. Aqui lhes deixo o meu louvor pela piedosa intenção.

peare, á Noruega o de venerar Ibsen, á Russia o de engrandecer Tolstoi — para só referir nomes de escriptores e poetas. Este direito d'um paiz é de ordem geral e social, é absoluto e não póde ser coarctado ou diminuido por qualquer disposição testamentaria que o contrarie. O direito que assiste a qualquer pessoa de deixar expressa a sua ultima vontade, tem restrições. Não é tão amplo que não possa ser tido por nullo quando vae de encontro á lei geral. Acima do direito que um homem de genio julga ter de dispor da sua ossada, innegavelmente está o que tem a patria de lh'a depositar em mausoleu devido ao valor de quem a honrou e bem serviu.

Camillo expressou a vontade de ser sepultado no tumulo de Freitas Fortuna. Mas essa pretenção é d'aquellas que a um paiz é defeso deferir. E' sempre respeitavel a vontade de quem morreu, mas é, muitas vezes, impossivel cumpril-a. Se um pae desherda inteiramente um filho, se este desherda absolutamente sua mãe, o testamento illegal não se cumpre. E' irrito e nullo. Camillo desherdou a mãe-patria, legando o seu cadaver a um amigo: não deve cumprir-se a clausula testamentaria. O escriptor notabilissimo não podia dispor das suas cinzas. A' patria reconhecida compete e pertence, na sua soberania, resolver ácerca da jazida condigna que para sempre as recolha. E' uma tyrannia? E' um abuso de poder? Não é. Tributar honras nacionaes a quem á lingua e letras da nação deu fulgor e brilho esplendorosissimos, é obrigação imperiosa que ninguem póde, sem crime, retardar um instante.

Temos de casa um exemplo frisantissimo, que vem aqui em poderoso auxilio ao meu justo e acertado

modo de pensar. O visconde de Almeida Garrett, em carta que dirigiu a D. Jeronyma Deville, impressa a



TUMULO DE FREITAS FORTUNA,
POR ESTE EMPRESTADO ÁS CINZAS DE CAMILLO

paginas 71 e 72 do volume III das *Memorias biographicas* de Garrett, escriptas por Francisco Gomes de Amorim, dizia:

"Minha senhora. - Ainda que a afflija a leitura "d'esta carta, entendo comtudo lh'a devo escrever. "Acabo n'este momento de fazer as últimas honras "funebres aos restos mortaes da minha Adelaide. Fo- "ram trasladados com toda a solemnidade, do ce-

"miterio dos Prazeres para o de S. João, aonde com "elles (?) e meus dois filhos que juntos lá estavam, "ficaram collocados em um monumento de marmore, "á esquerda da porta principal, entrando. Lá ficou "tambem logar para mim.

"E espero e desejo que minha filha saiba, se eu "não viver até lh'o poder dizer, que a minha von-"tade inalteravel e o meu ardente desejo é que as mi-"nhas cinzas ali sejam postas ao pé de meus filhos e "da minha Adelaide.

"A 26 do mez que vem se ha de dizer na capella "do cemiterio uma missa rezada a que iremos assis-"tir minha filha e eu. E se algum outro parente dos "defuntos que ali estão quizer tambem assistir, nos "dará muita consolação.

"Sabe, minha senhora, quanto devéras eu sou

"at.º e v.^or^ obgd.º

"2 de junho de 1843.

Almeida Garrett».

E' bem clara a expressão da *vontade inalteravel*, do *ardente desejo* de Garrett. Elle queria que as suas cinzas fossem depositadas no jazigo que mandou construir no cemiterio de S. João, ao pé das de seus filhos e de sua filha. Pois bem: nunca para lá foram. Do cemiterio dos Prazeres, onde estiveram perto de quarenta e nove annos, n'uma sepultura que não era aquella que elle tinha escolhido para sua estancia de morte, trasladou-as solemnemente a nação, no dia 3 de maio de 1903, para o Pantheon de Belem. Bem fez!

Fui testemunha d'essa homenagem grandiosa,

prestada ao genial cantor de Camões. Acompanhei, desde os Prazeres até aos Jeronymos, os restos mortaes de Garrett, e lembro-me, como se hoje fôra, de que, por convite amabilissimo da *Sociedade Literaria Almeida Garrett*, e como representante da camara dos deputados, de que eu então era membro, proferi palavras de saudade, dirigidas ao morto illustre, quando o esquife que lhe continha os ossos ia dar entrada no magestoso templo manuelino. Froûxas palavras, desluzidas e sem valor, como a voz de quem as pronunciou, mas sinceras e sentidas, como sentida e sincera é a minha admiração pela colossal figura de Garrett.

Ahi teem, os que são de parecer que as cinzas de Camillo devem continuar esquecidas n'um sepulchro emprestado, ahi teem um precedente decisivo, terminante, a contrariar-lhes a opinião indefensavel. O inclito romancista manifestou a aspiração fervorosa, a dominadora vontade de ser enterrado no jazigo de Freitas Fortuna. A exemplo do que se fez a Garrett, a ossada de Camillo não deve ficar ali. Está vago na crasta dos Jeronymos o logar que lhe compete.

Desde muito que penso como agora. E foi assim que na camara dos deputados, em sessão de 1 de fevereiro de 1898, apresentei, em homenagem á memoria de Camillo, o projecto de lei seguinte, que sustentei com as palavras que adeante vão ler-se, fielmente transcriptas do respectivo *Diario das sessões:*

"O sr. ANTONIO CABRAL: Sr. presidente, pedi "a palavra para mandar para a mesa o projecto

"de lei que vou ter a honra de ler a v. ex.ª e á "camara.

PROJECTO DE LEI

"Artigo 1.º — Por virtude dos seus altos merecimentos, e serviços prestados ás letras patrias pelo "eminente escriptor Camillo Castello-Branco, visconde de Corrêa Botelho, serão os seus restos "mortaes trasladados do cemiterio da Lapa, no Porto, "onde se acham, para o templo dos Jeronymos, em "Belem, como homenagem que a patria agradecida "presta á memoria do grande romancista.

"Artigo 2.º — É o governo auctorisado a fazer "com esta trasladação a necessaria despeza, dando "depois conta ás côrtes do uso que fizer da presente "auctorisação.

"Lisboa, 1 de fevereiro de 1898.

O deputado

Antonio Cabral.

. . . .

"Por poucos minutos tomarei a attenção da camara. Parece-me, sr. presidente, que um dos mais "indeclinaveis deveres de qualquer nação culta é "não ser ingrata para com os seus filhos illustres.

"Ninguem dirá com verdade que o grande romancista Camillo Castello-Branco não foi, no nosso

"tempo, um dos homens mais illustres d'esta for-
"mosa nação portugueza.

"Foi elle, o glorioso escriptor, o mestre eminente "de todos aquelles que hoje falam e escrevem a for- "mosa lingua de Camões, Bernardes e Vieira. *(Apoia- "dos.)*

"Foi um artista sublime da palavra escripta e é "uma das mais fulgurantes glorias da nossa patria.

"Estudou profundamente a nossa lingua, e escre- "veu-a como talvez ninguem até elle a tivesse escripto, "deixando-nos, na sua obra vastissima, um verda- "deiro monumento de linguagem.

"Ninguem poderá, portanto, affirmar, sr. presi- "dente, que não prestou assim um relevante serviço "á sua patria, apurando-lhe e engalanando-lhe a lin- "gua, pois que a lingua é um dos elementos funda- "mentaes para a existencia de uma nação. *(Apoiados.)*

"Alem d'isso, Camillo foi um escriptor fecundo, "trabalhador, laborioso. Versou proficientemente va- "riadissimos ramos dos conhecimentos humanos. "Estudou a fundo os costumes portuguezes, e, como "Balzac, legou-nos o producto d'esse estudo em li- "vros immorredouros.

"Camillo Castello-Branco é o temperamento mais "completo d'artista de toda a nossa literatura. Co- "nhecedor profundo do coração humano, traduziu, "como nenhum outro romancista, o referver e tu- "multuar das paixões. Foi um psychologo notavel, "um philosopho distinctissimo, avultando sempre, "em toda a sua obra, a limpidez, a elegancia, a ma- "leabilidade, a graça, a correcção suprema do seu "estylo magnificente.

"O grande escriptor foi romancista, foi dramatur-

"go, foi poeta, foi comediographo, foi folhetinista, e, "alem d'isso, foi um erudito investigador de pontos "obscuros da nossa historia. Merece, pois, que a pa- "tria lhe preste a homenagem que já prestou a Her- "culano e a João de Deus, porque estou convencido "de que, volvidos cem, duzentos, trezentos annos, se "alguem entrar no templo dos Jeronymos e vir ali "o tumulo de Camillo Castello-Branco, não desco- "nhecerá que elle foi o grande romancista que ensi- "nou a escrever a sua lingua a todos os que hoje a "escrevem e falam. Vejo de um e outro lado d'esta "camara escriptores muito distinctos que, com cer- "teza, apoiarão as minhas palavras. *(Apoiados.)*

"O grande escriptor merece que a patria lhe preste "esse tributo de gratidão, que, creio bem, não repre- "senta uma despeza com que o estado das nossas "finanças não possa.

"Esta camara, em vida do eminente escriptor, por "duas vezes lhe prestou homenagens altissimas: a "primeira vez isentando-o do pagamento de direitos "de mercê, quando lhe foi concedido o titulo de "visconde de Corrêa Botelho, e a segunda quando "lhe votou uma pensão, por isso mesmo que o es- "tado das finanças do illustre escriptor era pouco "lisongeiro.

"E' doloroso que isto succeda, mas infelizmente "na nossa patria as letras não constituem carreira, "e quem quizer viver não ha de ater-se a ellas, e tem "de seguir outra carreira que seja mais rendosa e "productiva. As finanças do escriptor não eram suf- "ficientes para lhe dar garantia de vida, e esta camara " — honra lhe seja! — teve de votar-lhe uma pensão. "Desde, portanto, que em vida foram prestadas ao

"glorioso romancista estas homenagens, pela ca-"mara dos senhores deputados, estou certo de "que a actual camara não lhe recusará mais "este preito de gratidão e de justiça, depois de "morto.

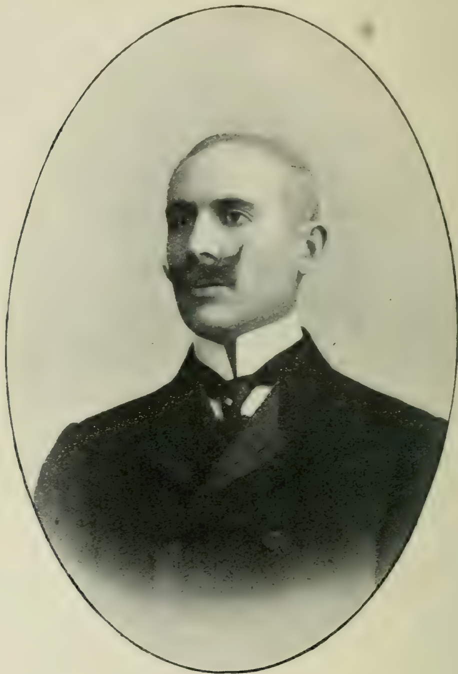
"A obra colossal do grande romancista, sr. presi-"dente, ha de ficar para sempre, porque revela e tra-"duz o talento do escriptor mais erudito, mais ver-"naculo e mais elegante do nosso tempo. Os seus "livros hão de ser sempre lidos com avidez e com "prazer, porque são escriptos no estylo vigoroso, "terso, primoroso, formosissimo, que causa a admi-"ração de todos os que hoje se interessam por coisas "de arte e literatura.

"Sinto, sr. presidente, que seja a minha voz humil-"de, frouxa, desataviada de galas oratorias, a que pro-"ponha a homenagem prestada por este projecto de "lei á memoria do grande romancista. Outro devia "ser o orador, outra a palavra mais grandiosa, alti-"sonante e enfeitada de galas de linguagem que de-"via propor o pagamento d'esta divida de gratidão "a quem de tantas galas vestiu a formosa lingua por-"tugueza. Porém, se o meu dizer é humilde e sem "auctoridade, tem o valor que lhe dá a admiração "que eu sempre tive pelo glorioso escriptor, e as "minhas pobres palavras são animadas e aquecidas "pela convicção que eu tenho de que hão de mere-"cer o applauso de todo o paiz." *(Apoiados.)*

Foi esta a minha estreia parlamentar. Pobre estreia, timida e hesitante, de quem evocava, para que lhe desse força e auxilio, a sombra gigantesca d'um grande morto! Homenagem sincera e commovida

que a minha admiração por Camillo prestava enthusiasticamente á sua memoria.

Alberto Braga, o delicado contista, que então es-



Antonio Cabral
Auctor d'este livro e do projecto de lei
apresentado á camara dos deputados em 1 de fevereiro de 1898

crevia no *Jornal do commercio* uma secção intitulada "Chronica de cem linhas", premiou com louvores calorosos o meu projecto de lei, incitando-me

a que não desistisse de o fazer approvar. Discorria elle, na "Chronica" publicada n'aquelle jornal a 8 de fevereiro de 1898:

"Em uma das ultimas sessões da camara dos de-"putados, o sr. Antonio Cabral, eleito pelo circulo "de Braga, commetteu um verdadeiro acto de auda-"cia. No momento em que se discutiam conversões, "concessões e até falsificações, levantou-se o illustre "deputado, e enviou para a mesa um projecto de "lei, auctorisando o governo a transladar d'um triste "cemiterio do Porto para o Pantheon de Belem os "restos mortaes de Camillo Castello Branco. Foi este "um verdadeiro acto de audacia, porque não sup-"ponho o sr. Antonio Cabral tão ingenuo que des-"conheça a indifferença soberana com que os nossos "grandes homens da politica olham para os assum-"ptos que se relacionam com a Arte e a Litteratura.

"Num paiz, que não fosse Portugal, a memoria "de Camillo Castello Branco, o mais fecundo escri-"ptor d'estes ultimos cincoenta annos, estaria já per-"petuada num monumento digno do seu glorioso "talento e do seu prodigioso trabalho".

Alberto Braga fazia depois o justo elogio de Camillo, publicava trechos de cartas que d'elle recebeu (1), e rematava assim a sua chronica:

---

(1) N'uma carta, que lhe dirigiu para a Foz, dizia Camillo a Alberto Braga:

«Decerto não extranha que eu já esteja em Seide, e que

"Não desista o sr. Antonio Cabral de ver appro-"vada a sua proposta. Proporcione aos actuaes minis-"tros a honra de vincularem o seu nome a um acto "de incontestavel justiça.

"O Marquez de Pombal aconselhava que se en-"terrassem os mortos, e se tratasse dos vivos. Enter-"rar dignamente um morto como Camillo Castello "Branco, é dar-lhe jazida honrosa no Pantheon, "onde o seu nome possa encontrar perpetuamente o "culto do respeito e da admiração.

"O preito consagrado aos mortos é tambem uma "homenagem prestada aos vivos».

Infelizmente, apesar dos applausos com que o meu projecto de lei foi recebido por toda a camara, a calaçaria parlamentar deixou-o sepulto no pó que envolve e suja a papelada dos archivos. Não desanimei nem desisti. Voltei á estacada em sessão da camara dos deputados de 10 de março de 1902, como consta do *Diario das sessões,* enviando á presidencia, de harmonia com o regimento, a seguinte proposta:

«leve o meu deboche cosmopolita ao extremo de lhe escre-«ver amanhã de Vallongo.

«O meu amigo tem de fazer-me um favor. Quero ir para «a Foz. Vae comigo D. Anna Placido. Precisamos dois quar-«tos contiguos, e preferimos o hotel Mary Castro. Pode-se «arranjar? Afóra a especie humana, vão comigo um creado e «um cavallo. No mesmo hotel ha commodos para esta pare-«lha? Quanto me custa o sustento dos quatro individuos? No «caso de que a estalajadeira não queira baixar á indecencia «de incluir nos seus orçamentos a cavalgadura, que se abstê-«nha d'essa ignominia, e se limite a fixar o valor do quarto e «a alimentação do creado.»

"Renovo a iniciativa do projecto de lei que tive a "honra de mandar para a mesa d'esta Camara em "sessão de 1 de fevereiro de 1898, que tem por fim "trasladar para o Pantheon dos Jeronymos os restos "mortaes do eminente escriptor Camillo Castello-"Branco, Visconde de Corrêa Botelho, pagando-lhe "assim a nação uma divida de honra ainda em "aberto„.

Sala das sessões, 10 de março de 1902.

O deputado,

Antonio Cabral.

Esta minha proposta foi admittida e enviada ás commissões de instrucção primaria e secundaria, superior, especial e de fazenda. Lá ficou esquecida... Se bem me recordo, ainda insisti, tempos depois, mas a resposta que me deu o chefe do governo de então, que era Hintze Ribeiro, foi de desalentar. E assim senti fugir-me a esperança de ver o Estado associar-se ao preito que eu, obstinado na minha convicção cada vez mais enraizada e mais funda, julgava, e julgo ainda, ser devido ao nosso mais alto escriptor dos modernos tempos, áquelle a quem Castilho ajustadamente chamou "o principe dos classicos portuguezes„.

*

* *

Firme no meu intento de concorrer, sempre que podesse, para que á memoria de Camillo fossem

dedicadas todas as homenagens e glorificações merecidas, em sessão da camara dos deputados, de 13 de dezembro de 1906, pedi a palavra para um negocio urgente e formulei o requerimento que vou transcrever:

"Peço a V. Ex.ª se digne consultar a Camara "sobre se considera urgente que entre desde já em "discussão, com dispensa do regimento, o projecto "de lei vindo da Camara dos Dignos Pares do "Reino, que concede aos netos do grande escriptor "Camillo Castello-Branco a pensão de 500$000 réis "annuaes."

Justifiquei o projecto com phrases singelas, em que havia apenas a pobre eloquencia do meu sentir. A camara honrou-se, votando-o por aclamação. O nobre e piedoso espirito de Camillo, nas explendentes regiões de luz a que subiu, deve ter sentido n'esse momento – escrevi eu depois – um doce afago da alegria que tão raras vezes o bafejou na terra.

Dois dias depois, a 15 de dezembro, recebia eu um telegramma, que guardo cuidadosamente e agora releio. Rezava assim:

"Netos Camillo agradecem penhorados."

Os netos do romancista insigne não me deviam agradecimentos. Eu tinha cumprido apenas o meu rigoroso dever. N'essa occasião, tambem o paiz, pelo voto dos seus representantes, cumprira dignamente o seu. Resta-lhe agora levar a cabo o que já devia ter-se feito ha mais tempo: collocar os despo-

jos de Camillo sob as arcarias rendilhadas do Pantheon Nacional, garantir o futuro dos netos, e tambem alevantar ao Mestre um monumento em qualquer espaçoso largo ou fresco jardim d'esta linda Lisboa que o viu nascer. Em muitos artigos, que por ahi jazem dispersos em ignoradas columnas de esquecidos jornaes da capital e da provincia, instei repetidas vezes com rogos ardentes, pedindo que a estatua de Camillo se talhasse e se erigisse, perpetuando-lhe a memoria. Debalde instei!... Que lastima!

Na casa onde elle nasceu — uma lapide errada. Os seus ossos — n'uma sepultura alheia. E nem sequer, n'uma praça de Lisboa, um busto a vincar o seu perfil dolorido...

E' isto digno da nação, cujas letras Camillo tanto ennobreceu?

— A consciencia da raça portugueza que responda!

INDICE

ERRATAS

Confiando da intelligencia do leitor a emenda d'algumas, notam-se apenas as seguintes:

A pag. 7, onde se diz «irmãos Costa Cabral», leia-se «irmãos Cabraes».

A pag. 198, onde se lê «Foi chegar fogo á palavra!...», leia-se «Foi chegar fogo á polvora!...».

